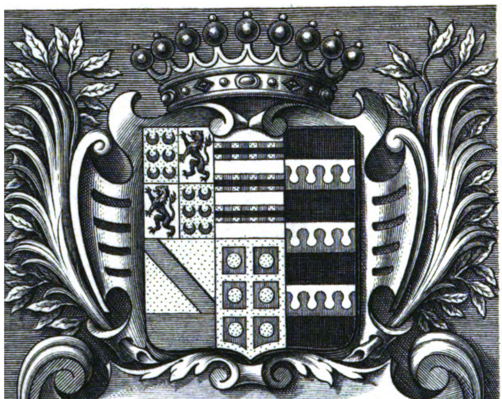


C 179

# ALMANACH

DE

# LEMBRANÇAS

LUSO-BRAZILEIRO.

Os artigos que de qualquer ponto do Brazil nos hajão de ser mandados, poderão sobrescriptar-se ao *Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, no Rio de Janeiro*, por quem, promptа e obsequiosamente, nos serão logo remettidos.

Todos os outros podem ser enviados em carta sobrescriptada a qualquer dos authores, e dirigida para a *Rua do Arsenal, n.º* 60, 2.º *andar — Lisboa.*

# ALMANACH

DE

# LEMBRANÇAS

## LUSO-BRAZILEIRO

PARA O ANNO DE 1864

(BISSEXTO)

**COM 460 ARTIGOS E 89 GRAVURAS**

POR

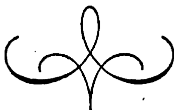
**ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO**

Tenente da Armada

E

**ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO**

Bacharel em Direito.



LISBOA

TYP. DA' SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

6, Rua do Thesouro Velho, 6.

1863

Les longs ouvrages me font peur:
Loin d'épuiser une matière,
On n'en doit prendre que la fleur.

La Fontaine.

## POESIAS.

Pela centesima vez pedimos, e, se pedir é pouco, supplicâmos, que nos não matem a paciencia remettendo-nos poesias, ou chamadas poesias, cujo mérito negativo é a ausencia do minimo valor litterario, e cuja metrificação é ás vezes a nenhuma medida.

## REPETIÇÕES.

Acha-se repetido o artigo de pag. 158 — *Concorrentes de nova especie* — a pag. 246. A poesia — *A Camponeza* — do sr. Faustino Xavier de Novaes, que se acha impressa a folhas 156, já havia sido publicada no *Almanach* de 1857, a pag. 370.

Não nos perguntem como estas repetições succedem, porque nunca poderiamos dar uma explicação satisfatoria. O que havia na Torre de Babel? Confusão de linguas. A imprensa é ás vezes uma Torre de Babel pela confusão das cousas.

## ARTIGOS MASSUDOS.

Desejâmos que as pessoas que nos obsequeiam, tenham sempre em vista que os artigos muito extensos difficilmente poderão ter entrada n'este annuario. A extrema variedade é a sua divisa; e com esta, mal se coaduna a prolixidade dos escriptos.

## REMESSA D'ARTIGOS.

Pedimos tambem que não guardem para muito tarde os artigos que nos houverem de ser enviados, se quizerem que elles tenham cabimento no *Almanach* do anno seguinte.

## RECTIFICAÇÃO IMPORTANTE.

A poesia — *As sete palavras de Christo* — que se acha a pag. 161 do *Almanach* de 1862, é do nosso conhecido poéta o sr. Antonio Pereira da Cunha, e não do sr. José Maria d'Araujo Junior, do Maranhão. Já o anno passado deveramos ter dado conta d'este engano, e não o fizemos por esquecimento. O seu a seu dono.

# SECÇÃO D'ANNUNCIOS

DO

# ALMANACH DE LEMBRANÇAS.

A tiragem d'este livrinho nunca é inferior a 16:000 exemplares, que são distribuidos pelo Brazil, pelas nossas possessões d'alem-mar, ilhas, e todas as terras de alguma importancia do paiz.

Não encarecemos as vantagens que os annunciantes tiram da inserção dos seus annuncios nas paginas d'este annuario, á semelhança do que n'outros paizes se está praticando em publicações d'este genero, porque são obvias.

## Condições.

1.ª Todos os annuncios que houverem de ser enviados para se publicarem, sejam litterarios, scientificos, industriaes, commerciaes, ou quaesquer outros, deverão ser entregues no escriptorio da rua do Arsenal n.° 60, 2.° andar, até ao dia 20 de Maio de cada um anno. Esta entrega, quando mais convenha, poderá tambem ser feita nas lojas dos principaes livreiros de Lisboa;—no Porto em casa dos Srs. José Ribeiro de Novaes, e Viuva Moré;—em Coimbra na loja dos Srs. Melchiades & C.ª

2.ª A redacção dos annuncios será inteiramente da responsabilidade do annunciante, devendo por isso a respectiva secção ser paginada á parte, como supplemento ao livro, e em seguida ás paginas que o costumam formar.

3.ª O preço por cada linha de impressão, em typo igual ao do *Almanach*, contendo cada linha 45 lettras, termo médio, é de 200 réis fortes; tendo porém o annuncio que occupar uma pagina o abatimento de 20 por cento. A pagina é de 36 linhas.

4.ª Quando se queira que os annuncios se publiquem em typo maior, será o preço calculado pelo numero de linhas communs que o espaço possa conter.

## Carta do Sr. A. F. de Castilho aos redactores do Almanach de Lembranças.

*Sobrinho e amigo carissimos:*—Envio-vos um mimo que muito haveis de apreciar: — é essa carta que me foi dirigida de Angra do Heroismo por um dos vossos melhores leitores, por um dos mais illustrados cooperarios do *Almanach*, o Sr. Felix José da Costa.

É ella um precioso testemunho de que as almas de bem nos acompanharam no profundo sentimento de que eu fôra apenas intérprete no introito do vosso tomo duodecimo.

Sinto que tão formoso escripto me não chegasse ás mãos em tempo de vol-o offerecer logo para o volume seguinte; e estimo que possa ainda sahir no tomo de 64; as dividas do affecto não prescrevem; para o cipreste não ha outonos; está sempre verde.

Eu devia, bem o sei, ter decotado n'estas paginas do nosso desconhecido e generoso amigo, o muito que o seu enthusiasmo de confrade em lettras deixou escapar de exagerados louvores para mim; mas não sei, nem ouso, desconcertar corôa com tanto amor trançada, e com tanta devoção offerecida a uma urna,

que todos nós havemos de regar por muito tempo ainda com as nossas lagrimas.

Vai pois tudo como o recebi. Fazei d'elle o uso que mais acertado vos parecer.

Lisboa 20 de Março de 1863.

Vosso
tio e amigo muito obrigado
*A. F. de Castilho.*

---

Ill.^mo e Ex.^mo Sr: — Li no *Almanach de Lembranças* para o anno de 1862, uma saudação escripta por V. Ex.ª á honrosa memoria de seu irmão, o esclarecido author d'aquella interessante bibliothecasinha popular.

Enche-se o coração de muitos sentimentos, todos ternos e affectuosos, quando se vê que a habilissima penna de um irmão illustrado, exprime sobre o papel, como bocados de dôr, palavras eloquentes de uma saudade íntima, e de uma recordação sincera do irmão, insigne agricultor das lettras, que ainda na hora morta das esperanças largava a penna para pôder morrer, e desprendia o seu ultimo sorriso d'amisade, e o ultimo gracejo de consolação, para voar a Deus!

Li e reli aquelle formosissimo *marco de boa amisade*, que V. Ex.ª ergueo, como operario douto, escolhendo os ornatos no fundo do seu coração, afferindo as medidas pelos seus affectos, e collocando-o depois com mão de mestre, e sem pompa alguma, ao começar essa nova serie do *Almanach de Lembranças*. E construio-o V. Ex.ª, tanto para a sua familia, como

8

para as lettras, registrando n'elle, entre hymnos do céu, e lagrimas de mágoa, o nome d'aquelle que — «no uso do intendimento, no repartir e applicar dos affectos, na politica, na convivencia, na lida, e no repouso, na vivenda, na mesa, no trajar, no escrever, tinha como divisa — *Inter utrumque.*» —

Quando acabei de ler esse monumento, não de glorias, não de vaidades, não de preoccupações, mas de amor, onde apparecem igualmente os hymnos de amoroso adeus por um anjo, e as bem sentidas lagrimas por uma mãi, julguei dever significar que não ha ahi estatua, não ha pedra, não ha tropheu, que mais diga, do que aquelles typos, mandados compôr pelo sabio, debaixo do emblema da Cruz, para trazer á memoria, como saudades, as lembranças do coração, «com quem o sangue e o costume o enlaçavão,» para chorar com dôr o espirito e a indole do irmão que saúda, e para coroar com as flores da sabedoria, que lhe são familiares, o que ainda «hontem escrevia tão amavel e tão popular!»

E eu quizera entrar agora no gabinete de V. Ex.ª, e, ainda que sumido entre os genios da sabedoria que o povoão, e a sempre fluente onda de discipulos, que, para gloria das lettras e da nação, ahi aprendem, exprimir que a sua mimosa escripta, pagando um preito de saudades á memoria do que se finára, penetrou no coração de muitos dos seus leitores; d'aquelles que apprecião os constantes esforços, as encontradissimas difficuldades, com que elle todos os annos levava as boas estrêas a nossas casas, e tanto «recreava a mulheres e a homens, a meninos e mancebos, e a idozos» como que se não tivesse outros trabalhos a que

dedicar-se, outras lidas, palestras litterarias, e os santos ócios de familia, que, como V. Ex.ª diz, são ainda occupações, e as melhores de todas!

Mas V. Ex.ª hade consentir que eu d'este pequeno penedo do archipelago açoriano, possa hir á sua presença, e desfolhar uma pequena saudade pelo irmão que tanto lhe quiz *como irmão a irmão, e como bom amigo a bom amigo*. Asseguro-lhe que as suas palavras vieram a mim, com toda a força com que as escreveu, reflectir o brilhantismo da eloquencia da sua dôr, e o inexgotavel de suas sensações, lembrando a todos a obrigação de concorrer, como fôro annual, para esse variadissimo archivo, que ora recomeça, bafejado por aquellas linhas de extrema sensibilidade, por aquella pagina em que V. Ex.ª tão judiciosamente soube dividir e separar aos olhos dos leitores as saudades, e as memorias do homem finado, da desejada continuação, e louvavel existencia, do interessante livro que elle fundou!

Aprouve a V. Ex.ª conversar, como disse, com os leitores do *Almanach de Lembranças*; releve pois a um d'elles a honra de falar-lhe d'este modo. Se fôr o unico, restar-me-ha a satisfação de cumprir um dever, ainda que não seja da maneira mais digna, e propria, antes sim da que mais necessite da parte de V. Ex.ª indulgencia e benevola aceitação.

Sou com consideração

De V. Ex.ª
Muito attento Venerador e Cr.º
*Felix José da Costa.*

Angra do Heroismo 10 Novembro de 1861.

# SENHORAS

## CUJOS NOMES HONRÃO E EMBELLESÃO AS PAGINAS D'ESTE ALMANACH.



ILL.mas E EX.mas SR.as

# CAVALHEIROS

## Cujos nomes honrão as paginas do presente Almanach.

# INDICE

DOS

## Artigos comprehendidos n'este Almanach.

# C

22

# F



# G



# H



# I



# J

N



O



P

## Q



## R



## S

T



U



V

# CORRESPONDENCIA

## RELATIVA AO

# ALMANACH.



FILHO DO MONDEGO.—Lembra-nos V. S.ª a conveniencia de alargar a esphera do *Almanach*, isto é, de dar-lhe o mesmo numero de paginas, mas em maior formato, para abranger maior numero de artigos.

Se um dia se achar de vagar conte as lettras que tem cada linha do *Almanach*, e as linhas que tem cada pagina; multiplique umas e outras pelas 319 paginas de assumptos litterarios que n'elle se contêem, e verá que hoje este livrinho, não só dá margem a muito mais assumptos do que nos primeiros cinco annos, senão que tambem é igual, ou abrange tanta, ou mais materia, que certos volumes em outavo, que por ahi estamos vendo todos os dias. Não é o tamanho das paginas que torna o livro abundante: é o typo em que são compostas, e o modo porque são aproveitadas. Deixem-nos ir assim, que vamos bem.

TER FÉ E ESPERAR (*Figueira*).—O *Almanach* não é soberbo; Deus nos livre de tal, que é um peccado muito feio. Mande-nos mais alguma cousa que não seja feita ao correr da penna, e para o anno veremos se a mandâmos correr mundo.

28

N'UM DESERTO SEM CULTURA.— Deos queira que o delirio de que a menina mais tenha de que arrepender-se aos 18 annos seja o de dispôr um pé de flor n'um deserto sem cultura. Tentou e venceu. Sempre é bom tentar.

VATICINIO.— O menos attrahente de todos os versos para a grande maioria dos leitores do *Almanach*, é sem duvida o não rimado. Isto, e a circumstancia que se daria da sua poesia vir occupar 4 paginas, decidiu-nos a não a publicarmos. É a resposta que devemos a um cavalheiro, que se nos dirigio tão cortezmente, enviando-nos os seus versos; e só nos resta pedir-lhe desculpa de a darmos tão tarde.

TEMERIDADE *(Lisboa)*.—As suas charadas são claras como a agua, e d'estas temos cá centenares d'ellas, que são tão publicaveis como as suas. Lá vai uma por amostra:

*Fal-o a vassoura...* 2
*É viva e dóe...* 1
*Officio humilde,*
*Não é d'heróe.*

Com certeza; um varredor não é um heróe; e o author d'estes quatro versinhos será charadista?

FORMOSURA E PUREZA.—Tem V. S.ª milhares de razões. Muitas cousas dignas de serem conservadas se desmoronam e abatem todos os dias, apesar dos brados que se levantão. Mas sempre é bom levantal-os, porque nem toda a semente se perde; alguma fructifica.

Agradecemos a sua rectificação historica, que adiante vai registada.

AMIZADE E PATRIOTISMO. — Adiante encontrará uma cousa sua, e como quer tanto ás suas poesias, será uma poesia, que em verdade não é feia. Charadas, tinhamos tantas!...

29

J. DE D. DE L. (*Ultramar*).—Fica para o seguinte anno a *sentença* que nos enviou.

A Deos prouvesse que para 1866 nos mandasse um *accordão*, porque seria com tanto prazer exarado nos autos, como o hade ser a *sentença*, e o foi já o *libello*.

REGRESSO.— Se pequeno espaço lhe démos, lembre-se de que mais vale pouco do que nada, e que é nosso propósito contemplal-o ainda para o anno. Olhe que nem a todos dizemos o mesmo.

HENRIQUETA JULIA (*Vianna* [1]).—Mad. Dudevant, em França, custa-lhe tanto não ser homem, que tudo quanto escreve em bellissimo estylo varonil assigna com um nome masculino. Quem não conhece George Sand?

Nas deliciosas margens do nosso Lima, em Vianna, ou entre os lavradores de *Carreço*, onde diz viver, ha um homem (deixe-nos persistir n'esta idéa, que para nós se transformou n'uma quasi certeza) que tanto deseja ser mulher, que se diz mulher por *droit de naissance*, como o heróe da *Henriada*, e se assigna *Henriqueta Julia* quando nos dirige as suas cartas, ou firma os versos que os acompanham. Conhece-o alguem?

Conta-se que os musulmanos, sem duvida pelas nenhumas regalias que o propheta concedeu na terra e no paraizo ao sexo amavel, dão todos os dias graças a Deus porque os fez homens. Dal-as-hia o nosso estimavel poéta provinciano, ainda mesmo que nascesse no Cairo, se Deus o houvesse feito mulher; e esta sympathia pelo sexo a que não pertence, este desejo de ser o que não é, esta ancia de vestir uma saia, fará que não seja mal recebido pelas senhoras que nos honrão com a sua collaboração, quando o virem ao seu lado por um privilegio que só a elle concedemos.

Até ao anno, sr.ª D. Henriqueta Julia.

[1] *A. de* 63, *pag*. 33.

LITTERATURA E MULHER (*Béja*).—Os seus versos, como outros muitos artigos que nos chegaram a deshoras, vierão tarde para poderem ter cabimento no *Almanach de 1864*. Ficam, por tanto, para o anno; mas desde já promettemos velal-os um pouco, porque vinhão alguma cousa degotados. Servem-lhe assim?

JOAQUIM (*Lisboa*).—Ora, sr. Joaquim, que por sobrenome não perca, a sua anecdota é velha como a sé, e já temos filhos e netos d'ella no *Almanach*. Não se exacerbe por isto o seu *spleen*.

MAIS ESTAS? (*S. Paulo*).—A sua canôa navegou pelo rio abaixo, passou do meio além, chegou, e não aconteceu voltar-se. Adiante vai parte do carregamento, e esperâmos nova consignação.

3 DE MARÇO DE 1858.—Este anno nem n'um cantinho poude ser, com quanto nos não faltasse desejo de lhe concedermos logar. Será para o anno; sobretudo se nos habilitar com alguma cousa mais, para assim termos á nossa disposição maior campo de escolha.

MODERAÇÃO (*Coimbra*).—Não nos parece que tenha muita moderação quem assim traz para a praça publica a historia dos seus amores. Sabe o que lhe dizemos? Isso é mal que lhe fizeram. Caze-se para ver se socega.

POSSO ENTRAR? (*Porto*).—Entre; pois não! Esta casa é sua. Estreou-se bem, e póde continuar a visitar-nos, sobretudo em prosa.

ARDENTE (*Lisboa*).—Nada; ardente, não era; ao contrario: a sua poesia vinha tão fresca, que chegou constipada. Pois nem para a cobrir tinha ao menos á mão o *delgado sendal* de que falla o Camões? Valha-nos Deus, sr. Pereira...

MODO DE VIDA (*Vianna*).— Não concordâmos. Sem affirmarmos que o seja, parece-nos que a palavra explicativa do logogripho, que se acha publicado a pag. 162 do *Almanach* de 1860 é—*idade*.

Quem engenhosamente nol-o disse foi outro logogripho, que vem a pag. 276 do *Almanach* de 1863.

A. S. *(Angola)*.— Ainda que a sua indicação seja a beneficio d'essa parte da Africa, tão digna de uma boa sorte, parece ella envolver censura a uma authoridade, e como tal foge do nosso programma.

ARGEL.—Nem de tudo o que nos mandou terá o limbo conhecimento. Para o anno, se lá chegarmos, já se sabe, verá uma das suas charadas em lettra redonda.

DEUS E HOMEM (*Santarem*).—Lá vai alguma cousa, para lhe não quebrarmos a aza logo no primeiro vôo; seria deshumanidade. Assim é que se começa.

ALVAIÁZERE?— O anonymo que data de Alvaiázere, (não cremos que seja de lá) a sua charada, póde recolher o seu espirito, que é muito *grosso*, e gastal-o com quem lh'o agradeça. Para cá vem de carrinho.

DUAS PERAS, VINHO E PERUA (*Lisboa*).—Era impossivel não aproveitar alguma cousa d'um banquete em que entrava *perúa*, *fructa* e *vinho*, e que nos foi offerecido com tão boa vontade. Muito obrigados.

ESPERANÇA? (*Santarem*).—Os acrosticos fizeram as delicias do espirito leviano do século XVII, mas passaram de moda; e por isso de quantos nos mandaram não admittimos senão o que se lê a pag. 333. Levou-nos a esta preferencia o assumpto a que elle se refere, e a difficuldade com que está elaborado.

O ONSA (*Lisboa*).—Não tem razão, porque nem tudo o que parece é. Leia a designação das charadas, problemas, enigmas etc. d'este anno; afira por ahi o logogripho de folhas... que certamente lhe deu no goto, por que o não poude adivinhar, e desenganar-se-ha de que foi injusto. Sabe o que prova o seu desabafo? É que torturou a cabeça, é que se perdeu em combinações, é que não encontrou a chave do enigma, e se não deu a satanaz o logogripho, o author, o *Almanach*, e estes vossos humilissimos creados, é porque teve escrupulos de bom christão. Deus Nosso Senhor lh'o pague.

CURIOSIDADE POR GOSTO (*Porto*).—Sim, senhor, está servido, e continue por *gosto e curiosidade* a bater-nos á porta, que logo lhe será aberta. O seu enigma, comquanto nos parecesse cousa de comer, não entrámos com elle; e como não trazia a palavra de significação, não o publicámos. Fica para o anno, se antes d'isso nos habilitar a dar-lhe cabimento.

TEMOR E LIMBO.—Não descoroçôe: nem todos se estreião com felicidade; mas faça as suas charadas um pouco mais difficeis se quizer que ellas vejam o *sol da imprensa*. Não ha nada mais semsabor do que a charada, o logogripho, o enigma, a adivinhação, ou o que quer que seja d'este genero, que depois de lido não faça roêr as unhas por meia hora, pelo menos meia hora.

EU E ELLA (*Coimbra*).—Ouça:

*Ella é a minha mais que tudo,*
*Ella é o meu contentamento,*
*Ella é o meu encanto adorado,*
*Meu amor, e meu tormento.*

As suas regrinhas são quasi todas por este gosto. Adeus, meu caro senhor, recommende-nos á sua *Ella*.

DÁ O QUE TEM.—Dá o que tem, e é bom. Não obstante nem o *Soneto*, nem o *Acrostico* forão publicados.

Ao assumpto do primeiro dirigiram-se-nos em 1862 duzias de poesias, e só publicámos uma. Agora é tardé. Para o segundo tambem ja não é cêdo; e de mais a mais, como verá n'outro lugar d'esta correspondencia, desadorâmos o genero.

Pedimos um favor: é a significação da charada que nos remetteu, e que fica para 1865.

PEROLA.— O artigo a que V. S.ª se refere estava já fóra do combate, e por isso não seria publicado quando mesmo o seu author o desejasse. Ahi vai ainda uma vez repetido em lettra graúda um dos artigos do nosso programma, para que nunca deixem de o ter presente as pessoas que collaboram no *Almanach de Lembranças:*

Acceitão-se, agradecem-se, e publicão-se todos os artigos de curiosidade local, ou sobre qualquer objecto, ***com tanto que não ataquem opiniões religiosas, ou politicas, authoridades, ou seja quem fôr.***

CASCATA DE ROSAS (*Porto*).—O curioso artigo, que V. S.ª nos remetteu, e que adiante encontrará, não era obra de limbo. A sua recommendação foi tomada em conta.

LISTA INTERESSANTE (*Beira*).—Não nos faltava mais nada, do que tornarmo-nos collectores de despeitos eleitoraes, de intrigas de localidade, e raivinhas politicas, para lhes abrirmos praça no *Almanach!*

Este pequeno livrinho, quando não tenha outro merito, tem incontestavelmente o de ser inoffensivo em tudo, e para todos. Deixem-nos viver n'este proposito, que, se não é santo, tambem não é d'offender a Deus, e ao proximo muito menos.

**ADÃO E EVA.**—Pedio especialmente por tres, e não vai senão uma das suas afilhadas. Para o anno falaremos. Olhe que não é por que as vozes de um *arraiano* não cheguem á capital; é por que os fréguezes são muitos, e o livro não possue o condão da elasticidade.

PETITES MISÈRES (*Loanda*).—O seu alvitre é inacceitavel, perdôe que lh'o digamos. O seculo 19.° é o das impaciencias; um *continuar-se-ha* de 8 dias enfada, de 15 incommoda, de um mez descoroçôa o leitor, de um anno desespera-o. Como quer V. S.ª no tempo dos caminhos de ferro, dos fios electricos, e até dos telegraphos submarinos, que um pobre leitor do *Almanach*, forçado pelo *continuar-se-ha*, acabe de ler em 1864 o artigo que começára em 1863? Não póde ser, sobre tudo se elle fôr nervoso.

OS ALLIADOS (*Pernambuco*).—Os *alliados* são solidarios? Se são, lá vai com que ambos fiquem satisfeitos. Se o não são, espere a sua vez o que não foi agora contemplado. Dizeis que sois dous pobres *matutos*, que ignorão completamente os costumes das cidades, e pedis vénia se nas vossas palavras se enxergar algum termo menos delicado, ou alguma rudeza propria dos sertões. Nem uma cousa, nem outra.

Matutos, sel-o-heis, na bôa accepção da palavra; mas não nos parece que ignoreis os costumes das cidades, e vénia não temos de que vol-a dar, porque não faltastes em cousa alguma ás bôas praticas.

EMULAÇÃO E CONFIANÇA (*Santarem*).—São duas cousas que ficão bem a um estudante: emulação, para não ficar atraz dos outros; confiança em si, para não esmorecer. E porque hade esmorecer? Se não conta senão treze primaveras é fóra de duvida que póde esperar, ainda que não seja senão pela razão do proverbio—Nem por muito correr se chega mais cedo.

# CHARADAS, PROBLEMAS, ENIGMAS E LOGOGRIPHOS

DO

# ALMANACH DE 1863.

PAG.

74 BALTASAR.
90 TUBA.
96 AROMA.
106 ROSALIA-ROSALINA.
111 LIDADOR.
116 TAPOTOPATHIA.[1]
124 BALDAQUINO.
142 CONDECORAÇÃO.
146 FATALIDADE.
150 ZERO.
160 AROMA.
165 FAMULA.
176 CARAVELHA.
190 PEGA-LADRA.
198 (Charada) BALÃO.

PAG.

198 (Enigma) DESPRESO.
206 SETENTA.
208 RATOEIRA.
218 VIOLA.
229 AGAPITO.
237 VIRIATO.
238 COROAS DE PRATA 97, CRUZADOS NOVOS 32.
243 CASTILHO.
245 POMO.
247 DIDO.
261 MATERIALIDADE.
268 CAFÉ.
270 VINHO E VINAGRE.

PAG.

276 IDADE.
284 SONORA.
293 VIOLA.
299 AMENDOEIRA.
306 PITANGA.
314 ARMAMAR.
325 DOENTE.
330 ARBUSTO.
336 AVÓ, FILHA E NETA.
339 DIMANADO.
346 AMORE.
350 ASA.
357 REACÇÃO.
359 PULCHERIA.
367 BENGALA.
373 NUVEM.

REBUS — pag. 382. — J'ai assez obéi à elle.

[1] A. de 58 p. 289.

# CHARADAS, ENIGMAS E LOGOGRIPHOS
DO
# ALMANACH DE 1861.

PAG.

67 HELESPONTO.
73 CADEIRA.
75 Port. 401 — Hesp. 6722 — Franc. 8003 — Ing. 6055 — Alem. 8819.
95 BUSSOLA.
100 VINTE ANNOS.
111 GATORAMO.
122 SOMBRA.
126 ADEUS.
141 PERIQUITO.
142 PALMATOADA.
155 CASTILHO.
163 ALJUBARROTA.

PAG.

169 FOCA.
173 RETIRO.
178 OIDIUM.
183 MASSAROCA.
189 MEADA.
194 MARMARA.
195 LUVA DE PELLICA.
196 CAÇADORES.
199 LIRIO.
220 SOFALA.
231 MASCARADO.
233 QUEBRADO.
241 ....
245 ....
256 SABINO.
263 ORIGINALIDADE.

PAG.

264 AVELÃ.
270 CARRAPATO.
271 PARANAGUÁ.
276 CAVATINA.
287 MARIA JOSÉ.
294 MOCIDADE.
300 130 réis e 16 pobres.
317 COTOVELLO.
324 CAROLO.
327 CORNUCOPIA.
330 AGUIA.
341 CEGAMENTE.
344 BAINHA.
345 SOLAR.
360 CAPARICA.
374 ....
379 PILOTO.

## TABELLA DOS INCENDIOS

| TORRES | badal. | POSTOS DE GUARDA |
|---|---|---|
| Beato Antonio........ | 11 | Reg. e Cab. de Bola. |
| S. Vicente............ | 12 | Escholas Geraes. |
| S. Estevão............ | 12 | Chafariz de Dentro. |
| Graça................... | 13 | Calçada do Monte. |
| Sé........................ | 14 | Loyos. |
| S. Christovão......... | 14 | Costa do Castello. |
| Conceição Nova...... | 15 | Guarda do Deposito. |
| S. Nicoláu............ | 16 | Praça da Figueira. |
| Soccorro.............. | 17 | Mouraria. |
| S. José................ | 18 | Passeio. |
| Pena..................... | 19 | Conv. da Encarnação. |
| Bemposta............. | 20 | Cab. de Bola. |
| Anjos.................. | 20 | Monte Agudo. |
| S. Sebastião da Pedr. | 21 | Quartel de Santa Rita. |
| Coração de Jesus.... | 21 | Largo de S. Martha. |
| Monserrate........... | 22 | Amoreiras. |
| S. Mamede........... | 22 | Collegio dos Nobres. |
| S. Izabel............. | 23 | Junto á egreja. |
| Estrella, ou C. Novo | 24 | B. Ayres, B. Morte, Est. |
| Lapa.................... | 24 | Páu da Bandeira. |
| Necessidades.......... | 25 | Praça d'Armas. |
| S. Pedro em Alcant.ª | 25 | Rua da Junqueira. |
| S. Francisco de Paula | 26 | Pampulha. |
| Santos-o-Velho....... | 27 | Inglezinhas. |
| Paulistas............... | 28 | Junto á egreja. |
| Chagas................. | 29 | Rua das Flores. |
| S. Roque............... | 30 | T. da Quei., S. P. d'Alc. |
| Martyres............... | 31 | Governo Civil. |
| S. Paulo............... | 32 | Caes do Sodré. |
| Bôa Hora, Belem.... | 33 | Calçada de D. Vasco. |
| Jeronymos............ | 34 | Belem. |

# ECLIPSES DO SOL E LUA.

### 5 de Maio.

Eclipse total do sol, invisivel em Lisbôa.

### 30 de Outubro.

Eclipse annular do sol, invisivel em Lisbôa.
Este anno não ha eclipse da lua.



# MARÉS.

Conhecem-se as horas das marés pela idade da lua, que data do 1.° dia de lua nova. Procurando essa idade na tabella seguinte, ter-se-hão as horas de prêamar e baixamar em um dia qualquer. Supponhamos que se desejão saber os prêamares e baixamares de 15 de Março: procurando este dia na folhinha, acharemos que é o 8.° dia da lua; e procurando na 1.ª columna da tabella o n.° 8, acharemos na mesma linha horisontal o que desejâmos.

Quando na tabella das primeiras marés se notão marés da tarde, as marés da manhã d'esse dia são as segundas do dia antecedente, como acontece no dia 30 da lua, cujas marés da manhã são as segundas do dia 29.

## TABOA DOS PRÊAMARES E BAIXAMARES NO TÉJO.

| IDADE DA LUA | 1.º PRÊAMAR | 1.ª BAIXAMAR | 2.º PRÊAMAR | 2.ª BAIXAMAR |
|---|---|---|---|---|
| | h. m. | h. m. | h. m. | h. m. |
| 1 | 3 18 t. | 9 30 t. | 3 42 t. | 9 54 m. |
| 2 | 4 6 t. | 10 18 t. | 4 30 t. | 10 42 m. |
| 3 | 4 54 t. | 11 6 t. | 5 18 t. | 11 30 m. |
| 4 | 5 42 t. | 11 54 t. | 6 6 t. | 0 18 t. |
| 5 | 6 30 t. | 0 42 m. | 6 54 m. | 1 6 t. |
| 6 | 7 18 t. | 1 30 m. | 7 42 m. | 1 54 t. |
| 7 | 8 6 t. | 2 18 m. | 8 30 m. | 2 42 t. |
| 8 | 8 54 t. | 3 6 m. | 9 18 m. | 3 30 t. |
| 9 | 9 42 t. | 3 54 m. | 10 6 m. | 4 18 t. |
| 10 | 10 30 t. | 4 42 m. | 10 54 m. | 5 6 t. |
| 11 | 11 18 t. | 5 30 m. | 11 42 m. | 5 54 t. |
| 12 | 0 6 m. | 6 18 m. | 0 30 m. | 6 42 t. |
| 13 | 0 54 m. | 7 6 m. | 1 18 m. | 7 30 t. |
| 14 | 1 42 m. | 7 54 m. | 2 6 m. | 8 18 t. |
| 15 | 2 30 m. | 8 42 m. | 2 54 m. | 9 6 t. |
| 16 | 3 18 m. | 9 30 m. | 3 42 t. | 9 54 t. |
| 17 | 4 6 m. | 10 18 m. | 4 30 t. | 10 42 t. |
| 18 | 4 54 m. | 11 6 m. | 5 18 t. | 11 30 t. |
| 19 | 5 42 m. | 11 54 m. | 6 6 t. | 0 18 m. |
| 20 | 6 30 m. | 0 42 t. | 6 54 t. | 1 6 m. |
| 21 | 7 18 m. | 1 30 t. | 7 42 t. | 1 54 m. |
| 22 | 8 6 m. | 2 18 t. | 8 30 t. | 2 42 m. |
| 23 | 8 54 m. | 3 6 t. | 9 18 t. | 3 30 m. |
| 24 | 9 42 m. | 3 54 t. | 10 6 t. | 4 18 m. |
| 25 | 10 30 m. | 4 42 t. | 10 54 t. | 5 6 m. |
| 26 | 11 18 m. | 5 30 t. | 11 42 t. | 5 54 m. |
| 27 | 0 6 t. | 6 18 t. | 0 30 m. | 6 42 m. |
| 28 | 0 54 t. | 7 6 t. | 1 18 m. | 7 30 m. |
| 29 | 1 42 t. | 7 54 t. | 2 6 m. | 8 18 m. |
| 30 | 2 30 t. | 8 42 t. | 2 54 m. | 9 6 m. |

## NASCIMENTOS E OCCASOS DO SOL EM 1864.

| MEZES | DIAS | NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO. | OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO. | MEZES | DIAS | NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO. | OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Janeiro | 1 | 7 h. 20′ | 4 h. 48′ | Julho | 1 | 4 h. 39′ | 7 h. 28′ |
| | 9 | 21 | 53 | | 9 | 45 | 25 |
| | 17 | 18 | 5. 3 | | 17 | 50 | 21 |
| | 25 | 14 | 12 | | 25 | 55 | 17 |
| Fevereiro | 1 | 9 | 19 | Agosto | 1 | 5. 3 | 9 |
| | 9 | 0 | 28 | | 9 | 10 | 1 |
| | 17 | 6. 50 | 38 | | 17 | 17 | 6. 51 |
| | 25 | 40 | 46 | | 25 | 24 | 40 |
| Março | 1 | 35 | 51 | Setembro | 1 | 30 | 29 |
| | 9 | 23 | 59 | | 9 | 38 | 17 |
| | 17 | 11 | 6. 7 | | 17 | 45 | 4 |
| | 25 | 5. 56 | 14 | | 25 | 52 | 5. 51 |
| Abril | 1 | 47 | 21 | Outubro | 1 | 57 | 42 |
| | 9 | 34 | 30 | | 9 | 6. 5 | 30 |
| | 17 | 24 | 37 | | 17 | 13 | 18 |
| | 25 | 13 | 45 | | 25 | 21 | 7 |
| Maio | 1 | 5 | 50 | Novembro | 1 | 29 | 4. 59 |
| | 9 | 4. 56 | 57 | | 9 | 37 | 51 |
| | 17 | 49 | 7. 5 | | 17 | 47 | 43 |
| | 25 | 42 | 11 | | 25 | 55 | 39 |
| Junho | 1 | 39 | 16 | Dezembro | 1 | 7. 1 | 37 |
| | 9 | 36 | 23 | | 9 | 8 | 37 |
| | 17 | 36 | 25 | | 17 | 14 | 38 |
| | 25 | 38 | 27 | | 25 | 18 | 42 |

# COMPUTO ECCLESIASTICO.

| | |
|---|---|
| Aureo numero | 3 |
| Cyclo solar | 23 |
| Indicção Romana | 7 |
| Epacta | XXII |
| Lettras Dominicaes | C B |

# TEMPORAS.

| | | | |
|---|---|---|---|
| Fevereiro | 17, 19, 20 | Setembro | 21, 23, 24 |
| Maio | 18, 20, 21 | Dezembro | 14, 16, 17 |

# FESTAS MOVEIS.

| | | | |
|---|---|---|---|
| Septuagesima | 24 de Janeiro. | Pentecostes | 15 de Maio. |
| Cinza | 10 de Fevereiro. | Trindade | 22 de Maio. |
| Paschoa | 27 de Março. | Corpo de Deus | 26 de Maio. |
| Ladainhas | 2, 3, 4 de Maio. | Coração de Jesus | 3 de Junho. |
| Ascensão | 5 de Maio. | Advento | 27 de Nov. |

# QUATRO ESTAÇÕES DO ANNO.

| | | |
|---|---|---|
| Primavera | Começa | a 20 de Março. |
| Estio | » | a 21 de Junho. |
| Outomno | » | a 22 de Setembro. |
| Inverno | » | a 21 de Dezembro. |

# BENÇÕES.

Prohibem-se desde Quarta feira de Cinza até ao 1.º Domingo depois do de Paschoa; e desde o 1.º Domingo do Advento até ao Dia de Reis.

# FOLHINHA PORTUGUEZA.

SIGNO DE  AQUARIO.

1 DE JANEIRO. *Sexta.* ✠ CIRCUMCISÃO DO SENHOR. *Festa na Graça. Ind. em varias igrejas. Com. as 13 sextas feiras de S. Francisco de Paula. Com. a Nov. de N. Senhora de Jesus. Grande Gala. Cortejo.*

2 ☾ *Sabbado.* S. Izidoro, B. M. *Q. m. ás 7 h. e 2 m. da m.*

3 *Domingo.* S. Antero, P. M. S. Aprigio. S. Genoveva, V. *Ind. Plen. em S. Amaro no 1.° Dom. de cada mez.*

4 *Segunda.* S. Gregorio, B. S. Tito.

5 *Terça.* S. Simeão Estelita. S. Apollinaria, V. *Vesperas de instrumental na Sé, e ao escurecer começão as matinas, tambem de instrumental.*

6 *Quarta.* ✠ DIA DE REIS. *Benção no Menino Deus. Ind. no Loreto. Grande festa na Sé. Ind. na Madre de Deus na 1.ª quarta feira de cada mez.*

7 *Quinta.* S. Theodoro. *Ind. no conv. do Desaggravo em todas as quintas feiras do anno, e nas igrejas das religiosas do Sacramento na 1.ª quinta feira de cada mez. Abrem-se os tribunaes, e permittem-se os casamentos solemnes.*

8 *Sexta.* S. Lourenço Justiniano. *Com. a Nov. de N. Senhora da Divina Providencia.*

9 ● *Sabbado.* S. Julião, M. *Festa na sua fréguezia. L. nova ás 7 h. e 9 m. da manhã.*

10 DE JANEIRO. *Domingo. (1.° depois de Reis)* NOSSA SENHORA DE JESUS. S. Paulo, 1.° Eremita. S. Gonçalo de Amarante. *Festa em Jesus. Ind. em S. Domingos para os Irmãos dos Passos, no 2.° Domingo de cada mez.*

11 *Segunda.* S. Hygino, P. M. S. Honorata, V.

12 *Terça.* S. Satyro, M.

13 *Quarta.* S. Hilario, B.

14 *Quinta.* S. Felix de Nole. O B. Bernardino de Corleone.

15 ☽ *Sexta.* S. Amaro, Ab. *Festa em S. Amaro. Q. cresc. ás 10 h. e 29 m. da tarde.*

16 *Sabbado.* Os Santos Martyres de Marrocos. S. Marcello, P. M. *Começão os dias de S. Engracia na Sé de Lisboa.*

17 *Domingo.* (2.° *depois de Reis*). SS. NOME DE JESUS. NOSSA SENHORA DA DIVINA PROVIDENCIA. S. Antão, Ab.

18 *Segunda.* A Cadeira de S. Pedro em Roma.

19 *Terça.* S. Canuto, M.

20 *Quarta.* S. Sebastião, M. *Festa em varias igrejas.*

21 *Quinta. (Jejum no Patriarchado).* S. Ignez, V. M.

22 *Sexta.* ✠ *(no Patriarchado e no Algarve).* S. Vicente M. S. Anastacio, M. *F. em S. Vicente de Fóra, Sé, e S. Sebastião.*

23 ☺ *Sabbado.* Os Desposorios de N. Senhora com S. José. S. Raymundo de Penafort. S. Ildefonso. *L. cheia ás 9 h. e 26 m. da tarde.*

24 *Domingo da Septuagesima.* Nossa Senhora da Paz. S. Timotheo, B. M. *Festa do Sagrado Coração de Maria, no Most. da Encarnação. Com. os Dom. da Madre de Deus.*

25 *Segunda.* A Conversão de S. Paulo. *F. e Lausp. em S. Paulo.*

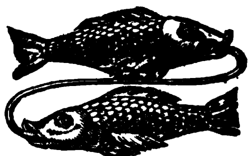
26 *Terça.* S. Polycarpo, B. M. S. Paula. *Festa a S. Sebastião em S. Paulo.*

27 *Quarta.* S. João Chrysostomo. *Festa de N. Senhora da Piedade em S. Paulo.*

28 *Quinta.* S. Cyrillo, B. A B. Veronica, A Traslad. de S. Thomaz d'Aquino. *Com. a Nov. das Chagas de Christo.*

29 *Sexta.* S. Francisco de Salles, B. *Festa e Lausp. nas Sallesias a S. Francisco de Salles.*

30 DE JANEIRO. *Sabbado.* S. Martinha, V. S. Jacyntha.
31 ☾ *Domingo da Sexagesima.* S. Pedro Nolasco. S. Cyro, M. A B. Luiza Albertoni, F. *Q. ming. ás 11 h. e 40 m. da t.*

SIGNO DE  PISCIS.

1 DE FEVEREIRO. *Segunda (Jejum, excepto nos bispados d'Elvas e Vizeu).* S. Ignacio, B. M. S. Brigida.
2 *Terça.* ✠ PURIFICAÇÃO DE NOSSA SENHORA. *Festa nos Terc. do Carmo e na Sé.*
3 *Quarta.* S. Braz, B. M. O B. Odorico, F. *Festa a S. Braz em varias igrejas.*
4 *Quinta.* S. André Corsino, B. S. José de Leonisa. *Fallecimento de S. A. a Senhora D. Maria Amelia.*
5 *Sexta.* S. Agueda, V. M. Os MM. do Japão. S. Pedro Baptista e seus CC. *Matinas nas Chagas á festa do orago.*
6 *Sabbado.* As Chagas de Christo. S. Dorothéa, V. M. *Festa e Lausp. na igr. das Chagas, e Te-Deum de tarde.*
7 ● *Domingo da Quinquagesima.* S. Romualdo, Ab. S. Ricardo. *Ind. das 40 horas na Sé por occasião da exposição do SS. Sacramento até á terça feira depois de completas. Festa nas Chagas. L. nova ás 5 h. e 33 m. da tarde.*
8 *Segunda.* S. João da Matta.
9 *Terça.* S. Apolonia, V. M. *Festa e Lausp. nas Monicas.*
10 *Quarta feira de Cinza (Jejum até á Paschoa, excepto nos Domingos).* S. Escolastica, V. S. Guilherme. *Prohibem-se as benções nupciaes até ao 1.° Domingo depois da Paschoa. Benção da Cinza.*
11 *Quinta.* S. Lazaro, B. Os 7 fundadores dos Servitas.
12 *Sexta.* S. Eulalia, Virgem Martyr.

13 DE FEVEREIRO. *Sabbado*. S. Gregorio II, P.

14 ☾ *Domingo* (*1.º da Quaresma*). S. Valentim, M. *Vesperas da traslad. de S. Antonio na sua igreja. Proc. em S. Antão do Tojal, Villa Franca e Cascaes. Q. c. aos 47 m. da t.*

15 *Segunda*. Trasladação de S. Antonio. Os SS. Faustino e Jovita, MM. *Festa em S. Antonio da Sé.*

16 *Terça*. S. Porphyrio, M.

17 *Quarta* (*Temporas*). S. Faustino, M. *Faz 19 annos a Ser. Sr.ª Infanta D. Antonia. Simples Gala.*

18 *Quinta*. S. Theotonio, S. Simeão, B. M.

19 *Sexta* (*Temporas*). S. Conrado, F. O B. Alvaro de Cordova. *Procissão dos Passos da Graça.*

20 *Sabbado* (*Temporas*). S. Eleutherio, B. M.

21 *Domingo* (*2.º da Quaresma*). S. Maximiano, B. M. S. Angela de Miricia, V. F. *Procissão em Sacavem.*

22 ☺ *Segunda*. S. Margarida de Cortona. A Cadeira de S. Pedro em Antiochia. *L. cheia ás 4 h. e 24 m. da tarde.*

23 *Terça*. S. Pedro Damião.

24 *Quarta*. S. Pretextato.

25 *Quinta*. S. Mathias, Ap. S. Sergio, M.

26 *Sexta*. S. Cezario.

27 *Sabbado*. S. Torquato, Arc. de Braga.

28 *Domingo* (3.º *da Quaresma*). S. Leandro. A B. Eustachia, V. F. *Proc. dos Passos em Oeiras e Alverca.*

29 *Segunda*. S. Romão, Ab. O B. Thomaz de Cora.

SIGNO DE  ARIES.

1 DE MARÇO. ☾ *Terça*. S. Adrião, M. S. Rozendo. Port. *Q. ming. aos 35 m. da tarde.*

2 DE MARÇO. *Quarta*. S. Simplicio, P.
3 *Quinta*. S. Candido, M. S. Hemeterio. S. João de Brito.
4 *Sexta*. S. Casimiro. S. Lucio, P. M. *Proc. dos Passos em Belem e no Desterro.*
5 *Sabbado*. S. Theophilo. O B. João José da Cruz, F.
6 *Domingo* (4.ª *da Quaresma*). S. Ollegario, B. S. Colleta, V.
7 *Segunda*. S. Thomaz d'Aquino. SS. Perpetua e Felicidade, MM.
8 ● *Terça*. S. João de Deus. *L. n. ás* 3 *h. e* 22 *m. da m.*
9 *Quarta*. S. Francisca Romana. S. Catharina de Bolonha.
10 *Quinta*. S. Militão e seus 39 CC. MM. O B. Pedro de Jeremias, D. *Começa a Nov. de S. José.*
11 *Sexta* S. Candido, M. *Princ. o Septenario das Dores.*
12 *Sabbado*. S. Gregorio, P. e Dr. da Igreja.
13 *Domingo da Paixão*. A B. Sancha, V. Infanta de Portugal. S. Rodrigo, M. *Benção no Menino Deus. Proc. dos Passos na luz, e em S. Antão do Tojal.*
14 *Segunda*. Trasladação de S. Bôaventura. S. Mathilde, Rainha. S. Henrique. *Faz* 42 *annos S. M. a Imp. do Brazil, D. Thereza.*
15 ☽ *Terça*. S. Longuinhos, Soldado, M. *Q. cresc. ás* 5 *h. e* 31 *m. damanhã.*
16 *Quarta*.S. Cyriaco, M.
17 *Quinta*. S. Patricio, Ap. da Irlanda. S. Gertrudes, V.
18 *Sexta*. As SETE DORES DE NOSSA SENHORA. S. Gabriel, Archanjo. S. Narciso, Arcebispo. *Festa em varias igrejas.*
19 *Sabbado*. S. José, Esposo de N. Senhora. *Festa e Lausp. em S. José. Festa em varias igrejas. Faz* 6 *annos a Ser. Sr.ª D. Maria José Beatriz,* 3.ª *filha do Sr. D. Miguel de Brag.*
20 *Domingo de Ramos*. S. Martinho Dumiense, Arc. de Braga. O B. João de Parma, F. *Festa na Sé. Proc. de tarde na Madre de Deus, Campo Grande, Loures e Almada.*
21 *Segunda*. S. Bento, Ap. *Festa no Mosteiro da Encarnação. Começão as férias.*
22 *Terça*. S. Benvenuto, B. S. Emygdio, B. M. S. Ambrosio de Sena.

**23 DE MARÇO.** ⊕ *Quarta feira de Trevas.* S. Felix e seus CC. *Matinas na freguezia do Sacramento. Officio em varias igrejas. L. cheia ás 9 h. e 48 m. da manhã.*

**24** *Quinta feira d'Endoenças* (✠ *desde o meio dia até ao meio dia seguinte*). Instituição do SS. Sacramento. S. Marcos, M. *Festa de instrumental na Sé.*

**25** *Sexta feira de Paixão* (✠ *até ao meio dia*). S. Quirino e seus Comp. MM. *Proc. do Enterro na Graça, em Jesus, nas Francezinhas, e em Belem.*

**26** *Sabbado d'Alleluia.* S. Ludgero, B. S. Braulio, B.

**27** DOMINGO DE PASCHOA. S. Roberto, B. *Festa de instrumental na Sé. Festa nos Martyres. Benção Papal. Pequna Gala.*

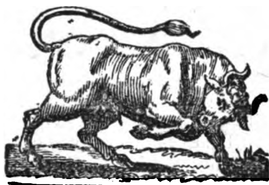
**28** *Segunda* (1.ª *outava da Paschoa*). S. Alexandre, M.

**29** *Terça* (2.ª *outava da Paschoa*). S. Victorino e seus Comp. MM. S. Marcelino, M.

**30** ☾ *Quarta.* S. João Climaco, *Q. m. ás* 9 *h. e* 43 *m. da t.*

**31** *Quinta.* S. Balbina, B. S. Benjamim, Diacono, M. S. Amancio, B. O B. Clemente de Ossino.

SIGNO DE TAURUS.



**1 DE ABRIL.** *Sexta.* As Chagas de S. Cathaina de Sena. S. Macario. Traslad. de S. Monica. S. Procoro, M.

**2** *Sabbado.* S. Francisco de Paula. S. Maria, Egypciaca. *Festa e Lausp. em S. Francisco de Paula.*

**3** *Domingo da Paschoela.* S. Ricardo, S. Benedito. *Festa á Senhora das Angustias em S. Francisco de Paula. Communhão dos meninos nas freguezias do Sacramento e Magdalena. Faz 33 annos a Ser. Sr.ª D. Adelaide Sophia, esposa do Sr. D. Miguel de Bragança.*

4 DE ABRIL. *Segunda.* ✠ ANNUNCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA. NOSSA SENHORA DOS PRAZERES E DA PENA. S. Izidoro, Arc. de Sevilha. *Festa e Lausp. na Pena e Encarnação. Festa em S. Christovão e outras igrejas. Proc. de manhã, de Santos para a Ermida dos Prazeres. Acabão as férias.*

5 *Terça.* S. Vicente Ferrer, D.

6 ● *Quarta.* S. Marcellino, M. A B. Catharina de Palancia. *L. nova á 1 h. e 12 m. da tarde.*

7 *Quinta.* S. Epifanio, B. M. *Festa da Instituição do SS. Sacramento.*

8 *Sexta.* S. Amancio, B. O B. Clemente de Ozimo. S. Engracia, V. M. S. Fructuoso. *Faz 28 annos que chegou a Lisboa S. M. o Sr. D. Fernando.*

9 *Sabbado.* Traslad. de S. Monica.

10 *Domingo do Bom Pastor.* S. Ezequiel, Propheta. O B. Antonio, M. D.

11 *Segunda.* S. Leão I, P. O B. André de Monte Real.

12 *Terça.* S. Victor, M. Port. O B. Angelo de Clavasio.

13 ☽ *Quarta.* S. Hermenegildo, M. *Q. c. ás 11 h. e 33 m. da t.*

14 *Quinta.* S. Tiburcio, S. Valeriano, MM.

15 *Sexta.* S. Basilissa e S. Anastacia, MM. S. Eutychio, M.

16 *Sabbado.* S. Engracia, V. M. S. Fructuoso, Arc. de Braga.

17 *Domingo.* S. Aniceto, P. M. S. Elias, Monge Port. *Festa na igreja dos Martyres a S. Maria Egypciaca*

18 *Segunda.* S. Galdino, B. e Cardeal. O B. André Hilbernon, F.

19 *Terça.* S. Hermogenes, M. O B. Conrado Miliano, F.

20 *Quarta.* S. Ignez de Montepoliciano, V. D.

21 *Quinta.* S. Anselmo, Arceb. de Cantuaria. *Princ. a Nov. de S. Catharina de Sena. Procissão da Saúde.*

22 ○ *Sexta.* SS. Sotero e Caio, MM. S. Senhorinha, V. Port. *Com. a Nov. do Resgate. L. cheia aos 42 m. da m.*

23 *Sabbado.* S. Jorge, M. Defensor do Reino. *Festa e Lausp. na sua fréguezia.*

24 *Domingo.* Fugida de Nossa Senhora para o Egypto. S. Fidelis de Sigmaringa, M. F. S. Honorio, B. *Com. a Nov. da Invenção da Santa Cruz.*

25 DE ABRIL. *Segunda.* S. Marcos, Evangelista.
26 *Terça.* S. Pedro de Rates, 1.° Bispo de Braga. S. Clero e S. Marcellino, MM. *Com. a Nov. da Ascenção.*
27 *Quarta.* S. Tertuliano, B. S. Turibio, Arceb. de Lima.
28 *Quinta.* S. Vital, M. S. Prudencio, B. O B. Lucio, F.
29 ☾ *Sexta.* S. Pedro, M. D. *Anniv. da Carta Constitucional. Grande Gala. Cortejo. Q. ming. ás 3 h. e 58 m. da m.*
30 *Sabbado.* S. Catharina de Sena, V. S. Peregrino, Servita. *Festa nos Paulistas.*

SIGNO DE  GEMINIS.

1 DE MAIO. *Domingo.* MATERNIDADE DE N. SENHORA. S. Philippe e S. Thiago, Ap. *Festa de N. Sr.ª do Resgate, na sua ermida, aos Anjos. Dia do nome de S. M. El-Rei. Simples Gala.*
2 *Segunda (Ladainhas, abst. de carne, e proc.).* S. Athanasio, B. A B. Mafalda, Infanta de Portugal.
3 *Terça (Ladainhas, abst. de carne, e proc.).* Invenção da Santa Cruz.
4 *Quarta (Ladainhas, abst. de carne, e proc.).* S. Monica. *Com. a Nov. de N. Sr.ª dos Martyres. Emb. o Cyrio do Cabo.*
5 ● *Quinta.* ✠ ASCENÇÃO. Converção de S. Agostinho. *Festa em S. Clara, S. Martha, e no Sacramento. Faz-se a hora nos Martyres e no Sacramento. Festa e Lausp. na ermida da Ascenção aos Paulistas. L. n. ás 11 h. e 37 m. da t.*
6 *Sexta.* S. João *ante portam latinam. Com. a Nov. de Pentecostes.*

7 DE MAIO. *Sabbado.* S. Estanisláu, B. M. *Festa da Coroação de Espinhos de Nosso Senhor em S. Joanna. Com. a Nov. de S. João Nepomuceno.*
8 *Domingo.* Apparição de S. Miguel, Archanjo. *Festa na sua igreja, e do Senhor Jesus dos Perdões na Magdalena. Proc. do Corpo de Deus no Salvador.*
9 *Segunda.* S. Gregorio Nazianzeno, B. *Desemb. o Cyrio do Cabo.*
10 *Terça.* S. Antonino, Arceb. de Florença, D. S. Gordiano e S. Epimaco, MM. *Festa ao Patrocinio de S. José nas Religiosas de Santo Alberto.*
11 *Quarta.* S. Anastacio, M.
12 *Quinta.* S. Joanna, Princeza de Portugal. *Festa no seu conv.*
13 ☽ *Sexta.* Nossa Senhora dos Martyres. S. Pedro Regalado. O B. Alberto de Bergamo. *Festa nos Martyres. Com. a Nov. de Santa Rita. Q. cresc. ás 5 h. e 44 m. da tarde.*
14 *Sabbado (Jejum).* S. Fr. Gil. S. Bonifacio, M.
15 *Domingo de Pentecostes.* S. Izidro, lavrador. O B. Egydio. *Festa de instrumental na Sé. Sáe de S. Pedro em Alcantara o Cyrio de N. Sr.ª das Mercês, e volta na terça á noute.*
16 *Segunda.* S. João Nepomuceno. M. S. Ubaldo, B.
17 *Terça.* S. Paschoal Baylão, F. S. Possidonio. *Com. a Nov. de S. Filippe Nery.*
18 *Quarta (Temporas, Jejum).* S. Venancio. M. S. Erico, Rei da Suécia. *Com. o outav. do Corpo de Deus.*
19 *Quinta.* S. Pedro Celestino. P. S. Ivo, F.
20 *Sexta (Temporas, Jejum).* S. Bernardino de Sena, F.
21 ⊕ *Sabbado (Temporas, Jejum).* S. Mançcos, M, 1.º B. de Evora. *Matinas na Encarnação. L. cheia aos 48 m. da t.*
22 Domingo da SS. Trindade. S. Rita de Cassia, V. S. Quiteria, V. M. e outo irmãs portuguezas. S. Ato, B. *Festa na erm. da Oliveira.*
23 *Segunda.* S. Basilio, arc. de Braga. S. Desiderio, B. *Festa da irmandade dos Clerigos Pobres na Encarnação.*
24 *Terça.* S. Afra, M. Traslad. de S. Domingos.

25 DE MAIO. *Quarta.* S. Gregorio VII, P. S. Urbano, P. M. *Festa e proc. do Corpo de Deus nos Martyres, e festa no most. da Encarnação. Com. a Nov. do Coração de Jesus.*

26 *Quinta.* ✠ CORPO DE DEUS. S. Philippe Nery, Fundador da Congreg. do Oratorio. S. Eleutherio, P. M. *Festa em varias igrejas. Proc. da cidade. Simples Gala.*

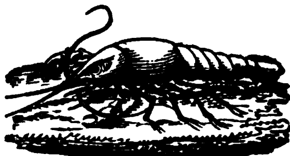
27 *Sexta.* S. João, P. M. *Com. a Nov. de N. Senhora Mãi dos Homens.*

28 ☾ *Sabbado.* S. Germano, B. *Q. ming. ás 8 h. e 44 m. da m.*

29 *Domingo.* S. Maximo e S. Maximiano.

30 *Segunda.* S. Fernando, Rei de Castella. *Nome de S. M. El-Rei D. Fernando. Simples Gala.*

31 *Terça.* S. Petronilla. V. O B. Diogo Salomão.

SIGNO DE  CANCER.

1 DE JUNHO. *Quarta.* S. Firmo, M. *Com. a Trez. de S. Ant.*

2 *Quinta (Jej.).* S. Marcellino, M. *Proc. do Corpo de Deus na Sé.*

3 *Sexta.* ✠ O SS. CORAÇÃO DE JESUS. S. Paula, V. M. S. Ovidio. *Festa na Estrella, a que assistem SS. MM. Festa em outras igrejas. Proc. de tarde em Jesus. Simples Gala.*

4 ● *Sabbado.* S. Francisco Caraciolo. S. Quirino, B. M. *L. nova ás 11 h. e 4 m. da manhã.*

5 *Domingo.* NOSSA SENHORA MÃI DOS HOMENS. S. Marciano, M. S. Bonifacio, B. M.

6 *Segunda.* S. Norberto, B. S. Paulina, V. M.

7 *Terça.* S. Roberto, Ab.

8 *Quarta.* S. Salustiano, C. S. Severino, B.

9 *Quinta.* S. Primo e S. Feliciano, MM. S. Melania.

10 *Sexta.* S. Margarida.

11 DE JUNHO. *Sabbado. (Jej. no Patriarc.)* S. Barnabé, Ap.
12 ☽ *Domingo.* S. João de S. Facundo, S. Onofre. *Q. cresc. ás 11 h. e 12 m. da manhã.*
13 *Segunda.* ✠ *(No Patriarchado).* S. Antonio de Lisboa, F. *Festa de instrumental na sua igreja.*
14 *Terça.* S. Basilio Magno, B. S. Elizeu, Propheta.
15 *Quarta.* S. Vito, M. *Com.a Nov. de S. João Baptista.*
16 *Quinta.* S. João Francisco Regis.
17 *Sexta.* A B. Thereza, Rainha de Leão, Portug.
18 *Sabbado.* S. Leoncio, M. S. Amando. A B. Ozana, V. F.
19 ☺ *Domingo.* S. Juliana de Falconieri, V. S. Gervasio e S. Protasio, MM. *L. cheia ás 10 h. e 18 m. da tarde.*
20 *Segunda.* S. Silverio, P. M. *Com. a Nov. de S. Pedro.*
21 *Terça.* S. Luiz Gonzaga.
22 *Quarta.* S. Paulino, B. O B. Filippe de Placencia, A.
23 *Quinta (Jejum).* S. João, Sacerdote. S. Edeltrudes.
24 *Sexta.* ✠ NASCIMENTO DE S. JOÃO BAPTISTA. *Festa na Penha de França, Almada, S. João da Praça, Lumiar e Alcochete.*
25 *Sabbado.* S. Guilherme, Ab. S. Febronia, V. M. S. Tude.
26 ☾ *Domingo.* PUREZA DE NOSSA SENHORA. S. João e S. Paulo, II. MM. S. Pelagio, M. *Q. ming. á 1 h. e 38 m. da tarde.*
27 *Segunda.* S. Ladisláu. O B. Benvenuto, F.
28 *Terça (Jejum).* S. Leão II, P.
29 *Quarta.* ✠ S. Pedro e S. Paulo. *Festa na igreja de S. Pedro em Alcantara, nos Inglezinhos, no Lumiar, Seixal e em Cintra.*
30 *Quinta.* S. Marçal, B. *Festa na Graça.*

SIGNO DE  LEO.

1 DE JULHO. *Sexta.* S. Theodorico, Ab. S. Julio e S. Arão, MM.

2 DE JULHO. *Sabbado.* VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA. *Festa em S. Roque e nas Sallesias.*

3 ● *Domingo.* S. Jacintho, M. S. Heliodoro, B. *L. nova ás 11 h. e 47 m. da tarde.*

4 *Segunda.* S. Izabel, Rainha de Portugal. *Festa e Lausp. na sua fréguezia. Faz 63 annos a Ser. Sr.ª Infanta D. Izabel Maria. Simples Gala.*

5 *Terça.* S. Athanasio, M. O B. Miguel dos Santos.

6 *Quarta.* S. Domingas, V. M. *Com. a Nov. de S. Camillo.*

7 *Quinta.* S. Pulcheria, V. S. Claudio e seus CC. MM. S. Benedicto XI, P. D. *Com. a Nov. de N. Senhora do Carmo.*

8 *Sexta.* S. Procopio, M. O B. Lourenço de Brandusio, C.

9 *Sabbado.* S. Cyrillo, B. M. O B. João de Colonia, M. D. O B. Nicoláu e seus CC. MM. S. Veronica Juliana, Capuch.

10 *Domingo.* NOSSA SENHORA DO PATROCINIO. S. Januario e seus CC. MM. S. Amelia, V. A B. Joanna Escopeli, C. *Com. a Nov. de S. Justa. Dia do nome de S. M. I. a Sr.ª Duqueza de Bragança. Simples Gala.*

11 *Segunda.* S. Pio, P. M. S. Sabino, M.

12 ☽ *Terça.* S. João Gualberto, Ab. *Q. cresc. ás 3 h. e 15 m. da manhã.*

13 *Quarta.* S. Anacleto, P. M.

14 *Quinta*, S. Bôaventura. B. F.

15 *Sexta.* S. Camillo de Lellis. S. Henrique, Imperador. *Festa na Magdalena.*

16 *Sabbado.* TRIUMPHO DA SANTA CRUZ. NOSSA SENHORA DO CARMO. S. Sizenando, M. *Festa em S. Nicoláu, nas Religiosas de S. Alberto, e na Estrella.*

17 *Domingo.* ANJO CUSTODIO DO REINO. S. Aleixo. *Festa e proc. no Sacramento. Anniv. do fallecimento de S. M. a Sr.ª D. Estephania.*

18 *Segunda.* S. Marinha, V. M. S. Symphorosa e seus filhos Martyres.

19 ☺ *Terça.* SS. Justa e Rufina, MM. S. Vicente de Paulo. *Festa e Lausp. em S. Justa. L. cheia ás 5 h. e 59 m. da m.*

20 *Quarta.* S. Jeronymo Emiliano. S. Elias. S. Margarida, V. M.

21 DE JULHO. *Quinta*. S. Praxedes, V. S. Claudio, S. Secundino e outros MM. S. Julia, V. *Faz 21 annos a Ser. Sr.ª Infanta D. Maria Anna. Simples Gala.*

22 *Sexta*. S. Maria Magdalena. *Festa e Lausp. na Magdalena. Com. a Nov. de S. Anna.*

23 *Sabbado*. S. Apolinario, B. M. S. Liborio, B.

24 *Domingo*. S. Christina, V. M.

25 ☾ *Segunda*. S. Thiago, Ap. S. Christovão, M. *Festa em S. Thiago. Festa e Lausp. em S. Christovão. Q. ming. ás 8 h. e 9 m. da tarde.*

26 *Terça*. S. Symfronio. S. Olympio e S. Theódulo, MM. *Com. a Nov. de S. Domingos.*

27 *Quarta*. S. Pantaleão, M. A B. Cunegundes, V. F.

28 *Quinta*. S. Innocencio e S. Victor. PP. S. Nasario, M.

29 *Sexta*. S. Martha, V. S. Olavo, M. *Festa em S. Martha. Com. a Nov. de S. Caetano.*

30 *Sabbado*. S. Rufino, M.

31 *Domingo*. SANT'ANNA, MÃI DA MÃI DE DEUS. S. Ignacio de Loyola, S. Fabio, M. S. Colimerio, F. *Festa nas freiras de Sant'Anna, nas de S. Joanna, e em Bemfica. Festa e proc. na Magdalena. Com. a Nov. de S. Domingos. Juramento da Carta Constitucional. Faz 52 annos S. M. I. a Sr. Duqueza de Bragança. Grande Gala. Cortejo.*

SIGNO DE  VIRGO.

1 DE AGOSTO. *Segunda*. S. Pedro *ad Vinculo*. Os MM. de Chellas.

2 ● *Terça*. N. Sr.ª dos Anjos. S. Estevão, P. M. *L. nova á 1 h. e 57 m. da tarde.*

3 DE AGOSTO. *Quarta*. Invenção de S. Estevão, Proto-Martyr.
4 *Quinta*. S. Domingos. *Festa no conv. de S. Joanna.*
5 *Sexta*. N. Sr.ª das Neves. *Festa no Soccorro. Faz 11 annos a Ser. Sr.ª D. Maria das Neves, 1.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*
6 *Sabbado*. Transfiguração de Christo. Sant'Iago, Eremita. *Festa no Salvador. Com. a Nov. da Assumpção.*
7 *Domingo*. S. Caetano. S. Alberto, C. *Com. a Nov. de S. Roque.*
8 *Segunda*. S. Cyriaco, e seus CC. MM. *Faz 32 annos S. A. o Principe Jorge da Saxonia. Peq. Gala.*
9 *Terça*. S. Romão, M. O B. João de Salerno.
10 ☽ *Quarta*. S. Lourenço, M. S. Filomena, V. M. *Festa e Lausp. em S. Lourenço. Q. cresc. ás 5 h. e 21 m. da t.*
11 *Quinta*. S. Tiburcio e S. Suzana, MM.
12 *Sexta*. S. Clara, V. F. *Festa na sua igreja e nas Francezinhas.*
13 *Sabbado (Jejum)*. S. Hypolito e S. Cassiano, MM. S. Helena, V. M.
14 *Domingo*. S. Eusebio. O B. Sanches, F.
15 *Segunda*. ✠ ASSUMPÇÃO DE NOSSA SENHORA. *Festa na Sé e em outras igrejas. Proc. nas Flamengas ao Calvario. Proc. no Barreiro. Ind. em varias igrejas.*
16 *Terça*. S. Roque, F. S. Jacintho. *Festa em S. Roque.*
17 ○ *Quarta*. S. Mamede, M. A B. Emilia, V. *Festa e Lausp. em S. Mamede. L. cheia á 1 h. da tarde.*
18 *Quinta*. S. Clara de Monte Falco, V. A. S. Lauro, M.
19 *Sexta*. S. Luiz, B. F. *Com. a Nov. do Coração de Maria, e a de S. Agostinho.*
20 *Sabbado*. S. Bernardo, M. e Dr. da igreja.
21 *Domingo*. S. Joaquim, Pai de N. Sr.ª. S. Joanna Francisca, V. S. Anastacio, M.
22 *Segunda*. S. Timotheo, M.
23 *Terça*. (*Jejum*). S, Filippe Benicio. S. Liberato, e seus CC. MM.

24 DE AGOSTO. ☽ *Quarta.* S. Bartholomeu, Ap. S. Aurea, M. S. Eutychio. *Faz 9 annos a Seren. Sr.ª D. Maria Thereza, filha do Sr. D. Miguel de Bragança. Q. ming. ás 5 h. e 28 m. da manhã.*

25 *Quinta.* S. Luiz, Rei de França.

26 *Sexta.* S. Zepherino, P. M.

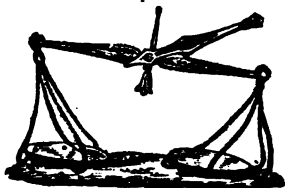
27 *Sabbado.* S. José de Calazans.

28 *Domingo.* Sagrado Coração de Maria. S. Agostinho, B. e Dr. da Igreja. S. Hermes, M. *Festa na Ermida do Coração de Maria, ao Campo Grande, e no Mosteiro da Encarnação.*

29 *Segunda.* Degolação de S. João Baptista. S. Candida, V. M.

30 *Terça.* S. Roza de Lima, V. D. *Com. a Nov. da Nossa Senhora das Necessidades.*

31 *Quarta.* S. Raymundo Nonnato. *Festa em S. Martha.*

**SIGNO DE**  **LIBRA.**

1 DE SETEMBRO. ● *Quinta.* S. Egydio, Ab. A B. Isabel, V. F. *Com. a Nov. de S. Nicoláu Tolentino. Com. as férias. L. nova ás 5 h. e 31 m. da manhã.*

2 *Sexta.* S. Estevão. S. Brocardo, C.

3 *Sabbado.* S. Euphemia. V. M.

4 *Domingo.* S. Roza de Viterbo, F. S. Candida.

5 *Segunda.* S. Antonino, M. A Trasladação dos Martyres de Lisboa.

6 *Terça.* S. Libania, V. A.

7 *Quarta.* S. João, M. S. Anastacio, M.

8 DE SETEMBRO. *Quinta*. NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA. S. Adrião, M. *Festa e Lausp. na erm. da Victoria. Festa no Loreto, Guia, Luz, Linda a Velha*, etc.

9 ☽ *Sexta*. S. Sergio, P. *Q. cresc. ás 5 h. e 11 m. da m.*

10 *Sabbado*. S. Nicoláu Tolentino, A.

11 *Domingo*. SS. NOME DE MARIA. S. Theodora. O B. Bernardo de Offida. F. *Festa em varias igrejas.*

12 *Segunda*. S. Auta, V. M.

13 *Terça*. S. Filippe, M.

14 *Quarta*. EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ. *Festa nas Francezinhas e nas Religiosas de S. Alberto.*

15 ○ *Quinta*. S. Domingos em Soriano. S. Nicomedes, M. *L. cheia ás* 8 *h. e* 33 *m. da tarde.*

16 *Sexta*. Trasladação de S. Vicente, M. S. Cornelio e S. Cypriano, MM.

17 *Sabbado*. S. Pedro de Arbues, M. As Chagas de S. Francisco.

18 *Domingo*. FESTA DAS DORES DE NOSSA SENHORA. S. José de Cupertino. S. Thomaz de Villa Nova, B. *Festa em varias igrejas.*

19 *Segunda*. S. Januario, B. M. S. Constança, M. *Faz 10 annos o Sr. D. Miguel, filho do Sr. D. Miguel de Bragança.*

20 *Terça*. S. Eustaquio e seus CC. MM. *Com. a Nov. de S. Miguel.*

21 *Quarta* (*Temporas, Jejum*). S. Matheus, Ap. e Evang. S. Ifigenia, Princeza.

22 ☾ *Quinta*. S. Mauricio, e seus dez mil CC. MM. *Faz 29 annos S. A. o Principe Leopoldo de Hohenzollern Sigmaringen. Q. ming. ás 6 h. e 18 m. da tarde.*

23 *Sexta* (*Temporas, Jejum*). S. Lino, P. M. S. Tecla, V. M. *Com. a Nov. de N. Senhora do Rozario.*

24 *Sabbado* (*Temporas, Jejum*). NOSSA SENHORA DAS MERCÊS. S. Geraldo, C. *Anniversario do fallecimento do Sr. D. Pedro* IV.

25 *Domingo*. S. Firmino, B. M. S. Pacifico e S. Severino, F. *Com. a Nov. de S. Francisco de Assiz.*

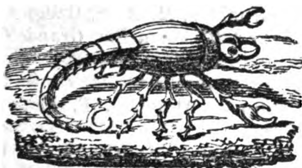
DE SETEMBRO. *Segunda.* S. Cypriano e S. Justina, MM. A B. Luiza, V. F.

*Terça.* S. Cosme e S. Damião, MM. S. Eleziario, F.

*Quarta.* S. Wenceslâu, Duque de Bohemia. O B. Bernardino de Feltro. *Festa no Sacramento.*

*Quinta.* S. Miguel Archanjo. *Festa em varias igrejas.*

● *Sexta.* S. Jeronymo, Dr. da Igreja. *Festa e feira em Belem. Acabão as férias. L. nova ás 10 h. e 7 m. da tarde.*

SIGNO DE  SCORPIO.

1 DE OUTUBRO. *Sabbado.* SS. Verissimo, Maxima, e Julia, Irmãos, MM. Portuguezes. *Festa e Lausp. em Santos.*

2 *Domingo.* O SS. Rosario de N. Senhora. Os Anjos da Guarda. *Festa em varias igrejas. Proc. das Religiosas do Bom Successo.*

3 *Segunda.* S. Candido, M. Trasladação de S. Clara.

4 *Terça.* S. Francisco de Assiz. *Festa em varias igrejas.*

5 *Quarta.* S. Placido e seus CC. MM.

6 *Quinta.* S. Bruno. *Com. a Nov. de S. Thereza. Anniv. do casamento de S. M. o Sr. D. Luiz* I.

7 *Sexta.* S. Marcos, P. O B. Matheus Carrerio.

8 ☽ *Sabbado.* S. Brigida, V. S. Pelagia. *Q. cresc. ás 3 h. e 1 m. da tarde.*

9 *Domingo.* Nossa Senhora dos Remedios. Patrocinio de S. José. S. Dyonisio, B. SS. Andronico e Athanasia, MM. *Festa na Sé e nas freiras do Rato. Principia a feira do Campo Grande.*

10 DE OUTUBRO. *Segunda.* S. Francisco de Borja, Padroeir[o] do Reino. *Princ. a Nov. de S. Pedro d'Alcantara. Fest[a] das Palmelôas na Penha de França.*
11 *Terça.* S. Firmino, B. 1.ª Trasladação de S. Agostinho
12 *Quarta.* S. Cypriano, B. M. S. Seraphino, F.
13 *Quinta.* S. Eduardo, Rei de Inglaterra, M. S. Daniel, M
14 *Sexta.* S. Calisto, P. M. S. Gaudencio, B. M.
15 ☺ *Sabbado.* S. Thereza de Jesus, V. C. *Festa na Estrella. Com. a Nov. de S. Raphael. L. cheia ás 5 h. e 3[.] m. da manhã.*
16 *Domingo.* S. Martiniano, M. A. S. Gallo, Ab. *Faz 17 annos S. M. a Sr.ª D. Maria Pia. Grande Gala. Cortejo.*
17 *Segunda.* S. Hedwiges, V.
18 *Terça.* S. Lucas Evangelista.
19 *Quarta.* S. Pedro de Alcantara, F. *Festa em S. Pedro em Alcantara.*
20 *Quinta.* S. João Cancio. S. Iria, V. M. Port. S. João Cancio.
21 *Sexta.* S. Ursula, e suas CC. MM. *Festa das onze mil Virgens em S. Martha.*
22 ☾ *Sabbado.* Dedicação da Basilica de Mafra. S. Maria Salomé. O B. Gregorio Celli, A. O B. Ladislau, F. *Q. ming. ás 10 h. e 51 m. da manhã.*
23 *Domingo.* S. João Capistrano, F. S. Romão, B. S. João Bom, A. *Festa das onze mil Virgens em S. Joanna.*
24 *Segunda.* S. Raphael. S. Fortunato, M.
25 *Terça.* S. Chrispim e S. Chrispiniano, II. MM.
26 *Quarta.* S. Evaristo, B. M. O B. Bôaventura de Potenza, F. *Faz 62 annos o Sr. D. Miguel de Bragança.*
27 *Quinta.* Os Martyres d'Evora. S. Elesbão.
28 *Sexta.* S. Simão e S. Judas, Ap.
29 *Sabbado.* Traslad. de S. Isabel, Rainha de Portugal. A B. Bemvinda. *Faz 48 annos S. M. El-rei o Sr. D. Fernando. Grande Gala. Cortejo.*
30 ● *Domingo.* S. Serapião, B. M. *L. nova ás 2 h. e 52 m. da tarde.*

31 DE OUTUBRO. *Segunda (Jejum)*. S. Quintino, M. ***Faz 26 annos S. M. El-rei e Sr. D. Luiz* I. *Grande Gala. Cort.***

SIGNO DE  SAGITTARIO.

1 DE NOVEMBRO. *Terça.* ✠ FESTA DE TODOS OS SANTOS. ***Festa do Senhor Jesus da Via Sacra em S. Engracia, e de tarde procissão por voto, pelo terremoto de 1755. Festa e proc. por voto, em Cacilhas.***

2 *Quarta.* COMMEMORAÇÃO DOS FIEIS-DEFUNTOS. S. Victorino, M.

3 *Quinta.* S. Malaquias, B. Primaz da Irlanda.

4 *Sexta.* S. Carlos Borromeu. ***Faz 17 annos o Sr. Infante D. Augusto. Pequena Gala.***

5 *Sabbado.* S. Zacharias e S. Izabel.

6 ☽ *Domingo.* S. Soverino, B. M. ***Com. a Nov. de S. Gertrudes. Officio e missa por alma do Sr. D. João*** IV. ***Anniversario do fallecimento de S. A. o Sr. Infante D. Fernando. Q. cresc. ás 11 h. e 16 m. da tarde.***

7 *Segunda.* S. Florencio, B. ***Com. a Nov. do B. Gonçalo de Lagos.***

8 *Terça.* S. Severiano e seus tres II. MM.

9 *Quarta.* S. Theodoro, M. Os SS. da Ord. de S. Domingos. Dedicação da Basilica do Salvador.

10 *Quinta.* S. André Avellino. Os Defuntos da Ordem de S. Domingos.

11 *Sexta.* S. Martinho, B. ***Festa em S. Thiago. Anniversario do fallecimento*** (1861) ***de S. M. o Sr. D. Pedro V.***

12 ***Sabbado (Jejum, excepto nos Bisp. de Coimbra e Aveiro, e no Priorado do Crato)***. S. Martinho, P. M. S. Diogo, F

13 DE NOVEMBRO. ☉ *Domingo.* O PATROCINIO DE NOSSA SENHORA. S. Eugenio, B. de Toledo. Os SS. das Ordens de S. Agostinho, S. Bento, e SS. Trindade. *L. cheia ás 4 h. e 57 m. da tarde.*

14 *Segunda.* Trasladação de S. Paulo. O B. Gabriel, F. O B. João Lucio, D. Os SS. da Ordem do Carmo.

15 *Terça.* Dedicação da Basilica do SS. Coração de Jesus. S. Gertrudes Magna. O B. Alberto Magno, D. *Anniv. do fallecimento* (1853) *de S. M. a Sr.ª D. Maria II.*

16 *Quarta.* S. Gonçalo de Lagos, A. S. Ignez. Os defuntos da Ordem do Carmo. *Com. a Nov. de S. Catharina.*

17 *Quinta.* S. Gregorio Thaumaturgo, B. A B. Saloméa, F.

18 *Sexta.* S. Romão, M. Dedicação da Basilica de S. Pedro e S. Paulo.

19 *Sabbado.* S. Ignez, R. de Hungria.

20 *Domingo.* S. Felix de Valois, Fundador dos Trinos.

21 ☾ *Segunda.* APRESENTAÇÃO DE NOSSA SENHORA. *Ind. em varias igrejas. Q. ming. ás 6 h. e 40 m. da manhã.*

22 *Terça.* S. Cecilia, V. M. *Grande festa de instrumental nos Martyres, a que assistem SS. MM.*

23 *Quarta.* S. Clemente, P. M. S. Felicidade, M.

24 *Quinta.* S. João da Cruz, C. S. Estanisláu Kostsk. S. Chrysostomo, M.

25 *Sexta.* S. Catharina, V. M. *Festa na sua fréguezia. Com. a Nov. de S. Barbara.*

26 *Sabbado.* S. Pedro Alexandrino, B. M. A B. Delphina.

27 *Domingo* (*1.º do Advento*). S. Margarida de Saboya, V. D. Os SS. da Ord. de S. Paulo. *Com. a Nov. de S. Nicoláu. Prohibem-se as benções matrimoniaes desde este dia até ao de Reis.*

28 *Segunda.* S. Gregorio III, P. S. João de Marca, F.

29 ● *Terça.* S. Saturnino, M. Os SS. das tres ordens de S. Francisco. *Com. a Nov. de N. S. da Conceição. L. nova ás 6 h. e 41 m. da manhã.*

30 *Quarta.* S. André, Ap.

**SIGNO DE**  **CAPRICORNIO.**

1 DE DEZEMBRO. *Quinta*. S. Eloy, B. ***Festa na ermida da Victoria.***

2 *Sexta* (*Jejum*). S. Bibiana, V. M. Os Def. da Ordem de S. Francisco. *Faz* 39 *annos S. M. I. o Sr. D. Pedro* II *do Brazil.*

3 *Sabbado* (*Jejum*). S. Francisco Xavier. *Festa em S. Roque.*

4 *Domingo* (2.° *do Advento*). S. Barbara, V. M.

5 *Segunda*. S. Geraldo, Arc. de Braga. S. Sabbas, Ab.

6 ☽ *Terça*. S. Nicoláu, B. *Festa em S. Nicoláu. Q. cresc. ás* 6 *h. e* 57 *m. da manhã.*

7 *Quarta* (*Jejum*). S. Ambrosio, B. e Dr. da Igreja. *Matinas na Sé.*

8 *Quinta*. ✠ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, Padroeira do Reino. *Assistem SS. MM. á Festa Pontifical na Sé, bem como todos os Grã-Cruzes e Commendadores da Conceição que se acharem na côrte. Benção Papal. Festa em varias igrejas.*

9 *Sexta (Jejum)*. S. Leocadia, V. M.

10 *Sabbado* (*Jejum*). S. Melchiades, P. M.

11 *Domingo* (3.° *do Advento*). S. Damaso P. S. Francisco, C. *Festa de N. Senhora da Conceição na Guia.*

12 *Segunda*. S. Justino, M.

13 ☺ *Terça*. S. Luzia, V. M. O B. João Marinonio. *Festa em S. Luzia e nas Chagas. L. cheia ás* 6 *h. e* 36 *m. da manhã.*

14 *Quarta* (*Temporas, Jejum*). S. Agnello, Ab.

15 DE DEZEMBRO. *Quinta.* S. Euzebio, B. M. S. Ireneu e seus CC. MM.

16 *Sexta* (*Temporas, Jejum*). As Virgens d'Africa, MM. O B. Sebastião Magi, D. Trasladação de S. Maria Magdalena, de Pazzi. *Com. a Nov. do Natal.*

17 *Sabbado* (*Temporas, Jejum*). S. Lazaro.

18 *Domingo* (4.º *do Advento*). Nossa Senhora do Ó.

19 *Segunda.* S. Fausta, Mãi de S. Anastacio.

20 *Terça* (*Jejum*). S. Domingos de Sillos, Ab.

21 ☾ *Quarta.* S. Thomé, Ap. *Festa em S. Thomé. Q. ming. ás 4 h. e 26 m. da manhã.*

22 *Quinta.* S. Honorato, M.

23 *Sexta.* S. Servulo. S. Victoria, V. M.

24 *Sabbado* (*Jejum*). S. Gregorio. M. *Matinas com instrumental na Sé. Férias até aos Reis.*

25 *Domingo.* NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR JESU CHRISTO. *Festa de instrumental e pontifical na Sé. Jubileu no arcebispado de Braga, e por* 8 *dias no Patriarchado. Festa na Magdalena. Peq. Gala.*

26 *Segunda* (1.ª *Outava*). S. Estevão, Proto-Martyr. *Festa e Lausperenne em S. Estevão.*

27 *Terça* (2.ª *Outava*). S. João Ap. e Evang. *Anniversario do fallecimento de S. A. o Sr. Infante D. João.*

28 ● *Quarta.* Os SS. Innocentes, MM. *Está presente ao publico a Santa Casa da Misericordia de Lisboa. Com. a Nov. dos Reis. L. nova ás* 8 *h. e* 45 *m. da tarde.*

29 *Quinta.* S. Thomaz, Arc. de Cantuaria. *Festa nos Inglezinhos.*

30 *Sexta.* S. Sabino, B. M.

31 *Sabbado.* S. Silvestre, P. *Te-Deum na Sé, e em todas as Cathedraes e Collegiadas. Peq. Gala.*

# ALMANACH DE LEMBRANÇAS

## JANEIRO — 1

**Philosophia.** — O inglez Hay, homem bastante desfavorecido pela natureza, era com razão tão entendido em materia de fealdade, que escreveu, e publicou em 1754 um *Ensaio*, em que a tomou para assumpto.

Ahi, falando de si, diz elle:

«A deformidade corporal é rara; em 438 *gentlemen* que compõem a camara dos communs sou eu o unico que póde formar queixas da sua figura. Agradeço aos meus dignos collegas o não haverem nunca allegado a minima cousa contra a minha pessôa, e



espero que tambem nunca terão nada que dizer contra o meu comportamento.»

Alipio d'Alexandria, philosopho célebre, era tão baixo que quasi se confundia com um anão, e não obstante vivia t

satisfeito de si, e tão contente com a sua sorte como o inglez Hay. D'elle se conta que todos os dias dava graças a Deus por não haver sobrecarregado a sua alma, senão com uma pequena porção de materia corruptivel.

JANEIRO — 2

**Gravatas.** — O uso das gravatas não tem mais de dous séculos. Diz Percy que n'um regimento, composto pela maior parte de croatas, que chegou a Pariz em 1660, usavão os soldados em volta do pescoço d'uma banda de lã, e os officiaes d'uma de seda, que atando em laço pela frente, deixava cahir as pontas sobre o peito. Desde então, os parisienses achando elegancia no tal adorno, começaram de o imitar por differentes modos, e com fazendas diversas; e como Pariz empunhou sempre o sceptro da moda generalisou-se o uso em toda a França, e estendeu-se de lá aos outros paizes. Ora, como a moda era croata, por corruptela ou deducção, se chamou *cravate*, ou gravata, o adorno usado pelos homens em volta do pescoço.

Não foi innocente e inoffensiva como se poderia crêr, uma tal moda, pois que, além de outros inconvenientes, é opinião dos homens de sciencia, que o uso da gravata é muito prejudicial para a saude, predispondo o pescoço ou garganta para contrahir muitas molestias, principalmente anginas, que anteriormente a tal costume erão rarissimas, ou desconhecidas. Os povos que ainda usão o pescoço nú, ou desguarnecido, como os da Asia e alguns da Europa, são muito menos sujeitos a doenças de garganta, do que os que adoptaram o uso das gravatas.

JANEIRO — 3

**Excentricidade.**— O chimico inglez Davy vestia-se inteiramente de verde para ir á pêsca, e de vermelho para ir á caça. Pertendia elle que vestido deste modo espantava menos a caça e os peixes.

Isto estava caindo a um inglez.

**O Quanza.** — É de todos os rios conhecidos da provincia de Angola o segundo em importancia, tanto pela sua navegação, como pelo valor das suas ricas margens, que a natureza dotou d'uma vegetação admiravel.

O tabaco, canna saccharina, mamona, mandióca, feijão, milho, palmeira, coqueiro, e outros productos dão-se alli perfeitamente, ainda apezar do pouco ou neuhum cuidado que os indigenas empregão no amanho das terras.

Toda a ambição dos pretos, no estado selvatico em que inda se achão os d'este paiz, se reduz a passarem os dias estirados á sombra das palmeiras, embriagando-se com o vinho que d'ellas tirão, e passando as noutes em completa orgia: os pannos ou pelles que vestem, mal lhes cobrem o corpo.

As bôas condições vegetaes d'estas margens, que para outros povos serião mais um incentivo para bem as aproveitar, produzem n'esta bruta gente effeitos oppostos: a facilidade com que obtêem o tabaco para fumar, algumas mandiócas, milho e fructas para a sua subsistencia, conserva-os em estupida indolencia, vicio caracteristico dos pretos africanos, quando se não trata das suas orgias, ou de se guerrearem mutuamente, roubando e assolando tudo.

Com o inteiro aproveitamento do solo, tornar-se-ião as margens do Quanza de maior salubridade, pois, como é conhecido, quanto mais fortes são as condições de fertilidade de qualquer paiz não aproveitado, mais viciadas são as exhalações d'elle emanadas.

A humidade sempre alli conservada pelas camadas de nateiro depositadas pelas inundações periodicas das chuvas cahidas no interior, e que tão fertil torna aquelle paiz; alguns charcos d'agua immunda; as muitas lagôas, algumas de facil communicação com o rio proximo, por meio de vallas; os corpos de vegetaes e animaes decompostos, que os pretos pela sua ignorancia e indolencia deixão insepultos; e não menos a total falta de accio, que existe no seu tratamento pessoal,

tudo concorre para a pouca salubridade que se nota n'este paiz.

Se o governo quizer vêr aproveitadas as margens do Quanza, mande desobstruir o rio das areias que o vão tornando innavegavel, e mande dous pequenos barcos a vapor para a sua navegação; já o disse, estes dous unicos melhoramentos tornarão aquelles terrenos mais importantes pela facilidade e modicidade do transporte dos seus productos, vantagens que, juntas a outras attrahirião muitos individuos, que nas circumstancias actuaes fogem d'alli ir estabelecer-se.

O desenvolvimento d'este paiz será tanto mais rapido, quanto mais fôr promovida a sua colonisação (*A.* 63, *p.* 234).

*J. F. Pedreneira* (Loanda).

JANEIRO — 5

**O anno platonico.** — Dous pertendidos philosophos entraram certo dia n'uma casa de pasto para jantar, não obstante levarem as bolsas muito pouco guarnecidas. Para impôr diante do dono affectaram estabelecer uma conversação scientifica, e entre outras cousas referiram-se ao grande anno platonico, cuja revolução é de trinta em trinta mil annos. O estalajadeiro embasbacou diante da theoria, que elles exaltaram quanto poderam pela certeza dos calculos; comeram e beberam os dous meliantes quanto tinhão na vontade, e concluido o jantar disserão-lhe que visto que todos os trinta mil annos voltavão as cousas ao mesmo ponto então se encontrarião de novo, e pagarião a despeza d'aquelle dia.

— «Convenho, diz-lhes o espertalhão do dono da casa; mas ha trinta mil annos que me dissestes isso mesmo e eu fiei-vos o jantar. Assim pagai-me a divida atrazada, e de bôamente abro no meu livro um novo crédito, que me pagareis d'aqui a trinta mil annos quando nos virmos.» Como a conclusão se continha nas premissas estabelecidas o que havião d'elles fazer? Pagaram com lingua de palmo.

# ACÇÃO DE GRAÇAS

Homenagem a Deus tributemos
Com intenso fervor incessante,
Desde a aurora ao crepusc'lo da tarde,
Quando o sol ou se esconda, ou levante.

Homenagem a Deus tributemos
Entre o espaço das trevas da noite,
Quer o mudo silencio as governe,
Quer o vento de rijo as açoite.

Homenagem a Deus tributemos
Quando á mesa nos leva o appetite;
Que doçuras, regalos, sabores,
São deleites que um Deus nos permitte.

Homenagem a Deus tributemos,
Que os trabalhos diurnos e a lida
São tributo que o mal do peccado
Faz pesar na balança da vida.

Homenagem a Deus tributemos
Quando o corpo repousa na cama;
Se o descanco interrompe as fadigas
É mercê do bom Deus que nos ama.

Homenagem a Deus tributemos
Por deixar-nos a meiga esperança,
Que atravez de horrorosa tormenta
Nos aponta a serena bonança.

Padre *José Joaquim Corrêa de Almeida* (Barbacena, Brasil.)

**O Tocantins.**—Não se sabe ainda ao certo onde nasce este magestoso rio; suppõe-se porém que tem o seu principio no pequeno rio *Urubú*, e que vai desaguar no oceano depois de percorrer uma extensão de mais de 260 léguas. Desde a nascente recebe o tributo de numerosos affluentes que engrossão o seu curso, e dão lugar a formar innumeraveis ilhas, e extensos *igarapés*, que abastecem de peixe os habitantes das suas margens. Vinte e cinco léguas antes de se confundir com o oceano, forma o magnifico porto de *Belem do Pará*, com amplo e seguro ancoradouro, não só para navios de todo o lote, mas até para grandes esquadras. Recebe em frente da capital as aguas do *Tagypurú*, *Guamá*, e *Mojú*, e abre-se alli na pittoresca bahia de *Guajará*. As suas aguas, que são de um lindo verde-claro, quando faz bom tempo, tornão-se escuras quando a tempestade as agita; n'estas occasiões a sua corrente ergue-se impetuosa—sobretudo na bahia, — a ponto de se não poder transitar por ella sem risco.

Abunda em differentes qualidades de peixe. Perto da sua foz pescão-se as grandes *pirahibas* que chegão a pesar 8 arrobas, e de que se abastece grande parte da população da cidade de Belem, que as aprecia em razão do seu modico preço. O Tocantins antes de banhar a capital da provincia, passa pela cidade de *Cametá* e algumas villas e aldeias; abaixo de Belem banha a ilha da *Tatuoca*, notavel por ter em 1835 servido de refugio aos pacificos habitantes da capital, fugidos aos horrores da guerra civil, que então assolava esta vasta provincia; e a cidade da Vigia perto da sua embocadura.

As suas margens, como as da maior parte dos rios d'esta provincia, são pittorescas para o viajante que as contempla pela primeira vez, mas tornão-se enfadonhas pela sua monotonia de verdura nunca interrompida para quem as vê todos os dias.

*G**** (Maranhão).

**Illusões perdidas.** — É o titulo de um bello livro de Balzac (Honorio). Conta-se que a seguinte anecdota é que suscitára ao grande romancista a ideia de escrevêl-o.

N'um baile de mascaras no theatro da Opera, estava uma dama, que desejava muito vêr Balzac. Dizendo-lhe alguem que elle estava alli, pedio a um cavalheiro seu conhecido que lh'o mostrasse.

— É esse, respondeu o cavalheiro, apontando para Balzac, que por acaso se achava pouco distante da dama curiosa.

— Este! Um homem tão mal feito!

— É Balzac.

— Tão mal vestido! As botas cheias de poeira? Ora!

— Affianço-lhe que é Balzac.

— Não póde ser. Duvido que o author de tão bonitos livros, seja tão rustico.

Balzac que ouvira tudo, voltou-se, e perguntou-lhe:

— Bella mascara, quem procuras tu?

— Honorio Balzac.

— Pois sou eu.

— Está zombando!

— É tão verdade que não zombo, como é verdade que me pareces bella.

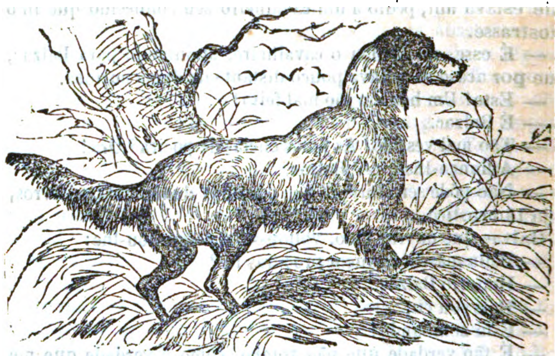
— Forte pena! exclamou a dama, e retirou-se.

E o romancista sahindo do baile começou o bello livro que intitulou — *Illusões Perdidas*.

*Francisco José Vieira Junior.*

**Excellencias a menos de real.** — Um fidalgo, já bastante enjoado de ouvir um fátuo falar repetidas vezes no seu *excellentissimo* pai, e *excellentissima* mãi, chamou um dos creados e disse-lhe: *excellentissimo*, dize ao meu *excellentissimo* cocheiro que ponha os meus *excellentissimos* cavallos á minha *excellentissima* carruagem e que m'a traga, porque tenho de sair.

**Paixão romantica.** — Uma menina muito romantica cahindo ao rio esteve a ponto de se afogar. Um libertador, que por acaso alli se achava, lançou-se á agua, e conseguio salval-a, tirando-a da corrente, já sem sentidos.



Conduziram-n'a a casa, e logo que recobrou o conhecimento declarou á familia, que queria esposar a pessôa que a tinha arrancado á morte. Era gratidão, se não fosse amor.

— Impossivel, diz-lhe o pai.

— Impossivel! Pois será já casado?

— Não.

— É velho?

— Não.

— É aquelle rapaz, que assiste alli defronte?

— Não.

— Pois quem é? A quem devo eu a vida?

— A quem? A um cão da Terra Nova. Respondeu-lhe o pai.

**O médico accionista.**—Um médico americano indo visitar um dos seus doentes encontrou alguem que lhe disse que o preço das acções do Mississipi tinha diminuido muito n'aquella manhã. Preoccupou-o esta noticia, porque possuia um grande numero d'estes papeis de credito, e quando chegou ao quarto do doente, ao tactear-lhe o pulso, começou a dizer, falando comsigo mesmo: «Não tem que vêr, diminuem de dia para dia, e diminuirão ainda mais.»



A estas palavras soltou o doente um grito de desesperança, ou melhor diremos de terror, que fez correr sobresaltada toda a familia, aos pés do leito. «Eu morro, meu Deus, eu morro, porque o doutor acaba de dizer que as minhas pulsações diminuem de dia para dia.

—Que dizeis, exclamou o médico, acordando do seu sonho de jogador de fundos, o vosso pulso está excellente, encontro-vos hoje muito melhor; eu falava das acções do Mississipi.

**Apologia do casamento.**—O homem, dizia Bacon, tem rasões para casar ainda mesmo na velhice, por que as mulheres são nossas amantes na mocidade, nossas companheiras na idade madura, e volvem a ser como mãis extremosas na ultima quadra da vida.

**Baixella namorada.**—O conde Luiz de Canossa, bispo italiano, tinha em Roma uma excellente baixella, onde se notavão muitas peças de exquisito lavor. Entre outras havia um copo, cuja aza figurava ser um tigre de trabalho admiravel.

Certo fidalgo, conhecido do prelado, mandou-lhe um dia pedir, por pouco tempo, aquella peça tão rara com o pretexto de mandar fazer outra similhante; mas como a demorasse mais de tres mezes, vio-se o bispo na necessidade de lh'a mandar buscar. Pouco depois o mesmo fidalgo tornou a pedir-lhe um saleiro, que tinha a forma de um caranguejo, porém o conde excusou-se, dizendo ao criado: — «Ide, e dizei a vosso amo, que se o tigre, que é de todos os animaes o mais agil, levou tres mezes a voltar a casa de seu dono, receio, e receio bem, que o caranguejo, de todos o mais lento, não volte a ella, senão depois de annos.»

JANEIRO — 12

## EPIGRAMMA.

Do viçoso loureiro a verde rama
Do talento e acções é vão tributo:
Bem symbolisa o prémio que recebem,
D'aquella arvore não se colhe fructo.

*R. e S.*

**O punhal e a espada.**—O que mata habilmente, ou felizmente, um homem com uma arma comprida, tirada d'uma bainha, é um homem de honra; mas se o mata com uma arma curta, tirada da algibeira, avilta-se e deshonra-se.

Tal é a differença que vai d'uma espada a um punhal.

**Mesquinhez d'um moribundo.** — Vivia na cidade de Leiria, haverá 25 annos, um bom celibatario, natural de Guimarães, senhor de muitos cabedaes, adquiridos pelo negocio, que era sua profissão.

Este homem, vendo-se atacado d'um rheumatismo agudo, fez-se conduzir ás Caldas da Rainha, para buscar na famosa therma d'esta villa o conveniente remedio ao seu mal.

Quiz porém a sua má fortuna que, onde buscava a melhora, achasse a morte, pois lhe sobreveio outra doença que o levou dentro em pouco à beira do tumulo! E assim, n'este estado, como christão que era, cuidou em se preparar para a eternidade, reclamando os soccorros espirituaes.

Mal se poderia esperar que mesmo n'aquella hora tão solemne esquecesse os bens terrenos quem durante toda a vida fizera d'elles seu primeiro, senão unico, idolo!

Com effeito nem então os esqueceu.

«Sr. Vigario, diz elle, depois de sacramentado, vamos a ajustar o meu enterro; porque em fim... sempre é bom acautelar: quanto hade levar por elle, sendo um enterro decente como convem á minha pessoa, mas sem pompa?

— Ora essa!... pois isto é cousa que se ajuste? Respondeu-lhe o Vigario.

— É, sim senhor, e que duvida lhe põe? Olhe, senhor, quando eu era inexperiente de negocios fiz alguns sem prévio ajuste de que sempre fiquei mal; mas depois que aprendi á minha custa, tenho usado sempre d'esta cautela, e não me tenho arrependido e então não se admire V....

— Está bom, basta, tenho entendido: e assim dir-lhe-hei, ainda que me repugne, que o seu enterro, como o propõe, o menos que lhe póde custar são 25$000 rs. e ha de ir só a irmandade das Almas, por que se fôr mais alguma, acrescem por cada uma 10$000 rs.: é o costume de ha muitos annos.

— E esse costume não poderá soffrer alguma alteração, como a tem soffrido todas as cousas?

— Não senhor, emquanto eu fôr o parocho d'esta freguezia, depois será o que fôr.

— Pois, n'esse caso, Sr. Vigario, sinto ter de lhe dizer que não morrerei aqui; irei para onde me enterrem mais barato, ou menos caro, direi melhor, por que n'estes negocios nunca achei barateza. Eu! dar 25$000 rs. para me enterrarem! tinha que vêr! tendo sido a *economia*, desde que me conheço, a minha divisa e o meu crédo. É por isso que nunca quiz casar, porque o homem casado, a não ter rendas muito superiores, e mulher poupada, nunca junta vintem. Assim, pois, solteiro sempre; tendo obtido com as minhas economias um dinheirinho menos máu, cahiria em grande contra-senso se desperdiçasse na morte o que tanto me custou a grangear na vida! Mas eu sinto-me desfallecer, e é mister sahir daqui quanto antes; aliás, lá se vão esses 25$000 rs.!...

Estas ultimas palavras já não forão ouvidas pelo parocho, que se tinha retirado attonito pela originalidade do caso.

Manda pois o nosso homem a toda a pressa alugar uma maca faz-se metter dentro d'ella, e toma o caminho de Leiria, com recommendação muito expressa aos conductores de não pararem até aqui terem chegado, embora já só com o cadaver. As suas ordens foram fielmente cumpridas; e elle teve, como desejava, a indisivel felicidade de vir morrer á sua patria adoptiva, onde poucos dias depois o enterraram por menos alguns vintens, mas pouco menos. Mas a conducção? e os incommodos? Já se vê que d'esta vez lhe falharam os calculos: o que não deve admirar visto que já quasi se achava nas vascas da morte, momentos em que toda a mathematica é impossivel.

*T. J. de F. C.* (Leiria)

## JANEIRO — 14

**O bom e o bello.** — Perguntou-se a Voltaire a differença que havia entre o *bom* e o *bello*.

— O *bom*, respondeu o philosopho, precisa de provas, e o *bello* não carece d'ellas.

## JANEIRO — 15

**Entrada de bom agouro.**— Os antigos tinhão como ponto de religião o construir os degraus dos templos sempre em numero impar. D'aqui resultava que entravão necessariamente no edificio sempre com o pé direito, o que era para elles d'um augurio tão favoravel como o contrario seria funesto. Á similhança d'esta tem os povos modernos milhares de superstições, e muitas, senão quasi todas ellas, herdaram-n'as do paganismo.

## JANEIRO — 16

**Desculpa de prégador.** — Certo ecclesiastico, prégando de Nossa Senhora n'um dos pulpitos do concelho de Santarem, aconteceu perder-se no sermão. Puchou do seu papel, tomou de novo o ponto, acabou o panegyrico, mas antes de pedir as Ave Marias do costume, disse aos seus ouvintes: «Peço desculpa por aquelle poucochinho que me demorei; bem sabeis que são actos de memoria, que muitas vezes falha; e para falhar, basta ser fêmea.. .

Por mal que o padre tivesse andado, e por muito que se houvesse perdido, não haveria auditorio (masculino já se sabe) que o não desculpasse á vista de similhante peroração.

*José Ferreira dos Santos Bôarasão* (Amiães).

## JANEIRO — 17

**A barba da rainha.** — Antigamente em Londres não era permittido ás mulheres o fazer parte das companhias dramaticas, e os papeis que lhes devião pertencer erão desempenhados por homens. Um dia Carlos II indo ao theatro e impacientando-se de sobra por que o espectaculo não principiava, veio falar-lhe o director e escusou-se dizendo-lhe: «Senhor, peço perdão por esta demora; mas a rainha está fazendo a barba.»

**Monumento a Affonso de Albuquerque em Nova Gôa.** — Este monumento é situado no meio da praça denominada das Sete Janellas. Consiste em um quadrado formado de doze columnas corintheas de pedra preta, e varias pilastras de alvenaria, assentes sobre um plaino elevado sete degráus acima do chão da praça. Sobre as columnas corre uma cimalha com seus denticulos e ornatos architectonicos. Por cima da cimalha assenta uma cupola approximadamente semi-espherica, pesada e de mau gosto. No centro do recinto formado pelas columnas, eleva-se sobre cinco degraus um pedestal sobre o qual está collocada a estatua de Affonso de Albuquerque feita de pedra e pintada côr de bronze. A estatua é de grosseira esculptura, e maior que o tamanho regular de um homem. Foi tirada do frontispicio da Igreja de Nossa Senhora da Serra em Gôa, a qual tinha sido mandada edificar em 1514 pelo nosso heroe em cumprimento de um voto. — O monumento foi começado em 1843 e inaugurado a 29 de Outubro de 1847 no Governo do Sr. Conselheiro José Ferreira Pestana.

*Augusto de Castilho* (Nova Gôa).

JANEIRO — 19

**Os jurisconsultos e as leis.**— Luiz XII dizia que as leis erão para os jurisconsultos o que era para o sapateiro o cabedal. Se este é pequeno, ou muito espesso, os sapateiros com as suas torquezes estirão-n'o, desbastão-n'o, voltão-n'o, ageitão-n'o á vontade, da mesma sorte que os juristas estendem, amplião, affeiçoão, ou torcem as leis segundo as necessidades da sua causa.

**A critica.**— A critica não é tanto uma sciencia como um officio, diz La Bruyère; para criticar é necessario mais audacia do que espirito, mais trabalho que sagacidade.

## AO GLORIOSO MARTYR S. SEBASTIÃO.

Quando em Roma o cruel Diocleciano
O sangue de innocentes derramava,
Sebastião aos martyres mostrava
Constancia no tormento deshumano.

Abrasado no amor do seu Jesus,
Sem temer do tyranno a atroz fereza,
Honras, empregos, titulos, nobreza
Tudo sacrificava em prol da Cruz.

Condemnado a soffrer barbara sorte
A duro tronco de arvore ligado,
Vê seu corpo ferido e trespassado
De agudas settas, que lhe dão a morte.

Legando á terra o corpo, ao céu su'alma,
Plena victoria corajoso alcança,
E na mansão da luz, onde descança,
Do Eterno recebeu honrosa palma.

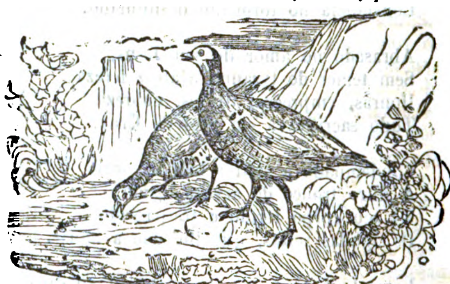
Acceita, egrégio Martyr, os louvores
Que te rendemos hoje agradecidos;
Por ti sejamos sempre defendidos
Do flagello da peste e seus horrores.

O Vig.° *J. G. d'Oliveira Paiva* (Desterro, Brazil).

**Presente é futuro.**—N'um casamento que se celebrou com grande pompa notaram os observadores a fealdade do esposo, e a opulencia do presente da noiva. Um malicioso que os vio caminhar para a igreja, disse a proposito:—O *presente* faz esquecer o *futuro.*

**Um imperador romano.** — O imperador do Occidente, Honorio, tinha tanto amor ás suas gallinhas, como póde deprehender-se da seguinte anecdota, referida pelo historiador grego Procopio.

Um dia achava-se elle em Ravenna, aonde, por excesso de precaução, tinha collocado entre si e os gôdos as lagunas do mar Adriatico, quando lhe vierão dizer que Roma estava perdida.



«Como! exclamou o imperador consternado, Roma perdida! Mas ainda ha poucos instantes que ella esteve comendo na minha mão!»

Referia-se á sua gallinha favorita, que havia decorado com o nome de Roma, e só conseguiram tranquillisal'o quando lhe asseveraram que a Roma de que se tratava era a capital do seu imperio, tomada por Alarico em 410.

**Prevenção extemporanea.** — Um falso devoto preparava-se n'uma sexta feira para se fortificar com um caldo succulento de carne, de que já tinha engolido o primeiro sorvo, quando o creado por escrupulo lhe lembrou que era dia de magro.

— Toma, diz-lhe o glotão, applicando-lhe um murro. Nunca me prevines senão muito cedo, ou muito tarde, quando já não tem remedio. — E continuou a tomar o caldo.

**O cura colmeeiro.** — Quando em o *Jornal da Sociedade Agricola* do Porto, de que sou collaborador, escrevo artigos sobre a agricultura, não me canço em repetir muitas e muitas vezes que é, sem duvida mui lucrativa a criação de colmeias, e o ramo de economia rural que melhores resultados produz, empregando pouco capital e trabalho.

Os cuidados, que demanda uma colmeia, são uma verdadeira distracção. O cura de aldeia, o mestre de primeiras lettras, o lavrador, o jardineiro, etc., podem cuidar de uma colmeia sem perda do tempo que hãode dedicar ás tarefas ordinarias.



Assim como vêmos em quasi todas as casas nos povos ruraes uma horta, um jardim, ou um quintal, assim tambem é certo que cada horta, jardim, ou quintal, deverião, prestando-se a isso, ter a sua colmeia, e os beneficios de similhante costume serião mui consideraveis.

Um caso historico, que li no *Monitor de la Salud*, redigido em Madrid pelo meu talentoso collega e bom amigo, o sr. Dr. D. Pedro Philippe Monlan, comprovará melhor que todas as analyses e raciocinios, a minha asserção.

Fazia, não ha muito tempo, a visita á sua diocese um bispo francez, e escreveu ao cura N... .que em tal dia o esperasse para jantar na sua residencia parochial, mas que nem por isso augmentasse a despeza.

O cura respondeu que cumpriria, como desejava, a recom-

mendação, mas cumpriu mal a promessa, sendo que deu um esplendido banquete a sua excellencia reverendissima.

Ficou enleiado o bispo, e estranhou as demasias do cura, acoimando-o de dissipado, porque gastava n'um dia a congrua de um anno.

—Tranquillise-se V. Ex.ª, lhe respondeu o cura; tudo quanto gastei em nada prejudicou a minha congrua, a qual reparto pelos pobres da minha freguezia.

—Então tem v. m. grande patrimonio?

—Não, excellentissimo senhor.

—Não o entendo. Como se governa então?

—Mui simplesmente. Tenho um convento de jovens, que não me deixão ter precisão de cousa alguma, dando-me tudo, de que necessito, com grande abundancia.

—Cousa rara! Sabe, sr. cura, que tudo isto me faz gerar suspeitas...

—Pois não as deve ter, excellentissimo senhor; e quando se levantar da mesa e vir o meu convento, estou certo de que me não hade ralhar.

Depois do jantar acompanhou o cura o seu prelado a um páteo todo cercado de colmeias, e disse-lhe: «Ahi está o convento, que nos deu de comer; todos os annos me produz alguns milhares de francos, com o que vivo folgadamente, recebendo com decencia todas as pessôas, que fazem o favor de me procurar.»

Regressando o bispo ao seu paço, dizia a todos os parochos, que lhe pedião melhoria de igreja: «*Criem abelhas, senhores; criem abelhas.*»

Contra factos não ha argumentos; o mel e a cêra são dous importantes ramos do consumo diario, e a criação dos pequeninos insectos que os produzem, sobre ser pouco dispendiosa, é de grandissima vantagem.

Conheço na provincia transtagana individuos, que têem enriquecido com este rendimento; e é certo que, se redobrarem de esforços, adquirirão maiores fortunas. Lembrem-se do cura colmeeiro. *Lino de Macedo* (Alandroal).

## JANEIRO — 23

# CHARADA I.

| | |
|---|---|
| Eu sou primeira e segunda...1 | Tenho renda vitalicia: |
| Eu sou segunda e primeira...1 | Sem mentir sou da primeira: |
| A terceira, não verão | Passo vida regalada; |
| 'Na quarta; na derradeira, | Jámais serei da terceira. |
| Isso sim, me encontrarão...1 | Quem adivinha a charada? |

*D. Maria Antonia Brochado Guedes.*

## JANEIRO — 24

**Paulo da Gama.**—Repousão em Angra, ilha Terceira, os restos do afamado capitão Paulo da Gama, porque consta que morrera n'esta cidade em julho de 1499, e fôra sepultado no convento de S. Francisco da mesma cidade. *A Historia Serafica*, e a *Chronica da Ordem de S. Francisco*, dizem: — «Aqui derão os nossos religiosos amorosa sepultura em as entranhas da terra ao insigne heroe Paulo da Gama...»—«Vinha elle enfermo de tão prolixa e larga navegação, qual é a já referida, e desembarcando n'esta cidade de Angra, n'ella acabou os seus dias...»—

Em consequencia, pois, o conselheiro d'estado José Silvestre Ribeiro, quando governador civil d'este districto, lidou em descobrir qual o lugar certo onde existiam os restos de Paulo da Gama, mas não o conseguio como tanto ambicionava o seu patriotismo, e reconhecido amor pelas glorias patrias.

Como era n'esta casa religiosa, que determinadamente estava a sepultura d'aquelle capitão, resolveu depois um dos seguintes governadores civis, o distincto conselheiro Santa Rita, collocar na igreja d'aquelle extincto convento uma *inscripção singela mas patriotica*, que indicasse no futuro um facto de que se honra a ilha Terceira, o de possuir os venerandos restos d'esse homem grande e ousado, que succum-

bio voltando da viagem em que se descubrio o caminho da India. Com effeito, a 28 de Janeiro de 1849 foi collocada ao lado da capella-mór, da parte do Evangelho, embutida na parede, uma pedra marmore, em que se lê a seguinte inscripção:

Á MEMORIA
DO
*Irmão de Vasco da Gama*
O Illustre Capitão
PAULO DA GAMA
sepultado
neste convento
ANNO — 1499
Erigio-lhe esta lápide
*O Governador Civil*
*A. J. V. Santa Rita*
em
Janeiro 28—1849

*Felix José da Costa* (Angra do Heroismo).

JANEIRO — 23

**Rindo se mostrão os bons dentes.**— Saunderson, que, não obstante ser cégo, occupou com tanta distincção a cadeira de mathematica da universidade de Cambridge, achava-se uma noute em sociedade muito numerosa, e notou que uma senhora, que acabava de sair, e de que elle não tinha nunca ouvido falar, possuia bellissimos dentes. Como a sua observação era verdadeira, perguntaram-lhe em que a fundava.

—Não tenho, respondeu elle, motivos para crêr que esta senhora seja insensata, e como a ouvi rir muitas vezes, e quasi sempre sem haver motivo para tal, suppuz que não podia ser senão para que lhe vissem os dentes. Julgais que riria tanto, se elles fossem máus?—

Tambem crêmos que não. Saunderson tinha dado no vinte-

84

**Advogados no Paraizo.** — Santo Ivo, patrono dos advogados, diz uma legenda, apresentou-se á porta do Paraizo em companhia d'um grande numero de religiosas.

— Quem sois vós? perguntou S. Pedro a uma d'ellas.

— Religiosa, respondeu-lhe.

— Tendes ainda que esperar; ha já muitas religiosas no Paraizo.

— E vós? Perguntou S. Pedro a Santo Ivo.

— Advogado.

— Ainda cá não temos nenhum; ficaes admittido.

Uma outra versão diz, que havendo Santo Ivo entrado por surpreza no Paraizo n'um momento de azafema, o quizerão excluir. O santo, porém, era versado nos termos do processo, e resistio, dizendo que ficaria emquanto um meirinho se não apresentasse para o intimar. Como a esse tempo nenhum meirinho se achasse no Paraizo, foi admittido ao numero dos santos.

O que d'aqui se deprehende é que a satyra não poupa os homens de toga. São cincoenta os jurisconsultos canonisados, sabe-o ella muito bem, e Santo Ivo, o advogado dos pobres, entrou no Paraizo por amostra, visto que ainda lá se não achava nenhum!

É bico ou cabeça?

**Consolem-se os ruivos.** — Se devermos acreditar um sabio francez, M. Eusebio Desalle, o homem de cabello ruivo é o typo primitivo de que todas as raças diversas são derivadas, e para o qual todas convergem. O homem sahio ruivo das mãos do Creador, e ruivo entrará no seio da divindade, quando os seus destinos se cumprirem, e a humanidade voltar aperfeiçoada ao ponto de partida. Este senhor Eusebio Desalle seria ruivo? Está-nos parecendo que sim.

**Poéta humido.** — O poéta Malherbe era gago, e quando falava, ou recitava os seus versos, que não eram de muita melodia, cuspia constantemente. Deu isto lugar a que alguem dissesse d'elle: «Nunca vi homem mais humido, nem poéta mais secco.»

**Mina archeologica.** — Na distancia de uma legua ao norte da Torre de Moncorvo existem os restos de um pequeno templo de architectura romana, em cujas ruinas fui encontrar em 1845, e fiz conduzir para o quintal de minha residencia, n'esta sobredita villa, o pedestal de uma estatua com a seguinte inscripção:

IOVI
OPTIMO
MAX.
CIVITAT.I
BANIENS.
..........
..........D.

As duas ultimas linhas estão safadas pelo tempo, menos o D final (*dedicaverunt*) que está perfeito.

Tinha este pequeno templo sido convertido n'uma capella com a invocação de S. Mamede, cuja imagem existe agora no logar dos Estevaes, pertencente áquella fréguezia; e é tradição constante que os árabes a tinhão tambem convertido em mesquita, nome porque geralmente são aqui designadas as taes ruinas.

Nas suas immediações vêem-se signaes evidentes de por alli terem habitado os romanos pelas differentes inscripções, que se encontram em paredes que posteriormente foram feitas: pedaços de telha mui grossa, pedra de cantaria, faciada alguma, etc. e muito principalmente pelas numerosas excavações artificiaes, que se observão no cimo das fragas de granito, em que abunda aquelle sitio.

Estas excavações, similhantes ás que o padre Argote descreve na sua obra, e que diz serem da antiga cidade de Panonias, erão, ao que parece, templos descobertos onde os romanos sacrificavão a certos deuses da gentilidade.

Á esquerda das mencionadas ruinas, no cimo de um enorme rochedo, a cuja vista perdêra o nome a fatal Tarpeia, onde abundão mais as excavações, dignas, sem duvida, de serem examinadas por pessôa competente, pois julgo aquelle sitio uma mina archeologica ainda virgem.

*Francisco Antonio Carneiro de Magalhães* (Torre de Moncorvo).

## JANEIRO — 28

**O Conde de Guiche.**—Luiz XIV falava um dia do poder que os reis tinhão sobre os seus subditos, ou vassallos, como então se costumava dizer. O conde de Guiche, que se achava presente, ousou observar-lhe que esse poder tinha certos limites.

—Limites! Replicou-lhe o monarcha absolutista. Não tem nenhuns. Se eu mandasse que vos atirasseis ao mar, devieis sem hesitação fechar os olhos e lançar-vos a elle.

O conde em vez de replicar dirigio os seus passos para a porta.

—Onde ides? diz-lhe o rei, admirando tão subita resolução.

—Aprender a nadar, senhor, porque talvez me seja necessario.

Luiz XIV largou-se a rir, e a conversação mudou logo d'assumpto.

## CHARADA II.

N'uma caixinha m'encontras... 1
Não posso estar encuberto... 2
Tens-me visto muitas vezes
Adivinhas-me decerto.

*** (Coimbra).

**Fiandeiras.** — Póde dizer-se que a arte de fiar tão antiga como o mundo, e muitas nações revindicão p si a honra da descoberta do fuso e da roca. Os egypci por exemplo, attribuem-n'a á deusa Isis; os chinezes ao i perador Iao; os lydios a Arachnea; os gregos a Minerva os peruvianos á esposa do seu primeiro rei.

Se acreditarmos os historiadores e os poétas da alta a emprego de rainhas e princezas.



Nos gynecêos da Grecia, isto é, na parte mais retirada do edificio destinada á habitação das mulheres, havia um grande repa timento em que habitualmente se achava fiando ou tece do, a dona da casa. No interior dos castellos da idade m dia, ou á tarde nos seus eirados, vião-se a roca e o fu nas mãos das mais nobres donas e donzellas.

No século passado, e mesmo nos principios do actua ainda muitas das nossas damas não desdenhavão o titu de fiandeiras, e entre as suas alfaias póde dizer-se que h via sempre uma roca, um fuso e uma baraça de esquis tos lavores.

Hoje fia-se nas povoações ruraes, fião as pastoras e quanto guardão os seus rebanhos, fião as criadas na pr vincia, fião n'alguns sitios as mulheres dos nossos can

mezes, mesmo em quanto caminhão a levar-lhes o jantar fazendas distantes em que trabalhão, e é a esta judiciosa pratica que devem muitos dos seus tecidos de lã, de linho, e de estopa com que se cobrem.

## JANEIRO — 30

**Frederico II, e o soldado das guardas.**—Frederico, o grande, tinha por costume todas as vezes que via soldado novo entre os granadeiros da sua guarda, fazer-lhe estas tres perguntas: «Que idade tendes? Desde que tempo estais ao meu serviço? Recebeis o pret e o fardamento em dia?»

Um joven francez desejou entrar na Companhia das Guardas; conseguio-o facilmente pela sua bella presença; mas não sabendo uma palavra de allemão, prevenio-o o capitão de que o rei naturalmente o questionaria, e por isso devia sem demora aprender de cór as tres respostas que lhe havia de dar.



—Desde quando estais ao meu serviço? lhe perguntou Frederico no dia seguinte, apenas o percebeu na fileira, mas começando infelizmente pela segunda pergunta.

—Vinte e um annos, respondeu o soldado.

Frederico vio perfeitamente que não era possivel haver trazido por tanto tempo a escopêta ao hombro, e perguntou-lhe com surpreza.

—Que idade tendes?

—Um anno, por mercê de V. Magestade, respondeu-lhe o granadeiro.

Frederico, cada vez mais suspenso, diz-lhe:

—Ou vós, ou eu têmos perdido o juizo.

Julgou o francez que era a terceira pergunta, e respondeu-lhe:

—Um e outro.

—É a primeira vez que me vejo tratado por doudo na presença dos meus soldados, exclamou o monarcha!

Ao soldado novél havia-se acabado a provisão d'allemão, e d'esta vez guardou silencio; mas quando Frederico se lhe dirigio de novo para entrar no fundo d'este mysterio, respondeu-lhe em francez que não comprehendia uma palavra de allemão.

O rei desatou a rir, e aconselhou-o com ar de bondade a que aprendesse a lingua que se falava nos seus estados.

## JANEIRO — 31

**O Mucuym.** — O interior da provincia do Maranhão, é fertil em curiosidades naturaes dignas de serem descriptas. Entre uma infinidade de pequeninos insectos, mais ou menos curiosos, e mais ou menos prejudiciaes ao homem, existe um que reune as duas qualidades: é o mucuym. Este animalinho seria imperceptivel á vista mais perspicaz, se não fosse a viva côr encarnada que o faz distinguir. Visto por uma lente, é todo cheio de pernas, que, sem duvida, devem possuir unhas bem aguçadas, pela maneira porque se entranhão no corpo de qualquer pessôa. Basta o contacto d'este animalinho para produzir na pelle um prurido desesperador, de que resulta ficar quem se contamina, todo cheio de pequenas feridas, que muitas vezes tomão um caracter sério. Para matar hospedes tão incommodos o meio que se conhece é dar-lhes caça com a ponta d'um alfinete. *W.* (Maranhão)

**Por falta de chapéu.**—Um ecclesiastico que tinha ido innutilmente a Roma para ver se obtinha o chapéu de cardeal, voltou d'alli com uma fortissima constipação.

—Podéra! Diz um malicioso ouvindo-o tossir. Era impossivel não se constipar vindo de tão longe sem chapéu.

# EU ERA TRISTE!...

Foi no crepúsc'lo de uma tarde linda,
Lembro-me ainda com prazer d'então!
Sentado estava d'um olmeiro á sombra,
Na verde alfombra que cobria o chão.

Cantava ao longe o rouxinol contente,
Favónio olente me osculava a tez,
Bem perto a lympha a espadanar de manso
Vinha em remanso susurrar-me aos pés.

A brisa morna ciciava a medo
Entre o segredo dos rosaes em flôr;
Lá entre a balsa meiga rola emtanto
Gemia um canto de saudoso amor.

E eu era triste!... Já cançado e ermo
Meu peito enfermo mal pulsava; até
Fatal sudario circumdava est'alma
Sem luz, sem calma, sem amor, sem fé!

N'essa hora um anjo prazenteiro e bello
A mim, singelo, se chegou então,
E no meu hombro, carinhoso, breve
Pousou de leve sua nivea mão.

Ergui a fronte dominando o espanto,
Mulher, encanto, divisei-te a ti!
E, triste, ao ver-te de meu mal pungida
No peito a vida repulsar senti...

D'esses teus olhos ao langor celeste
Senti bem preste renascer-me a fé,
E esses enlêvos da passada infancia
Entre fragrancia resurgir de pé!

Vieste a ponto, donairosa e bella,
Propicia estrella de meu céu de Abril...
Bem vinda foste para mim, p'regrina,
Nuncia divina de esperanças mil.

Devo-te muito! minhas crenças d'alma,
Toda esta calma d'um viver melhor.
Oh! vem, meu anjo, da ventura os laços
Firmar nos braços que nos abre o amor.

*J. Dantas de Sousa* (Brazil).

## FEVEREIRO — 2

**O Abbade verde.** — Assim se chamou ao abbade Anna Bernardo de Fortia por uma aventura que lhe succedeu em Pariz, no mez de Julho de 1713. Galanteava elle a mulher d'um tintureiro da rua de Bourtibourg, e n'uma occasião, sendo surprehendido, lançou-se-lhe este, coadjuvado por dous aprendizes, e deu-lhe novo baptismo mergulhando-o n'uma tina de tinta verde....

Sahio o pobre abbade para a rua córado como um papagaio, e correu furioso a casa do chefe de policia a queixar-se da affronta recebida.

Que lhe havia d'este fazer? rio-se. A cousa tornou-se publica, as gazetas commentaram-n'a com facécias, que mais mortificaram o offendido, na rua apontavão-n'o ao dedo, e a final, se quiz poupar-se a novas mortificações, foi esconder-se no fundo da Provença, onde não tardou a morrer de desgosto.

**Defeza de réu.** — A um certo que havia morto um cão com um golpe d'alabarda, e que havia sido chamado a juizo, perguntou o juiz porque lhe não tinha antes batido com o cabo da alabarda.

— Porque elle me não mordeu com a cauda, respondeu o canicida.

## Lamego — (Recordações).

.........................................................................

Estamos em Lamego — antiga capital dos régulos mouros que, diz a historia, aqui tiverão sua côrte. Aquelle castello derrocado, que outr'ora quebrou o impeto de legiões aguerridas, e hoje em ruinas lastíma sua decadencia, — essas casas vetustas, solares da velha nobreza d'esta terra, tudo me diz que não laboro em illusão.

Foi Lamego fundada pelos gregos 361 annos antes de J. C., e como outras muitas terras da Hespanha, quando mais florescente estava, destruiram-na totalmente as quatorze legiões romanas, aqui mandadas por Trajano, para castigar certa rebellião. Reedificada pelos romanos, passou depois ao dominio dos mouros, e dominava-a o régulo Hecha em bôa paz e harmonia com os portuguezes, quando em 1102 sahio traiçoeiramente de seus muros a talar as terras visinhas.

Sabe-o o conde D. Henrique em Guimarães, e immediatamente sahe a castigar o traiçoeiro regulo: alcança-o carregado de roubos e prisioneiros ahi perto de Arouca, offerece-lhe batalha, e derrota-o completamente. Hecha submettido, abraça a religião catholica, volta á sua capital, e continúa governando, como feudatario dos vencedores, até que o nosso primeiro rei encorporou a cidade nos seus estados.

Foi cidade rica e florescente. Tinha fabricas de tecidos e uma feira annual, onde vinhão os mouros de Granada vender as especiarias do Oriente. Porém a immortal acção do heroe de Camões — o descobrimento da India — e a importação das fazendas francezas, acabaram com a sua importancia commercial.

Lamego é uma cidade pequena e feia: estende-se na encosta d'um monte, e as ruas são estreitas, tortas, mal calçadas, e sem limpeza: as casas, tirando algumas antigas, e outras — muito poucas — edificadas ou reedificadas modernamente — são de mesquinha apparencia.

Tem alguns largos e praças espaçosas, e muitas casas antigas particulares, sendo d'ellas a principal a da herdeira de *Macario de Castro*. A Sé, o Seminario, o Hospital Almacave, onde se diz que foram reunidas as celebres côrtes, a Relação, o Paço Episcopal, a Casa Pia, e o Hospital, são os edificios mais notaveis.

A capella da Senhora dos Remedios é um sumptuoso templo no cume d'um monte que domina a cidade. Magestosos e bem trabalhados lanços de escadaria dão por entre viçosas e copadas arvores accesso ao visitante até o formoso templo. As fadigas para vencer a costa são de sobra recompensadas pelo aprazivel panorama, que depois se desfructa.

Vê o visitante a cidade espreguiçando-se a seus pés, vigiada lá do alto pela velha torre, soberba outr'ora e hoje miserrima, entregue á guarda d'uma sexagenaria velha! Vê altas collinas coroadas de pinheiros a cavalleiro da cidade; e ao longe dilatadas e alcantiladas serranias e estreitas veigas, onde tão raras alvejão as povoações, como raros verdejam os oásis nos desertos da Lybia.

.....................................................................

*José Victorino Pinto de Carvalho* (Santa Cruz).

## FEVEREIRO — 4

**Pequenez d'um grande homem.** — A maior parte dos nobres são extremamente ciosos de distincções, mas não é por isso que elles são nobres, e a susceptibilidade que em certa occasião testemunhou o grande Condé, não lhe faz muita honra. Certo bispo, que tinha uma grande barba, e que estava com seu sobrinho á mesa d'aquelle principe, deixou cahir um fragmento de sopa sobre a barba. Advertiu-o d'isto o sobrinho, dizendo-lhe: «*Monsenhor, ha um pedaço de pão sobre a barba de vossa grandeza.*» O principe escandalisado, de que a outro na sua presença, se désse este titulo, acudio: «*Dizei antes sobre a grandeza da vossa barba.*»

# PSALMO.

(CXXXII DE DAVID)

Do amor é santo o laço.
O forte ao fraco ajude:
Ao irmão mais fraco escude
Do irmão mais forte o braço.

E a graça do Senhor virá sobre elles:
Virá, bem como um óleo perfumado,
Que, na fronte d'Arão cahido, escorre,
Lhe innunda a barba toda, e vem descendo
Té que a fimbria da tunica lhe beija.

Virá, bem como o orvalho sobre o monte
Sacrosanto d'Hermon, e sobre o cimo,
O cimo de Sion, por Deus amado:

Por que sobre as juntas frontes
Dos irmãos, que estreita amor,
—Mais que o orvalho sobre os montes—
Desce a graça do Senhor.

*Anthero do Quental* (Coimbra).

**Filaucia castigada.** — O marquez de Champcenetz, official das guardas, passeava um dia no campo, todo ancho, e fazendo caracolar o brioso cavallo, em que ia montado. Succedeu passar por elle, trotando no seu burrinho, o cura d'uma freguezia rural, e o fidalgo cumprimentou-o dirigindo-lhe as seguintes palavras: —*Como vai o burro, sr. abbade?* —*A cavallo, senhor official, a cavallo*, —lhe respondeu o cura.

**Amor.** — Abri o meu pobre album, e n'elle deparei com a seguinte definição d'amor que em tempos mais felizes li não sei aonde. Acho-a tão verdadeira, que julgo poder occupar uma pagina do *Almanach de Lembranças*. Eil-a:

Amor! Ente ideal, visão fabulosa, que bem como a rosa do sepulchro, te definhas com as lagrimas, te desfolhas com os beijos, e te reduzes ao nada com os embates continuados do tempo! Amor! que te amoldas tão flexivel ao capricho dos teus sectarios, que illudidos com o mimoso véu de enganosa esperança, tão depressa te figuram n'um throno d'ouro, como te representão na choupana do mendigo esfarrapado! Que tanto entras no palacio do despota soberboso, como appareces na morada triste do desgraçado opprimido! que te albergas no peito do tigre, bem como te aninhas no coração da pomba! que tanto avilltas o senhor ante o escravo, quanto elevas o escravo ante o senhor! que motivas mil acções de sublimidade, ao passo que promoves mil actos de reprovação! que suscitas o odio, a traição, e



a vingança, quanto despertas o valor, e a coragem! Ah! de quantos herões tens manchado a brilhante carreira! e a quantos mal intencionados tens voltado em proveito da Sociedade! quantos feitos has motivado! quantos horrores has commettido! Amor! que tão suave te insinuas, e tão amargo te fazes gostar! quem és tu? Onde habitas? oh! por toda a parte a illusão te precede, e é sómente depois dos soffrimentos, que os illudidos te reconhecem tal, qual fostes sempre, uma visão que fascina, um fantasma, que se não vê.

*Daniel Candido da Silva Pereira e Cunha* (Castello Branco).

## FEVEREIRO — 7

**Modêlo de maridos.** — Catão, o velho, costumava dizer que havia mais gloria em ser um bom marido do que em ser um general, ou um senador illustre, e que admirava Socrates, mais por que tinha sempre sabido viver em paz com uma mulher endiabrada, do que por outra cousa. Mulheres endiabradas como a do bom Socrates ainda hoje se contão aos milhares, (nos está aqui segredando um malicioso); maridos, porém, como aquelle philosopho é que são raros, e os poucos que apparecem salvão-se necessariamente. É justo. Pois que outra cousa os indemnisaria dos tormentos que a Providencia lhes reservou no purgatorio do mundo?



**O que póde ser a sciencia.** — Eugenio Husard presenciando em Dezembro de 1840 no laboratorio da Eschola de Pharmacia de Pariz, a explosão do apparelho de Thilorier para a condensação do acido carbonico, explosão de que foi victima o operador, o joven Osmin Hervy, chymico de grandes esperanças, foi de tal modo impressionado por este facto, como elle diz, que o levou a reflexionar detidamente sobre a sorte da humanidade, arrastada por uma sêde de sciencia audaciosa e puramente experimental; e mais tarde publicou um livro fructo d'essas reflexões «*Le fin du monde par la science*» em que se encontram graves e sensatos raciocinios sobre os destinos futuros da mesma humanidade.

Discorrendo engenhosamente, e por modo inteiramente novo e original, sobre a historia da humanidade, e quéda do Éden, ou Paraizo, pela seducção da sciencia symbolisada pela serpente, chega Husard á analyse do presente, e prova com dados estatisticos irrecusaveis, que tirando-se todos os annos de uma determinada parte do globo, o continente europeu, 550 milhões de quintaes metricos de hulha, elles representarão 2750 milhões em 50 annos, ou cento e dez milhares de milhões em dous séculos. Tão enormes massas arrancadas sem discernimento e ao acaso, das entranhas da terra, podem ou devem influir para que n'um dado momento, mude a posição do centro de gravidade da terra, e conseguintemente, se experimente uma desviação no seu eixo de rotação.

Por outra parte, taes quantidades enormes de hulha queimadas, assim como todos os outros combustiveis, que, termo médio, representão 80 por cento de carbone, emittirão para a atmosphera uma quantidade considerabillissima de acido carbonico e de oxido de carbone, que se póde computar só na Europa, em somma superior a 80 milhões de metros cubicos por anno; e este calculo irá sempre subindo em proporções da industria crescente de anno para anno. Sabido, como é, que estes gazes, acido carbonico e oxido de carbone, só poderião

ser absorvidos e assimillados pelos vegetaes; reflectindo na devastação immensa que por toda a parte se tem feito a essas florestas imponentes que guarnecião o globo, assim no antigo mundo, como na America, e que por tanto, mal póde neutralisar-se uma tão enorme quantidade de gazes deléterios, é rasoavel acreditar que, viciada a atmosphera em proporção sempre crescente, se irá prejudicando e definhando de mais em mais a natureza animal, e principalmente o homem, até chegar á sua aniquilação total.

Por outro lado, cortados os isthmos, como se emprehende, e rotos os antigos diques, que mantinhão o equilibrio dos mares, quem ousará affirmar, que de uma tal destruição de equilibrios, não ha de resultar a desviação dos mares, inclinando-se para uma parte mais do que para outra, sendo consequentemente alagados e destruidos os continentes?

É assim que por uma argumentação vigorosa e retrospectiva, o author vaticina a destruição da humanidade, que céga caminha despresando a sciencia intuitiva, e seguindo a sciencia experimental e irreflectida: tendo de se verificar, por esta fórma, o mote do seu livro — O que já foi, é o que ha de vir a ser — «Ce qui a été sera.»

*Candido Joaquim Xavier Cordeiro* (Coimbra).

## FEVEREIRO — 9

**Quantidade relativa de chuva.** — Nos paizes tropicaes, e nos paizes visinhos dos tropicos, a quantidade d'agua que cáe durante a curta estação das chuvas, (a estação coincide nos paizes tropicaes com a presença do sol no zenith) é muito superior á que cáe em qualquer parte da Europa durante todo o anno.

Ás vezes chega mesmo a ser consideravel a quantidade de chuva que desaba n'uma dada occasião. Humboldt vio uma vez cahir junto do Rio Negro 47 millimetros de chuva no espaço de cinco horas, e n'outra occasião 31$^{mm}$: em Bombaim cahiram n'um dia durante um certo tempo 108$^{mm}$ de agua.

O almirante Roussin observou em Cayenna, que n'um dia, desde as outo horas da tarde até ás seis da manhã, cahiram 280$^{mm}$ de chuva.

Na Africa, proximo do equador, as chuvas começão em Abril.

Nas margens do Senegal começão em Junho, e durão até Setembro.

Na América, as chuvas sobrevêem no Panamá no começo de Março, e na California em meados de Junho.

A quantidade de chuva que cáe na Europa durante o anno varía de lugar para lugar. Por exemplo — a quantidade média de chuva que cáe em S. Petersburgo é de 46 centimetros cubicos, em Marselha 47, em Pariz 50, em Londres 53, em Veneza 81, em Lyão 89. O lugar mais chuvoso de Inglaterra é Kendal, em Westmoreland; ahi a quantidade média de chuva que cáe annualmente sóbe a 156 centimetros.

Bergen, na Noruega, é o ponto da Europa em que a quantidade de chuva, que cáe durante o anno, é mais consideravel; esta quantidade sóbe a 224 centimetros.

FEVEREIRO — 10

## DORMENTE ACORDADO

Em casa de Pedro entrou
João, movido de instincto,
A fim de pedir-lhe um pinto,
E na cama o encontrou.

Foi seu pedido impingindo,
Posto que João ignorava
Se Pedro disperto estava,
Se Pedro estava dormindo.

Mas este que não dormia
Escutava em afflicção,
Por que pinto dado a João
Nunca a seu dono volvia.

Aos queixumes infelizes
Respondeu, comsigo rindo:
—Ai! João, estou dormindo,
E não sei o que me dizes.

*Aliquis.*

**Animal antediluviano. Icthiosaurio.**— Foi por algum tempo objecto de largas conversas, e até de discussões, a existencia ou não existencia da *serpente dos mares*; negavão uns que houvesse tal monstro: affirmavão outros terem-n'o visto: passaram-se depois annos sem se tornar a falar no animal. Renova hoje a questão, e com taes bases, que ha já muito quem tenha passado da incredulidade á duvida por admittirem que haja ainda, especialmente nas profundezas dos mares, agigantados animaes antediluvianos, similhantes a outros construidos á vista dos fosseis. Eis um dos factos em que se estribão os pretendentes da existencia da *serpente*.

Encontrou-se em setembro de 62, encalhado em certa ilha da foz do Amazonas, um cadaver d'animal todo coberto d'escamas, com 35 metros de comprido, barbatanas em vez de patas, e cabeça de crocodilo com uns 4 a 5 metros; podia servir de mocho qualquer de suas principaes vértebras. Não havia muito que tinha fallecido, pois começavão apenas a putrificarem-se-lhe as carnes.

Tempo depois se soube que andando n'aquelle mesmo mez uma embarcação com varios caçadores pelo delta do Amazonas, viram estes perto de uma das ilhas certo objecto sahindo da agua, e que fazia de longe como béque de navio; aproximaram-se-lhe, e todos viram que era a cabeça de um monstro desconhecido; atiraram-lhe, a agua levantou-se em vagas como se fôra fortemente açoutada, e a cabeça desappareceu.

Confrontando datas e lugares, parece que se pode concluir ser o animal encontrado aquelle a que atiraram os caçadores.

Serão, porem, verdadeiras estas noticias, ainda apesar de referidas em publicações sisudas?

**Opiniões.**—As nossas opiniões, dizia um critico inglez, são como os nossos relogios. Não ha dous entre tantos que se mostrem conformes, e cada qual se refere ao seu, que é aquelle em que mais crê.

**Hospital de S. Paulo.** — O bispo de Lisbôa, D. Domingos Jardo, natural do termo de Cintra, de um lugar chamado a Jarda, nascido de pais humildes, emigrou, para buscar fortuna, e aggregando-se a um estudante portuguez, que se achava em Pariz alli estudou, e aos vinte e quatro annos, já perfeito lettrado em theologia e em canones, e ordenado sacerdote, voltou ao reino. Estimado dos grandes, por causa de sua muita sciencia, alcançou uma cónezia na Sé d'Evora, e começou a enviar soccorros a seus pais, e a outros parentes pobres, sem comtudo se dar a conhecer. D. Affonso III o nomeou seu capellão e do seu conselho, El-rei D. Diniz o nomeou chanceller mór do reino, e depois bispo d'Evora. Quando governava aquelle bispado, achando-se em Lisbôa, resolveu dar-se a conhecer a seus parentes; e pondo-se a caminho mandou por seus creados aprompiar ceia e cama em casa de uma pobre mulher que residia na Jarda. Escusou-se a bôa velha com a sua pobreza; mas não prevaleceram as suas rasões, e teve que hospedar a D. Domingos. Posto o bispo á mesa, mandou chamar a velha, e a fez assentar junto de si, servindo-a, e fazendo-lhe os pratos: depois entra a fazer-lhe perguntas sobre a sua familia, a que a velha satisfez, dizendo entre outras cousas, que seu filho mais velho lhe fugira de casa aos quatorze annos, e não volvêra a dar noticias de si. Perguntou-lhe ainda o bispo se ella conheceria aquelle filho, se o tornasse a vêr; ao que respondeu que sim, pois tinha o menino na espádua esquerda um lunar preto do tamanho de um tostão, e do qual dizião as velhas da visinhança que lhe prognosticava grandes venturas. Depois contou a pobre mulher as obrigações que devia a um certo cónego, que muitas esmolas lhe tinha mandado e aos seus parentes, sem as quaes terião morrido á mingua. Por ultimo, deu-se o bispo a conhecer a sua mãi, que ficou maravilhada, não cessando de o abraçar e examinar o signal

que tinha no hombro. No outro dia divulgou-se a noticia d'este caso, e acudiram os parentes e visinhos a festejar o bispo e a beijar-lhe a mão. Sabedores El-rei D. Diniz, e a Rainha Santa Izabel do que succedera em Jarda, querião fazer largas merçês á parentella de D. Domingos, porém elle pedio que à deixassem na sua humildade, e os accommodou ao seu trato de lavradores, dando a seu irmão Pedro Annes uma cónezia no cabido d'Evora. A mãi levou-a o bispo para a sua companhia, e por seu conselho fez muitas obras pias, sendo a principal d'ellas o hospital de S. Paulo para cuja edificação lhe deu licença o cabido de Lisbôa, em sede vacante, a 11 de Março de 1286. Este hospital foi levantado na freguezia de S. Bartholomeu, que depois se chamou Santo Eloy.

## FEVEREIRO — 13

## ENIGMA

Sou uma velha muito antiga,
Só co'as velhas me dou bem.
Estas meninas d'agora,
Que amizade me não tem,
Maldizem-me a cada hora.

Trago um pequeno comigo
Com propensão para a dança;
Do que me dão p'ra vestir,
Com dó da pobre creança,
Faço o pequeno cobrir.

*M. A. C. Junior* (Figueira da Foz).

**Elogio merecido.**—Uma das clausulas do testamento de Franklin era como se segue:—«Deixo a minha excellente bengala de castão d'ouro, em que está gravado o bonnet da liberdade, ao meu amigo, ao amigo do genero humano, o general Washington. Se fôra um sceptro, seria digno d'elle, e estaria perfeitamente collocado nas suas mãos.»—

O heróe americano pela sua morte legou esta bengala a seu irmão Washington, pedindo-lhe que a considerasse um dos objectos mais preciosos da sua successão.

**Producção de cereaes.** — Se consultarmos a antiguidade, diz Mr. Moreau de Jonnés, os dados fornecidos pelos historiadores e naturalistas os mais illustres assimelhão-se tão pouco aos recolhidos nos monumentos contemporaneos, que somos forçados a suppôr que nos séculos affastados a fecundidade dos cereaes era immensamente maior.

O Génesis, Plinio, Varrão, Herodoto são concordes em dizer-nos que no antigo Egypto, na Palestina, na Syria, e mesmo no nosso Portugal, a producção do trigo éra de 100 sementes por uma, e na Lybia chegou a ser de 300. Ainda hoje nas terras novas, e n'um clima mais propicio do que o nosso, é o trigo 10 e 12 vezes mais productivo do que na Europa. Na America tropical e nas Antilhas, por exemplo, é o milho quasi tão abundante como o trigo na antiga Lybia, e Humboldt assegura-nos que no Mexico a producção média do trigo é ainda hoje de 30 a 50 sementes por uma.



Se o trigo encontrado ultimamente nos tumulos do alto Egypto, e que parece ter sido produzido no tempo dos Pharaós, nem pelo volume, nem pelas qualidades, differe do nosso, a que poderemos nós attribuir a diminuição de sementes na Europa? Referindo-nos a Portugal, porque é que o mesmo terreno, que no dizer de Plinio dava 100 sementes por uma, não dà hoje mais do que 6, 8, 10, ou 12 quando muito feliz a sua cultivação?

Não é facil dizel-o com certeza de não errar, mas suppõe-se e com bom fundamento, que este phenomeno se operou porque o trigo perdeu a sua qualidade de multicaule; isto é, porque os colmos de multiplices que erão se reduziram a unicos, ou quando muito a dous, e poucas vezes a tres, o que explica, pela reducção do numero das espigas, a differença existente entre a producção de hoje e a antiga.

**Os romeiros de S. Thiago.** — As crenças da idade média persuadião aos peregrinos de S. Thiago de Galliza, que para chegar sem accidente ao termo da viagem carecião de levar a consciencia pura de toda a mentira. Foi para tornar este preceito mais sensivel que a seguinte fabula se compoz.

Um leal cavalleiro acabava de entrar em Hespanha com o seu escudeiro fiel, para ir em perigrinação a S. Thiago.

Caminhando já desde a madrugada com o fim de chegar antes da noite a Miranda do Ebro ia elle engolfado nas suas cogitações quando de repente uma raposa, que talvez buscava aventuras, ou ia tambem a S. Thiago, atravessa a estrada diante do cavalleiro.



—Eis alli, exclamou este, uma raposa de bom tamanho.

—Nos paizes que eu percorri antes de estar ao vosso serviço, diz-lhe o escudeiro, as vi eu maiores do que esta, e entre ellas uma quasi tão grande como um boi.

— Que soberba pelle para um caçador,— responde o cavalleiro, e continúa a caminhar em silencio. D'ahi a pouco, elevando a voz, diz:

— Senhor, preservai-nos hoje a ambos da tentação de mentir, ou dai-nos a força de reparar a nossa falta para que possamos atravessar o Ebro sem perigo.

— Porque fazeis esta supplica meu senhor? Diz-lhe surprehendido o escudeiro.

— Não sabes tu, responde-lhe o amo, que o Ebro, que forçosamente havemos de atravessar para ir a S. Thiago,

tem a propriedade de submergir o que mentio durante a jornada, a menos que o arrependido não peça o perdão a Deus?

Caminharam ainda algum tempo e depois chegaram á margem de uma ribeira.

— É este o Ebro, meu senhor?

— Não, mas não estamos muito distantes.

— Pois então devo dizer-vos, que a tal raposa que eu vi não era talvez maior do que um bezerro.

— E que me importa a tua raposa?

Caminharam e dentro em pouco estavão ao pé d'outra ribeira.

— Esta agua que vamos passar não será o Ebro, meu senhor?

— Não, ainda não é.

— Em todo o caso a rapósa de que ha pouco vos falei não era, se bem me lembro, maior do que uma ovelha.

Adianta-se a tarde, a sombra das montanhas torna-se mais densa, o cavalleiro esporeia o seu cavallo mas não tarda a descobrir Miranda.

— Eis finalmente o Ebro, diz elle, findou o nosso primeiro dia de jornada.

— Ah! meu bom senhor, exclamou o escudeiro, mal podendo disfarçar o terror de que se achava possuido, protesto-vos que a raposa que eu vi era pouco mais ou menos do tamanho d'aquella que encontrámos esta manhã.

— Ora ainda bem que te desdisseste, se acaso a consciencia te diz que havias mentido, disse o cavalleiro, e agora espero em S. Thiago de Galliza que passaremos felizmente o Ebro.

FEVEREIRO — 16

# CHARADA III.

| | |
|---|---|
| Na fria lousa dos tumulos... 1 | Longe de ser um fantasma |
| Os subterraneos procura... 3 | Até nos jardins figura. |

*Novo Charadista* (Porto).

**Os pequenos Lusiadas.** — Manuel Joaquim de Figueiredo Maio e Brito, foi um excellente poéta que tivemos, e de quem nunca mais ouvi falar desde que falleceu, no Algarve, d'onde era natural. Servio elle no exercito alliado durante toda a guerra peninsular, primeiro como alferes d'um regimento d'infanteria, e depois, havendo pedido não sei porque motivo a demissão d'este posto, na qualidade de commissario.

N'este exercicio procurando instruir-se, e buscando relacionar-se com os individuos mais influentes dos dous exercitos, projectou escrever a historia d'aquella guerra no que fosse relativo aos feitos brilhantes dos portuguezes; e de facto escreveu-a, nada menos que n'um poema épico em 12 cantos, outava rima, intitulado=*Os pequenos Lusiadas.*= Concluido este importantissimo trabalho litterario tive eu a fortuna de encontrar este escriptor na praça d'Almeida, e ainda a maior de lhe merecer a leitura do seu poema.

Avaliar o desenho da obra, seguil'a no seu desenvolvimento, descrever-lhe as bellezas da rima, da harmonia e do metro, não o posso eu fazer, não só por incompetente, como porque pela leitura a que ha 46 annos assisti, apenas de todo o poema me lembra uma outava e esta incompleta. Por ella, e por outros versos do mesmo poéta, em assumpto differente, de que ainda me recordo, verão os entendidos se o seu nome deve ficar entre nós esquecido para sempre.

Eis a outava a que me refiro:

«E tu, Principe excelso e sublimado,
«A quem mais teme Atlante que a Medusa,
«Dispõe um pouco o sceptro teu dourado,
«E applica a orelha á minha debil musa:
.............................................
.............................................
«Ouvirás dos vassallos mais subidos
«Feitos não feitos, nem jámais ouvidos.

Na occasião em que fiz conhecimento com aquelle cavalheiro, cuja perda ainda hoje lamento, me deu elle um exemplar de 14 outavas, que publicára em Hespanha, durando a guerra, glosadas aos 14 versos d'um soneto de Bocage, e das quaes, tendo perdido o impresso, me lembrão ainda trez das que glosou ao primeiro quarteto. São estas:

QUARTETO

Não mais, ó Téjo meu sereno e brando,
Á margem fertil de gentis verdores,
Terás d'alta Ulisséa um dos cantores,
Suspiros no aureo plectro murmurando.

GLOSA

Se em mais ditosos, mais serenos dias
Risonho o rosto meu, ó Téjo viste;
Se lá no fundo aquoso adormecias
Da minha lyra ao som já frouxo e triste;
Se o curso teu ás aguas suspendias,
Por ouvir versos meus, quaes nunca ouviste;
Quando esperas o mesmo, outra vez quando?
Não mais, ó Téjo meu sereno e brando.

Não mais esperes vêr-me, ufana a frente
Com grinaldas de myrthos e de rosas,
Cantar de Marcia o nome docemente
Entre o côro das Tagides mimosas;
Marcia, cuja figura traça a mente
Com, tanto ao vivo, tintas engenhosas,
Qu'inda cuido lograr com ella amores
Á margem fertil de gentis verdores.

Inda cuido jazer nos braços d'ella
Á margem tua, ó rio afortunado,

Inda cuido beijar-lhe a face bella
Em ardentes desejos inflammado;
Mas hoje que mudou a minha estrella,
Que o mesmo amor não quer, nem quer meu fado,
Não mais em mim, nos teus, e entre os melhores
Terás d'alta Ulisséa um dos cantores.

Attenda-se a este minimo fragmento e diga-se se sim, ou não, será de justiça, digo mesmo de honra nacional, que o nome de tão mimoso poéta seja esquecido na lista dos nossos homens de lettras.

O poema, sei eu por m'o dizer elle mesmo em Lisbôa, onde o vim encontrar em 1816, que a Meza de Censura lh'o não deixou imprimir, com o pertexto de que n'elle se não mencionava nenhum inglez, o que podia ser offensivo para o general Beresford, que estava ahi commandando o exercito, e com grande influencia no paiz.

Que miseria de censura! Um livro chamado *Lusiadas* a elogiar *bretões!*

O certo é que o poema não se imprimio, o poéta morreu, e só resta saber, ou indagar, se algum parente de Manuel Joaquim de Figueiredo Maio e Brito será possuidor de tão precioso autographo.

*José Augusto Corrêa Leal.*

## FEVEREIRO — 18

**Epigramma.**—Becker, author allemão, foi um homem feíssimo, e ousou negar a existencia de Satanaz no seu *Mundo Encantado.*

Outro escriptor aproveitou-se d'esta circumstancia, e fez-lhe o seguinte epigramma:

Oui, par toi de Satan la puissance est brisée;
Mais tu n'as cependant pas encore assez fait!
Pour nous ôter du diable entièrement l'idée,
Becker, supprime ton portrait.

**Dá a mim, dou a ti.**—As mãis de familia da fréguezia de Vermoíl, concelho de Pombal, quando pretendem casar suas filhas, levão-n'as a tres especies de romarias que os habitantes d'aquelles arredores costumão fazer, e são: Conceição, Espirito Santo, e Bodo de Vermoíl.

Perto da tarde, mãis, e filhas todas vestidas de estamenha, e em corpo, com chapéu de aba larga na cabeça, apparecem no arraial, e chegando perto dos rapazes, a que já têem deitado o fito, chamão-n'os para a venda, onde lhes pagam o vinho, bebendo elles juntamente com as filhas: estas, indo já preparadas com 10 réis e um guardanapo lavado, comprão tremoços, e voltadas para os rapazes, e mostrando-lhes os tremoços, dizem: — *Dá a mim, dou a ti.* Os Maneis, todos tafues, com o seu calção de tripe, e camisa de linho com coleirinhos de 33 centimetros, abrem a jaleca, e mostrando ás Zephas o bolso furtado, dizem-lhes — *dou a ti* — tirando ellas os tremoços dos bolsos, e elles do guardanapo.

D'ahi a pouco ouve-se ás vezes na igreja as denunciações d'um casamento, que não teve outros principios senão esta simples troca de palavras, e favores com que reciprocamente se brindaram os dous contrahentes.

Abençoadas romarias! São tão antigas como as povoações, e hão-de durar em quanto estas existirem.

*A. de J. e Silva* (Vermoíl).

## CHARADA IV.

| | |
|---|---|
| Quer-lhe muito, muito e muito, | Somos todas cinco irmãs |
| Querer-lhe não póde mais... 1 | E não ha outras iguaes... 2 |

Quem na terra me buscar,
Ahi mesmo me hade achar.

*T. J. Henriques* (Madeira).

# LOGOGRIPHO I.

Se em rigor duas idéas
Has á tercia comparado,
Usas primeira e segunda,
Como d'ellas resultado.

Surge da tercia e primeira
Um insecto innocentinho,
Té das damas estimado,
Que nas casas lhe dão ninho.

Emprégo terceira e quarta
Para chamar a attenção:
Ave real, ou da fabula
Tem tal denominação.

Dos pagãos recebeu culto.
A quarta junta á segunda,
Porque anima a natureza,
O mundo alenta e fecunda.

Certo vivente destróe
A segunda repetida:
Mas só revela basofia
A quarta reproduzida.

Conta por seu pai o ocio,
A vã sciencia por mãi;
Por padrinho o janotismo,
Por madrinha a moda tem.

Ora cahos, ora Dédalo
Por nome me querem dar,
Por fim dos gregos o tirão:
Não t'o digo; é adivinhar.

*Accacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama* (Armamar).

**Depoimento.**—Um homem foi citado como testemunha para comparecer n'um tribunal de audiencia geral.

—Amigo, diz-lhe o presidente, quando chegou a sua vez de depôr. Sabeis como a desordem começou?

*Testemunha.*—Eis aqui as expressões de que se servio o réu, sr. juiz—Vós sois um imbecil, sois...

*Juiz*, percebendo que os jurados e o auditorio começaram a rir da ingenuidade da testemunha,—dirigi-vos, dirigi-vos antes, aos srs. jurados.

111

**Comedores de terra.** — Humboldt, conta nos seus *Quadros da Natureza*, que voltando do Rio-Negro, passou o dia 6 de Junho de 1809 entre os ottomacos, povo selvagem das margens do Orenoque, e os vio alimentar-se de terra. Um missionario francez, que viveu 11 annos entre elles, assegura que este alimento singularissimo em nada lhes altera a saude. O mesmo Humboldt, diz que em todos os paizes entre os tropicos, sente o homem um desejo quasi irresistivel de devorar terra, não da alcalina ou calcarea, que podia servir para lhes neutralisar os acidos, mas da argillosa, com cheiro bem pronunciado.



Os negros de Guiné, comem habitualmente uma terra amarelada, a que chamão *cahouac*. Em alguns pontos da Ilha de Java, vende-se a terra preparada de certo modo para alimento. Os indigenas chamão-lhe *tanaampo*. Os habitantes da Nova-Caledonia, saceião a fome, devorando bocados d'uma especie de *talco*, em que Vauquelin encontrou uma não pequena porção de cobre. Em Popayon, e n'outras partes do Perú, vende-se nos mercados a terra calcarea, como mercadoria usada pelos indios, que a comem com o côco, ou com as folhas do *Erythro xylon peruvianum*.

D'este modo, o uso de comer terra, uso a que a natureza parecia não convidar senão os habitantes d'alguns pontos estereis do Norte, reina em toda a zona torrida, entre as raças preguiçosas que povôão as mais bellas e mais ferteis regiões do universo.

## FEVEREIRO — 22

**Cerveja.** — A cerveja, cuja invenção é por Plinio attribuida aos gaulezes, foi por muito tempo a bebida commum da Gallia. Desde séculos, porém, a França trocou a cerveja pelo vinho, e só nos paizes do norte, sobre tudo na Inglaterra, onde é impossivel a cultura da vinha, permaneceu o uso da antiga bebida.

Na Hollanda a cerveja exercia no seculo 12.° um attractivo tal sobre todas as classes da sociedade que os professores mais célebres da Universidade de Leyde frequentavão as tavernas onde ella se vendia. Erão d'este numero Justo Lipso, o sabio Baudé, e outros não menos notaveis, sendo ainda hoje conhecidos os epigrammas com que mutuamente se ferião, quando ahi se encontravão e bebião além das marcas.



Com cerveja não, decididamente, mas com excellente vinho, crêmos nós, fizerão o mesmo na antiguidade Horacio, Anacreonte, e o velho Eschylo, a quem Baccho em sonhos ordenou um dia, que fizesse tragedias, e que nunca as fez, dizem, sem que estivesse bem aquécido com o summo precioso da cêpa.

**Morte d'um tragico.** — Eschylo, diz-nos Valerio Maximo, sahio um dia de sua casa, na Sicilia, deu passeio mais largo, e depois para descançar um pouco, sentou-se á restea do sol. Aconteceu voar uma aguia levando no bico uma tartaruga, e julgando, ao querer despedaçar a sua presa para a devorar, que a calva do velho (tinha-nos esquecido dizer que Eschylo era calvo) era um seixo bem talhado para o seu proposito deixou cair sobre ella a tartaruga. A este golpe succumbio o creador e o pai da tragedia.

Já lemos, não sabemos aonde, que todo este romance tem visos de suspeito, e tambem assim nos parece. Não está provado que as aguias comão tartarugas; mesmo que as comessem não é provavel que uma d'estas aves tomasse a calva d'Eschylo por um seixo, e muito menos, que a sua pontaria fosse tão certeira que produzisse a morte.

FEVEREIRO — 24

**A invasão da ilha de Santa Catharina.** — No anno de 1777, a 24 de fevereiro, aportou a esta ilha uma grande esquadra hespanhola com a força de nove mil homens de desembarque ao mando de D. Pedro Cevallos. Era governador de Santa Catharina, o coronel Pedro Antonio da Gama Freitas, e encarregado da defeza da praça o marechal de campo Antonio Carlos Furtado de Mendonca, os quaes, apesar da guarnição, que montava a dois mil homens, bem providos de viveres e munições de guerra, deixaram-se possuir de um terror panico e nenhuma opposição offereceram ao inimigo. Não menos concorreu para este triste successo a divergencia em que estavão aquelles chefes. Esta desharmonia communicou-se aos officiaes; appareceu a insoburdinação nas praças, e a mais criminosa indifferença facilitou aos hespanhoes, scientes de taes occorrencias, a occupação da capital e terra firme, sem queimarem uma escorva. O povo aterrorisado aban-

donou a cidade, e internou-se nos matos da ilha, ou passou-se para o continente.. No meio de tanta consternação houve exemplos dé esforçado patriotismo, que folgamos de registrar. O alferes do regimento de Pernambuco, José Corrêa da Silva, vendo com indignação a cobardia, com que se submettia o paiz, e desármavão suas tropas, quebra a hastea da gloriosa bandeira das cinco chagas, e enrolando-a á cintura consegue chegar a Pernambuco no fim de seis mezes, depois de muitas fadigas, mas com a satisfação de haver salvado este trophéu das mãos do inimigo. A morte d'el-rei D. José succedida em Lisboa no mesmo dia, em que os catharinenses se submettião ao odioso poder de Castella, levou ao throno de Portugal a Senhora D. Maria 1.ª, sob o principio de cujo reinado teve logar a evacuação da ilha em 30 de julho do mesmo anno. O governo portuguez não foi indifferente na apreciação dos que mais ou menos voluntariamente concorreram para esta opprobriosa entrega. Depois de uma devassa muito minuciosa forão condemnados, por sentença do conselho de guerra, o general Furtado de Mendonça á pena de baixa do posto com infamia, o governador Freitas, e capitão Simão Rodrigues de Proença, commandante da fortaleza de Ponta Grossa, a prisão perpetua, durante a qual falleceram. Os outros officiaes superiores, que se achavão presos, forão postos em liberdade e reintegrados em suas armas, alguns dos quaes com elogio, como o coronel Fernando da Gama Lobo, e o commandante da fortaleza da barra do Sul, Manoel Gonçalves Leão, por haverem procedido com valor e lealdade.

O Vig.º *Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva* (Desterro, Brazil).

**Carlos V e o dia 24 de fevereiro.**— Carlos v tinha uma predilecção especial pelo dia de S. Mathias, 24 de fevereiro, por que n'este dia (em 1500) nasceu; foi eleito imperador; foi coroado; foi seu irmão Fernando eleito rei de Bohemia; cahio Francisco 1.º, rei de França, em seu poder; e por ultimo, tambem em 24 de fevereiro de 1556, abdicou o imperio.

## NO ALBUM DE UMA AFRICANA.

Alba ligustra cadunt, vaccinia nigra leguntur.
N. . .

Qu'importa a côr, se as graças, se a candura,
Se as fórmas divinaes do corpo teu
Se escondem, se adivinhão, se apercebem
Sob esse tão subtil, ligeiro véu?

Que importa a côr, se o sceptro da belleza
Co'o mesmo enleio e brilho nos seduz?
E se o facho d'amor reflecte e esparge
Ou no jaspe, ou no ébano, egual luz?

É menos bella, acaso, a violeta
Por que o céu lhe não deu nevada côr?
Não é gentil a escura pionía,
Ou do verde lilaz a rôxa flôr?

Não tem encantos mil a noute escura,
Não deleita então mais o rouxinol?
Não serão do crepusc'lo as sombras palidas
Mais bellas do que a luz d'ardente sol?

Não vive o alvo lŷrio um dia apenas,
E praso egual a candida cecem,
Em quanto que nas balsas a saudade
De cada vez mais viço e vida tem?

.................... ........................

............................................

Qu'importa a côr, se as graças, se a candura,
Se as fórmas divinaes do corpo teu
Se escondem, se adivinhão, se apercebem
Sob esse tão subtil, ligeiro véu?

*J. Candido Furtado* (Loanda).

**Remedio contra o suicidio.** — Plutarco conta no primeiro livro do seu *Tratado da Alma*, a proposito das doenças de que a alma póde ser affectada, que quasi todas as donzellas de Mileto formaram subitamente, e sem motivo conhecido, o designio de se matarem, e muitas d'ellas o levaram a effeito. Como estes suicidios, que se renovavão todos os dias, erão cada vez mais numerosos, e nenhum remedio havia para oppor a similhante doença, lembraram-se os de Mileto de decretar, que todas as raparigas, que attentassem contra a sua vida, serião sepultadas como tinhão vindo ao mundo.

Triumphou o pudor, e d'ahi por diante os suicidios forão rarissimos.



**Preguiça do Brazil.** — Poucas serão as pessoas a quem seja desconhecido o nome, e dotes d'esse animal.

São innumeras as historias que se referem á sua proverbial indolencia, e eu, para não deixar de dizer alguma cousa relativamente á minha *patricia*, contarei mais uma.

N'uma vizita que fiz ao meu lar paterno, em Serinhaem, provincia de Pernambuco, apeteceu-me ir caçar a uma floresta, e convidando para companheiros alguns moradores do engenho com elles me embrenhei n'uma soberba mata virgem, que me ficava a 10 minutos de casa.

Sabião elles, que com a minha longa auzencia d'aquelles lugares certamente me serião desconhecidos alguns de seus mais vulgares *habitantes*, e vendo o empenho que eu manifestava em ser o primeiro a atirar sobre qualquer *bicharôco* que apparecesse, um d'elles, avistando uma preguiça no cume d'uma *imbaúba*, pára, e como quem não queria fazer ruido para que ella se não espantasse, diz-me com voz fugitiva — atire antes que nos sinta.

Ainda bem não tinha acabado de ouvir a recommen

ção e já o chumbo lhe estava no corpo, mas a patricia, conservou-se no mesmo lugar: receioso de que ella se mandasse mudar não gastei tempo a carregar novamente, e servindo-me d'uma das armas de meus companheiros, renovei a remessa: muda, e queda, vi que se conservára no mesmo sitio. Cheio de zanga, envio-lhe a terceira dóse; e quando esperava vel-a a meus pés, eis que uma estrepitosa gargalhada soltada por meus companheiros, veio tirar-me da illusão em que eu estava haveria 7 minutos.

—Não gaste mais polvora, me diz um d'elles, porque infructiferos serão quantos tiros disparar; mesmo conseguindo matal-a, não conseguiria vel-a cahir embaixo sem lhe cortar os tendões, porque está como suspensa de ganchos de ferro pelas unhas que tem cravadas na arvore.—Assim foi, cahio quando se lhe cortaram os tendões, e para que vejão o quanto é preguiçosa até mesmo em morrer[1] direi que ainda me foi necessario, pegando na folha da faca, e dando-lhe com o cabo na testa, cançar o pulso para lhe acabar com a vida.

Continuando na caçada tive occasião de encontrar muitas outras, mas, não só lhes não fiz mal, senão que tambem prohibi que lh'o fizessem, porque a morte da primeira causou-me remorsos como se fôra o assassinato d'um *moleque*, não só pela semilhança de feições, como pelo gemido na occasião em que para a acabar de matar lhe batia com o cabo da faca na cabeça. *A. S. R.* (Pernambucano).

## FEVEREIRO — 28

**Bernardice.**— «Admirai, dizia um prégador do pulpito abaixo, admirai, meus caros irmãos a força de Sansão. Com uma queixada de burro passou ao fio da espada mil philisteus.»

[1] A preguiça é dotada de grande vitalidade. Waterton vio o coração de uma bater ainda meia hora depois de fóra do corpo.

**O Nigromantico.** — Foi assim chamado Martim de Bohemia, fidalgo allemão, que provavelmente viveu cerca do anno 1460, ignorando-se o tempo e o lugar da sua morte. Casou com uma filha de Jorge d'Utra, primeiro capitão donatario da ilha do Faial. A sua nobreza, e vastos conhecimentos mathematicos, não só o fizerão bem conhecido na côrte de Portugal, onde El-Rei o tratava com particular estima, mas até chegaram a grangear-lhe n'esta ilha a admiração publica. N'esses tempos de nescia credulidade, o povo via n'este homem extraordinario, não um sabio, mas sim um nigromantico, por este nome o tratavão, e foi talvez devido a isto, e fundado na tradicção popular, que o sabio doutor Gaspar Fructuoso quiz fazer acreditar á posteridade no dom prophetico de Martim de Bohemia.

O padre Antonió Cordeiro, na sua *Historia Insulana*, chama-lhe excellente astrologo, e referindo-se ao que conta Fructuoso, diz elle ter feito alguns vaticinios pelo curso das estrellas, parte dos quaes já realisados no seu tempo, com a descoberta das Antilhas, do Peru etc.

Se a Astrologia cahio em descredito, e com justa razão, é claro que estas cousas não podem acreditar-se. (*A.* 52 *p.* 293, *A.* 55 *p.* 122).

*S. F.*

MARÇO — 1

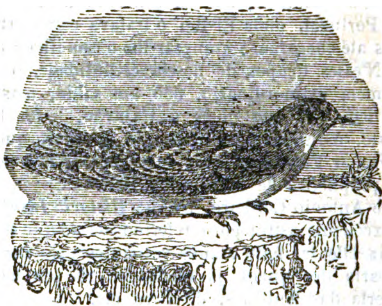
# CHARADA V.

| | |
|---|---|
| A metade d'uma hora, — 1 | Seis mezes em cada anno; — 1 |
| Dous terços de qualquer dia; — 1 | Gente sem mim não havia — 1 |

Lua sem névoa,
Estrella brilhante;
Alegre donzella,
Nos braços d'amante.

*Antonio Candido Palhôto* (Benavente).

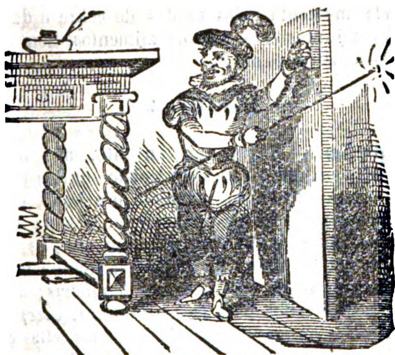
**As andorinhas.**— Ha ainda em muitas partes uma superstição entre os camponezes, e é que as andorinhas se não devem matar, porque d'ahi resultará alguma desgraça, e quando ellas lhe vem fazer o ninho no beirado das suas casas considerão-n'o de bom agouro. É um resto de superstição pagã, e por elle pouca, ou nenhuma censura lhes cabe, por que a andorinha tem effectivamente tanto de inoffensiva como de sympathica. Eliano diz-nos que estas avesinhas erão antigamente consagradas aos deuses Penates, e por esta razão se abstinhão de as matar. Mais ainda, honravão-n'as como nuncias da Primavera, e os rhodios tanto se alegravão vendo-as, que celebravão sempre a sua chegada com uma especie de cantico.



No dizer dos nossos aldeões as andorinhas não se matão, não se perseguem (os rapazes é que nem sempre assim o entendem), e são sempre as bemvindas, porque são as gallinhinhas de Nossa Senhora.

**Poétas côxos.**— Forão-n'o Tyrteo, Parini, Shakespeare, Byron, e Walter Scott. Byron para se consolar costumava dizer: «Que a alma era sempre mais ardente n'um corpo disforme, ou aleijado, por causa dos esforços que ella fazia para dominar a imperfeição phisica.» Como era côxo deixemos-lhe a consolação, e dêmol'o por suspeito.

**Alchimia.** — O amor da vida e a sêde do ouro têem desde tempos remotos sido o movel principal dos trabalhos do homem; prolongar a vida ou tornal-a immortal, e produzir o ouro, sem o arrancar ás minas, éra a pertendida missão de muitos charlatães e alguns homens de bôa fé, que se chamaram alchimistas. Ainda se não descobrio o elixir de longa vida, ainda o mercurio se não póde transformar em ouro, a pedra philosophal é um sonho; mas não obstante chegou-se a acreditar que Raymundo Lulo, durante a sua estada em Londres, na côrte de Eduardo I, convertera trinta mil libras de mercurio em metal lusente! Já era! Porém nem todos os reis forão tão felizes como Eduardo I. João Gauthier, barão de Plumerolles, jactava-se de saber produzir ouro; Carlos IX, que teve a simplicidade de o acreditar, deu-lhe 120:000 francos para as despezas que elle dizia necessarias; mas depois de haver trabalhado outo dias n'um laboratorio fez mão baixa no dinheiro do monarcha e fugio. A paga foi perseguil-o, prendel-o e enforcal-o. Triste fim d'um alchimista.



Em 1616 a rainha Maria de Médicis tambem deu a Guy de Creusenbourg 20:000 escudos para lhe fazer ouro, trabalhando na Bastilha. O alchimista trabalhou algum tempo, mas um

bello dia houve por bem evadir-se com os 20:000 escudos e não tornou a apparecer em França. Ao menos a rainha Isabel, Carlos II de Inglaterra, Henrique VI e outros, que procuraram a pedra philosophal enganaram-se a si mesmos, e não forão enganados como Carlos IX e a rainha Maria de Médicis.

Ainda hoje na Alemanha ha quem procure a pedra philosophal, e o doutor Girtanner de Gottingue aventurou ultimamente a prophecia de que a transmutação dos metaes será descoberta no século XIX. Segundo elle qualquer chimico saberá fazer ouro dentro em pouco, e dentro em pouco serão tambem de ouro e prata os proprios utensilios das cosinhas, o que muito contribuirá para prolongar a vida, hoje ameaçada a cada momento pelos oxidos de cobre e de chumbo, que tomamos juntamente com os alimentos. Somos dos incrédulos, mas Deus o ouça.

## MARÇO — 4

**Excepção.** — Havia um convento, não me lembra agora o nome, em que os mestres tinhão muitos privilegios, e em certa estação do anno costumava um frade, em quanto os outros se refazião, ler os estatutos da ordem; não havia porém um artigo que não trouxesse um *exceptis magistris*. Dizia-se alli, por exemplo: Ás 2 horas da manhã todos se levantarão para rezar em côro, *exceptis magistris*; a taes horas reunir-se-hão todos para fazer via-sacra, *exceptis magistris*; todos a taes ou taes horas farão nas suas cellas este exercicio pio, *exceptis magistris*; etc. Um dia lia-os um frade gracejador, e chegando ao fim, onde se dizião pouco mais ou menos estas palavras: Todos aquelles que cumprirem estes santos preceitos terão as benções do nosso santo Patriarcha e irão gosar a bemaventurança, accrescentou, *exceptis magistris*.

E parece que tinha razão; um céu n'este, e outro no outro mundo, são cousas pouco conciliaveis.

*F. de Faro* (Porto).

**Disputa.** — Disputavão, um grego e um veneziano, querendo cada um que a sua respectiva nação, vencia a outra em excellencia.

O grego, para provar que a suá se avantajava não só a Veneza, mas a todos os outros paizes, disse-lhe:

— Foi da Grecia que sahiram todos os sabios.

— É verdade, respondeu-lhe o veneziano, e é por isso que já hoje lá se não encontra nenhum.

MARÇO — 6

**O espirro.** — Os fabulistas dizem que Prothomeu tendo-se apoderado d'um raio de sol e havendo-o fechado n'um vidro, o chegára ao nariz da sua estatua para lhe dar vida; que o primeiro signal de vida que deu a estatua foi um espirro; e que Promotheu absorto lhe dissera, não importa em que lingua, — *que te aproveite.*

Seria d'esta fabula, que gregos e romanos derivaram o costume de saudar os que espirrão? Talvez.

Os gregos em similhante cazo dizião — *vivei*, ou *Jupiter vos conserve*, e os romanos — *salve*, (tende saude).

Diz-se tambem que no século XVI houvéra uma peste contagiosa, que fazia grandes estragos em Roma. Um dos symptomas da enfermidade era o espirro, e a esta funcção natural seguia-se a maior parte das vezes a morte do atacado. Provirá d'aqui o costume, que ainda hoje voga, de dizer ao que espirra — *Dominus tecum?* (o Senhor seja comtigo). Não o ousamos affirmar, porque em nações muito distantes, de differentes religiões, e desconhecedoras dos nossos costumes, vêmos o uso estabelecido de saudar os que espirrão.

Os siamezes, por exemplo, contão que depois da morte comparecem as almas diante d'um juiz que examina os seus merecimentos, e que estas espirrão quando se lhes dirige.

a palavra. Comprehende-se depois d'isto o costume que têem os siamezes de desejar bôa fortuna aos que espirram.

Na Mesopotamia se o rei espirra, todos os que estão presentes o saudão com grandes gritos, que são repetidos por quantos os escutão, e successivamente em toda a cidade.

Quando os Hespanhoes conquistaram a Florida acharam já estabelecido entre os indios o costume de saudar os que espirrão; quando espirrava um Cacique estendião os braços e pedião ao sol que o favorecesse.

Deu-se tal importancia ao espirro que se considerava tambem de bom ou máu pressagio, segundo as circumstancias que o acompanhavam. Vê-se da Odissea (L.º 17). Espirrar á direita d'uma pessôa era bom agouro, e espirrar á esquerda máu. Catulo falando de Septimio, que por fim conseguio ser amado de Armé, diz que foi porque o Amor, que sempre tinha espirrado á esquerda, manifestou uma vez a sua complacencia espirrando á direita.

Os poétas gregos e latinos, quando vião uma mulher, ou criança formosa, dizião *que os amores lhe tinhão espirrado ao nascimento.*

## MARÇO — 7

**Sansão contra os turcos.**—Alguns cavalleiros de Malta entretinhão-se um dia ácerca do perigo de que se achavão ameaçados, pois era voz constante, que os turcos vinhão contra elles com cem mil homens. Um d'estes cavalleiros chamava-se Sansão, e era de pequenissima estatura. «*Senhores, diz um da companhia*, chasqueando e rindo, *nada tendes a receiar. Não temos entre nós um Sansão? Só elle bastará para destruir todo o exercito dos turcos.*» Estas palavras, excitaram a hilaridade de toda a assembléa, mas o gentil-homem, em pouco a voltou contra o companheiro que o havia ferido: «*Tendes razão,* lhe replicou elle, *mas para fazer o que dizeis preciso, como Sansão, da vossa queixada.*

**La vieille garde meurt, et ne se rend pas!** — Foi na celebre batalha de Waterloo, onde no espaço de poucas horas se jogou o destino de algumas grandes nações, que d'entre a velha guarda do imperador Napoleão 1º saiu esta bella phrase: «A velha guarda morre, mas não se rende».

Attribuiram-n'a uns ao famoso general Cambronne, que á frente d'ella se bateu como um leão, sendo por fim ferido gravemente e prisioneiro dos inglezes. Dizem outros, porém, que sahira da bôcca do general conde Miguel, que igualmente se achava diante dos célebres granadeiros de Napoleão, onde heroicamente succumbio penetrado pelas balas inimigas, e com elle as tres partes d'estes bravos.

Cambronne voltou para França. Sómente em 1830 tornou a entrar no serviço, e morreu em 1842. Foi-lhe erigida em 1848 na cidade de Nantes, terra da sua naturalidade, uma estatua, na qual, por ordenação de 5 de dezembro de 1844, forão gravadas as palavras: «A velha guarda morre, mas não se rende.»

Os francezes não são homens que deixem escapar um ápice de gloria. Para elles tem o mesmo valor que o ouro para um filho de Israel. Foi assim que os dous filhos do conde Miguel protestaram com todas as suas forças contra este roubo de *propriedade alheia*, e requereram ao imperador Nopoleão 3.°, em conformidade do artigo 40.° do regulamento de 22 de julho de 1806, a modificação da lei de 5 de dezembro de 1814, em honra das cinzas de seu fallecido pae, provando com documentos authenticos a justiça que lhes assiste.

O imperador Napoleão, que muito a peito tem a justiça de seus subditos, procurou por todos os meios levar á evidencia uma questão de gloria tão avidamente sustentada; e chegando ao seu conhecimento que na aldêa de Vicq vivia ainda um antigo granadeiro do 2.° regimento da velha guàrda, mandou para alli marchar em julho de 1862, o marechal du-

que de Magenta, general Maissiat e coronel Borel, para juntamente com o prefeito Mr. Vallon procederem a um conselho investigatorio que tomasse conhecimento do depoimento do velho granadeiro, e á vista de um tal testemunho melhor poder satisfazer aos interessados.

Por que não curaremos das nossas cousas com estas efficazes minuciosidades?

Que exemplo para imitar!

*Manoel Alves de Sousa* (Castello Branco).

MARÇO — 9

## EPIGRAMMA.

Certo doutor a um campino
Porção de palha comprou
Para alimento d'um burro,
Que ao cheiral'a a regeitou.
Era de má qualidade.
Por isso o pobre animal
Não mettia n'ella o dente,
Mesmo com fome infernal!

D'ahi por tempo o campino,
Cheio de manha talvez,
E carregado de palha,
Torna ao doutor outra vez!
Diz o doutor: — «Leve a palha,
«Não volte cá, que me espanta!
«Tenho a outra atravessada
«Ainda aqui na garganta!»

*Manoel de Castro Sampaio* (Lisboa).

**Parentesco singular.** — Moravão em uma aldeia dous casaes; um tinha uma filha, o outro um filho; a mãi da menina enviuvou; o pai do menino tambem enviuvou; cresceu este menino, e namora-se, não da menina, mas sim da mãi, e casa-se com ella; o pai do menino namora-se da menina, e tambem se casa. D'este modo, o moço era sôgro de seu pae, e este, entiado de seu filho; a mulher, nora e sogra de seu sogro; e este, sogro e genro de si mesmo. Se estes tiverem filhos, que parentesco vem a ter entre si, e como hão de chamar-se?

*João Cezario Fernandes* (Pitangui, Brazil.)

**Como esta, outras muitas.**—No *Almanach* de 1862, pag. 67, sob a epigraphe:—*Presença d'espirito*—encontra-se uma breve historia, a mesma que já havia lido em differentes escriptos, e de cuja analogia com alguma similhante, mencionada por certo author antigo, eu tinha uma vaga lembrança. Com effeito, no livro 2.° cap. 5. dos *Estratagemas* de Sexto Lucio Frontino, se lê o seguinte:—«Melantho, general dos athenienses, sendo desafiado a um combate singular por Xantho, rei dos bœotios, achando-se já proximo d'elle, lhe lançou em rosto, que, contra a expressa condição do desafio, vinha acompanhado; e voltando-se Xantho admirado, para vêr quem o seguia, foi mortalmente ferido pelo seu adversario».—

Este facto, sendo na essencia o mesmo que o praticado por lord Berkley, differe todavia, e muito, na parte moral. A acção do general grego foi uma verdadeira traição, e por isso digna da mais acre censura, emquanto que a do nobre inglez foi um acto de natural, e legitima defeza, e prova de rara coragem, e presença de espirito. Assim mesmo a comparação desacompanhada d'estas duas anecdotas, prova, bem como muitas outras espalhadas pela historia antiga e moderna, que bastantes acontecimentos, decorados hoje com os fóros de novidades, tanto na ordem physica, como na intellectual, não passão de méras repetições, do que já succedeu em tempos mais ou menos remotos, e cuja lembrança e vestigios apagou o incessante caminhar dos séculos.

*Antonio Candido Palhôto* (Benavente).

**Pope.**—O rei de Inglaterra encontrando um dia n'uma rua de Londres o celebre Pope, que era baixo e corcunda, disse para um dos seus cortezãos:

—Sempre desejava saber de que serve aquelle homemsinho, todo cambado.—Ouvio-o o poeta e diz-lhe:

—Para vos fazer andar direito.

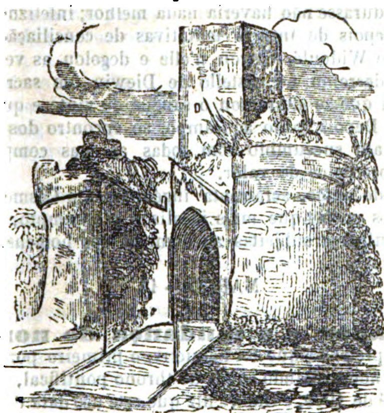
**Sino condemnado.** — Em 7 d'Abril de 1498, em Florença, quando o convento de S. Marcos, de que Jeronymo Savonarola era prior, foi assaltado para colher ás mãos este implacavel inimigo dos Médicis e do pontificado de Alexandre VI, com os seus sequazes, um dos sinos do convento tocou a rebate chamando auxilio contra os agressores.

Savonarola vencido n'esta luta foi condemnado a ser queimado com dous dos seus fanaticos mais ardentes; isto a ninguem surprehende, mas o que realmente assombra é que o sino que n'aquelle dia tocou alarma não escapasse á sanha dos vencedores.



Pois é verdade; instaurou-se-lhe processo e os magistrados de Florença condemnaram o sino rebelde a ser passeado por toda a cidade em cima d'um burro (não passaria de garrida) em signal de ignominia. É que o convento de S. Marcos, no dizer d'um antigo escriptor, estava infestado de demonios, e forão talvez estes os que comprometteram o pobre sino, dependurando-se-lhe da corda.

**Amazonas da Bohémia.**—No século VIII, no reinado de Premislau, houve na Bohemia um estado de amazonas, se houvermos de acreditar a tradição, e os poétas que mais tarde a enfeitaram nos seus poemas. No dizer d'elles Libussa, mulher de Premislau, hávia formado uma guarda de mulheres habeis em manejar as armas. Depois da morte d'esta princeza a amazona que as commandava, Vlasta, reuniou-as n'um monte, não longe de Praga, e ahi declarando-se independente, edificou um castello destinado a ser o centro do seu novo imperio. Augmentou o numero das suas companheiras, cresceu o seu poder, e não lhe bastando já uma fortaleza, levantou outra defronte de Wissegrad, que foi baptisada com o nome poetico de Diewin (castello das donzellas).



Vlasta á frente das suas guerreiras chegou a derrotar as tropas de Premislau; e depois d'esta victoria ficou tão soberba que publicou um codigo cujos ultimos artigos estatuião:

«Que os homens não poderião usar armas, sob pena de morte.

«Que tambem não poderião montar a cavallo senão com

as pernas juntas, e pendentes sobre o lado esquerdo do cavallo, e que o que montasse d'outro modo seria punido de morte.

«Que os homens, qualquer que fosse a classe a que pertencessem, deverião lavrar as terras, e fazer todos os outros trabálhos emquanto as mulheres combatião por elles.

«Que as raparigas escolherião seus maridos, onde e como quizessem, e que os homens que recusassem submetter-se á sua escolha, serião condemnados á morte.

Se isto durasse não haveria nada melhor; infelizmente Premislau, depois de inuteis tentativas de conciliação, atacou o forte de Widoulé, entrou n'elle e degolou as vencidas.

Vlasta decretou no castello de Diewin um sacrificio aos deuses em que se derramou o sangue de vinte e quatro prisioneiros. Depois sahio ao campo, ao encontro dos seus inimigos, e ahi succumbio com todas as suas companheiras, obrando prodigios de valor.

Foi desde então, acrescenta ingénuamente Cosme de Praga, um dos poétas que mais idealisou o assumpto, que ficaram as mulheres subjeitas ao dominio dos homens.

## MARÇO — 13

**Os papas, e a mudança de nomes.** — Ha quem pretenda que foi Sergio IV, o primeiro pontifice que mudou de nome quando subio ao throno pontifical, mas a sua exaltação é de 1009, e Onofre diz que este uso data de João XII, que cingindo a thiara em 956 não quiz conservar o nome pagão de Octaviano. Fra Paulo attribue este costume aos papas allemães, porque os seus nomes barbaros soavão mal aos ouvidos italianos.

No meio d'esta controversia o que ha de certo é que os bispos tinhão adoptado esta practica já desde os fins do século VII, e que depois do Pontificado de Bento IX em 1033 ha apenas um papa que não mudou de nome ao cingir a thiara. É Adriano VI, eleito em 1522.

# LOGOGRIPHO II.

Segunda, terceira, e prima
É nutriente alimento,
Do novo mundo nas plagas
Serve a muitos de sustento.

Um sectario te designão
Quarta, primeira, e terceira,
Que com sangue conspurcou
A fanatica carreira.

Segunda, terceira, e quarta
Cabia na antiguidade,
Dos pagãos, em sobrenome,
A famosa divindade.

Primeira, segunda, e quarta
Denotão certa cidade;
Se é a pronuncia, que importa
D'uma lettra a variedade?

A segunda, prima e quarta
Nunca vi em Portugal;
Mas dizem que é linda ave,
Do tamanho d'um pardal.

Primeira, terceira, e quarta
Lembrão guerreiro valente,
Que manchou sua alta gloria
Com feroz crueza ingente.

Em colonia portugueza,
Se quarta e tercia repito,
Contractos, lucros recordo
De nome um pouco exquisito.

Na segunda e prima ás vezes
Razão e senso perdemos;
Mas attrae-nos seu encanto,
E para ella corremos.

Reune terceira e quarta
Tens um meio de transporte;
Nas duas primeiras outro
Na enfermidade, ou na morte.

Na quarta mais a segunda
Distracção t'é off'recida;
Traz os dados, vem depressa,
Joguemos uma partida.

Minha terceira e segunda
São um nome feminino,
Procurado com afan
Pelo sexo masculino.

Tem a primeira e segunda
De parentesco razão
Com a segunda e primeira;
Differem na posição.

Em uma carta geographica,
Sendo exacta e verdadeira,
De mar cercada verás
A quarta junta á primeira.

É com razão celebrado
Um, do Egypto procedendo,
Após curso tormentoso
No deserto fenecendo.

*João Maria Mergulhão Neves Cabral* (Armamar).

### MARÇO — 15

**Fonte de S. Lourenço em Elvas.**—A antiga fonte de S. Lourenço, que existia na rua da mesma denominação, foi demolida no anno de 1779, depois de ter arrostado mais de um século. Mr. de Valleré era então governador das armas na provincia do Alemtéjo, e o dr. Bernardo Xavier de Barboza Sacheti corregedor e superintendente das obras publicas em Elvas.

É geralmente sabido, e attesta-o o forte de N. S. da Graça, que o general Valleré fôra um distincto engenheiro. Bem o conhecia o corregedor, e desejando unir o seu nome ao d'elle na construcção d'uma obra, que os eternisasse, manifestou ao general a idéa que havia concebido de desfazer aquella fonte, já por ella se achar arruinada, já pela sua architectura não corresponder ao local.

O que mais importava era que S. Ex.ª se prestasse a fazer o traçado, e a dirigir os trabalhos para outra no mesmo sitio.

Accedeu o general, fazendo o traçado, que desenhou seguindo o risco de uma fonte que havia sido construida em França, e o corregedor propondo á camara este projecto conseguio plena approvação em vereação de 27 de Novembro d'aquelle anno.

É mister dizer que ninguem notava ruina na antiga fonte, nem tão pouco falta d'elegancia na sua architectura.

Demolida ella, foi começada a outra com grandes ornatos. A verba da despesa augmentava progressivamente, mas nem por isso o corregedor deixava de se enthusiasmar cada

vez mais, pois administrava o cofre dos aqueductos, que n'esse tempo tinha grandes fundos.

O enthusiasmo de Valleré não era menos que o do corregedor, porque não só encontrava n'estas obras o alimento de seu genio, mas ainda o meio de exercitar os officiaes, feitos na sua escola no forte de N. S. da Graça.

Consolidado o cimento, fez elle construir o recipiente da fonte, bem como a frontaria, aos lados da qual forão erguidas quatro soberbas columnas da ordem gothica. A fonte começou a funccionar, mas ainda faltava muito para o seu complemento.

A estatua de Astréa, que importava em 700$000 réis, havia de ser collocada no centro das columnas; e, tratando-se de uma inscripção, que devia ser gravada no pedestal desta estatua, foi ella apresentada em latim pelo corregedor. Ahi se lia que aquella obra tinha sido feita sendo corregedor Bernardo Xavier de Barboza Sacheti — *Præsul Provinciæ* — erão os termos de que o magistrado se servia para exprimir o seu cargo de *corregedor*. Esta circumstancia muito desgostou e desanimou o general, pois como governador das armas na provincia e director d'aquelle trabalho, pretendia quinhoar da gloria que o corregedor só queria arrogar a si, e por isso resolveu retirar-lhe a sua direcção, bem como esconder o traçado que havia feito, privando assim os operarios, e tirando ao corregedor os meios de continuar.

Assim ficou, e é esse montão de cantaria que ahi se vê entre quatro soberbas columnas, revelando os fundamentos de uma grandissima obra.

*Manoel de Castro Sampaio* (Lisboa).

**Dous n'um.** — Estás sempre abrindo a bôcca? Dizia a seu marido uma esposa despeitada.

— Então que queres? respondeu-lhe elle. Marido e mulher não fazem mais do que um, e quando eu estou só, minha querida amiga, acabo quasi sempre por me enfadar.

**Comparação de linguas.**— Em 1786 o Diccionario da Academia Franceza continha:

| | |
|---|---|
| Substantivos... | 18,716 |
| Adjectivos..... | 4,803 |
| Verbos........ | 4,557 |
| Adverbios..... | 1,634 |

Total 29,710 palavras.

Um philologo publicou em 1831, na *Revista Britannica*, o seguinte calculo, depois de haver submettido a uma escrupulosa dissecação o Diccionario de Johnson. Segundo elle a lingua ingleza conta:

| | |
|---|---|
| Substantivos... | 15,910 |
| Adjectivos..... | 8,444 |
| Verbos........ | 10,142 |
| Adverbios..... | 2,288 |

Total 36,784 palavras.

Com quanto seja certo que a lingua franceza contem hoje um numero muito maior de palavras do que em 1786, devido isso á revolução porque passou a litteratura do paiz, basta comparar os dous calculos para vêr o quanto a lingua de Milton é superior á de Voltaire no que respeita á abundancia de termos.

## CHARADA VI.

O baluarte da gloria lusitana
N'essa tão longinqua plaga indiana... 2
Ao ferro succumbio do heróe troiano
Por que o cinto do amigo tinha insano... 2
Mostra a idéa de tempo prolongado,
Extenso, durador, e demorado.

*Manoel Fulgencio Gomes* (Lobrigos).

**Mais uma maravilha.**—A cathedral de Besançon, em França, possúe, desde 1860, o mais completo e engenhoso relogio que a industria tem produzido. A concepção do seu complicado mechanismo e a sua construcção levaram a Mr. Vérité, de Beauvais, tres annos de aturado trabalho.

Entre uma infinidade de periodos astronomicos, épocas ecclesiasiasticas e phenomenos de toda a especie indicados n'este relogio, pois basta dizer que o machinismo põe em movimento setenla e tres ponteiros (alguns marcão a hora de 16 das cidades mais importantes do mundo, esquecendo porém Lisbôa) notão-se como engenhosissimas as indicações sobre as marés nos principaes portos francezes. Estes portos estão fielmente representados em pintura com os seus rochedos e areaes, que as aguas cobrem e descobrem alternadamente, e com amplitudes calculadas com rigor pelas idades da lua. N'estes pequenos mares formão-se tempestades uma vez ou outra; vê-se de repente apparecer no horisonte uma nuvem, que vai augmentando pouco a pouco e obscurecendo o azul do céu; a superficie do mar agita-se, e as ondas tornão-se mais grossas e irregulares; passado algum tempo as nuvens desapparecem e a tempestade cessa. Ha tambem notavel uma miniatura do systema planetario com os seus principaes astros, onde são representados os eclipses nas occasiões proprias. Finalmente, é tambem interessante a disposição das peças no quadrante principal. As pancadas das horas e dos quartos são batidas pelos apostolos representados em pequenas estatuas que apparecem por seu turno. Superiormente está o sepulchro de Christo guardado por dous soldados; ao meio dia Christo resuscita, os soldados são derrubados e ouve-se o harmonioso cantico «*Ó filii*»; ás tres horas restabelece-se o estado primitivo, e a musica toca o «*Stabat mater*». Tudo isto é coroado por uma estatua da Virgem, sustendo na mão um sceptro que deixa cair no momento em que Christo resuscita.

Leva de certo a palma ao tão nomeado relogio de Strasb-

## SONETO.

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãi ordena;
Que o furtado colxão, fôfo, e de penna,
A filha o ponha alli, ou a criada:



A filha, moça esbelta, e aparaltada,
Lhe diz co'a doce voz, que o ar serena:
—Sumio-se-lhe um colxão, é forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada:

Tu respondes-me assim? Tu zombas disto?
Tu cuidas, que por ter pai embarcado,
Já a mãi não tem mãos? E dizendo isto,

Arremette-lhe á cara, e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Salta-lhe o colxão de dentro do toucado.

*Nicoláu Tolentino.*

MARÇO — 19

**Mulher previdente.**— Uma mulher casada em segundas nupcias, e que tinha um marido brutal, que ella detestava porque lhe batia quasi todos os dias, foi um dia surprehendida por elle de joelhos, e de mãos erguidas pedindo ao céu a sua conservação.



— Que é isso? Perguntou-lhe o marido. — Acaso vos renasceu no coração o amor que já me tivestes?

— Não, respondeu ella, mas o meu primeiro marido ralhava-me por dá cá aquella palha, vós bateis-me pelas mais pequenas cousas, e se vos perdesse, vêr-me-hia forçada a casar com terceiro, que provavelmente me mataria. Peço pois, a Deus que vos conserve a vida.

**Esperança frustrada.**— O célebre Fox tinha-se constituido devedor de sommas consideraveis a differentes judeus, e contava com a succossão de um dos seus tios para se desempenhar das suas dividas. O tio, porém, casou-se, e em menos d'um anno deu a mulher á luz um filho. «É um novo Messias, disse Fox, quando lhe derão parte do nascimento; veio ao mundo para ruina dos judeus.»

**Cometas.** — O aspecto d'estes astros e a sua marcha irregular fizerão-nos considerar antigamente como indicios de desgraças imminentes; e a sua apparição decidio da sorte de muitas batalhas e da vida de muitos homens.

Em 840, o infeliz filho de Carlos Magno, Luiz I, succumbio ralado por uma doença que, havia tres annos, lhe havia causado a apparição d'um cometa, depois de ter esgotado os seus cofres na edificação de mosteiros e igrejas, com o fim de desviar de si a cholera do Senhor!

Este mesmo cometa em 1066 lançava a desanimação entre os soldados de Harold, e animava os normandos a proseguirem no projecto da conquista de Inglaterra; em 1456 era excommungado pelo Pontifice Calixto III, e dava origem a uma sanguinolenta batalha em frente de Belgrado, onde se virão monges com o crucifixo na mão invocando o anathema sôbre o inimigo da christandade, e onde perecerām milhares de combatentes; e, finalmente, em 1759 era considerado como membro do systema planetario por Halley, de quem recebêu o nome.

Outro cometa, fez morrer no anno de 975, em Mouse-Thurn, á margem do Rheno, o arcebispo de Moguncia, que para alli se tinha retirado para fugir á cholera divina; em 1264 abreviou os dias do Papa Urbano IV; e finalmente em 1556 decidio a abdicação de Carlos V, e recebeu o nome do poderoso soberano que assim subjugou.

Esta impressão de terror entrava mesmo nos espiritos mais esclarecidos, e ainda no século 17.º o célebre astronomo Kepler accreditava nos prognosticos dos cometas.

O bom senso, porém, e o progresso da astronomia, forão destruindo estas idéas supersticiosas, e chegou-se a tempo, não muito remoto, em que as noções ácerca dos cometas exageraram em sentido inverso. De facto, fundados na seguinte asserção do distincto astronomo Sir John Herschell «que a cauda d'um grande cometa poderia ter algumas li-

bras e mesmo só algumas onças de materia», chegaram alguns sabios a affirmar, que o choque d'um cometa com a terra seria da mesma ordem que o de uma mosca n'um comboio de caminho de ferro; que ainda que a materia da cauda fosse um veneno violentissimo as nossas existencias não correrião perigo algum; que os cometas eram *nadas visiveis;* e em summa pouco faltou para os riscar do quadro do universo.

Mas as observações modernas tendem a mostrar que o choque da terra por um cometa teria alguma importancia. Em relação ao grande cometa de 1861 mostrou o illustre astronomo italiano padre Secchi, que a influencia d'este cometa sobre o nosso globo poderia equivaler ao pezo de uma camada d'agua de 20 metros de espessura que o involvesse, e que necessariamente o equilibrio das aguas e do ar seria alterado.

Este cometa, ao que parece, é o que mais se tem approximado do globo, pensando até alguns astronomos que a extremidade da cauda se misturou com effeito com a nossa atmosphera; mas segundo as observações mais dignas de confiança a distancia da terra á cauda foi ainda de 1 milhão de léguas!

Em resultado: o encontro da terra com o nucleo d'um cometa seria mais que perigoso, mas segundo Arago a sua probabilidade é como 1 para 281 milhões; a passagem da terra pela cauda de um cometa será possivel acontecer (rigorosamente falando) mas não ha que receiar, porque estando a massa d'estes astros disseminada por extensões enormes a sua materia é tenuissima. *Candido Celestino Xavier Cordeiro.*

**Versos alexandrinos.**—Alexandre de Pariz, que viveu nos fins do século XII, não só foi o primeiro que fez versos francezes de 12 syllabas, senão que tambem escreveu um poema sobre a historia de Alexandre, o grande.

D'aqui vem, segundo dizem, chamarem-se alexandrinos os versos de 12 syllabas.

# ENIGMA

No meu todo tenho cara.
Se somos mais do que um
Das damas fômos o luxo
Já hoje pouco commum.

*M. N.*

**Civilisação chineza.**— Durante a marcha das tropas alliadas de Tientsim para Pekin tiverão os chins occasião de fazer alguns 30 prisioneiros, entre os quaes figuravão homens de consideração, tanto inglezes, como francezes. D'estes apenas resistiram ás torturas por que passaram, Mr. d'Escayrac, distincto naturalista francez, M. Parkey, antigo consul inglez em Cantão, Mr. Locke secretario de lord Elgin, e mais uns 14 soldados.

Diz Mr. d'Escayrac que fôra surprehendido n'um de seus passeios na provincia de Chan-kia-pan, onde o exercito descançou por alguns dias, e que assaltado por centenares de chins o levaram, com as mãos ligadas atraz das costas, á presença de um mandarim; ahi protestou solemnemente contra um procedimento tão singular, mas as suas queixas não fizerão mais do que exacerbar os chins, sendo alli mesmo em presença do mandarim castigado com algumas chibatadas. D'alli foi levado para uma carroça forrada interiormente de pregos, que lhe rasgavão as carnes ao mais pequeno movimento, e assim foi conduzido atravez da grande cidade de Tong-tcheou, soffrendo a cada momento novas torturas e novos insultos; uns fazião parar a carroça para lhe tirar um cabello da barba, outros para lhe aproximar da pelle um pivete accêso etc.

Entrou em Pekin e foi enclausurado n'uma horrivel masmorra, onde carregado de ferros se vio cercado de criminosos; foi porém a estes que Mr. d'Escayrac deveu a vida, por que com-

padecidos talvez da desgraça que o affligia, repartião com elle uma parte do seu alimento diario, que consistia em arroz, batatas e chá; davão-lhe tabaco, e ião [illegible]ias quando o desgraçado queria mudar de posição. Alli esteve por algum tempo, até que chegando os alliados ás portas de Pekin, e exigindo os seus prisioneiros, lhes foi elle entregue com os outros que ainda existião. Estava completamente desfigurado, coberto de farrapos, os pulsos quasi gangrenados; e a cabeça já affectada de um certo desarranjo mental, que mais tarde o desappareceu.

Os outros infelizes que pereceram, entre os quaes se contava Mr. Bowlby, membro da legação ingleza, e Nordman, padeceram torturas horriveis; lançados em uma prisão escura e tenebrosa amarraram-lhes os pulsos com cordas de linho e de tal modo apertadas que em pouco tempo lhes sobreveio a gangrena; e era tal a ferocidade dos chins, que mesmo n'estas tristes circumstancias vinha o carcereiro todas as manhãs humedecer-lhes as cordas afim de que depois pela contracção lhes entrassem nas carnes já corrompidas! Foi d'este modo que succumbiram, experimentando antes da morte a corrupção cadaverica, e tendo já milhares de vermes a corroer-lhes o corpo.

Não é uma historia de pura invenção; isto passou-se em outubro de 1860, e é extrahido de umas recordações da China escriptas por Georges de Kéroulée, addido á embaixada que n'aquelle anno foi a Pekin.

Faça-se por aqui uma idéa da civilisação chineza.

**Europeus no novo mundo.**—O inglez, no dizer d'um estatistico, é falado na America por:

| | | |
|---|---|---|
| | 11,647,000 | individuos. |
| O hespanhol por ............ | 10,504,000 | » |
| O portuguez por ............ | 3,740,000 | » |
| O hollandez, o dinamarquez e o suéco por........... | 216,000 | » |
| Total | 26,107,000 | » |

**Queimaduras.** — Em a nossa practica empregamos com o melhor resultado a agua fresca, quando póde applicar-se immediatamente; a polpa das batatas, a qual por causa da sua frescura diminue a inflammação; o alumen dissolvido, cuja efficacia verificámos grande numero de vezes; os corpos gordos, e principalmente a mistura de partes iguaes de óleo commum e d'agua de cal, formando o que se denomina linimento oleo-calcareo.

No entretanto devemos confessar, que o sub-azotato de bismutho nos deu resultados mui superiores, por ser um topico mui doce e conveniente para as queimaduras.

Quando a epiderme se destaca com precaução, pulverisa-se a derme com o pó de sub-nitrato de bismutho, e deixa-se a ferida ao ar livre, tendo apenas o cuidado de renovar aquella substancia á medida que se humedece pela suppuração.

Tratámos, ha poucos dias, uma grave queimadura por este meio, que vimos preconisado por Velpeau, a quem devemos tal descoberta. D'um dia para o outro terminaram os soffrimentos, diminuiram a intumescencia e inflammação, e appareceu o tecido de cicatriz.

*Lino de Macedo* (Alandroal).

**Influencia do casamento sobre a duração da vida** (Longevidades).—O Dr. Gaspar, de Berlin, calculou que a mortalidade entre os celibatarios da idade de 30 a 45 annos, é de 27 por 100—em quanto que, entre os homens casados da mesma idade não excede a 18 pór 100. Por 41 celibatarios que attingem 40 annos, ha 78 casados que chegão á mesma idade.

A differença torna-se ainda mais frizante, á proporção que a idade se adianta. Aos 60 annos ha apenas 22 celibatarios, para 48 casados; aos 70 annos, 11 celibatarios, para 27 homens casados; e aos 80 annos, 3 celibatarios para 9 casados. (*V. Almanach de 1862, pag.* 68.)

**Por causa d'uma rima.** — O poéta Boileau, na 3.ª das suas satyras, descreve o máu estar d'um conviva

..... *qui ne compte rien ni le vin ni la chère,*
*Si l'on n'est plus au large assis en un festin,*
*Qu'aux sermons de Cassagne....*

Recitou um dia o poéta a satyra, ainda inédita, a Furetière, e quando chegou a este ultimo verso deteve-se no hemistichio que lhe falta.

Ahi estais vós embaraçado diz-lhe Furetière; porque não contemplais o abbade Cotin?

Dito e feito. O verso ficou desde logo completo, e Boileau recitando disse:

*Qu'aux sermons de Cassagne, ou de l'abbé Cotin.*

Imprimirão-se as satyras, correram, applaudiram-nas todos, decoraram-se, foi este verso particularmente gostado, mas quiz a má sorte que elle fizesse duas victimas.

Cassagne era um poéta soffrivel e um prégador de mérito. Recebido membro da Academia aos 27 annos, e estimado do ministro Colbert por um poema em que exaltou Luiz XIV, estava a ponto de ser nomeado prégador da côrte quando appareceu a sátyra de Boileau. Quem resiste ao ridiculo quando é manejado por penna tão habil? Não prégou na côrte, abandonou o pulpito, fez incriveis esforços para pelas suas obras adquirir a estima do publico, mas vendo que o não conseguia perdeu a cabeça e morreu no hospital de S. Lazaro, ferido d'uma satyra aos 46 annos de idade.

O abbade Cotin éra um prégador que tinha mais auditorio do que Boileau lhe attribue, e merecia tel'o; era um homem notavel pela sua instrução e pelos seus conhecimentos; sabia o hebreu, o syriaco e o grego como nenhum outro em França; mas teve a desgraça de incorrer no desagrado de Boileau e de Molière, e poucos hoje possuem as suas obras, muito menos conhecidas do que o seu nome, votado por dous homens celebres á immortalidade do ridiculo.

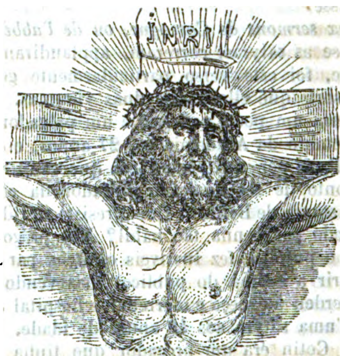
# STABAT MATER

## HYMNO

(Traducção livre)

Lá junto á cruz dolorosa
Triste, afflicta e lacrimosa
Firme estava a Māi constante;
Ergue os olhos tristemente
Ao madeiro, e vê pendente
O seu Filho agonisante.

A sua alma enternecida
Da cruel dôr opprimida,
Sentidos ais exhalava;
Conheceu n'aquelle instante
Quanto era penetrante
Á ponta da aguda espada.




Com o peito angustiado,
E o resto em pranto banhado,
Oppressa gemia, ao ver,
Dos braços da Cruz suspenso,
No martyrio mais intenso,
O Filho a quem deu o ser.

Veria alguem sem transporte
O Filho em ancias de morte
E o pranto da triste Māi!?
Haveria alguem mundano
Tão cruel e deshumano
Que não chorasse tambem!?

Stava em tanto desamparo
Da Virgem o Filho caro!
O que é senhor do Céu
Morria crucificado,
A golpes despedaçado
Por culpas do póvo seu!

Ó Mãi dos atribulados,
Por meus erros e peccados
Dei causa a tanta paixão;
Em castigo, ó Virgem pura,
Esse calix de amargura
Me entornai no coração.

Longe a terrena alegria.
Só em vossa companhia
Quero viver junto á cruz,
De dia e noute chorando
O regicidio nefando,
A morte do bem Jesus.

Fazei que eu logre a ventura,
Que essa morte me assegura,
Doce Mãi, fonte de amores;
Tornai meu peito uma frágua
De amor, meus olhos mar d'agua
Para sentir vossas dores.

Para sentir penas tantas
Essas chagas sacrosantas
Me imprimi no coração,
Sejão minha guia e norte
Pois de Christo a acerba morte
É signal de redempção.

Quando os miseros mortaes
Sentirem ancias fataes
Da universal agonia,
Porq'a chamma me não queime
Ó dôce Mãi! defendei-me
Lá n'esse terrivel dia.

E quando ao fim da carreira
Sôe a hora derradeira
Desta vida transitoria,
Lembrai-vos de mim, piedosa,
E dai-me a paz, que se gosa
Comvosco na eterna gloria.

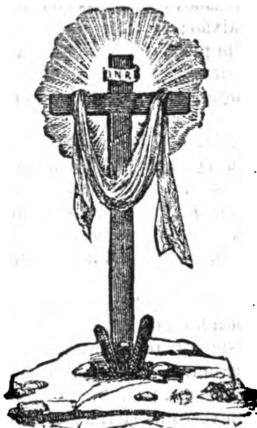
*D. Maria José Furtado de Mendonça* (Celorico da Beira).

**O pedante e o poéta.**— Um pedante d'estes, que falão latim diante das mulheres, e grego diante dos homens que não sabem senão latim; dizia um dia ao poéta Theophilo: — «tendes muito espirito; é pena que não sejaes um sabio.» — E vós, respondeu-lhe Theophilo, sois um grande sabio; é pena que não tenhaes espirito.

**O Crux, ave!**—É chegado o tempo dos mysterios, a *Hebdomas* magna, a Semana do Calvario.

Calai-vos interesses do mundo. Ave, Cruz do Redemptor!

Havia quatro mil annos que a justiça do Eterno esperava junto de ti o resgate do genero humano; e o resgate chegou com o escolhido de Deus, com o manso que venceu os fortes, o simples que aterrou os sabios, o pobre que abateu os soberbos. Ave, cruz!




Chegou o vaticinado pelos prophetas, o Messias promettido, o suspirado das nações; e tu vistel-o, vergando sob o teu peso, caminhar tranquillo para a montanha do Golgotha. Ave, cruz!

Chegou o escandalo para a Judéa, a loucura para os gentios, a força e a gloria de Deus para os christãos; chegou o descendente de David, o rei annunciado, e rei o ouviste proclamar entre o apupar das turbas —*Hic est Jesus Nazarenus Rex.* Ave, Cruz!

Chegou o Filho do Homem, o Deus mandado pelo Senhor, o rei pobre, o rei pacifico, o salvador do mundo; e tu vistel-o expirar á hora de noa, implorando o Eterno Pai pelos seus algozes.—*Pater, dimitte illis.* Ave, Cruz!

Expirou. Era Elle, *Vere Filius Dei erat iste.* Cumpriram-se os vaticinios. O véu do Templo rasgou-se, os rochedos estalaram, as sepulturas abriram-se, as trevas cubriram a face do universo, e tu, no meio de tantos prodigios, ficaste simbolisando a redempção dos homens. Ave, Cruz!

Ficaste; e por isso do monte da ignominia, onde te erguias como patibulo d'infamia, subiste, já brazão de gloria, para os altares do sacrificio, para as fachadas dos templos, para os estandartes das nações, para as armas das cidades e dos guerreiros, para as corôas dos reis e dos imperadores. Ave, Cruz!

Ficaste, e por isso os povos se curvão ás tuas plantas, por isso os afflictos te abração esperançosos, por isso és throno de graça, e misericordia, por isso te radicaste na terra, e és hoje adorada por 250 milhões de creaturas. Ave, Cruz!

Ave! Madeiro Sacrosanto, gloria do Libano, penhor de reconciliação, unica esperança das gentes. Ave!

## MARÇO — 26

**Uma licção n'um exemplo.**—Diz um apologo oriental:

«Certo legislador quiz dar uma nova fórma ao governo do estado, e para o tirar o mais depressa possivel da crise dolorosa em que se achava multiplicou as leis. Succedeu cair doente, e o seu médico receitou-lhe ao mesmo tempo differentes remedios.

—Para que são tantos remedios, doutor?

—Para restabelecer promptamente a vossa saude.

—Mas sendo tantos não poderão uns impedir os effeitos dos outros?

—Talvez, é provavel que isso aconteça; mas eu quero tratar a vossa doença pelo mesmo systema por que vós tratastes a do Estado.

**O jogo avaliado por um sabio.** — No jogo dizia Buffon, a somma que perdermos será sempre relativamente á que ganharmos como de 4 para 3, ao menos. Isto é, se tivermos cem mil escudos e ganharmos cem mil francos, não augmentaremos a nossa fortuna senão com um quarto; se os perdermos, ficará reduzida a duas terças partes.

# CHARADA VIII.

Hum meio, e circulo inteiro
Accrescenta ao que já sou,
E achas agua, mais nada,
Que a chuva p'ra ahi juntou.. 1

Stou ao norte, estou ao sul;
Ao nordeste, ao meio dia;
Sou torta, direita, ou curta,
Comprida, larga, ou esguia.. 2

Sempre de rojo,
Sem pernas ando;
Vou p'ra diante,
P'ra traz desando.

Se corro a terra,
No mar navego;
O que ella dá
Neste carrego.

*Antonio Candido Palhôte* (Benavente).

**Sàbio ou maniaco?** — O célebre médico italiano Sanctorius, fallecido em 1636, passou uma grande parte dos seus dias em uma balança construida expressamente para calcular a transpiração insensivel do corpo humano. Para éste fim collocava-se na balança depois de haver pesado os alimentos e bebidas, que lhe erão necessarias, e ahi se demorava pór 24 horas. Por ultimo, comparando o peso do que havia tomado com o das dejecções no mesmo periodo, avaliava a quantidade de fluido perdido pela transpiração insensivel. A diminuição d'este fluido parecia-lhe ser a causa de todas as doenças.

Um médico francez, Dodart, fallecido em 1707, repetio estas mesmas experiencias por espaço de 33 annos, e ambos elles as mencionaram em obras que forão muito estimadas no seu tempo. A do médico italiano, sobre tudo, *Ars de Statica Medicina*, teve umas poucas de edições.

**Canal de Suez.** — A abertura do Isthmo de Suez, essa empreza grandiosa, que tão benéfica influencia deve exercer sobre o commercio de todas as nações, é hoje um facto que se póde considerar realisado, e de que ninguem duvida. Por muito tempo, e até bem recentemente, foi julgada impossivel, porque observações menos exactas indicavão uma differença de nivel de 9 metros, proximamente, entre os dous mares. Hoje, porém, que se reconheceu o engano por mais rigorosas medidas, já grande parte do canal está construida, e já as maiores difficuldades forão vencidas. Abrindo-se no Mediterraneo em Porto de Saïd dirige-se quasi em linha recta por uma extensão de 30 léguas até desembocar no porto de Suez, no Mar Vermelho, e depois de haver atravessado o Lago Timsah, que se ligou ao Nilo por outro canal.

A ideia de abrir uma passagem que ligasse entre si estes dous mares é antiquissima, e mesmo entre portuguezes alguns houve que a suscitaram, no tempo em que isso mais de perto nos interessava, quando o nosso commercio para a India era florescente, e centenares de navios aportavão a Lisboa carregados com as preciosidades que o Oriente lhes offerecia.

Mr. Lesseps e todos os sabios que auxiliaram esta empreza consummaram um facto brilhantissimo para a historia dos nossos dias, e levantaram por suas mãos um monumento, que os fará para sempre lembrados.

**Cavallo-gondola.** — Um veneziano, que nunca havia sahido de Veneza, e que por esta razão não podia ser bom cavalleiro, montando pela primeira vez n'um cavallo, pegou-se-lhe este, apenas havia dado os primeiros passos. Vendo que todos os exforços erão inuteis para o fazer andar pegou d'um lenço pela ponta e expondo-o ao vento exclamou: — Não me admira que este cavallo parasse, *il vento é contrario.*

# LISBOA

## A MINHA IRMÃ

**D. Luiza Henriqueta L. J. Mousinho d'Albuquerque.**

Com orgulho assentada nas collinas,
Innundada de luz e formosura,
Se te miras nas aguas cristallinas
Logo o cristal dobrada te figura.
Cidade bella! Ah porque não dominas
Qual dominaste já, que sorte dura
Te opprimio com mão barbara e mesquinha,
Lisbôa, patria minha?

Aonde, o teu immenso poderío,
Que o sol logo em nascendo contemplava?
Aonde, esse tão vasto senhorío
Que só no extremo occaso atraz deixava?
Marchou-se a tua palma, qual no estio
Murcha a flor que a campina embellezava;
Tu depozeste a corôa de rainha,
Lisbôa, patria minha.

Mas careces de pompas e grandezas
Para seres amavel e formosa?
Ah não! bella te fez a naturêza,
E com mão abundante e generosa
De tal arte te ornou, de tal belleza,
Tão linda te formou, tão graciosa,
Que o coração de longe te adivinha,
Lisbôa, patria minha.

*D. Isabel G. Mousinho d'Albuquerque.*

## MARÇO — 30

**Quem trabalha descança.** — S. João acariciando uma perdiz, (é Cassio quem nos refere esta anecdota) e sendo visto por um caçador estranhou-o este tanto, que não poude deixar de lhe testemunhar a sua surpreza.

— Meu amigo, respondeu-lhe o apostolo, que tendes na mão?

— Um arco, diz-lhe o caçador.

— Se é um arco porque o não tendes armado, e prompto sempre para vos servirdes d'elle?

— Porque se o tivesse sempre d'esse modo quando uma vez o quizesse disparar não teria força para despedir a setta.

— Pois então, continuou o santo, não deveis estranhar que o nosso espirito descance algumas vezes. Se sempre o tiveramos occupado enfraqueceria de tal sorte, que o não encontrariamos quando com mais força e vigor o quizessemos applicar a qualquer trabalho.

## MARÇO — 31

**Saber calar-se.** — Perguntou-se a Xenocrates, uma vez em que se achava no meio de companhia numerosa, a rasão porque elle era o unico que nada havia dito ainda. «Tenho-me arrependido algumas vezes, respondeu o philosopho, de haver falado, mas nunca de ter guardado silencio.»

Disserão uma occasião a Torquato Tasso não sabemos que grosseria, e o poeta nada respondeu.

«É necessario ser louco para não falar em similhantes occasiões» disse de modo que fosse entendido alguem da companhia, que havia presenciado a scena.

— «Enganais-vos, respondeu o Tasso, um louco não sabe calar-se».

O poéta italiano pensava como o philosopho da antiguidade.

**Barbas e barbear.** — Muito se tem dito e escripto a favor e contra as barbas, e estas cortão-se ou conservão-se segundo os vaivens da moda, que é, será, e sempre tem sido a rainha do mundo.

Entretanto é força confessar, que a physionomia e a expressão dos olhos ganha um grande realce com o uso da barba, e d'ahi vem que o aspecto dos turcos é sempre mais varonil que o dos outros homens, da Europa, onde o costume de a fazer vigora actualmente. Os que argumentão a favor da barba fundão-



se ainda no grande incommodo que ella dá quando tenha de cortar-se todos os dias. É por isso que um escriptor allemão do século passado notando no seu livro de memorias quando deixou de usar polvilhos escreveu: «Hoje deitei a borla dos pós pela janella fóra: quando chegará o bemdito dia em que vá atraz d'ella o estojo das navalhas!» Foi-se o bom do escriptor, e o estojo das navalhas ainda ficou.

Entre nós usaram-se as barbas desde o começo da monarchia até aos fins do século XIV; tornaram a ser moda nos reinados de Affonso V, D. João II e D. Manuel; desappareceram na usurpação dos Philippes; quizerão ressuscital'as em 1640; mas não vingou o proposito, e desterradas se achão as barbas ainda hoje.

**Gordura.** — Em Roma, diz-nos Aulo-Gellio, quando os cavalleiros romanos se tornavão muito gordos erão condemnados pelos censores á perda dos seus cavallos.

Na idade média, ao contrario, parece que a nutrição era considerada por alguns escriptores como uma graça de Deus. O monge Guilherme, na vida de Suger, exprime-se do seguinte modo: «De tantas e tão differentes graças que rece-



beu do Senhor só uma lhe faltou — a de se tornar, depois que tomou as rédeas do governo de S. Diniz, mais gordo do que era no estado de simples particular, o que não aconteceu a todos os outros, ainda mesmo que antes houvessem sido magros.»

Não admira, dizemos nós. Os abbades de S. Diniz em França, no meio d'um luxo, que offuscava o dos grandes seculares, vivião mais para regalos e pompas do mundo, do que para os jejuns e a penitencia dos cenobitas.

**Esperteza de selvagem.** — Um official de bastante mérito, mas de pequena estatura, e mal feito, havendo chegado como governador ao Canadá, enviaram-lhe os irroquezes uma deputação para renovar a sua alliança com a França.

Tinha o chefe da embaixada construido um discurso em que havia empregado tudo o que a lingua possuia de mais rico e pomposo, para fazer o elogio da força, da altura e da belleza physica do general, qualidades que estes selvagens estimão de preferencia; mas chegando a Quebec, sendo admittido á audiencia, e vendo que o seu *speech* em nada quadrava ao personagem, em vez de se desconcertar, disse, depois d'uma grande reverencia:

«É forçoso que tenhas uma grande alma, visto que o grande rei dos francezes te mandou ao Canadá com um tão pequeno corpo.»

ABRIL — 4

**Ainda as cruzes em Barcellos.**—A pag. 246 do *Almanach* de 63 lêmos um artigo com referencia ao que a pag. 147 do *Almanach* de 61 dissemos a respeito das cruzes em Barcellos; e julgamos do nosso dever addicionar mais as seguintes linhas:

Não seremos nós, (que blazonamos de crente e religioso, ainda que não somos supersticioso), que nos gloriemos em desmentir crenças arreigadas no espirito do povo, e sanccionadas pelo volver dos évos! Deus nos defenda de tal! O que dissemos sobre as referidas cruzes, ainda o repetimos aqui alto e bom som: *Não as vimos.* Se as vissemos, com toda a franqueza o diriamos; pois que utilidade nos resultaria em negar o facto de semelhante apparição? Gloria?! Decerto nenhuma.

Como philosophe e christão, offerecerei á apreciação não só

do illustre minhôto, author do artigo a que me refiro, mas á de todos os leitores do *Almanach de Lembranças*, os 3 quesitos seguintes:

1.° Sendo Deus, como é, o author do universo, e sendo este um complexo infinito de maravilhas, será impossivel que o mesmo Deus opere mais uma, na apparição das cruzes em Barcellos?

2.° Será necessario, *para que Deus se manifeste e seja glorificado*, que Elle opere mais essa maravilha das referidas cruzes?

3.° Deus não se manifestará effectivamente em tudo o que vêmos das suas obras?

Ouçamos J. Racine que nos diz, falando de Deus:

Le jour annonce au jour sa gloire et sa puissance,
Tout l'univers est plein de sa magnificence:
Chantons, publions ses bienfaits.

E concluamos com estes versos de Pope, falando tambem de Deus.

Warms in the sun, refreshes in the breeze,
Glows in the stars, and blossoms in the trees,
Lives thro'all life, extends thro'all extent, etc.

*Antonio Luiz Telles da Silva e Menezes* (Portalegre).

ABRIL — 5

**Maledicencia de poéta.**—Perguntou-se a Milton a rasão porque um rei, em certos estados, podia cingir a corôa aos 14 annos, em quanto que não podia casar antes dos 18. — É, respondeu o author do *Paraiso Perdido*, porque é muito mais facil governar um reino do que uma mulher. Milton casou tres vezes, e se nos exemplos de casa era baseada a sua doutrina, as damas que lhe perdôem, e lastimem o poéta.

## A CAMPONEZA.

Como és linda, oh camponeza,
Quando tão meiga sorrís,
E os dentes mostras d'aljofár
Engastados em rubís!
Que lindos são teus cabellos,
Para mim prisões subtís!

*Serei tudo quanto queira;*
*Sim, senhor, é como diz!*

Não pódes crêr que te adoro,
Por vêr-me inda assim tão moço?
Por dizer-te quanto sinto,
E occultar eu já não posso?...
Não vês que olhar-te um momento
Me causa tanto alvoroço?

*Vejo, vejo, bem te entendo...*
*'Stá gordo... tem cada osso!...*

Não fica bem o motejo
N'essa bócca tão formosa!...
Nem um beijo me concedes
N'essa face côr de rosa?...
Dize que sim!.. que te custa?..
Não sejas tão desdenhosa!...

*Se lhe deixo dar-me um beijo?*
*Ai... deixo, que eu sou briosa!*

Não deixas não, que tu foges,
Zombar de mim só quizeste;
No teu «*sim*» tão gracioso
Outra idéa não tiveste;
Nem d'outro modo faltáras
Á palavra que me déste...

*Pois eu fiz-lhe essa promessa!..*
*Faria... pois não fizeste!*

Não peço mais, que um amante
Enfastia quando abusa;
Mas eu sei que esse melindre
Nas aldeias ninguem usa:
Dizes-me como te chamas?
Para isto não ha recusa!

*Inda não sabe o meu nome?*
*Pois olhe, chamo-me* Escusa.

Já vejo que me despresas!
Não tens dôr de quem padece:
Mas o fogo que me escalda
Inda assim não arrefece;
P'ra ser por ti adorado
Dava tudo que tivesse!

*Ora vês tu!... que fortuna,*
*Pela tarde, me apparece!*

Uma impressão tão ardente,
Meu peito jámais soffreu!
Não encontrarás no mundo
Um amor igual ao meu;
Vou dar-te um coração puro,
Aqui o tens... é só teu.

*Ai... pois não, Mariquinhas!*
*Toma lá, que te dou eu!*

Dize—eu amo-te!—isto basta
Para eu não ser desgraçado;
Vou abraçar-te e beijar-te,
Vou assentar-me a teu lado,
Jurar de ser teu esposo,
Oh! meu anjo idolatrado!

*Ai... sabe o senhor que mais!*
*Adeus... temos conversado.*

E pódes sendo tão bella,
Ser mais dura que um penedo?
Deixas-me triste, chorando,
Á sombra d'este arvoredo?...
Foge, sim, que és muito joven...
Falei-te d'amor tão cêdo!...

*Ai... não que o gato escaldado*
*Tê d'agua fria tem mêdo!...*

*Faustino Xavier de Novaes.*

## ABRIL — 7

**Auyàra.** — É este o nome que os tapuyas (indigenas) do Pará dão á mãi d'agua, ou sereia dos rios. É tradição entre elles que a auyàra habita no fundo dos mares em um palacio encantado. Dizem ser ella da cintura para cima, em tudo e por tudo, um formosa mulher; alva como a espuma das ondas, de cabellos louros, olhos azues e voz harmoniosa: da cintura para baixo é toda peixe, sem tirar nem pôr!

A auyàra sái ao lume d'agua á meia noute em ponto, e, acompanhada de suas irmãs, que são muitas e com ella vivem debaixo do mesmo tecto, sólta á margem dos rios o mais doce canto. Pescadôr, ou outro qualquer filho de Deus, topando-se com ellas deixa-se enfeitiçar com tantas formosuras, sente de subito uma grande vontade de atirar-se ás aguas e... zás... atira-se, mergulha e vai apparecer no palacio encantado! Ahi é recebido com summo agrado das habitantes da região. Uma por uma, todas as auyàras festejão-n'o com requebros de olhos, cantos amorosos, palavras assucaradas.... eu sei!... O que sei é que, se o hospede

na esparrella de acceitar, seja o que fôr, do que lhe offerecem, não contem mais com elle... fica encantado. Se resiste, porém, á tentação das offerendas as auyàras despeitadas enxotão-n'o do paiz e o viajante torna aos seus penates, mas, cuidado com elle, pois d'ahi em diante fica-lhe a mania de se querer atirar aos rios em noutes de luar.

A auyàra é a rainha dos rios e, como tal, os peixes rendem-lhe vassallagem, bem como todas as flôres aquaticas. A mobilia do seu palacio consta de jacarés, garoupas, bagrés etc. etc.

Tem um péssimo costume a tal serêia, e é o de roubar ás mãis os meninos que tópa nas margens dos rios.

Foi d'esta tradição que, sem duvida, nasceu a mimosa poesia americana do já muito conhecido poéta brazileiro o sr. Gonçalves Dias, intitulada = A mãi d'agua. =

Alguns tapuyas affirmaram-me tèr visto a auyàra, e de outros ouvi dizer que forão ter ao palacio encantado quando erão crianças. (Vai a historia por conta d'elles.)

*Bruno Seabra* (Rio de Janeiro).

## ABRIL — 8

**Concorrentes de nova especie.** — O bello e lucrativo monopolio das gargantas italianas, que até agora têem sido quasi as unicas a deleitar os amadores da musica, parece estar ameaçado de vir a soffrer os effeitos da concorrencia.

Um professor de mathematica, allemão, inventou um instrumento musico que imita o canto humano; é construido segundo o principio physiologico da larynge, que n'elle é representada por um tubo de caoutchou. O primeiro exemplar, que ha pouco tempo appareceu em Pariz, tem a fórma de uma mulher assentada, e o som, com uma extensão de duas outavas, imita perfeitamente a voz feminina, especialmente nas notas elevadas.

Provavelmente o instrumento ainda está imperfeito, como

o são quasi todas as primeiras invenções; mas a idéa existe, e como é provavel que se aperfeiçõe successivamente, bastaria isto para dever causar serios cuidades pela sorte futura das glottes musicas naturaes, se estas não tivessem a seu favor o que as outras nunca poderão adquirir: vida e sentimento nas suas notas.

## ABRIL — 9

**Juiz cauteloso.** — No processo de Carlos I, rei de Inglaterra, um jurisconsulto, que previa que cêdo ou tarde os que tivessem tomado parte no julgamento serião punidos, tirou-se da difficuldade com as seguintes palavras em que não poz ponto nem virgula: *Regem Vestrum occidere nolite timere bonum est si omnes consentiant ego non contradico.* Pontuando-as deste modo: *Regem Vestrum occidere nolite timere; bonum est. Si omnes consentiant ego non contradico;* querem dizer: — Não receeis fazer morrer o vosso rei; é um bem. Se todos n'isso consentem eu não direi o contrario. Pontuando-as de outro modo: *Regem vestrum occidere nolite. Timere bonum est. Si omnes consentiant, ego non, contradico;* significão: Não façais morrer o vosso rei. É bom recear as consequencias. Quando todos n'isso convenhão, eu não concordo, opponho-me.

É como o *sim* e o *não* da resposta do oraculo a Pyrrho: *Aio te, Æacida, romanos vincere posse.* Digo-vos que podereis vencer os romanos, ou digo-vos que os romanos poderão vencer-vos.

## CHARADA VIII.

Se o mestre não tem cautela
E executa as duas mal... 2
É mui facil que a terceira
Accommetta o animal... 1

Ha-os em todas as villas,
N'aldeia ás vezes tambem;
Em ferreas vozes de longe
Se annuncião a quem vem.

*Joaquim Antonio da Rosa Velho* (Escalhão).

**Dialogo.** — Um sujeito encontrou no Lumiar um medico seu amigo com uma espingarda ao hombro, e disse-lhe:

— Olá, onde é a ida?

— Vou á Ameixoeira, em passeio, respondeu-lhe o esculapio, vêr um doente.

— Parece, replicou-lhe o curioso, que tendes medo de o errar.

**Giotto.** — O famoso Cimabué, fundador da eschola florentina, encontrou certo dia um pastor ainda rapaz, desenhando n'um tijolo, em quanto o seu rebanho tosquiava os rebentos do tôjo na charneca.



Pelo que no tijolo havia traçado conheceu que no rapazinho estava um pintor, e logo lhe propoz largar aquella vida para o acompanhar.

Foi acceita a proposta sem hesitação, e d'ahi a annos o discipulo ultrapassava o mestre.

Este discipulo era o célebre Giotto, um dos primeiros pintores da Europa, o que abrio o caminho a Raphael, o que mereceu a honra de ser pelo Dante eternisado na *Divina Comédia.*



**Hemeralopía.** — Molestia passageira de que se ignorão as causas. Os individuos d'ella affectados vêem claramente durante o dia, mas ao sol posto ficão quasi privados da vista. «Sempre a gente ha de perder o que mais presa; se todos os officiaes de justiça fossem cégos, vá; mas cá um homem....» Assim se lastimava certo ladrão victima d'esta molestia, julgando-se impossibilitado de exercer o seu officio. *S. F.* (Fayal)

**Igreja de S. Sulpicio.** — É um dos primeiros templos de Pariz, e talvez um dos mais ricos que a architectura moderna tenha construido. Representa-o a nossa estampa.

A rainha Anna d'Austria, acompanhada de toda a sua côrte, collocou a primeira pedra do edificio em 1655, porém



só em 1745 veio a ser concluido e sagrado. A torre mais alta, de 210 pés d'elevação, foi reconstruida depois em 1777, e a outra não chegou a sêl-o, o que prejudica bastante a belleza do frontespicio. O templo, além d'isto, sente-se ainda de haver sido feito por differentes architectos, e mediando longos intervallos.

Muita gente ignora que toda esta enorme massa de pedra (a fachada é de 384 pés de comprido) assenta inteiramente sobre catacumbas, e que todos os annos, mais ou menos, são reparados os pilares, que lhe sustentão os fundamentos.

Não terminaremos esta resumidissima noticia sem mencionar uma anecdota, que não vem fóra de proposito.

Quando o templo se concluio, em 1745, Piron exaltou n'uma ode a Languet, cura de S. Sulpicio pela sua dedicação e exforços para este resultado. Não quiz o cura deixar de lh'a agradecer, e para lhe testemunhar a sua gratidão convidou-o a vir escolher um lugar particular para a sua sepultura no recinto do edificio.

— Senhor cura, respondeu-lhe o poéta, admirado do offerecimento, mas sensivel a elle, pela intenção que lhe presidira — haveis de permittir que eu não escolha em S. Sulpicio um lugar para a minha sepultura senão quando vos tiver feito o epitaphio.

## ABRIL — 13

**Ministro mentiroso.** — O célebre cardeal Mazarin tomou a peito o casar a sua néta com o principe de Conti, e conseguio-o. Um dia em que Bréquigni lhe veio participar que ella acabava de dar á luz um filho, o cardeal, cheio de alegria, prometteu-lhe por tão grata noticia uma grande recompensa. A creança morreu, e pouco tempo depois indo Bréquigni recordar ao cardeal a sua promessa, respondeu-lhe este, fingindo-se commovido:

— Não me torneis a falar em tal, porque me retalhais o coração.

Não houve ministro que mais promessas fizesse, e que menos as cumprisse, do que o cardeal Mazarin, e não contente com isso aconselhava tambem Luiz XIV, a que promettesse tudo quanto lhe pedissem, ainda mesmo que não tivesse tenção de cumprir o promettido.

**Jussára.** — A natureza fertil e vigorosa do Brazil é ainda pouco conhecida na Europa, porque as descripções, que d'aqui se transmittem para lá, sendo, como são, quasi sempre erradas ou falsas, bem pouco adiantão.

Faremos toda a diligencia por dar publicidade n'esta *encyclopedia do povo*, a algumas das immensas bellezas e producções naturaes da terra predilecta de Cabral, e teremos todo o cuidado em que os nossos pequenos artigos,sejão sempre muito exactos, para que assim os leitores do *Almanach*,possão crer no que escrevemos.

A *jussareira* ou *assahyseiro*, é uma arvore alta, fina, de folha estreita e fibrosa, tronco liso e flexivel. Só tem folhas no alto do tronco, como a palmeira; proximo ás folhas dá dous cachos de uma baga, que quando madura tem a côr preta, ou cinzenta. D'este fructo amassado com agua pura, se extrahe um liquidó succolento, de côr rôxo-viva saboroso e muito nutritivo, do qual, os paraenses, especialmente, são muito amantes.

O *assahy* nas casas paraenses substitue o *lunch* das casas da Europa : para estas occasiões usão d'elle com assucar e farinha sêcca, ou torrada, fazendo uma especie de massa pouco consistente. Do meio dia ás duas, é a hora mais seguida para o tomar; o que tambem acontece com o *lunch*. Algumas pessôas tambem o tomão á noute em lugar de ceia; porém a medicina condemna esse costume, que julga prejudicial.

O *assahy* é fructo indigena e silvestre; porém a sua apanha, preparação e venda, emprega muita gente da classe baixa. Como para o apanharem sobem ás arvores, é esta operação muito arriscada, e não poucas desgraças têem acontecido. O seu preço não é muito módico, apezar da abundancia, pois se vende a 2 e 3$000 réis o paneiro, que equivale a um alqueire.

* * * (Maranhão)

**A conversação.** — A conversação, diz Sterne, é um commercio; se n'ella entrais sem fundos, nada podereis ganhar.

# LOGOGRIPHO III.

Primeira, segunda e tercia:
Assim faz um instrumento
De castigo; assim ás vezes
O vidro o faz n'um momento.

Na segunda co'a terceira,
Não me quero vêr por certo,
Pois é signal evidente,
De me achar em grande aperto.

A sexta junto da quarta,
É reptil movimento,
Assim faz por seu thesouro,
O miserando avarento.

Se queres ter o emblema
De meiguice verdadeira,
Tira a sexta do meu todo,
E põe-n'a áquem da terceira.

Sexta e quinta assim o fiz
Com um par com quem valsei,
E por mal de meus peccados,
Sexta e segunda o deixei.

Tendo o int'resse por norte,
Com a mira na algibeira,
Mostro sempre ao viandante,
Cara alegre e prazenteira.

*Maritimo* (Bahia).

ABRIL — 16

**O que se pensa do avaro.** — Um aváro é tão infeliz que a sua propria reputação depõe muitas vezes contra elle. O abbade Regnier, secretario da Academia Franceza, recebia em certo dia de sessão a collecta de uma quantia, que se havia arbitrado para despeza commum. Foi correndo a roda, e não se recordando de que o presidente Rose, que passava por ser muito aváro, havia pago a sua collecta, pedio-lha novamente, apresentando-lhe em seguida o chapéu. Observou-lhe o presidente que já havia satisfeito a parte que lhe competia.

— *Acredito,* diz o abbade Regnier, *mas não me lembra.*

— *E eu vi,* acode Fontenelle, que se achava ao lado, eu vi, *mas não pude acreditar.*

**A Misarella.** — Ao norte da antiquissima villa de Armamar, hoje cabeça de comarca, se depara com a Misarella, sitio, que pela sua posição topographica desperta a attenção do observador, e a que ninguem sensato ousará negar as honras da descripção.

Tem-se apenas dado um passo para fóra da villa, junto á residencia do seu reverendo reitor, e eis-nos admirando a subita metamorphose do solo, que, sendo plano até alli, vem, por uma imprevista transição, a apparecer excessivamente inclinado; eis-nos surprêsos pelo horisonte, que d'alli se disfructa, avistando uma extensa paysagem, os elevados outeiros, que povôão uma parte da provincia de Traz os Montes, e as tão formosas povoações, que n'elles se engastão. Não poderemos ainda assim, sem caminhar um pouco mais, antevêr todo o panorama enlevador, que nos aguarda.

Desçamos pela ladeira até encontrar um carreiro estreito e perigoso, que atravessa o precipicio horisontalmente; olhemos para baixo, e na direcção do norte. Que vêmos? Um despenhadeiro, e melhor diriamos um abysmo, que nos géla o sangue nas veias, e nos eriça os cabellos só com a lembrança de qual seria a sorte do infeliz, que a má sorte empurrasse para aquelle sorvedouro. Bastava que um pé se lhe deslizasse da vereda; e não obstante, no meio quasi de tão escarpado declive, existe uma nogueira, a que os rapazes não duvidão ir colher os fructos!

Torneemos agora o precipicio, e transportemo-nos do seu vertice para a base. Escolhera o rio *Themi Lobos* para alveu de sua corrente, o espaço, que medeia entre a Misarella, e a collina opposta, e eil-o formando nos embates contra as penedias, que tópa, novellos de espuma, que bem depressa se esvaécem, para deixar a vez a outros, que pressurosos vem substituil-os. Se d'aqui, recuando alguns passos, olharmos para cima, veremos uma parte de Armamar, que, coroando a elevação, parece querer, de fronte ergui-

da, dominar os lugares visinhos, á maneira de cedro, qu altaneiro e frondoso se levanta por entre as demais arvo res, que na floresta o circundão.

Sigamos o nascimento do rio, e deixemos a Misarella esquerda. O rio, tendo de descer quasi verticalmente p um leito de rocha viva, despenha-se como em lençol d aguas por aquellas fraguras, e forma uma das mais bell cascatas que os olhos pódem vêr. Do lado esquerdo, e jun á parte superior d'aquella immensa mole, vêem-se dous m nhos que parecem suspensos no ar, em posição tão in cessivel, que para penetrar no de baixo foi mister ab lhe porta pelo centro do outro.

E o rio nas suas cheias tem-n'os respeitado! e os camp nezes frequentão-n'os, porque estão familiarisados com aq les precipicios, e não vêem sombra de perigo onde um h bitante das cidades receiaria a morte!

Aqui tendes em brevissimo quadro o que é a Misare eternamente embuçada n'um mante de relva, cravejada rochas, banhada de cascatas, recamada durante a primav de matizes e flores.

Vêde-a uma vez, attrahente e medonha, sombria e be vêde-a, e esquecei-a se poderdes.

*Accacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama* (Armamar).

## ABRIL — 18

**O filho de tres reis.**—Mr. de Vendôme, filho n tural de Henrique IV, passando por Noyon, hospedou-se hotel dos *Tres reis*: o filho do dono da casa, estudantinho p sumpçoso, julgando que a sua posição lhe dava direito a v tar um hospede d'aquella gerarchia, procurou Mr. de Vendô

—Quem sois? lhe perguntou este.

—Senhor, sou filho dos *Tres Reis*.

—Filho de tres reis! Pois, senhor, eu sou unicamente fil de um, e as honras pertencem-vos. Começo por vos comp mentar, e offereço-vos os meus respeitos.

**O que são martyrios!** —No livro de apontamentos manuscriptos pertencentes a um frade, que viveu no tempo de D. João V, e à que já me referi em 1863, lê-se:

Lista dos martyres do mundo Apud. Escol. Decur. tom. I fol. 133.

*O soberano*, martyr d'importunações.—*O pretendente*, martyr de esperanças.—*O rico*, martyr de cuidados.—*O pobre*, martyr de necessidades.—*O poderoso*, martyr de ambições. —*O discreto*, martyr de entendimento.—*O ocioso*, martyr de vicios.—*O occupado*, martyr de canceiras.—*O sábio*, martyr de invejas.—*O nescio*, martyr de presumpções.—*O despachado*, martyr de enfados.—*O escuso*, martyr de desejos.—*O virtuoso*, martyr de escrupulos.—*O peccador*, martyr de culpas.—*O temerario*, martyr de riscos.—*O cobarde*, martyr de temores.—*O retirado*, martyr de esquecimentos.—*O entremettido*, martyr de desprezos.—*O valido*, martyr de receios. —*O desvalido*, martyr de sentimentos.—*O glotão*, martyr de achaques.—*O necessitado*, martyr de miserias.—*O casado*, martyr de obrigações.—*O solteiro*, martyr de discommodos.—*O ambicioso*, martyr de sustos.—*O bemfeitor*, martyr de ingratidões.—*O amante*, martyr de ciumes.—*O avarento*, martyr de faltas.

E eu, por cautela, só mais accrescento:

*Os frades*, martyres de bôa vida: (quem a déra!)

*Os leitores*, martyres do que lhe impingem: (não leião tanto!) *C. F. A. M.* (Horta).

**Quem mal fala, peor ouve.**—A mãi do marechal de Gassion, Maria de Esclaux, era corcunda e coxeava d'uma perna. Vendo certo dia uma mulher que coxeava de ambos os lados, disse-lhe:—Ó lá, comadre, como andais por uma e outra parte, (e dizendo arremedou-a) dizei-nos alguma cousa de novo.— Sois vós quem deve dar as noticias, porque trazeis a mala, respondeu-lhe a côxa.

**Buffon.**—Este elegantissimo escriptor, e não menos elegante personagem, consagrava aos seus estudos quatorze horas por dia, e estudou até aos 81 annos, idade em que morreu.

Todos os dias ás 5 horas da manhã o vinha um creado accordar; este mesmo creado desempenhou durante 60 annos a obrigação que lhe fôra imposta, e no fim de tão longa, como fiel carreira, poude assegurar que seu amo, estando de saúde, nem uma só vez tinha deixado de levantar-se, infringindo a regra estabelecida. Subia depois a um pavilhão collocado no meio dos jardins, nos seus dominios de Montbar, e ahi foi que elle, escrevendo, corrigindo vinte vezes o que escrevia, [1] e lendo-o em voz alta para pelo testemunho dos seus



proprios ouvidos se assegurar da harmonía dos periodos, ennobreceu a França por meio de obras, que levaram o seu nome á posteridade.

A este pavilhão, cujo limiar de porta J. Jacques Rousseau beijou uma vez quando alli entrou, chamava o principe Henrique da Prussia—*Berço da Historia Natural*, e effectivamente póde dizer-se que ella ahi nascera.

[1] Buffon escrevia muito devagar, e gastava ás vezes uma manhã inteira a arranjar uma unica phrase. É por isso que elle dizia que—*o génio não era senão uma grande aptidão para a paciencia.*

O conde de Buffon distinguia-se ainda por um apuro, por um esmero tal de *toilette*, mesmo quando estudava, que a custo seria igualado, quanto mais excedido, pelos que frequentavão diariamente os salões de Versailles.

Tudo n'elle era irreprehensivel desde os sapatos aos punhos de rendas, e desde estes á cabelleira; e era n'este ponto tão escrupuloso, que quando o vento, ou outro qualquer accidente, lhe desarranjava o cabello, por pouco que fosse, mal lhe soffria o animo que logo se não mandasse de novo frizar.

Buffon deixou um filho que era do regimento d'Angoumois. Sendo este condemnado á morte em 1793 pelo tribunal revolucionario as unicas palavras que pronunciou sobre o cadafalço forão: «*Cidadãos, eu chamo-me Buffon.*» Este nome devia bastar para o arrancar á morte, mas de nada lhe valeu.

ABRIL — 21

## CHARADA IX.

| | |
|---|---|
| É o fim do homem — 1 | Um inglez sábio |
| É do homem fim — 1 | Chamado assim. |

*Manoel Fulgencio Gomes* (Lobrigos).

## Madame de Staël e Mr. de Talleyrand.

— M.^me de Staël, que participava com M.^me de Fl... das preferencias de Mr. de Talleyrand, quiz um dia saber a qual das duas elle amava mais. Insistia M.^me de Staël sem que o interrogado se declarasse em matéria tão delicada, até que a sua espirituosa interlocutora, querendo por força fazel-o sair a terreiro, disse-lhe: «Ora confessai que se ambas cahissemos no rio, e estivessemos em perigo de vida, não seria eu a primeira que procurarieis salvar.»

— É possivel, Madame, respondeu-lhe Talleyrand, porque tendes cara de quem sabe nadar melhor.

**Fundação da cidade do Porto.** — Foi fundada a cidade do Porto no anno 417 de Christo pelos suévos, segundo a opinião do respeitavel padre Agostinho Rebello da Costa. Estes povos, vindos do norte d'Allemanha, juntos com os álanos, gôdos, vandalos e selingos, invadiram toda a Italia, França e Hespanha, apoderando-se da Galiza, onde terminaram as suas conquistas. Perseguidos pelos álanos, que tinhão ficado com a Lusitania, refugiaram-se nas margens do rio Douro, reforçaram-se n'um alcantilado monte, que lhe fica ao norte, e ahi erigiram um castello fortificado com largos e altos muros, para se defenderem dos seus inimigos. Ampliaram depois os seus muros, e edificaram habitações para as suas tropas. Chamou-se esta cidade dos suévos *Castrum novum* para a distinguir de *Cale*, *Castrum antiquum*, povoação que lhe ficava fronteira, (hoje Villa Nova de Gaia). Succederam-se depois muitas revoluções até que Leovogildo, rei dos gôdos, entrando pela Galiza, conquistou Braga e passou ao Porto, assenhoreando-se da nova cidade, que ficou pertencendo aos gôdos até estes serem expulsos da Hespanha pelos mouros, a quem o traidor conde D. Julião entregou a sua patria. A invasão dos mouros aconteceu no anno 716, e Abdelazim, que entrou pela Galiza até ás margens do rio Douro, tomou todas as cidades e villas situadas n'este continente.

No espaço de tres séculos teve esta cidade tres differentes senhores: os suévos, que a fundaram; os gôdos, que a conquistaram; e os mouros que a senhorearam até ao reinado de D. Affonso I de Leão, *o Catholico*, que a retomou em 820. Querendo depois Abderraman, rei de Cordova, reconquistal'a, foi destroçado por Hermenegildo, ao qual D. Affonso tinha feito conde d'esta cidade, junto á fréguezia de Campanhã, onde corre um pequeno rio, que tomou o nome de *rio tinto*, depois d'esta famosa batalha. Tanto foi o sangue dos mouros, que ahi se derramou! Logo depois

sabio de Cordova, Almansor, capitão árabe, com um poderoso exercito e apenas avistou os muros do Porto, destruio a cidade, reduzindo-a a um montão de ruinas. Assim ficou solitaria, despovoada e erma até ao anno 999, em que entraram pela foz do Douro uns fidalgos gascões, com uma poderosa armada, para expulsarem os mouros das terras que possuião. Apenas desembarcaram na parte septentrional do Douro, dirigiram-se á cidade arruinada, reedificaram-na mais ampla e forte, cingida de robustos muros, e deixando n'ella uma escolhida guarnição, forão, combatendo debaixo da protecção da Mãi de Deus, expulsar do resto da provincia os barbaros que a dominavão.

Derão por armas á cidade a imagem de Nossa Senhora com o Filhinho ao peito, collocada entre duas torres, com as lettras *Civitas Virginis*. As armas forão gravadas no anno 1012.

D. Affonso v e D. Fernando i para premiarem os serviços dos distinctos fidalgos gascões, derão a D. Moninho e seus successores o titulo de condes do Porto. N'esta fórma se conservou a cidade muitos annos, até que em 1092 tomou posse d'ella o conde D. Henrique, a quem El-Rei D. Affonso vi concedeu a mão de sua filha D. Thereza, e deu em dote as terras conquistadas de Portugal.

*Manoel Ribeiro Carneiro e Mello* (Porto).

## ABRIL — 23

**Lastimas pela morte d'um peixe.**— As honras da sepultura até aos mesmos peixes têem descido.

O orador Hortensio tinha uma muréa em grande estimação, e quando ella lhe morreu, não só a enterrou com as lagrimas nos olhos, senão que tambem se vestio de lucto. Um dia, Domitio escarnecendo d'esta fraqueza, disse-lhe: *É verdade que tu choraste por uma muréa?*

—É verdade, responde elle; eu chorei por um peixe, que me morreu; tu enterraste já tres mulheres, e ainda nenhuma d'ellas te mereceu um suspiro!

## CONTO

(A UMA DONZELLINHA)

Uma abelha disse á rosa:
— Á rainha do vergel,
A sultana da colmêa
Traz um beijo todo mel. —
— Pois acceito, disse a rosa,
O teu beijo todo mel. —
A sultana beija os seios
Da rainha do vergel.

Procurando aquelle beijo,
A rainha do vergel
Em seus seios resequidos,
Não achou gotta de mel.
— Ai! - maldição, e morre á mingoa
Das doçuras de seu mel;
E a sultana da colmêa
Rio da incauta do vergel!

Donzellinha, não te esqueças
Da rainha do vergel;
As abelhas fazem favos
Á custa de alheio mel.

*Bruno Seabra* (Brazil).

ABRIL — 25

**As mulheres no fôro romano.**—Em Roma houve tempo em que as mulheres não só podião advogar as suas causas, mas tambem as alheias. A historia cita com elogio o nome d'*Amaxia*, mulher do consul Sulpicio, e o de *Hortensia*, filha do jurisconsulto Hortensio, as quaes ambas advogaram. Foi no reinado de Theodosio, que a tribuna dos debates forenses foi interdicta ás mulheres, dando a isso causa a impudencia de uma certa Afrania, cujas orações offendião não só o decoro, mas a gravidade que deve reinar em semelhantes debates.

Ha quem diga que o que verdadeiramente originou esta resolução foi Calpurnia, que havendo perdido uma causa que advogara, fez e disse, no meio da sua raiva, taes cousas aos juizes, que estes, e não ella, como se fossem mulheres, cobriram-se de pejo.

**Leitor generoso.**— O poéta inglez Thompson, auctor do poema das *Estações*, achava-se um dia muito apertado pelas exigencias de um dos seus credores. Quin soube-o por acaso, e vindo ao encontro do poéta com 100 libras sterlinas, disse-lhe que lhe era deveder d'aquella quantia, e que lh'a vinha pagar.

—Como? observou-lhe Thompson. Não sei que me devais cousa nenhuma.

— Quando li o vosso excellente poema, respondeu-lhe Quin, formei tenção de vos deixar pela minha morte o legado de 100 libras sterl., mas demorando-se esta, e podendo esta quantia ser-vos necessaria para alguma cousa, preferi satisfazel-a desde já.

O poéta era orgulhoso, como quasi todos, mas este offerecimento foi-lhe feito d'um modo tão delicado, que as 100 libras forão aceitas, e o impertinente credor embolsado da sua divida.

**Tributo sobre o merito.**— O homem de genio, diz Sterne, erra sempre que julga que póde escapar á censura, e não deve com ella affligir-se. Todo o homem deve pagar o imposto com animo tranquillo; a censura é o tributo que a inveja lança sobre o merito.

**Modelo d'oração.** — Arloto Piovano, era cura d'almas em Italia, e um amigo escreveu-lhe pedindo-lhe um formulario d'orações para de manhã. O bom do padre respondeu-lhe:

«Resai quando vos levantardes um *Padre Nosso* e uma *Ave Maria*, depois recitai esta oração: Senhor, livrai-me d'um burguez, que cahio em pobreza, d'um pobre enriquecido, d'um usurario, da tabella d'um procurador, dos *quiproquos* d'um pharmaceutico, dos que ouvem missa duas vezes no dia, e dos que jurão pela sua consciencia e pela sua honra.»

**A Madeira.**—Esta ilha foi descoberta em 1419 por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira. É notavel por ser a segunda descoberta dos portuguezes. Derão-lhe aquelle nome em razão do grande e denso arvoredo que então a cobria, mas o mêdo das féras fez com que os descobridores lhe lançassem o fogo, e a floresta, dizem, foi durante 7 annos pasto das chammas, com bastante pesar do infante D. Henrique. O seu aspecto é hoje muito outro do que foi primitivamente. As aguas das chuvas têem-lhe levado para o mar grande parte dos terrenos, que fazião a sua fertilidade; e as serras, outr'ora assombradas por enormes tis, cédros e faias, estão quasi totalmente despidas.

Floresceu já muito a Madeira com a cultura da canna d'assucar, e o seu fabrico, de que chegou a haver numerosos engenhos; e depois com a grande exportação de seus deliciosos vinhos. Hoje está em decadencia. O que tem sustido, ha alguns annos já, a emigração para o estrangeiro, tem sido a grande abundancia de batata dôce, (vulgo de Demerara, por ser d'ahi trazida), a qual serve de alimento áos camponezes a maior parte do anno. Presentemente já vai colhendo algum vinho em consequencia da applicação da flôr d'enxofre, e mais virá a ter porque a sua cultura progride.

Grande cópia de estrangeiros, inglezes e allemães, tem affluido para aqui n'estes ultimos annos, e isto tem concorrido para a ilha se levantar algum tanto do lethargo em que jazia. Poderia ella ainda ser de grande proveito á mãi patria, se se cuidasse em a proteger na sua industria e commercio, e em dar aguas de irrigação a algumas fréguezias, que á mingua d'ella jazem n'uma quasi esterilidade.

Os habitantes da ilha são muito industriosos e amigos do trabalho. Assim lh'o soubessem recompensar! Diga-o a ultima exposição do Porto, onde forão premiados quasi todos os objectos que os madeirenses alli enviaram.

*T. J. Henriques* (Madeira).

**Prémio d'amor conjugal.** — Havia, e crêmos que ainda ha, um costume singular em certa cidade d'Inglaterra.

Quando um marido e sua mulher, têem vivido um certo numero de annos sem que entre elles tenha havido a mais pequena indisposição, a cidade de Dunmow dá-lhes em recompensa um presunto. Publicaram alguns jornaes de Londres que o rei (Jorge III) e a rainha, n'uma viagem que tencionavão fazer á provincia, passarião por aquella cidade, e um accrescentava, talvez com o intuito d'obsequiar o rei, que devião ahi offerecer-lhes um presunto.

Um cortezão, d'estes que tudo criticão, e pàra quem o amor conjugal é tido em conta de rusticidade burgueza, disse ao rei, referindo-se ao costume de Dunmow, que era não só cousa ridicula, mas de mais a mais asnatica.

— Seja o que quizerdes, lhe respondeu Jorge III; o que eu sei é que ainda não ouvi, nem soube de pratica, que me fosse mais agradavel, depois que estou no throno.

ABRIL — 29

**A guarda de Luiz XV.** — Luiz XV passando um dia em frente dos granadeiros da sua guarda, disse para o embaixador de Inglaterra, que o acompanhava:

—Aqui tendes os mais bravos soldados da França. Não ha um que não tenha o corpo coberto de cicatrizes.

—Que dirá então Vossa Magestade d'aquelles que os feriram? Replicou-lhe o lord.

—Esses forão mortos, gritou-lhe um granadeiro.

**Cousas incertas.** — Ha tres cousas, diz um critico, com que o homem prudente não póde jamais contar, considerando-as como certas: — O favor dos grandes, os carinhos das mulheres, e os bellos dias de inverno.

**Sacrificadores.** — Os primeiros sacrificios de que se faz menção são os de Abel e Cain. Abel, pastor d'ovelhas, offerece ao Senhor as primicias dos seus rebanhos; os presentes de Cain, agricultor, consistião em fructos da terra. Noé ao sair da arca ergueu um altar ao Senhor, e immolou-lhe dous animaes, escolhidos d'entre os que elle tinha salvado do diluvio. Á similhança d'estes abundão muitos outros exemplos, tanto no Génesis, como nos livros do Antigo Testamento. As ceremonias que estavão em uso entre os gregos, são descriptas em muitos lugares de Homéro. Começava-se, diz o poéta, pelo sacrificador lavar as mãos; depois fazia a sua



prece a Deus; terminada esta, purificava a victima e seguia-se o sacrificio pelo fogo. Os romanos seguiram as mesmas tradicções. Nos primeiros tempos não offerecião aos deuses senão fructos da terra; mas o uso de immolar os animaes não tardou a introduzir-se, e desde então olharam a effusão de sangue como muito agradavel á divindade.

Todos os sacrificios dos romanos se podião reduzir a tres especies: os sacrificios publicos, que se fazião em nome e á custa da républica, a qual fornecia as victimas; os sacrifi-

cios particulares, que se offerecião em nome das familias, e que os pais transmittião a seus filhos; e os sacrificios estrangeiros, que se não offerecião senão aos deuses das cidades e das provincias conquistadas.

## MAIO — 1

**Caçador como ha muitos.** — Eu conhecia um caçador que apesar de se crêr um Nemrod nunca jámais trazia do campo um pardal que fosse. Não sei se era culpa d'elle, se da espingarda, se da polvora; elle dizia que era da caça.



Uma vez, desesperado já de ouvir as *graças* com que sempre o acolhião ao chegar a casa, lembrou-se de voltar pela Praça da Figueira e comprar uns coelhos para metter no bornal, á laia de victimas.

Chegou a casa ufano.

— Ora aqui está, para lhes provar a vocês se eu sou caçador, ou não — diz o nosso triumphador, atirando para cima de uma meza os animaes.

— É verdade, é verdade — lhe responde a incrédula esposa, e fizeste bem de matar estes bichos hoje; pelo cheiro vejo que já era tempo. *J...*

**Magnanimidade de Theodosio, o grande.** — É mais grato perdoar do que punir. O imperador Theodosio, o grande, escrevendo ao prefeito Rufino, deu-lhe as seguintes instrucções:

«Se alguem censurar a nossa pessôa, ou disser mal do nosso governo, não queremos que seja castigado. Se falou por ligeireza, despresai-o; se por loucura, lastimai-o; se por injuria, perdoai-lhe.»

**A vida humana.** — Querem saber o que é a vida, esta illusão contínua em que vivemos, este momento que vai do berço ao tumulo? Oução o illustre preceptor do filho de Luiz XIV, a aguia de Meaux, o grande Bossuet:— «Mui semelhante é a vida a um caminho, cuja sahida vai «dar a um medonho precipicio; do perigo somos adverti«dos a tempo, mas a lei fatal foi promulgada, não ha re«medio senão caminhar, caminhar sempre. Já apeteço vol«tar para traz; já tenho mêdo; mas vou correndo sempre. «Arrasta-me uma força invencivel; debalde tento descançar! «Começo a sentir angustia e fadiga... ah! se eu podesse evi«tar o precipicio! não, não; é preciso seguir ávante.

«Entretanto consolão-me formosas alamedas e jardins, que «orlão a estrada, e cuja vista me encanta. Desejava colher «uma flôr... caminha, caminha!...

«Que fragor chegou aos meus ouvidos? Todo o passado «se vai desmoronando... as flôres já murcharam; não flo«rescem os vergeis; seccão as fontes... surgem perto as som«bras; já caminho sobre as bordas do precipicio... se eu «podesse! não, não! mais um passo...

«O horror perturbou os meus sentidos; tudo findou; aca«bou tudo!

«Não será necessario dizer-vos, que o fatal caminho é a «vida, e o precipicio a morte.»

*Minhoto.*



## CHARADA X.

De certo sou a primeira — 1
Se me chamão a segunda — 1
Remonta-se até aos astros
Quem minha origem profunda

*A. P. M.*

**O ponto d'interrogação.**—N'uma loja de Lòndres travou-se questão ácerca d'um ponto escuro da *Odyssea*. Estava presente, e fôra convidado a apresentar a sua opinião, o celebre Pope. Um official pretendeu haver descoberto o verdadeiro sentido do texto, e observou que para o tornar claro bastava collocar um ponto d'interrogação em sitio onde o não havia.

O escriptor inglez, picado de que um militar lhe désse licções de grego, disse-lhe em tom desdenhoso:

«Sabeis, ao menos, o que é um ponto de interrogação, senhor official?

.—É, respondeu-lhe este, uma pequena figura, torta e encolhida, que faz perguntas.

Era o retrato de Pope.

**Meio de fazer pegar as sanguesugas.**—Designado o lugar onde se hãode deitar as sanguesugas, applica-se sobre esta parte um sinapismo, afim de determinar a congestão dos vasos capillares. Lava-se a parte depois com todo o cuidado, e applicão-se as sanguesugas, que dentro em pouco adherem, effectuando a sucção com admiravel vigôr e presteza.

A applicação prévia do sinapismo, quando não fôr contraindicado accidentalmente, tem as seguintes vantagens:

1.° As sanguesugas pégão todas, ou quasi todas.

2.° Adherem aos tegmentos com celeridade, muito maior que a ordinaria.

3.° Tirão mais sangue que pelo methodo commum; devendo ainda accrescentar-se, que depois da quéda das sanguesugas, os capillares conservão por mais tempo o seu estado congestional, e o corrimento do sangue pelas cisuras, é mais abundante e duradouro.

*Candido Joaquim Xavier Cordeiro* (Coimbra).

**Profissão de fé d'um escrivão.** — O Sr. Penha era um barrigudo escriba n'esta nobre, antiga e sempre leal villa de Pedrogão Grande, em principios do presente século. Gabava-se o tal senhor de que poucas azémolas havia no concelho assaz possantes para o transportar em suas diligencias judiciaes; o que não deve espantar, porque o nosso homem tinha um corpo de gigante e era tão bojudo como alto, o que tudo sommado apresentava o resultado descommunal de dez arrobas bem pezadas.

Um bello dia, em que o nosso alentado escrivão percorria o termo, foi hospedar-se a casa do melhor lavrador da fréguezia, como era de costume. O dono da casa dormia no melhor quarto, ou antes sala, unica da casa, e a um canto sobre grande caixa de páu de castanho se estendeu a enxerga para dormir o nosso Penha. Em frente um do outro tiverão os dous larga conversação até alta noite sobre pleitos e demandas, repousando-se a final nos braços de Morpheu.

Á hora d'erguer, o dono da casa, logo depois de enfiar a camiza e sentar-se na cama, fez sobre a fronte, como bom christão que era, o signal da cruz — em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo. Amen. O escriba acabara n'aquelle instante de dar o ultimo ronco, precursor d'um feliz despertar, e ouvindo o seu visinho a esconjurar o espirito tentador, acudio logo em tom malicioso e chocarreiro: «ólá, Sr. Antonio, então Vmc. benze-se d'esse modo, e com a mão direita?! nada, eu cá benzo-me com a esquerda e digo: Deus desavenha a quem me mantenha!» A pratica já se vê que não é d'hoje, nem d'hontem, e muitos lêem pela mesma cart'lha, ou antes persignão-se do mesmo modo. *M. A. B.* (Margens do Zezere).

**Affectação.** — Affectar um ar de superioridade desdenhosa é mostrar-se inferior áquelles que se julga exceder. Não se affecta senão o que se não possue.

**Gigante vegetal.** — Na estrada, que segue de Torres Novas para a estação do caminho de ferro, do lado direito, e proximo das margens pittorescas do Almonda, pequeno rio, que fertilisa as muitas, e viçosas hortas d'aquella villa, existe uma oliveira, denominada — *Oliveira rainha.* — Este nome provem-lhe da sua agigantada elevação, pois que ainda hoje, não obstante o que as ventanias lhe hão feito perder, contêem vinte metros d'altura, e de circumferencia, junto á base, doze. Nota-se-lhe a singular particularidade das ramadas até ao meio do tronco produzirem excellente azeitona, sendo na parte superior um perfeito zambujeiro. Attribue-se-lhe uma existencia immemorial, e é infelizmente certo que, despenhados das suas braças, tem alguns varejadores mais atrevidos encontrado o termo da existencia.

Centenares de pessôas têem parado diante d'ella para a admirar, e entre ellas conta-se um excentrico filho da poderosa Albion, que de Lisboa, e de proposito, veio alli vêl-a, movido por insaciavel curiosidade.

Tanto não faria eu!

*Francisco Mendes Franco* (Torres Novas).

MAIO — 7

**Coragem romana.** — Os exemplos de animo esforçado são numerosos no theatro da antiga Roma. Ahi vai um bem caracteristico.

Dato, o comediante, cantando em certa occasião uma satyra, exclamou em grego: «Adeus, meu pai; adeus, minha mãi.» Era diante de Nero, que tinha envenenado o pai, e mandado affogar a mãi. Cantando a primeira phrase representava por gestos uma pessoa que bebia, cantando a segunda representava um pessôa que se debatia n'agua; depois ajuntando: — «Plutão vos conduz á morte,» apontou para os senadores, que este principe havia ameaçado de exterminio.

# A SETUBAL.

Foi aqui que nasceste, ó Bocage,
Foi aqui, ó poéta do Sado,
Que o teu berço tiveste encantado,
O teu berço de luz e de amor;
Assim busca nos ramos viventes,
Onde reina do campo o repouso,
Fabricar o seu ninho amoroso
Das florestas o meigo cantor.

E tamanhos enlevos deixaste,
Esta paz, este ar, esta vida,
Por correr á cidade mentida,
Onde alma não ha nem pensar;
Foste grande, porém se ficasses
Rodeado de tantos primores,
A viver na soidão, co'os amores,
Quem teu nome pudera igualar?

Lá morreste, n'um calix a gloria,
E a amargura do mundo bebendo,
Para a grande cidade, esquecendo
Os teus ossos, de todo os perder!
Lá morreste bem longe da terra,
Em que déste o primeiro vagido!
Oh! melhor que tivesses morrido
Aqui, onde tiveste o nascer!

Porque ao menos serião teus restos
N'estes sitios de tanta verdura
Em que a terra co'o céu se mistura,
Em que a alma suspira de amor,

E tiveras o ar perfumado
De teus campos, o oceano fronteiro,
E os teus a dizer ao estrangeiro:
Eis o tum'lo do nosso cantor.

Ó Setubal, ó terra formosa!
Ó ameno e suave retiro,
Onde agora, passando, suspiro
Para em breve partir-me d'aqui,
Estes dias que vivo em teu seio
Nunca, nunca serão esquecidos,
Teus encantos na mente esculpidos
Me dirão que comtigo vivi.

Os teus campos, teus valles, teus montes,
Oh! e d'estes que scenas diviso!
Que eu esteja na campa é preciso
Para tanto chegar a esquecer,
E inda mais do que tudo que has bello
De tuas filhas a rara belleza,
Cujos olhos tem tanta pureza,
Tanto brilho e tão grande poder.

Oxalá que me fosse aqui dado
Pôr um termo a esta minha fadiga,
E um'alma encontrar minha amiga,
E o meu sonho tornar-se real!
Porém não; entre tantos encantos,
Entre graças tamanhas que vejo,
Vago só com meu louco desejo,
E é forçoso deixar-te, inda mal!

Adeus pois, ó Setubal formosa,
Fica em paz, e recebe qual voto,
Este canto, que humilde e devoto
Quiz á patria do bardo entoar;

Assim ia o romeiro de outr'ora
Em demanda da terra sagrada,
E, nas aras a offerta deixada,
Proseguia no seu caminhar.

*J. Ramos Coelho.*

## MAIO — 9

**Desengano do mundo.** — Antigamente na China, na véspera da coroação do imperador, todos os esculptores de Pekin lhe apresentavão um pedaço de marmore, afim de que elle escolhesse aquelle de que o seu tumulo devia ser feito. Escolhido o marmore em conselho de peritos, o esculptor que o havia apresentado era tambem o que desde logo se encarregava da obra, sendo toda a despeza



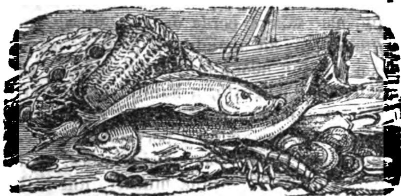
necessaria paga pela cidade. Esta apresentação dos marmores ao imperador fazia-se em ceremonia, e sempre com grande pompa.

Na coroação dos reis da Abissinia apresentavão-lhes um vaso cheio de terra e uma caveira para os advertir do que um dia havião de ser, sem que a corôa os podesse preservar da sorte commum a todos os homens.

Na installação do Pontifice Romano tambem ainda hoje se faz o seguinte: Um clérigo chega uma pouca d'estopa fixada na ponta de uma canna á luz d'uma vella, e queima-a na presença do Pontifice e diz-lhe: *Santo Padre, assim passa a gloria do mundo.*

**A piscicultura entre os romanos.**— Nada iguala o luxo e o cuidado que os romanos puzerão em cultivar a arte da pesca e em banquetear-se com os seus productos.

No tempo de Caligula, o consul Azinio Celer deu por um peixe, não nos lembra agora de que especie, cincoenta moedas para se deliciar com elle n'um jantar, Hirrio, que se tornou célebre pelos seus desperdicios, deu um banquete a Cezar em que fez servir seis mil moréas colhidas nos seus magnificos viveiros. Lucullo, o mais faustoso dos patricios, mandou cortar uma montanha nos arredores de Napoles para abrir um canal e fazer subir a agua do mar e os peixes até ao meio dos seus jardins. Licinio Muræna foi o primeiro que mandou construir nas praias do mar viveiros alimentados pela agua salgada. Os mais ricos patricios seguiram-lhe o exemplo, e esses grandes reservatorios, em que cada especie de peixe tinha um repartimento, chegaram por vezes a assumir formas monumentaes. Chegou ainda a mais; chegou a criar prodigios a industria excitada pelo luxo dos dominadores do mundo. Em alguns viveiros domesticaram-se as moréas, que erão o seu peixe mais favorito, derão-lhes nomes proprios e ensinaram-n'as a obedecer á voz do dono.



Que admira depois d'isto que o orador Hortensio chorasse a morte de um d'estes peixes, que elle tinha educado, e que a filha de Druso enfeitasse com aneis de ouro as suas queridas moréas? Nada. A extravagancia havia tocado o seu cumulo.

**Testamento curioso.** — No testamento d'um inglez, excentrico como muitos o costumão ser, fallecido em Londres no anno de 1791, lê-se o seguinte paragrapho:

«Pois que tive a desgraça de casar com Isabel M... que desde o nosso casamento me tem atormentado de todos os modos; que, não contente de desdenhar os meus avisos tem feito tudo quanto lhe era possivel fazer para me tornar a vida pesada; que o céu não parece têl'a mandado a este mundo senão para mais depressa me fazer sahir d'elle; que nada no mundo a póde fazer mudar, visto que temos vivido separados durante outo annos, sem que eu tenha ganhado outra cousa que não seja a perda de meu filho, que ella corrompeu, e que depois me abandonou perdido pelos seus conselhos; que é tal que nem a força de Sansão, o genio d'Homero, a prudencia d'Augusto, a habilidade de Pyrrho, a paciencia de Job, a subtileza d'Annibal, a vigilancia d'Hermogenes bastarião para domar-lhe a perversidade; pesando madura e attentamente todas estas considerações, tenho legado, e légo á dita Isabel M... minha mulher, um shilling.»

## CHARADA XI.

Tem-se a primeira em despeito; — 1
Est'outra não é melhor; — 1
A terceira — *vade retro* —
É de todas a peior. — 1
Por esses rios e mares,
D'elles verás centenares.

*José Corrêa Nogueira dos Santos.*

**Avareza e amor proprio.** — O amor proprio, diz um escriptor, é semelhante á avareza. Uma abaixa-se a um farrapo, o outro ao mais chato dos elogios.

**Uma victima das etymologias.** — Herbinot, conselheiro do século decimo septimo, tinha concebido o projecto d'um vasto diccionario, onde depois de haver provado que todas as palavras francezas erão derivadas do grego, quiz tambem demonstrar, que vinhão do hebraico. Não tardou que este desgraçado, cuja cabeça, diz um author contemporaneo, se lhe escandeceu com um numero prodigioso de etymologias forçadas, cahísse n'um perfeito delirio; e tanto, que se deixou morrer d'inanição por não querer tomar nenhum alimento. Não comia, dizia elle, por que para o alimentar, bastavão-lhe as suas *raizes* gregas e hebraicas.

MAIO — 13

**A polvora, e as armas de fogo.** — Attribuem os allemães a invenção da polvora a *Bertholdo Schwartz*, frade de sua nação, e que vivia em *Fribourg* na primeira metade do século XIV; reivindicão os inglezes para o seu conterraneo, tambem frade, *Rogerio Bacon*, que nasceu em 1214, e morreu em 1292, esse terrivel invento, o qual, mudando completamente o systema da guerra, fez abandonar, como inuteis, as fundas, fréchas, arcos, arietes, finalmente todos os projectís, e machinas de guerra, que até então estiverão em uso. MM. *Reinaud*, e *Favé* em um livro intitulado: *Du feu grégeois, des feux de guerre, et des origines de la poudre à canon*, publicado em 1847, não admittindo, que fossem os árabes os inventores da verdadeira polvora, nem das primeiras peças d'artilheria, dão aos chins o primeiro conhecimento das composições fulminantes; fundados, porém, no estudo mais profundo, que da materia fizerão, confessão depois (*quando que bonus dormitat Homerus*) em um supplemento feito ao seu referido livro, e publicado em 1850, que essa descoberta foi feita pelos árabes, o que é incontestavel á vista dos testemunhos adduzidos por Mr. *Viar-*

sua interessante historia dos árabes, e dos mouros de Hespanha. Os chins descobriram na verdade o salitre, e o seu emprego nos fógos de artificio; os árabes, porém, inventaram a polvora, é as armas de fogo.

Já em 1205 o emir Mmoade-Mouhamad-Aben-Yakoub sitiando um chefe revoltado na cidade de Al-Mahedra se servio da artilheria.

Em 1249 durante a cruzada no Egypto, marchando S. Luiz sobre o *Cairo*, logo depois da tomada de *Damietta*, e querendo passar em frente dos serracenos um braço do Nilo, para cujo fim fez lançar n'elle um dique flanqueado de torres guarnecidas de archeiros, já os serracenos, para o estorvar, se serviram da polvora, e da artilheria, segundo refere *Joinville*.

O sultão de Marrocos, Abon-Youzef, tambem se servio da polvora em 1273, quando sitiou *Sidjdmmesa*, como refere *Ibn-Khaldvum* na sua historia traduzida por *Slane*.

Mr. *Libri*, na Historia das Sciencias Mathematicas na Italia, sem asseverar, que a polvora fosse invenção italiana, pertende, que fosse alli conhecida desde 1326. A esse respeito observa mui judiciosamente Mr. *Viardot* na sua Historia dos Arabes e dos Mouros de Hespanha pag. 152, tom. 2.°, que tendo os árabes dominado a Sicilia até 1100, alli deixaram, bem como em *Pouille*, no tempo dos principes normandos da Sicilia, e no dos principes allemães de Napoles, colonias musulmanas, que subsistiam ainda em 1266 no tempo da invasão de *Carlos d'Anjou*; talvez que os italianos aprendessem d'esses arabes, assim como os hespanhoes dos do seu paiz, mais cedo do que o resto da Europa, o uso da polvora.

Como na idade média os ecclesiasticos erão os unicos, que sabião ler e escrever, e o claustro exercia o monopolio das sciencias, é de crêr, que os frades *Bertholdo*, e *Rogerio* tendo conhecimento da invenção dos árabes fizéssem experiencias chimicas a tal respeito, sendo essa a razão pela qual os allemães indevidamente attribuem áquelle, e os inglezes a este, tão maravilhoso invento.

*Antonio Maria do Amaral Ribeiro* (Barcellos).

**Philosophia d'amor.** — Ha mais homens, notou um observador, que amem enthusiasticamente suas mulheres, do que mulheres que amem do mesmo modo seus maridos. A rasão, dizia elle, é porque é mais natural amar os que dependem de nós, do que aquelles de quem nós dependemos. É ainda pelo mesmo motivo, que os pais dedicão a seus filhos muito mais amor, do que aquelle com que são retribuidos.

O amor, como a seiva das arvores na primavera, sóbe, não desce.

**Misericordia e hospital de Barcellos.** — Deve-se a sua instituição ao rei afortunado, o Sr. D. Manoel, o qual lhe construio casa e igreja junto dos paços do concelho. Foi tambem elle quem lhe deu o foral.

Em 1836, estando ainda a Fazenda de posse do convento de S. Francisco, no campo da feira, foi este pedido ao governo pela misericordia, concorrendo muito para se alcançar o nosso estimavel patricio, o Ex.$^{mo}$ barão de Leiria, um dos homens que mais tem amado a sua patria, e que nunca a esquece. Para alli foi então trasladado o hospital e todas as suas officinas. A igreja velha foi profanada em 1846, depois de tirados os santos e as ossadas que jazião na igreja e no claustro, o que se fez com toda a solemnidade a 26 de Janeiro d'esse anno.

O resto do edificio e a igreja são hoje partes do paço municipal, e as enfermarias do lado da *rua da misericordia* tem sido occupadas, já para aquartelar destacamentos, já para repartições publicas, e hoje lá está a bonita estação telegraphica. Tem a Santa Casa uma bôa galeria de retratos de bemfeitores, entre os quaes figuram o senhor rei D. Manoel, o duque de Bragança, e pai do Senhor D. João IV, D. Theodosio, a Senhora D. Maria II de bôa memoria, o ex.$^{mo}$ tenente-general Barão de Leiria, etc. *Minhoto.*

**Discrição infantil.** — Antigamente, conta Aulu-Gellio, era costume em Roma levarem os senadores comsigo ao senado, aquelles de seus filhos que ainda trouxessem a *pretexta*, vestido bordado de purpura, que elles não deixavão senão aos 14 annos de idade. Um dia que alli se tratou de assumpto importante, e que foi indispensavel addiar para o dia seguinte, conveio-se na necessidade de guardar segredo. Tinha n'esse dia assistido ao senado com seu pai o joven Papirio, e logo que recolheu a casa perguntou-lhe a mãi de que se havia tratado durante a sessão.

Respondeu-lhe o infante que lhe não era permittido dizel-o; teimou a mãi, aguçada pela curiosidade, novas recusas d'um lado, novas instancias do outro, até que a creança vendo que era forçoso relatar alguma cousa guardando ao mesmo tempo a resolução da assembléa, disse-lhe:

— «Foi questão no senado qual era mais util á républica: se permittir aos homens esposar duas mulheres, se a estas esposar dous maridos.

Semelhante noticia surprehendeu a mãi de familia, que em seguida sahio de sua casa, e foi contar a cousa ás suas amigas. No dia seguinte, como era de suppôr, foi o senado invadido por uma grande quantidade de damas romanas, que supplicando, e com os olhos banhados de lagrimas, pedião que nada se decidisse sem que ellas fossem ouvidas. Ficaram perplexos os senadores não atinando com a causa de semelhante loucura, quando o joven Papirio avançando para o meio da assembléa, contou as instancias que sua mãi lhe havia feito, e o estratagema de que havia lançado mão para não traír os negocios da républica.

O senado louvou-lhe a firmeza de caracter e resolveu que os senadores d'ahi em diante não podessem acompanhar-se de seus filhos quando concorressem ás sessões; mas d'esta deliberação houve um que foi isempto.

Foi o pequeno Papirio.

**Milagre de feiticeiras.** — Como todos sabem, o Minho é uma provincia muito supersticiosa, e isto confirma-se por um facto curioso, que ainda ultimamente tive occasião de observar.

Quando a alguma pessôa do povo acontece torcer um pé, e quer examinar se elle está ou não quebrado, e se tem cura vai ter com uma d'essas mulheres, vulgarmente chamadas feiticeiras, a qual emprega o meio seguinte.

Enche uma panella de agua a ferver, e lança-a n'uma bacia; colloca a panella com a bôcca para baixo sobre a agua da bacia, e obriga o padecente a pôr o pé sobre o fundo da panella; a agua torna a entrar para dentro do vaso, e se o pé não está quebrado, mas simplesmente torcido, é mais de meia cura este processo.

O povo attribue isto, que facilmente se explica, a um milagre obrado por arte de feiticeria.

*J. Rebello* (Coimbra).

MAIO — 17

## CHARADA XII.

| | |
|---|---|
| Até sirvo de coberta — 2 | Ao rigor sempre dos tempos |
| Tem pena do meu viver — 1 | Sem coberto poder ser. |

*M. N.*

**O silencio.** — A peccar por um excesso antes por não dizer nada, do que por muito falar. A primeira licção que Pithagoras dava aos seus discipulos era a seguinte: *Ou calai-vos, ou dizei alguma cousa melhor que o silencio.* O antigo Egypto, que foi o berço das artes, e das sciencias, tinha na capital uma estatua com o dedo sobre os labios. Era o symbolo do silencio, recommendando esta virtude a todos os cidadãos.

**Touros em Leiria.**—Havia, e ainda hoje ha, em Leiria uma confraria do Espirito Santo, qué por obrigação dava em dia de Pentecostes um bôdo geral a todas as pessôas.

Para este bôdo compravão todos os annos uns outo touros dos mais bravos, corrião-n'os no adro de S. Martinho (hoje a praça) e depois matavão-n'os e repartião a carne pelos pobres. Assim consta do assento de visita do anno de 1536.

Entretanto succederam algumas desgraças: um touro matou um escravo de Ruy Barba, outros curiosos chegaram a ficar aleijados, e por isso o visitador mandou que para este



bôdo se não comprassem nem corressem touros d'ahi em diante, mas que se comprassem rezes mansas, e que fosse a carne d'estas e não d'outras a que se repartisse pelos devotos. Assim se cumprio. Mas oh! desgraça!

Segundo reza a tradição, a carne das rezes que se compravão apodrecia de sorte, que o bôdo se não podia dar. No primeiro anno attribuio-se ao acaso; mas no segundo e terceiro aconteceu outro tanto, e por isso, mesmo sem esperarem outra visita, nem a ordem se revogar, tornaram a comprar touros, e a carne nunca mais apodreceu.

Quando o visitador voltou em 1542, e o informaram do caso, calou-se, e nunca mais lhes prohibiu os touros. Pois que lhe havia elle de fazer?

Ainda hoje uma corrida de touros é para os leirienses o maior divertimento que se lhes póde dar.

**Exercicios do leque.** — Um emprehendedor inglez propoz-se a estabelecer uma academia para educar as donzellas no exercicio do leque. As vozes do commando erão:

Preparai os vossos leques. — Abri os vossos leques. — Descarregai os vossos leques. — Abaixai os vossos leques. — Retomai os vossos leques. — Agitai os vossos leques.



Para conduzir as discipulas ao estado de perfeição no exercicio d'estes seis movimentos, pedia seis mezes. Todas estas posições de leque são mais ou menos difficeis e engraçadas, porém o movimento de *agitação* é a parte mais interessante no exercicio. Agitar o leque é abanar-se uma senhora quando já não sabe o que hade dizer, nem fazer, quando se enfastia, ou quando se vê perplexa.

Ha differentes especies de agitação: agitação de enfado, modesta, apprehensiva, confusa, alegre, e amorosa. Emfim, a agitação do leque depende da maneira de ser das suas donas; de modo que ha leques alegres e leques tristes, e ha-os sombrios, distrahidos, joviaes e melancolicos, segundo os caracteres de quem os usa, e a situação do momento.

O leque diz sempre mais ou menos, e em certas mãos chega mesmo a ser eloquente. Já até ouvimos asseverar a um malicioso, que uma mulher faz ás vezes mais estragos com um leque do que um general com a sua espada. Vá por conta d'elle, mas não diremos tanto.

**Cascata do Pinel.**—É Friburgo uma villasinha da provincia do Rio de Janeiro, sita a cerca de vinte léguas da capital do imperio no declive oriental da grande serra do mesmo nome, que faz parte da cordilheira dos Orgãos. A tres léguas d'essa villa principia a cascata do Pinel, que apenas cede em belleza ás do Niagara ou Paulo Affonso, e é merecedora de grande nomeada entre as cousas raras da natureza.

Posto que entranhada em cerrada floresta, é tal o fragor produzido pela quéda de suas aguas, que ainda se percebe a mais de meia légua.

Difficillimo é, porém, o trajecto para alli, por se terem de andar cerca de duas léguas por entre matto fechado e alto, e por vereda estreitissima, algumas vezes apagada, e quasi sempre tão sinuosa, que mais parece levar a enredado labyrintho do que a um primor da natureza.

Anda por uns 25 a 30 palmos a largura do leito do rio no sitio onde as aguas se despenhão quebradas sobre tres ordens de degráus igualmente espaçados e com seus 49 pés de alto.

Se porém é de custo o accesso á Cascata do Pinel, largamente o compensa a contemplação d'essa maravilha, perante a qual mais uma vez se eleva o espirito e reconhece o homem o grande poderío do Creador.

*Alexandre José Portella* (Rio de Janeiro).



**Proezas de Helena.**—Toda a gente fala na formosa Helena, diz um escriptor, mas poucos sabem que ella teve 5 maridos—Thesu, Meneláu, Páris, Deiphobio, e Achilles; que foi enforcada na ilha de Rhodes pela creada de Polixo; e que na guerra, a que deu causa, morreram 1:562,000 homens, sendo 386,000 do lado dos gregos, e 676,000 do lado dos troyanos.

**Um reino por um fio.** — Conta Walter Scott na sua *Historia da Escossia* uma tradição da familia Bruce, em virtude da qual nenhum d'elles é capaz de matar uma aranha.

Estava desalentado o grande rei d'este nome, na cama, pensando nos revezes que o perseguião e no quanto lhe era mister luctar para tornar a Escossia livre do poder da Inglaterra, e reconquistar a corôa, que os escossezes lhe tinhão outhorgado.

Com os olhos fitos no tecto da pobre choupana, onde se recolhêra, pensava nas catastrophes, que lhe tinhão acontecido, e perguntava de si para si se não andaria melhor renunciando de todo a realeza e passando á Palestina a conquistar o Santo Sepulchro.

N'um dos cantos do tecto uma aranha suspensa na extremidade de um longo fio fazia esforços para arrojar-se a outro barrote, onde queria fixar o eixo da futura teia. Seis vezes tentou a empreza; seis vezes a vio frustrada.

Lembrou então ao rei sem throno, que seis batalhas tambem déra elle aos inglezes, que as perdêra sempre, e que se achava como o pobre insecto com o mesmo numero de tentativas goradas.

— Já que não sei o que heide fazer, disse comsigo, vou seguir o exemplo d'este laborioso insecto. Se tentar setima vez, e conseguir, tentarei tambem fortuna ainda; senão, parto para a Palestina, e não tornarei mais a vêr a minha patria.

Emquanto Bruce tomava esta resolução, preparava a aranha todas as suas forças para novo ensaio, e conseguia fixar no barrote proximo o fio conductor.

Animado com este exemplo, (palavras do historiador) Bruce sahio a campo, e assim como até esse tempo não conhecêra senão revezes, desde então não contou senão victorias.

Se o grande guerreiro se não prendesse com teias d'aranha, talvez o reino lhe não chegasse ás mãos; porém o que não estava decerto era pendente de um fio a sorte de um povo.

Á sociedade zoophyta de Londres, offerecemos entretanto este exemplo, que vem de fonte que lhe não póde ser suspeita.

Entre nós muita gente ha que não gosta de destruir as teias d'aranha; são os desleixados, e os preguiçosos, dizendo, que tal maleficio affugenta a fortuna; nas arribanas e abegoarias, costumão muitos boieiros conserval-as, para, dizem elles, repararem as frinchas do tecto de telha vã, e agasalharem o gado.

Estas idéas, e a lenda de Bruce, forão propagadas naturalmente por alguma aranha para commodidade e segurança da familia.

*Rodrigo Paganino.*

MAIO — 23

**Novo modo de enxugar o fato.** — Um pobre jornaleiro inglez por duas vezes no mesmo dia havia tentado acabar com a vida lançando-se ao rio, e por duas vezes havia sido salvo pelo feitor da quinta em que trabalhava. Não desistindo do intento, e aproveitando-se de uma occasião em que julgou não ser observado, dirigio-se para uma arvore, e enforcou-se n'uma corda que lançára a um dos ramos. Viu-o o feitor, e d'esta vez tolerou que a sina se cumprisse.

— Então este desgraçado trabalhava debaixo das suas vistas, e deixou que elle levasse a cabo similhante tentação?— Diz o dono da quinta ao feitor, quando d'ahi a horas, visitando a fazenda, deu com o espectaculo.

— Senhor, respondeu-lhe o malicioso, já hoje por duas vezes o tirei do rio, e como elle estava tão molhado como um pinto sahido da casca, julguei que o seu plano, dependurando-se da arvore, era enxugar o fato, e deixei-o. —

# LOGOGRIPHO IV.

Guerra, guerra, vão dizendo
Minha primeira e terceira;
Pouco menos diz tambem
Com a segunda a primeira.

Ás avessas a segunda,
E a primeira como está,
São a cousa que a *coquette*
Não sabe, nem saberá.

Repelle a minha segunda
Toda a mulher virtuosa,
E a terceira, sem ser Londres,
É na terra magestosa.

A primeira repetida
Já meus avós conjugavão
Nos tempos de Dom Diniz
Quando seus campos lavravão.

A terceira sem mudança,
E ás avessas a primeira,
Dão um jogo, que a meu vêr
Nunca foi obra de feira.

Ás avessas a primeira,
E a segunda ao natural,
Vai solta e pallida ás vezes
De rojo no vendaval.

Não é Louzã, nem a Régoa,
Nem Caminha, nem Pombal,
A villa, que mais m'encanta
Em todo o meu Portugal.

O Abbade *Pedro Augusto Ferreira* (Tavora).

MAIO — 23

**Um bom casamento.**—Observava um amador os *sete sacramentos* pintados pelo célebre Poussin, e ao concentrar mais a sua attenção sobre o quadro que representava o sacramento do matrimonio, abanava a cabeça.

—Que achais, não é magnifico? Disse-lhe um amigo.

—Acho, respondeu-lhe, que não ha nada mais difficil do que fazer um bom *casamento*, mesmo em pintura.

**Um poéta brasileiro.**— Quem foi Militão Heitor Peres? Um poéta adorador de Baccho, um extravagante, responderão os homens do calculo, os publicanos do Templo, que ignorão, (por systema), ou que não querem confessar que foi um poéta de merito.

Nascido de familia honesta, na cidade de Caxias, foi mandado por seus pais, que possuião alguma fortuna, á universidade de Coimbra em 1824, ou 25, mas, ou porque a fortuna se perdêra, ou por outro motivo que desconheço, é certo que não continuou nos seus estudos, voltando ao Brasil em 1828. Mal podéra o jóven poéta aprender um pouco de latim, francez e rhetorica!

Foi o coronel José Dias Carneiro quem por muitas vezes lhe aligeirou o peso do infortunio; e o poéta agradecendo-o exclamava reconhecido n'um soneto que d'elle nos ficou:

No século ferrenho, em que a amisade
É um phantasma vão que nos illude;
Teu genio bemfeitor, tua virtude,
Inda amima, inda afaga a humanidade:

Inda encontra o infeliz na adversidade
Mão providente e forte, que o escude;
Que contra os golpes vis da sorte rude
Firme anteponha cordeal bondade.

Outra vez, em 1831, compoz uma ode em estilo horaciano, e dirigio-a ao senhor D. Pedro 1.°, pedindo-lhe que d'elle se lembrasse; mas a voz que supplicava um óbolo não chegou ao throno do inclyto fundador do imperio de Santa Cruz: perdeu-se no trajecto de Caxias ao Rio de Janeiro.

Era Militão muito folgazão e alegre, quando, em sociedade com os poucos amigos que tinha, lhe acudia a inspiração, depois de beber meia duzia de copos do rôxo, que desgraça-

damente tomava com abuso. Em uma d'essas sociedades improvisou elle um dithyrambo que por vezes ouvi recitar de memoria ao sr. Theodoro José de Abréu, com applauso de quantos o escutavão.

Vi tambem um manuscripto de poesias suas, em cuja collecção se achava um pequeno poema didatico intitulado — *Os Campos*. — Erão poesias compostas sob a influencia do *elmanismo*, ainda então muito em voga..

Nos ultimos annos de sua vida, obteve uma cadeira de ensino primario da sua terra natal, e n'este emprego foi assassinado em 1839, quande Caxias passou por todos os horrores da guerra civil, que appellidaram — *Balaiada*.

Bem diz o sr. dr. Magalhães nos — *Suspiros Poeticos*:

Quasi que é do vate a estrella, o infortunio.
Como os martyres são, que, só morrendo,
A apotheose recebem!

*A. da C. Rabêllo* (Caxias).

MAIO — 27

**As obras de Aristoteles.** — Poucas obras têem sido avaliadas de tão differente modo como as de Aristoteles. Um concilio reunido em Pariz em 1210 ordenou que os livros d'este philosopho fossem queimados, e prohibio-se a sua leitura com a pena de excommunhão porque favorecião os erros dos heréticos. Em 1231 o papa Gregorio IX, renovou as mesmas prohibições, até que se revisse, e corrigisse o que em taes obras podia dar logar ás heresias. Em 1448 o papa Nicoláu V approvou as obras de Aristoteles, mandando fazer d'ellas uma nova traducção latina. Continuou-se desde então a ensinar a doutrina de Aristoteles, e em 1629 os que querião sustentar as opiniões contrarias erão condemnados pela universidade e pelo parlamento de Pariz, com a pena de morte.

**Vestidos.**—A questão da escolha dos tecidos proprios para o vestuario nas differentes estações, é uma questão de physica já de ha muito resolvida, e admira que ainda hoje se desattendão todos os preceitos da sciencia. Deve ter-se em vista a côr e a natureza dos tecidos. Mostra a physica que os corpos brancos, ao contrario dos corpos negros, absorvem e emittem pouco calor, em quanto que os escuros no inverno oppõem-se á sahida do calor do corpo, e no verão obstão á sua entrada. É por este motivo que os animaes que habitão as regiões polares são revestidos de pêllo branco.



Em quanto á naturesa da substancia, póde seguir-se a seguinte regra: toda a substancia organica que na natureza servir de revestimento a algum fructo, ou a algum animal, é isoladora do calor. Assim o algodão, que veste o grão d'um arbusto; a seda, que veste um insecto n'uma das suas metamorphoses; e finalmente a lã e os pêllos, que vestem uma infinidade de animaes, são substancias isoladoras, isto é, não se deixão atravessar facilmente pelo calor. O linho e as fibras dos vegetaes não revestem cousa alguma; não são isoladoras porque não tinhão necessidade de o ser.

Á vista d'isto, os tecidos brancos de lã muito cheios, são optimos vestidos para arrostar os frios do inverno, ou os raios do sol d'estio; os tecidos pretos de linho muito leves são excellentes vestidos de verão, para casa.

A reunião de muitas pequenas parcellas, como bocados de papel, pennas, etc. forma um todo isolador. O ar e a agua são tambem pouco conductores.

É por isto que são excellentes para inverno os colchões de lã; os de pennas, os de ar, que são tão quentes como os outros, e muito portateis, sendo por isso usados pelos viajantes; e muito principalmente os de agua, pouco conhe-

cidos, mas que são os mais quentes de todos. Estes ultimos forão vantajosamente empregados nas doenças nervosas pelo distincto médico inglez, o doutor Neill-Arnott.

*Candido C. Xavier Cordeiro.*

## MAIO — 29

**Florimania.** — A Hollanda é de todos os paizes o que mais tem manifestado a sua paixão pelas flôres. Bastarão alguns exemplos. Em 1636, em Haarlem, um pé de flôr a que se deu o nome de *semper augustus*, foi vendido por 4:600 florins em prata, e o comprador além d'esta somma deu



ainda um bello carro, e dois cavallos de preço com os competentes arreios. Outro pé de flôr do mesmo genero vendeu-se por 13:000 florins, e um apaixonado de jardinagem chegou mesmo a ceder doze geiras de excellente terra por um só bulbo de tulipa.

É onde póde chegar a mania!

**Temor de Deus.** — «Eu temo a Deus, dizia um homem sensato, e depois de Deus não temo senão a quem o não teme.»

**Caloteiro generoso.**—Ah! sois vós, mestre? Em que vos posso ser util?—Diz um janota voltando-se na cama (era uma hora da tarde) e cumprimentando um homem que lhe fôra introduzido no quarto, ou que ahi entrára sem ser annunciado.

—Trago a conta de todo o fato que me deveis, e n'esta occasiião muito me obsequiarieis dando-me algum dinheiro.

—Abri, abri a minha secretária, n'uma d'essas gavetinhas de baixo....

O alfaiate abre uma gaveta.

—Não é essa, a outra.

O alfaiate abre segunda gaveta.

—Tambem não é essa, a immediata... excellente; acertastes agora. Que vêdes n'essa gaveta?

—Papeis, diz o crédor.

—Não ha duvida; são contas, e podeis tambem ahi metter a vossa. Adeus—e voltou-se para o outro lado.

MAIO — 31

# CHARADA XIII.

Eu sou a mãi de dous gêmeos,
Um dos quaes lá n'outra idade,
Se as tradições nos não mentem,
Fundou a grande cidade... 2

Muda o=l=em=t=Se o fazes,
Sem mais nada lhe ajuntar,
Terás logo em resultado
Brando rio a deslisar... 2

Agora nada mais digo,
Não tem conceito a charada;
Se o tivesse, e t'o dissera,
Era logo adivinhada.

*Augusto Cesar Pereira Loureiro* (Carraseda d'Anciães).

**Coimbra.** (Recordações). — Collocada em amphitheatro offerece Coimbra uma formosissima vista. Aos pés da bella odalisca corre mansamente o poetico Mondego, e tudo na cidade, como nos arredores, excita a curiosidade e fala á imaginação.

O *Mosteiro de Santa Cruz* tem um precioso côro pelo gosto do da Sé de Braga, com setenta e duas cadeiras de madeira, com pinturas e passagens do Velho Testamento. A sachristia passa por uma das mais bellas de Portugal. Na igreja de Santa Cruz ha um Santuario magnifico, e n'elle existem as reliquias dos Santos Martyres de Marrocos. Aos lados da capella mór estão os tumulos de D. Affonso Henriques e de D. Sancho. Em 1832, segundo dizem, mandou-os abrir o Sr. D. Miguel de Bragança para vêr o que continhão.

A *Parochia de S. Christovão*, ou *Sé Velha*, é notavel por sua antiguidade, e, segundo affirmão, o unico monumento que resta em Portugal do tempo dos godos.

A *Quinta das Lagrimas* é um sitio delicioso á beira do Mondego. Junto da fonte que alli existe, mandou o general inglez Trent, pôr uma lápida com a seguinte estancia de Camões:

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe pozerão, que inda dura
Dos amores de Ignez que alli passaram,
Vêde que fresca fonte rega as flores
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

É, como diz o poeta, a—*Fonte dos Amores*. Em alguns lugares por onde corre a agua, ha um como musgo vermelho, que uma poetica e popularissima tradição diz ser o s-

de D. Ignez. Da quinta vae um cano d'agua, que em outro tempo ia acabar no antigo e hoje arruinado mosteiro de Santa Clara, onde esteve a desditosa Ignez. Uma outra tradição, ou lenda, refere que servia para a correspondencia entre o principe e a sua amante.

O *Penedo da Saudade* domina uma vista soberba, mas melancolica. Alli passei horas inteiras, e tinha realmente saudade de o deixar.

A *Universidade* é um vasto e rico edificio. Além das salas para o ensino das differentes disciplinas, ha a sala dos capelos, magestosa e solemne, tendo em roda os retratos dos senhores reis d'estes reinos, e a sala dos exames privados, lugubre, escura, com o seu tanto de inquisitorial, tendo em redor os retratos dos reitores da Universidade. A sala da livraria é rica, sumptuosa, com columnatas e varandas, o chão enxadrezado, e magnificas mesas de páu preto. O observatorio, d'onde se gosa um riquissimo panorama, tem bôas salas e alguns instrumentos mathematicos modernos.

O *Museu* é um soberbo edificio com um magnifico vestibulo e salas elegantes e bem ornadas. Os armarios são de mogno. A aula de physica, construida em amphitheatro, é lindissima. O gabinete de physica não é muito rico de instrumentos e machinas.

Coimbra, considerada de qualquer modo, merece ser vista e estudada. Se pelo lado do ensino não offerece hoje o interesse que já inspirou n'outro tempo, vivirá sempre pelas suas recordações gloriosas; se as suas instituições e regulamentos meio monasticos, venerandas reliquias de outras éras não preenchem hoje cabalmente o seu fim, não se lhe póde negar sciencia e illustração.

*Dr. João Clemente Mendes.*

**Caridade como a entendem, e como ella não é.** — Diz-se geralmente: *A caridade bem entendida principia por nós.* Jesu Christo teria dito: *A caridade bem entendida principia pelos outros.*

JUNHO — 2

## SONETO.

### (IMITAÇÃO)

Deus me péde do tempo estreita conta;
É forçoso dar conta a Deus do tempo;
Mas quem gastou sem conta tanto tempo,
Como dará, sem tempo, tanta conta?

Para fazer, a tempo, a minha conta,
Dado ne foi, por conta, muito tempo;
Mas não cuidei na conta, e foi-se o tempo;
Eis-me agora sem tempo, eis-me sem conta!...

—Ó vós, que tendes tempo, sem ter conta,
Não o gasteis, sem conta, em passa-tempo;
Cuidai em quanto ha tempo, em terdes conta!

Ah! se quem isto conta, do seu tempo
Houvese feito a tempo apreço e conta,
Não chorava, sem conta, o não ter tempo!

*A. Latino de Faria Junior* (Alcacer).

JUNHO — 3

**Centenarios.**— Os dois centenarios mais velhos, de que a historia faz mensão, são dois inglezes, Thomaz Parch, e Henrique Jenkins, que morreram, um em 1635 com 152 annos, e outro em 1670 com 169. Parch quando tinha 100 annos, convencido pelo tribunal de haver seduzido uma joven, e abandonado seu filho recemnascido, foi condemnado, segundo o costume do tempo, a fazer sentinella á porta da igreja embrulhado n'um lençol, e com uma vela na m-

**Caloteiro eterno.**— Achava-se doente, e muito, um caloteiro carregado de dividas, e dizia ao seu confessor:

—A unica graça que eu peço a Deus, é que me prolongue a vida até que eu tenha pago todas as minhas dividas.

—É tão justo esse proposito, respondeu-lhe o confessor, que deveis nutrir a esperança de que Deus vos attenda.

—Ai, se o Senhor me attendesse, continuou contricto, voltando a cabeça para um dos seus antigos amigos que se achava presente, se Deus ouvisse a minha supplica, estava seguro de nunca morrer.



**Os judeus.** — O diccionario universal de historia e geographia de *Bouillet* (ultima edição), depois de tratar da origem, costumes, litteratura, religião e differentes perseguições que soffreu o povo hebreu, diz o seguinte:

«A maior parte dos estados da Europa, seguindo o exem«plo da França, tem suavisado a sorte dos judeus: entre«tanto *elles são ainda hoje* expulsos da Hespanha, de Por«tugal, e de uma grande parte da Russia.»

Isto não é exacto.

Pondo de parte o que diz respeito ás outras nações, e tratando unicamente d'aquella a que pertencemos, cumprenos não deixar correr á revelia, em um obra de tanto vulto litterario como é o diccionario de *Buillet*, uma asserção, que no século actual, não deixa de nos ser injuriosa.

É verdade os judeus terem sido expulsos de Portugal no anno de 1496, reinando D. Manoel — tempo em que na Allemanha elles erão propriedade dos imperadores e dos fidalgos, que a seu bel-prazer os vendião e hypothecavão; e quando na propria França (onde os obrigavão a trazer signaes distinctivos sobre seus vestidos, e a viver em bairro

separado) soffrião crueis perseguições e vexames sob o reinado do affavel Carlos VIII, que n'esta parte seguio a triste politica de seu pai o famoso hypocrita Luiz XI; porém em Portugal, todos sabem que, ha mais de um século, os descendentes de Abrahão gosão ali de tanta ou mais liberdade do que em França; e a prova é, que quando a *assembléa constituinte* em 1791 concedeu aos judeus a igualdade dos direitos, já elles gosavão d'esse beneficio em Portugal havia mais de 30 annos; pois o esclarecido marquez de Pombal, publicando em 1761 a phylantropica lei que libertou na segunda géração os escravos que nascessem no reino, tambem n'essa occasião attendeu á sorte dos judeus, abrindo-lhes a carreira das honras e dos empregos, e impondo graves penas aos que os insultassem. E tanta liberdade ficarm tendo d'aquella data em diante, que pouco depois não tiverão receio de edificar em Lisbôa uma synagoga, que constantemente tem sido frequentada, pelos israelitas, e tambem muitas vezes pelos christãos que a querem visitar.

*David Gonçalves de Azevedo* (Maranhão).

## JUNHO — 6

**O suicidio.** — O suicidio era conhecido entre os gregos e os romanos no tempo do seu maior esplendor; mas o que levava gregos e romanos a dispor das suas vidas era quasi sempre a honra e o medo da infamia; e o que hoje leva os suicidas a dispor das suas são os nossos vicios.

O romano matava-se porque havia sido vencido n'uma acção; hoje o inglez, por exemplo, mata-se porque perdeu ao jogo; aquelle, porque tinha incorrido no desfavor do publico; este, porque não póde hombrear com os ricos e poderosos; aquelle porque perdeu uma provincia; este, porque uma mulher o trocou por outro; aquelle, porque os falsos principios da sua religião o levavão a isso; este, porque não tem nenhuma.

**Justificações de bêbado.**—Um discipulo de Baccho, desculpando-se, ou antes justificando-se, perante o seu confessor, que o reprehendia do excessivo amor que tinha ao vinho, e do abuso que d'elle fazia bebendo-o, disse-lhe:



«Meu padre, o bom vinho faz o bom sangue, o bom sangue produz o bom humor, o bom humor leva-os aos bons pensamentos, os bons pensamentos persuadem bôas obras, e as bôas obras abrem as portas do céu.»

**Anzol sem isca, e isca sem anzol.**—Uma senhora muito bella, mas sem espirito nenhum, zombava d'um pescador, que depois de duas horas de fadiga

não havia ainda tirado um unico peixe. «Parece, dizia ella, que os vossos anzóes não têem isca.

— É a differença, que existe entre nós, respondeu-lhe o pescador, já bastante impacientado pelos desdens da bella. Eu tenho anzol, mas não tenho isca; vós tendes isca, mas não tendes anzol.

## JUNHO — 8

**Tucano.** — Esta ave da America meridional distingue-se principalmente por ter o bico mais comprido do que a cabeça e quasi tão volumoso como o corpo depois de tiradas as pennas. Não podendo sustentar o vôo, em consequencia da pequenez das suas azas, adeja de arvore para arvore e de ramo para ramo nos bosques mais espessos, que o seu caracter desconfiado faz preferir ás planicies, onde raras vezes se vêem apparecer. Vivem em pequenos bandos de 12 ou 15, e são crueis na caça que fazem ás aves mais pequenas, servindo-se para isso do seu bico enorme, que não obstante ligeiro e de estructura esponjosa, é dotado de muita força. Os tucanos põem os seus ninhos nas cavidades dos troncos annosos. As damas do Brazil e do Perú empregão em alguns dos seus enfeites a plumagem d'essa ave, e sobre tudo a que lhe veste o peito, que é de um vermelho alaranjado lindissimo. A moda, cujo imperio é universal, transmittio á velha Europa estes gostos do novo mundo, e durante certo tempo tambem entre nós se considerou como cousa de muitissimo preço um vestido guarnecido de pennas de tucano.



**Acanhamento d'um sábio.**— N'uma viagem que o sábio Bentley fez a França, foi visitar a condessa de Ferrers. Encontrou-a em companhia numerosa, e vio-se por isso tão embaraçado que quasi não soube dizer uma palavra. Quando se retirou, cançado de posição tão violenta, perguntaram á condessa quem era esse homem, que se atrevêra a entrar n'uma salla para ahi dar um documento da sua imbecilidade.

—É um sábio, respondeu a dona da casa, que póde dizêr-vos em grego, em hebraico, e em varias outras linguas como se chama uma cadeira, mas que não sabe usar d'ella.

JUNHO — 10

**Seitas indianas.** — Brama não inventou esse barbaro holocausto de se queimarem as mulheres nas fogueiras consumidoras dos restos mortaes de seus maridos; forão suas mulheres. Quando essa divindade expirou, estas, julgando-se viuvas da primeira pessôa da trindade, tomaram em ponto de honra não lhe sobreviver, e lançaram-se na fogueira devoradora do seu idolatrado. Este exemplo levou as mulheres dos bramanes, e dos militares, ou *rajapouts* a fazerem o mesmo.

Os bonzos atiçaram as chammas da superstição, dizendo ás tristes viuvas: — A que arder na fogueira de seu marido não transmigrará; entrará logo no planeta da purificação: a que regeitar essa graça será lançada no inferno para sempre. — Agitadas pelo amor, perturbadas pelo terror, e animadas pela esperança, affrontão ás vezes aquelle horrivel sacrificio com resolução espantosa. Logo que o marido expira, a viuva abstem-se de tomar alimento algum. Chegada a hora do sacrificio, adorna-se com as suas jóias mais preciosas, como se fôra o dia do seu noivado. Os parentes e amigos acompanhão a desgraçada entre alaridos, e sons

desaccordes de instrumentos. A esse tempo já os bonzos a têem espiritualisado com licôres preparados com opio; e quando chega o termo fatal distráem a victima, fazendo-lhe elogios pelo seu heroismo. A mulher não deve afrontar as chammas com signaes de tristeza; precisa mostrar rosto sereno, como se estivesse convencida de ir gosar a bemaventurança; isto é, juntar-se perpetuamente a seu marido em melhor vida. Algumas tem havido, que indo resolutas, fugiram horrorisadas, encarando a violencia das chammas. N'esse caso ficão deshonrados todos os parentes da foragida, e para lavarem essa negra mancha, é-lhes preciso entregal-a aos párias. Comtudo, depende de circumstancias a liberdade de se queimarem as viuvas nas fogueiras dos maridos. Não póde queimar-se a que tem filhos menores; a que está gravida, ou em molestia periodica; nem aquella a quem morre o marido estando ausente.

As viuvas dos bramanes sacrificão-se menos do que as dos *rajapouts*; mas as tristes que sobrevivem aos maridos são obrigadas a renunciar a todos os prazeres da vida: comem uma só vez no dia, rapão a cabeça, e jámais a podem cobrir, sob pena de serem excluidas da sua casta.

*Marianno José de Faria* (Dombe Grande — Benguella).

JUNHO — 11

# CHARADA XIV.

Sem mim não dura o vivente
Nem tambem o vegetal — 1
Muitas vezes nos suffoca — 1
Dá alento ao animal — 1

Debruçado no g'rupés
Resoluto marinheiro
Atirando a fisga arteiro
Logo sua a preza fez.

*J. Barrozo* (Guimarães).

**Argumento sem réplica.** — No tempo em que a theoria de Galilêo era ainda considerada uma heresia; um frade italiano denunciou um estrangeiro por dizer que a terra girava em roda do sol.

— Não sabeis, argumentava o frade, que Josué susteve o sol na sua carreira?

— Pois é desde esse tempo, volveu-lhe o estrangeiro, que o sol está immovel.

Se ao grande astronomo não repugnasse descer a esta evasiva, e a houvesse empregado, talvez se não dessem as perseguições, que o tornaram martyr da sciencia, e da verdade.

JUNHO — 13

**Malange.** — É um dos melhores concelhos interiores da provincia d'Angola.

A distancia de Malange a Loanda é de umas sessenta léguas. De Pungo-Andongo, e terras do Duque de Bragança dista apenas 2 e 3 dias de jornada, mas estes dous concelhos não são limitrophes por se achar de permeio entre elles muito gentio não avassalado.

O seu solo todo plano, vestido de bellissimas mattas e de não menos bella vegetação, é fertilissimo, produzindo em grande abundancia milho, mandioca, arroz, batatas, ervilhas, feijão, e toda a sorte de hortaliça.

Tem excellentes pastos para gado vaccum, sendo talvez o concelho da provincia que possue a maior quantidade de gado d'este genero. Calculo-lhe para cima de 10:000 cabeças; todo elle nédio, sadio, e de bôas dimensões: o valor de cada cabeça não excede de 5 a 6$000 réis em moeda de Portugal.

Tambem tem muitas creações miudas e excellentes pastos para gado cavallar. As suas aguas são magnificas, e o clima tão saudavel como o de Mossamedes.

Os terrenos, em geral, são optimos para a plantação do algodão, e da canna saccarina, e em algumas partes tambem o café deverá produzir excellentemente. As chuvas são alli muito copiosas e regulares, ao que se attribúe principalmente a sua fertilidade.

Muito convirià que o governo da metropole alli fizesse estabelecer uma companhia de cultura de algodão; e se esta estabelecesse uma fábrica sua de tecido de fazenda de lei, para consumo d'este producto, não só faria o engrandecimento d'aquelle concelho, mas poderia sér o nucleo para o estabelecimento d'uma grande colonia europeia. A fazenda de lei quando barata é reputada a 1$300 réis fortes a peça.

Em volta da residencia do chefe d'aquelle concelho se tem reunido uma pequena povoação, que para os sertões da provincia já é de alguma importancia. É pena que a maioria de seus habitantes não tenha meios para fabricar senão pequenas casas de páu cobertas de capim.

N'esta povoação, Malange, propriamente dito, nome derivado do rio que junto a ella corre, e que dá o nome a todo o concelho, ha um açougue publico onde diariamente se consomem duas a tres cabeças de gado vaccum, afóra muitos carneiros, porcos, etc.

A maior parte da população do concelho de Malange é de gentios do Songo ultimamente avassalados, nembambas e alguns bondos, que já alli residião.

A restante população portugueza, propriamente dita, composta de gente de Ambaca, e de outros concelhos que alli se tem ido estabelecer, apesar de já se achar bastante augmentada, é ainda muito inferior áquella.

D'entre os habitantes os melhores e mais doceis, são os nembambas, os quaes voluntariamente se aggregão aos moradores e negociantes maiores com o titulo de seus *forros* ou *favorecidos*, e lhes prestão todo o serviço mediante uma pequena gratificação; os massongos tambem se prestão ao mesmo, mas em geral são mais propensos á rebellião, e ao roubo.

Encontram-se por alli bons caminhos, e o estabelecimento de uma caudelaria, que seria mui facil, tornar-se-hia de grande vantagem para o concelho, e para toda a provincia em geral.

Vivo ha 14 annos em Angola, tenho percorrido a maior parte dos concelhos e sertões da provincia, e ainda não encontrei no interior, localidade que pelo seu bom clima, bôas aguas, fertilidade do sólo, commercio com o gentio, configuração do terreno, visinhança de concelhos que lhe podem ministrar toda a sorte de auxilio, e proximidade com a capital da provincia, mais vantagem offereça do que Malange, para o estabelecimento e engrandecimento de uma colonia.

E agora só accrescentarei, que para toda e qualquer empreza de publica utilidade poderia o governo da metropole contar com a mais efficaz e energica coadjuvação, tanto dos habitantes do concelho de Malange, como dos de Pungo-Andongo.

É que os liga o interesse do seu commercio; e a sua posição relativamente ao gentio, é tal, que póde affoutamente dizer-se que da conservação de um depende a conservação do outro concelho.

*João Eduardo da Cunha* (Angola — Cazengo).

## JUNHO — 14

**Apprehensão realisada.** — Swift, passeando uma tarde com Pope e Adisson, deteve-se a olhar para uma arvore, cujos ultimos ramos começavão a seccar. Derão pela sua falta os dous amigos, voltaram atraz e perguntaram-lhe que havia n'aquella arvore para excitar a tal ponto a sua curiosidade.

— «O que ha? Respondeu-lhes Swift. Começa a morrer pela cabeça, e, ou eu me engano muito, ou hei de acabar como ella.» Era uma prevenção, mas realisou-se. O Luciano d'Inglaterra morreu doudo.

**Processos e condemnações singulares.** — Em 1314 os juizes do condado de Valois instauraram processo a um touro que tinha morto um homem, e o condemnaram, pelo depoimento das testemunhas a ser enforcado. A sentença foi confirmada pelo parlamento a 7 de novembro do mesmo anno.

Em 1394 foi tambem enforcado um porco por haver morto uma creança no viscondado de Mortain.

Em 1497 uma marrã, por tambem haver trincado o queixo de uma creança na aldeia de Charonne, foi igualmente condemnada á morte. A sentença ordenava que a carne fosse lançada aos cães, e que o dono e sua mulher fossem em peregrinação a Nossa Senhora de Pontoise, onde em dia de Pentecostes exclamarião — *merci!*

Em 1499 foi um touro condemnado á forca por sentença do baliado de Beauprès, em consequencia de haver morto um rapaz.

Em 1590 em Auvergne, o juiz d'um cantão nomeou curador ás lagartas que devastavão as cearas. Correu a causa, e a sentença determinou que ellas se retirassem para designado sitio, a fim de ahi terminarem a sua miseravel vida.

São documentos da loucura humana, e em todos os tempos e todos os paizes os tem havido.

JUNHO — 16

# ENIGMA

Aquelle rio
P'lo campo vai;
Se um *a* lhe juntas,
Fica teu pai.

*Manoel Lopes Maia* (Gavião)

**O dito por não dito.** — Ajustára-se em França um casamento, e na vespera d'elle se celebrar, forão os futuros conjuges com os parentes ao escriptorio d'um tabellião para se fazerem as escripturas. Antes das partes assignarem o contracto foi-lhes este lido pelo tabellião, e quando chegou a estas palavras: — E no caso que a futura esposa sobreviva a seu esposo poderá ella continuar na posse das suas joias, pedras, anneis *et cœtera*, — a noiva, julgando que se queria dizer; — *et se taira* (e calar-se-ha) protestou que nunca assignaria um contracto que a obrigava a calar.



Quasi que tinha razão; se esta fosse effectivamente a clausula do contracto ante-nupcial crêmos que nenhuma mulher o assignaria. Calar-se uma mulher!

*Januario dos Santos Pinto.*

**Cortezia por cortezia.** — O cavalleiro William Goels, governador da Virginia, conversava certo dia com um negociante n'uma rua de Williamsbourg. Passou um negro cortejou-o, e o governador agradeceu-lhe o cumprimento retribuindo-lh'o.

— Pois abaixais-vos, diz-lhe o negociante, até ao ponto de saudar um escravo?

— Sem duvida, respondeu-lhe Goels, custar-me-hia que um escravo se mostrasse mais civilisado do que eu.

# O PASTOR MORIBUNDO.

## CANTIGA DE VIOLA.

A existencia dolorida
Cansa em meu peito: eu bem sei
Que morrerei.
Comtudo da minha vida
Podia alentar-se a flôr
No teu amor!

Do coração nos refolhos
Solta um ai! Porque eu respiro
N'um teu suspiro!
Mas fita ao menos teus olhos
Sobre os meus: eu quero-os ver
Para morrer.

Guarda comtigo a viola
Onde teus olhos cantei...
E suspirei.
Só a idéa me consola
Que morro como vivi...
Morro por ti.

Se um dia tua alma pura
Tiver saudades de mim,
Meu seraphim,
Talvez notas de ternura
Inspirem o doudo amor
Do trovador.

*M. A. Alvares d'Azevedo.*

JUNHO — 19

**Chegada de D. Affonso VI á Terceira.** — Completaram-se hoje (escrevia em 19 de junho de 1857 o *Insulano*, jornal da ilha Terceira) 188 annos, que abicou á bahia d'Angra uma armada composta de tres fragatas e uma caravella, conduzindo a seu bordo el-rei de Portugal D. Affonso VI.

No dia 18 a bandeira portugueza esvoaçava hasteada nos mastros grandes d'esses navios, e um tiro d'artilheria disparado da náu capitania chamou barco a bordo.

A náu lançou ferro, e de prompto vierão a terra com ordens o dr. Antonio Vellez Caldeira, e o commissario general de cavallaria João Cardoso Pizarro.

A curiosidade de saber a que era vinda a armada, causou bastante impressão na cidade, e todos andavão esbaforidos a sondar as noticias.

Soube-se então que era el-rei que vinha cumprir *sentença de deposto e reclusão* no castello de S. João Baptista. [1]

O marquez de Minas e conde de Prado, embaixador extraordinario na côrte de Roma junto de Clemente IX, e que acompanhava o rei, escreveu á camara da cidade, insinuando-lhe que fosse a bordo para se tratar de importante negocio publico.

A camara, em grande estado e etiqueta, apresentou-se logo a bordo; e alli lhe foi entregue a carta régia de 25 de maio, pela qual o sr. infante D. Pedro, regente do reino, em consequencia da deliberação dos tres estados, (convocados em janeiro de 1668) por ter «larga prova do zêlo e grande fidelidade» dos terceirenses (palavras da carta), lhes confiava a pessôa de seu irmão, que havia de ser aposentado nas casas da fortaleza de S. João Baptista, em attenção ao seu estado enfermo, tanto de corpo, como de entendimento.

A camara mandou fazer logo todos os preparativos para a recepção do monarcha. E no dia 21, pelas quatro horas

[1] «Eis aqui uma parte da nota diplomatica pela qual o infante D. Pedro noticiou ás cortes estrangeiras a sahida de seu irmão:—*Querendo pois achar um meio pelo qual sem expôr a risco a sua pessôa, nem a sua dignidade, el-rei possa gosar dos divertimentos que naturalmente ama, resolvi com «muito gosto seu» que fosse para a ilha Terceira, tanto porque está debaixo do mesmo clima, como porque a juizo dos médicos a mudança d'ares será muito proveitosa a suas enfermidades naturaes. Além d'isto a ilha em si é muito aprazivel e propria para a caça, abundante de tudo o que é necessario e commodo á vida: e ficará á escolha dos fidalgos que o acompanhão, residir el-rei na villa da Praya, ou na de Angra, ou no real castello de S. Filippe, com tanto que o lugar escolhido seja conveniente a seus divertimentos, e conforme o seu gosto.*»

da tarde, e ao signal de uma salva d'artilheria, sahio para terra el-rei n'um pequeno bergantim, acompanhado do marquez, e seguido de outros escaleres, em que vinham o conde de Mesquitella e outros.

Assim que o real escaler chegou em frente da ponta de Santo Antonio, começaram a salvar todas as baterias dos castellos de S. Sebastião, e entre estes e outros signaes de honra e respeito, a embarcação aproou ao porto novo, onde a esperavão a camara, o capitão mór, e mais funccionarios e povo, que enchia aquellas avenidas.

Alli desembarcou el-rei, bastante incommodado do achaque de torpor, veio encostado aos braços do marquez, até um plano, onde se recolheu a uma liteira, que o conduzio ao castello.

A entrada na fortaleza foi annunciada com outra salva de artilheria, e entre todas as ceremonias militares do estilo, e com a entrega das chaves do castello, veio o governador Sebastião Corrêa de Lervella, receber el-rei, que para logo entrou no palacio do governo d'aquella praça.

Aqui residio el-rei ate ao dia 24 d'agosto de 1674, em que embarcou para Lisbôa.

## JUNHQ — 20

**Remedio contra os panaricios.** — Acha-se n'um livro antigo de medicina, a *Bibliotheca de Medicina*, de M. Plangue. Toma-se a gemma de um ovo o mais fresco possivel, mistura-se-lhe um pouco de sal bem pulverisado (tanto quanto seja necessario para salgar dous ovos frescos) e bate-se com uma espátula para que este se dissolva perfeitamente na gemma. Lança-se uma pequena porção d'esta mistura n'um panno, e envolve-se n'elle o dedo doente. Quando ás 48 horas se tira o panno (e basta que só então se tire) têem diminuido as dores, e poucos dias depois, mediante um unguento simples, acha-se o panaricio completamente curado.

*Francisco Bernardo da Veiga.*

# CHARADA XV.

No jardim, ou no prado, ou na veiga,
Ostentando belleza e primor;
Quer modesta, singela, ou vaidosa;
Quer ás bellas falando d'amor;
Apresento na belleza,
Mysterios da natureza... 1

Porém inda aqui não fica
Do meu todo a asserção,
Porque sou ao mesmo tempo
Adverbio e conjuncção... 2

Inda mesmo que o não seja,
Por ter perdido o matiz,
Eu jámais negal-o posso
Que o seu mesmo nome o diz.

*Eduardo* (Maranhão)

JUNHO — 22

**Mulher de palavra.** — Na igreja de Roschid, na Dinamarca, mostra-se uma pedra d'aguçar agulhas, que Alberto rei da Suécia, enviou á célebre Margarida, filha de Waldemar III, para lhe recordar, dizia elle, as occupações proprias do seu sexo.

Recebeu-a Margarida, mas conta-se que respondera ao rei dizendo, que se serviria da pedra para affiar, não as agulhas, mas as espadas dos seus soldados.

Com effeito, tempo depois era Alberto seu prisioneiro, e ella coroou-se rainha em seu lugar.

**Conselho de um economico.** — Dizia um filho a seu pai:

—Como é que tendes podido adquirir tão grande fortuna, meu pai?

—Nada mais facil, respondeu-lhe o pai, apagando ao mesmo tempo uma das velas que os allumiavão; contentando-n'os com o necessario, e não queimando senão uma vela, quando esta nos baste, adquire-se uma fortuna.

**Licção de rustico.**—Caminhava um saloio com o seu jumento. Encontrou-o um espertalhão da cidade, e disse-lhe por caçoada:

—Onde ides vós ambos?

—Buscar palha para nós tres—lhe respondeu o rustico.

JUNHO — 24

**Uma recordação.**— Ouve-se o bulicio da folgazã mocidade, que, ora agglomerada cêrca dos umbraes das habitações, quer reunida no interior das casas, ou, já em grupos, percorrendo as ruas da cidade, festeja a vigilia do dia em que nasceu o precursor do Salvador do mundo, S. João Baptista.

Ouvem-se de envolta com o som de varios instrumentos as argentinas vozes das donzellas, entoando canções em louvor do grande santo em quem ellas têem fé que lhes hade proporcionar cêdo optimos consortes.

Erigem-se compridos mastros revestidos de verdura; armão-se, em differentes casas, capellas, em cujos thronos, competentemente illuminados, se venera a sagrada imagem do glorioso Precursor; retinem sem cessar os atroadores adufes; formão-se chorêas nos terreiros; eccôa o estampido dos fogos de artificio; accendem-se montões de rosmaninho; salta-se por sobre as chammas das fogueiras; chamuscão-se á luz do candieiro rôxas alcachofras, algumas das quaes de-

pois hãode florir; lanção-se ovos em copos d'agua, os quaes, postos ao sereno e retirados antes de nascer o sol, demonstrão, na configuração que tomaram, fortunas ou infortunios, segundo a interpretação, ou os desejos da donzella que os analysa; tirão-se sortes sobre os nomes dos futuros consortes... a final, faz-se tanta cousa na véspera do nascimento de S. João Baptista, que bem póde dizer-se que entre as festas populares nenhuma lhe excede.

E foi na madrugada d'este dia que uma joven, uma innocente donzella de quasi dezouto annos, a minha virtuosa filha, Maria das Dores Pires, exhalou o ultimo suspiro, articulando as ultimas palavras «meu pai!»

Este *Almanach* diz-se *de Lembranças*. Oh! concedão-me, por piedade, que n'elle, para memoria dos outo filhos que ainda me restão, fique registada esta perda, que me dilacera o coração no momento em que o povo se entrega aos folguedos de tão festejada noute.

*Manoel Justino Pires* (Elvas).

JUNHO — 25

**A mourisca.** — Os folguedos do S. João são geraes entre o nosso povo. Os descantes e fogueiras fazem o principal divertimento d'aquella noute magica em que a agua é benta, a alcachofra fala na madrugada aos corações, e a moura encantada vem ao sol nado assoalhar os seus thesouros!

N'alguns lugares, porém, os festejos têem accessorios, quebrando por vezes a gravidade do culto catholico. Assim é curiosa a usança que ha n'este dia em Pedrogão-Pequeno, antiga villa nas pittorescas e alcantiladas margens do rio Zezere. Na igreja matriz ha pomposa festividade ao patrono, S. João; mas pouco antes da festa ha na igreja, e mesmo ás barbas do santo, um interessante bailado, a que chamão a *mourisca*. São sete figurões exoticamente vestidos de saia com grandes laços de fita, sapato e meia, jaqueta apertada com largo cinturão que lhes sóbe aos hombros e se cruza nas

costas e peito, como o correame dos nossos soldados, e na cabeça um barrete de forma conica muito enramalhetado de flôres. Os dous primeiros tocão bandurra, os immediatos pandeiretas, e os ultimos empunhão compridos thyrsos com um grande ramalhete de cravos na extremidade superior. O setimo, porém, d'estes personagens distingue-se pela corôa que lhe descança na cabeça altiva, uma corôa de rei; aos hombros largo chale pendente, á guiza de manto; na dextra ferrugenta durindana, e na esquerda um escudo, onde se vê pintado o cordeirinho que acompanha sempre o santo precursor. É este o rei da mourisca. Com passo grave e magestoso dirigem-se os sete bailarinos á capella mór, curvão-se ante o santo, que n'aquelle dia festival sáe do seu nicho e se ostenta alegre e prazenteiro sobre enramalhetado andor, e a um signal do homem da corôa, que deixa cahir sobre o escudo a longa espada, rompe o baile, que dura bôa meia hora, e que muito se parece com as contradanças francezas. Os pandeiros saltão nas mãos dos dançantes, e ferem os ares d'agudos sons; o rei, de sceptro em punho, repimpa-se cada vez mais, e os dous das bandurras dedilhão as cordas com pericia maravilhosa. Os espectadores agrupão-se e observão com religioso silencio este célebre espectaculo, que attráe maior concorrencia do que a funcção da igreja.

Quem pela primeira vez assiste a esta curiosa usança não póde deixar de rir, mui principalmente quando repara no sério-comico dos sete figurões. A dança conclue com segunda genuflexão ao santo em fórma de despedida, e á voz do rei da festa, que, fazendo uma pirueta firmado no pé esquerdo, brada alto e bom som: viva meu compadre S. João Baptista! No fim da solemnidade religiosa repete-se a contradança no adro da igreja, e de tarde, em frente da procissão, que percorre as ruas da villa. Não se atina com a origem d'este curioso e original divertimento, para extirpar o qual tem sido inuteis todos os esforços da authoridade ecclesiastica.

*M. A. B.* (Margens do Zezere).

**Explorador de vaidades.** — Osley foi um famoso mendicante inglez, a quem a fortuna sorrio pelos estratagemas que sabia empregar para captar a benevolencia dos bemfeitores, das mulheres, sobretudo.

O que mais vezes punha em pratica era o seguinte: collocava-se, quando ainda em Londres era permittido o pedir esmola, ás portas dos passeios mais frequentados, pelas pessôas de tom, e quando via as elegantes descer das suas carruagens, implorava a sua caridade estendendo-lhes a mão. Se lhe recusavão esmolla; «mistress, dizia elle a uma, em nome d'esses bellos olhos negros, graciosamente fendidos; a outra: em nome d'esses formosissimos cabellos d'ébano; a outra: em nome d'esses labios de rosa; á esta: em nome d'esses fios de pérolas que entremostrais n'um sorriso; áquella: em nome d'essa voz suavissima que entra nos corações.» Emfim, era o *pé*, era a *mão*, era a *escolha de toilette*, era tudo quanto podia lisongear o amor proprio feminino, e em resultado recolhia-se o nosso homem a casa com o bolso bem recheado de schillings.



**Cortezia de rei.** — Francisco I rei de França, foi, como se sabe, vencido e feito prisioneiro do imperador Carlos V, na batalha de Pavia. Um dia, pouco tempo depois da sua prisão em Madrid, encontrando uma senhora, que abusava do direito que muitas têem de ser feias, perguntou-lhe quando tinha chegado do paiz da belleza.

— Cheguei no dia em que Vossa Magestade voltou de Madrid, respondeu-lhe ella.

**Prestigiadores.** — São os que por ligeireza de mãos fazem desapparecer, mudar de lugar, reapparecer subitamente, ou transformar por qualquer modo, os objectos, illudindo-nos os sentidos, que mal os podem acompanhar na ligeireza das suas voltas. Ha-os a divertir o povo nas praças publicas, uma reunião de familias n'uma pequena sociedade, ou uma numerosa assembléa na sala do especta-



culo. Alguns, na realidade habilissimos, ajuntão ao seu estudo de ligeireza alguns conhecimentos de physica e de chymica, e d'ahi vem o deslumbrar-nos ainda mais com as suas sortes. D'este numero forão Pinetti, Bienvenu, Olivier, Comus, Robert Houdin etc., e Portugal ainda ha pouco vio Mr. Herrmann, que em nada lhes era inferior, mas que de certo os excedia no animo generoso com que soube bene-

ficiar muitos dos nossos estabelecimentos, e deixar-nos reconhecidos e lembrados.

O que a nossa estampa representa não é mais do que um pobre saltimbanco de feiras, que a troco de alguns patacos mostra os jogos malabares, e outras subtilezas innocentissimas com que embasbaca o seu auditorio em volta da meza.

Ainda não ha muito tempo que a estes industriosos se dava o nome de bruxos, magicos, ou feiticeiros, em que se suppunha pacto com o diabo, e isso chegou a valer-lhes perseguições. Hoje divertem, e ninguem acredita nos seus encantamentos.

JUNHO — 28

**Cavallos brancos.** — Antigamente os cavallos brancos erão considerados como os unicos de que devião servir-se principes como para dar um testemunho da sua soberania.

Segundo Herodoto, erão os sicilianos obrigados a dar todos os annos a Darío, rei da Persia, trezentos cavallos brancos.

Dyonisio, tyranno de Syracusa, diz Tito-Livio, sahia sempre do seu palacio n'um carro tirado por quatro cavallos brancos, e n'isto foi imitado por Jeronymo, um dos seus successores.

Nero entrou em Napoles n'um carro puchado por quatro cavallos brancos, diz Suetonio.

Quando o imperador Carlos IV veio visitar Carlos V, apellidado o *sabio*, rei de França, este com receio de que o imperador entrasse em Pariz como em cidade do seu imperio, enviou-lhe um cavallo preto, e outro da mesma côr para seu filho, Wenceslán; depois foi esperal-os n'um cavallo branco, e entrou no meio d'elles na capital da França, dando assim a entender que alli era elle o unico soberano.

Muitos papas têem tambem usado de cavallos brancos, como signal de soberania, e têem concedido o mesmo uso a certos bispos.

**As raças humanas** (Condições de desenvolvimento).—Todas as raças humanas têem a faculdade de se reproduzir entre si, porém a natureza, diz um escriptor, põe certos obstaculos á aproximação dos seus extremos. A união d'um individuo da raça ethiopica com uma mulher branca é antypathica, e quasi sempre improductiva. A condição inversa é ao contrario favoravel ao crusamento dos sexos. A união do branco com a mulher negra é facil, sympathica, e quasi sempre fecunda. Isto prova que a natureza quer a elevação das raças, e não o seu abatimento.

JUNHO — 30

**Cometas e os factos notaveis.**—Ariosto faz menção de um cometa aos 371 (A. C.), e n'este tempo deu-se a batalha de Leuctres; em 125 appareceu repentinamente uma estrella que produzio grande impressão em Hipparco, e quatro annos depois deu-se a conquista da Gaulia Narbonense. Seneca diz que aos 60 por occasião de um eclipse total do sol, appareceu um grande cometa, no tempo em que tres homens illustres, Cesar, Pompeu e Crasso se uniram para dirigir os destinos da sua patria; mais tarde outro se vio como annunciando a morte de Cesar! Aos 389 (D. C.) mostrou-se junto de *a* da Aguia uma como estrella, que por espaço de tres semanas, teve o brilho de Venus e desappareceu depois inteiramente. Este phenomeno tornou-se notavel, porque um anno depois começou a desenrolar-se o grande drama dos principaes acontecimentos da idade média. Em 1572 surgio repentinamente um astro, que era tão brilhante como Sirio; cresceu mesmo a ponto de exceder a Jupiter: em dezembro principiou a diminuir, e em março de 1574 havia desapparecido. Esta estrella em sua apparição presenciou a mortandade dos huguenotes, e á sua retirada seguio-se a guerra civil da França. Não diz Cassini

que em 1584 appareceu no oriente um cometa, cujo brilho igualava ao de Jupiter? Pois a isto seguio-se a guerra dos tres Henriques, e depois cahio do cadafalço a cabeça da infeliz Maria Stuart. O de 1618 tinha uma cauda de 104° de extensão; n'este anno teve começo a guerra dos 30 annos. Não se vio o de 1744, com seis caudas, por occasião da guerra entre a Austria e a Inglaterra? Não se celebrava em Pariz em 1763 uma paz, que depois se chamou *vergonhosa*, e não se mostrou então no espaço um signal igual ao de 1585? Não foi acompanhado o de 1819 por sete factos notaveis, entre os quaes o assassinato de Kotzebue, a morte de Blucher e a abertura das camaras? Não appareceu o de 1861 ao romper a guerra separatista dos Estados Unidos da America?

Estes são os factos. Podem não ser o resultado da apparição dos cometas; é porém certo que têem feito com que muita gente lhes attribua uma influencia maléfica, e ninguem em todo o caso poderá asseverar que o seu apparecimento seja inoffensivo. [1] *Phylocrião* (Brazil).

[1] De varios d'esses factos apontados pelo nosso correspondente nada se conclue; outros são coincidencias, como as ha por este mundo aos milhares, e que muitas vezes servem para chamar a attenção, pondo-se sempre de parte os casos similhantes e que não forão seguidos ou coevos de factos iguaes ou similhantes. Quantas dezenas e dezenas de cometas se têem visto especialmente n'estes ultimos annos? E d'entre todos os percebidos quantos e quantos hão sido *inoffensivos*? Povos ha onde o apparecimento de um cometa é presagio de optima colheita.

Ao pequeno conhecimento que se tinha d'esses astros, e á sua não similhança com aquelles que todos os dias vêmos, se devem attribuir as idéas de influencia *sempre funesta*. É diffundindo a sciencia que se destróem esses erros e dissipão os preconceitos.

O que actualmente se acha averiguado, com bons fundamentos de verdade, ácerca dos cometas parece-nos que se acha resumidamente exposto no artigo que atraz deixamos publicado a pag. 138.

# CHARADA XVI.

Dissipou trevas a aurora,
No horisonte o sol resplende,
Da terra a face acalenta,
Já ás alturas ascende;
Já desce, tem menos força,
E a terra sempre a voltar-se
Faz crêr que o astro formoso
Vai nas ondas atufar-se... 2

Agora... quando o crepusculo
Heide, da tarde, fruir?
Essa hora de saudades
E esperanças no porvir?
E depois, quando verei
A noute o véu desdobrar,
E as estrellas, encravadas
No firmamento, a brilhar?... 2

—Amas tu em noute estiva
As estrellinhas no céu?
—Amo-as, sim, quando scintillão
Fulgurantes e sem véu.

—Ao romper da madrugada
Não tens amor ao *papinho?*
—Amo-lhe o trilo suave
Que solta do seu raminho.

—E de tarde não te enlevas
Na gorgeada canção?
—Oh! sentida e maguada,
Contrista-me o coração.—

*Alfredo Cesar d'Oliveira* (Ilha da Madeira).

**Moral turca.**— Um sábio sem virtudes é como um cégo empunhando um facho; esclarece os outros, ao passo que elle está mergulhado em trévas.

Julgar que um inimigo fraco nos não póde fazer mal, é julgar que uma faisca não póde produzir um incendio,

**Tufões.**— São fortissimos temporaes que reinão em todo o mar da China, de maio a setembro. Varrem muitas vezes uma superficie de centenares de milhas animados de movimento proprio, e tendendo sempre a caminhar segundo certas curvas como succede aos temporaes da mesma especie que se desenvolvem no Oceano Indico, e em outros lugares. Parece que as grandes massas d'ar postas em acção por causas até hoje desconhecidas, mas que se trata com empenho de averiguar, têem movimento rotatorio, augmentando successivamente a força do vento, dos circulos mais exteriores para o centro; n'este ponto que se denomina *fóco* do tufão, ha sempre um espaço de calma, onde muitas vezes se reunem milhares de pequenos insectos, que, levados pela corrente d'ar, não podem depois atravessal-a para sair novamente; ahi o barometro baixa extraordinariamente, chegando por vezes a marcar vinte e seis polegadas. Poucos são os navios que resistem, se por infelicidade o fóco do tufão os surprehende, ou se por má direcção caminhão ao seu encontro: n'este centro o mar toma um aspecto novo e medonho, levantão-se as vagas em pyramides de immensa altura, caem logo depois quasi instantaneamente, chocão-se, debatem-se, e espumão como se raivosas conspirassem para a destruição do navio! Fóra d'este fóco, e proximo d'elle, a impetuosidade do vento é tal que torce e arranca pelas raizes arvores das mais possantes, derruba edificios solidamente construidos, levanta as aguas que depois innundão as terras, destróe todos os obstaculos, que por ventura se oppõem á sua passagem, e espalha a desolação e a morte por toda a parte. Felizmente para os navegadores, e graças a Reid e Piddington, distinctos sabios inglezes, já ha certas regras deduzidas do estudo profundo d'esses phenomenos, que habilitão a manobrar convenientemente para escapar ao centro e á maior força do temporal. Os cyclones do Japão e do Golfo de Bengala, os furacões da Mauricia e das Antilhas, e muitos ou-

tros temporaes, são em tudo similhantes aos temerosos tufões da China. O ultimo que houve em Cantão no anno de 1862, fez para cima de trinta mil victimas, e forão incalculaveis os estragos que produzio.

Deriva a palavra tufão de duas chinezas: *tai* grande, e *fum* vento.

*José Feliciano de Castilho Junior.*

JULHO — 3

**Vaidade.** — Sadi, célebre poeta persa, conta, castigando-se a si mesmo, que sendo ainda muito novo costumava ás vezes ler o *Alcorão* no meio da sua familia.

Um dia adormeceram seus irmãos durante a leitura, e elle picado de vaidade, chamou a attenção do pai, dizendo-lhe: «Vêde; todos elles estão dormindo, e eu rezo.» Meu pai, accrescenta elle, abraçou-me affectuosamente, e disse-me.

— Ó meu caro Sadi! não valeria mais que tu, como elles dormisses, do que tão vaidoso te mostrasses do que estás fazendo?

JULHO — 4

**Grandes narizes.** — Os grandes narizes, diz um observador que fez muitas investigações sobre a materia, são apreciados em todo o mundo, excepto na China e na Tartaria. Porque? Porque são os melhores. Todos os imperadores romanos tiverão grande nariz. Basta observar os seus retratos para d'isto vos convencerdes. O nariz de Numa era de taes dimensões que por elle mereceu o sobrenome de Pompilius, como quem dizia nariz superlativo. Plutarco diz-nos que Solon e Lycurgo tiverão a mesma vantagem, assim como todos os reis d'Italia, á excepção de Tarquinio, o soberbo.

Homero tinha um grande nariz; tiveram-n'o tambem Tito-Livio, Ovidio, Angelo Policiano, S. Carlos Borromeu e Luiz de Camões, e ao dizer-nos isto acrescenta o espirituoso escriptor a que primeiro nos referimos, que todos os que desde Ho-

mero até hoje se têem distinguido por esta especialidade têem sido invejados pelo seu privilegio.

Nem todos dirão o mesmo.

## JULHO — 5

**Sensibilidade.**—A sensibilidade, diz um moralista, é o thermometro da bondade. Para graduar este instrumento, continúa elle, applica-se primeiro sobre o coração de um philantropo, de um velho, ou de um capitalista, e mostrará *zero*, ou o gelo do thermometro. Colloca-se depois sobre o coração de um joven, de um artista, e especialmente de uma mulher, seja de que idade fôr, e marcará a bondade fervente.



Não vamos tanto além; aqui ha exageração. A sensibilidade é instavel, varía segundo as idades, os sexos, os climas, os habitos, o genero de vida, e segundo mesmo as disposições de momento. É ao seu predominio que se devem os grandes artistas; a mulher é effectivamente mais sensivel do que o homem, e n'esta qualidade está o segredo de muitas das suas acções; mas não póde dizer-se que é ella tão sensivel na velhice como na juventude, nem tambem que, collocando-se o thermometro do nosso observador sobre o coração de um capitalista, ou de um homem de idade avançada, descerá a zero, ou será o gelo o demonstrativo da bondade dos seus sentimentos.

**Os demandistas.**—Um pintor, que havia sido reduzido á miseria por um desgraçado processo, tendo n'um quadro de pintar dous demandistas, um dos quaes tinha perdido, e o outro ganhado a sua causa, representou este em fralda de camisa, e o primeiro no vestuario de Adão quando veio ao mundo. Bem sabia elle como tinha ficado.

# CANTICO

## A NOSSA SENHORA DO DESTERRO.

Santa Virgem do Desterro,
De peccado illesa e pura,
Presta guarida segura
Aos tristes filhos do erro.

Pois que tomando nos braços
O Innocente proscripto,
O conduziste ao Egypto
Livrando-o dos impios laços;



Salva-nos, Mãi extremosa,
Das insidias do inimigo;
Junto de ti ache abrigo
A geração desditosa.

Do teu Filho a amada herança
Protege com teus desvelos;
Sejão seus puros anhelos
Do céu a doce esperança.

Fortifica a sua fé;
Imprime em seu coração
Este sagrado brazão
—Jesus, Maria, José.—

O Vig.° *Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva* (Desterro, Brazil).

## JULHO — 7

**Sangue frio de Barbeyrac.** — Quando o sábio Barbeyrac era professor de direito na Lausania foi um dia nomeado para recitar certo discurso academico. Era no pino do inverno. Veste-se como a occasião o pedia, cobre os cabellos com uma vasta peruca de ceremonia, que tinha reservada n'uma caixa, dirige-se á Academia, começa o seu discurso n'uma sala em que o calor pela affluencia dos ouvintes era de asfixiar, mas bem depressa se apercebe de que na sua cabelleira se dão cousas estranhas. Agita-se, inquieta-se, faz-se de côres, e não podendo já conter-se, toma finalmente o partido de a tirar e de a sacudir em pleno auditorio. Era o caso, que trez ou quatro ratinhos se tinhão aninhado, por causa do frio, na cabelleira, e agora o calor agitara-os. Quando o professor os vio cair, conheceu o que tanto o mortificára, e pondo outra vez a peruca, no meio das gargalhadas do auditorio, continuou o seu discurso tão impassivel como se nada houvera sido.

Barbeyrac, professor distincto, e author de muitas obras, que lhe grangearam a reputação de sábio, morreu em 1747.

## JULHO — 8

**Pampelido e Mindêllo.**— Distante légua e meia do Porto para o norte estão situadas duas fréguezias ruraes que se tocão, e que o oceano banha d'um lado: (Parafita e Lavra). Foi aqui que desembarcou o Senhor D. Pedro com os seus poucos companheiros. O sitio em que saltaram em terra chama-se Pampelido de Lavra, e Pampelido Parafita, porque na juncção das duas fréguezias é que foi o desembarque, ainda que para a parte de Lavra desembarcassem mais, e entre elles o Senhor D. Pedro. Um natural d'aquelles sitios pedio a uma mulher alguma cousa em que se pudessem lavar as mãos. Trouxe ella um pequeno alguidar: era para o Senhor D. Pedro, que lavou as mãos, e as enxugou a um lenço; como este ficasse alagado, perguntou á mu-

lher se o queria, ao que ella respondeu:—«Eu quero o que *vossemecê* quizer.»—[1]

Passados alguns annos, no 1.° de dezembro de 1840, lançou-se a primeira pedra do pequeno monumento que hoje existe nas praias de Pampelido, no sitio em que se dividem as duas fréguezias. O governador civil do Porto, o ex.$^{mo}$ sr. Antonio José d'Avila, promoveu aquella festa nacional, em que foi auxiliado pela Camara do Porto e o Governador das Armas. Nunca os homens parecem tão pequenos como diante da grandeza de Deus! Esse ajuntamento de muitos mil homens formado por uma grande parte dos habitantes do Porto, toda a tropa, e immensa gente das aldeias, todos reunidos nas praias de Pampelido, n'esse dia em que se memoravão dous séculos de independencia nacional, parecia um punhado de individuos perdidos no grande areal, que o immenso oceano banhava, e que o sol esclarecia, pois estava um dia formoso.

A esse sitio chamão agora os aldeãos *A Memoria.* Ignora-se o motivo do engano que fez crêr que aquelle sitio se chamava Mindêllo. Perto de Villa do Conde, duas léguas pouco mais ou menos para o norte, é que fica o Mindêllo.

*D. Maria Peregrina de Sousa* (Porto).

## JULHO — 9

**A guilhotina.** — A guilhotina, ao que parece, não é uma invenção de moderna data. O doutor Guilhotin não fez mais do que aperfeiçoar um instrumento destinado na Escocia ao mesmo fim. Havia duas inteiramente semelhantes n'uma pintura da ponte de Lucerna, onde se representava o martyrio de alguns christãos, em tempo de um certo Hirtaco. Vê-se tambem uma d'estas machinas destruidoras n'uma gravura de madeira de Salvador Rosa, representando o supplicio do filho de Bruto.

[1] Deu-lhe tambem dous cruzados novos.

## JULHO — 10

**Caminho do céu.** — O doutor Swift, o Rabelais d'Inglaterra, costumava dar grandes passeios com um livro na mão, de sorte que muitas vezes caminhava até á noute, não interrompendo a leitura, nem mesmo para tomar algum alimento.

Um dia em que elle ia assim de Dublin a Waterford, seguido d'um criado, encontrou-o um cavalheiro irlandez, que não conhecendo o doutor perguntou quem elle era ao homem que o seguia. O criado, em quem já tinha desbotado o seu tanto ou quanto a originalidade do amo, respondeu:

— É o senhor deão de S. Patricio, e eu sirvo-o pelos meus peccados.

— E onde ides a esta hora?

— Direitinhos ao céu sem tirar nem pôr.

— Como direitinhos ao céu?!

— Sim, excellentissimo senhor; meu amo reza, como vêdes; eu jejuo, e tenho sempre ouvido dizer que pelo jejum e pela reza se vai direito ao céu.

## JULHO — 11

# LOGOGRIPHO V.

| | |
|---|---|
| Deleita-nos os sentidos — 1, 2 e 5 | Sou de pedra, sou de ferro — 4, 5 |
| Um sentido nos encanta — 1, 3, 1 | Sou villa de Portugal — 4, 3, 1 |
| Encanta muitos viventes — 3, 4 | Ond'um homem se venera — 2, 4 |
| Hora de practica santa — 5, 1. | Tem-n'o todos em geral — 5, 2 |

Em cidades opulentas
Já me vêem habitar,
Mas em tribus pelas mattas
Inda me podem achar.

*Manoel José Baptista* (Avellãs).

**O alphabeto na musica.**—Antigamente quasi todas as lettras do alphabeto representaram um papel muito importante na arte de Euterpe, n'essa arte que ora arranca gemidos do fundo d'alma, ora embriaga de prazer infindo; agora faz persistir n'um extasis arrebatador, logo conduz insensivelmente a um doce lethargo; n'essa arte, emfim, em que tantos louros têem sabido colhêr o grande David Peres, e outros musicos de nomeada.

Começando pela sua ordem, servião:

*A* para levantar a voz.
*B* para significar *muito*.
*C* denotava o apressado do canto.
*D* era signal de deprimir a voz.
*E* notava igualdade no canto.
*F* indicava a valentia da voz.
*G* que se devia trinar a voz.
*H* era uma nota de aspiração.
*I* denotava a depressão da voz.
*K* significava clamor, ou elevação.
*L* denotava voz alta e alegre.
*M* moderação na voz.
*N* era signal de attenção e reparo.
*O* de que se devia abrir inteiramente a bôcca.
*P* notava pressão, ou precisão da voz.
*R* denotava rectidão e firmeza.
*S* éra o mesmo que—*sursum*—; devia subir o canto.
*T* denotava morosidade.
*U* que se devia soltar a voz.
*X* notava pausa, ou espera no canto.

Se isto assim éra, não o affirmo; mas affianço que o lí.

*José Caetano Preto Pacheco* (Escarigo).

**Virtudes e vicios.**—As virtudes vivem das nossas rendas, os vicios devorão os nossos capitaes.

**O bispo de Fréjus.**— O bispo de Fréjus, depois cardeal de Fleury, mestre de Luiz XV, dirigio um dia em Versailles ao marechal de Villeroy, mordomo do principe, um pequeno bilhete pedindo-lhe não sabemos o quê. O marechal recebeu-o, mas não podendo entender, por mais que fizesse, algumas das suas palavras, restituio-o ao escudeiro do bispo, e recommendou-lhe que dissesse ao amo que escrevesse de maneira que pudesse ser entendido, se queria que se soubesse o que pedia.

O bispo tornou a escrever o seu bilhete do melhor modo que poude; depois, para fazer sentir ao mordomo, que a sua reprimenda havia sido um tanto rude, accrescentou em *Post-scriptum:*

«Guardemos um e outro o segredo d'este incidente, para que não venha a divulgar-se que o rei de França tem um mestre que não sabe escrever, e um mordomo que não sabe lêr.»

## CHARADA XVII.

Logo seguindo-o detraz
Em porfiada carreira... 2
Vi caminhar uma tonta... 2
Que me causou a terceira... 1
O todo criou-o Deus,
Foi da terra e é dos céus.

*Duarte Augusto Alvares Ribeiro*
(Figueira de Castello-Rodrigo).

JULHO — 14

**O historiador Hume e o credo.**—Hume, célebre escriptor inglez, tinha publicado algumas opiniões heterodoxas, pelo que os litteratos o reputavam deísta, e

os ignorantes atheu. Succedeu que ao passar por uma ponte provisoria sobre um sitio pantanoso, que dividia a cidade nova da cidade velha, em Edimburgo, o taboão deu de si com o peso do corpo, e Hume caío no lôdo. Não podendo tirar-se do atoleiro, gritou com toda a força para que lhe valessem; e uma mulher que o ouvira, acudio para ajudal-o; mas tanto que reconheceu Hume, desvaneceu-se-lhe a compaixão. É de saber que a Escocia é o paiz mais religioso do mundo, e por isso os escocezes são por antonomásia denominados puritanos. Debalde supplicou Hume á mulher que o soccorresse; esta porém recusou-se sempre dizendo: «Não permitta Deus que eu salve um atheu.» —Vm. está enganada, exclamou o misero atolado, eu não sou atheu.» «Pois bem replicou a mulher; se o não é, dê-me uma prova d'isso rezando o *credo;* e, se o não pudér rezar, ahi o deixarei morrer como um perro infiel.» Não descobrindo o pobre philosopho outra pessôa, em tão dura alternativa, pôz-se a rezar o credo em alta voz, e com a maior attenção para não errar palavra, e quando chegou ao *Amen*, a bôa mulher o ajudou a sair do lodaçal, e ambos se forão mui contentes cada um por seu caminho: a mulher saltando d'alegria por ter obrigado a rezar o *credo* um infiel, segundo ella pensava; e o philosopho incrédulo convencido da necessidade de aprender de cór, ao menos, o *credo* da religião dominante no paiz.

*Uma Aldeã.*

JULHO — 15

**Jornalismo em Pariz.**—Em 1862 a tiragem diaria dos jornaes politicos mais lidos em França era a seguinte:

*Siècle* 58.000 exemplares.—*Patrie* 23.000.—*Constitutionel* 20.000.—*Opinion Nationale* 19.000.—*Presse* 18.000:—*Journal des Débats* 16.000.—*France*, que ha pouco tinha começado a sua publicação 10.000.—*Union* 8.500.—*Temps* 6.000.—*Gazette de France* 5.000.—*Pays* 4.100.

**In vino veritas.** — Diz Platão, philosopho e legislador grego, que no seu tempo se não bebia vinho antes dos 18 annos; que d'ahi até aos 40 se bebia com agua; e que só depois dos 40 o bebião puro, e mais largamente. Conhecia o philosopho que o uso moderado d'esta bebida não era prejudicial nem á saude nem aos costumes, e por isso o permittio nas suas leis. Fez mais: sabendo que os homens no estado de embriaguez se mostrão taes quaes são, e mal podem dissimular, ordenou que em certas occasiões se lhes desse vinho além do que rasoavelmente devião beber, afim de que a justiça se esclarecesse entrando no conhecimento das suas intenções.




O meio nem é aconselhado pela moral, nem é dos de que a justiça deva lançar mão para derramar a luz nos seus processos investigatorios; entretanto, é preferivel ás torturas de que os juizes da idade média, e ainda depois, se servião para descobrir a verdade.

**Balda certa.** — Fournier era cégo d'um olhó; orando um dia no tribunal, pôz os oculos para lêr uma peça do processo, e disse: — «Não produzirei nada que não seja necessario.» —

Replicou-lhe o advogado da parte contrária.

— «Começai então por tirar um vidro aos vossos oculos.» —

Como nem todas as verdades se dizem, e esta, sobre ser de máu gosto, era d'este numero, esteve a ponto de desconcertar a victima.

**Jano.**—Jano, para os romanos, era o rei, o Deus da velha Italia, á qual primeiro que ninguem havia ensinado a agricultura e as artes da paz. Foi n'esta qualidade que elle deu asylo a Saturno, typo da emigração phenicia, acolhendo-o a ponto de o sentar no throno ao seu lado. Em recompensa o Deus prófugo deu-lhe o conhecimento tanto das cousas passadas como das futuras, o que deu logar a represental-o com dous rostos.



O mez de janeiro foi-lhe consagrado. Como attributo tinha na mão direita uma chave, com que abria as portas do anno, e na esquerda uma vara, com que presidia aos augures. Dizem outros, porque são encontradas as versões, que um dos rostos lhe servia para olhar a humanidade, e receber as preces dos homens, e o outro para as transmittir aos deuses; e que a chave era um symbolo do seu poder, tanto sobre o céu, como sobre os infernos, que por meio d'ella podião ser abertos.

Romulo, fundador de Roma, e Tacio, rei dos sabinos, em memoria d'um tratado que fizerão, erigiram-lhe um templo em que havia um altar para cada mez do anno. Este templo estava sempre aberto durante a guerra, e fechava-se durante a paz.

**Casar ou morrer.** — Antigamente na Suissa (consta da collecção de costumes do paiz de Vaud, liv. 1.° tit. 4.°, cap. 42 § 5.°) podia qualquer homem, ou mulher, condem-

nados á morte pelos seus crimes, obter o seu livramento, se no momento da execução, sendo solteiros, se apresentasse homem ou mulher, tambem solteiros, offerecendo-se para casar e pagar as custas do processo.

Um escriptor pouco generoso para com o bello sexo, referindo-se a este costume, na parte em que o homem é o condemnado, explica-o e justifica-o dizendo, que a mulher é tão má (*est quelque chose de si mauvais*, são as suas palavras) que casar um homem em vez de o enforcar, é ainda inflingir-lhe pena mais dura.

Não dirão outro tanto os nossos leitores, e nós antes com elles faremos côro, do que com o Sr. Chasseneux, conselheiro do Parlamento da Provença. É o nome do escriptor a quem nos referimos, que foi casado, que passava por ser homem merencorio, e que morreu envenenado com um ramo de flores em 1542.

Não estarão expiadas as culpas?

JULHO — 18

# ANJO SANTO.

## INVOCAÇÃO.

Anjo santo, fiel companheiro,
Que na terra és meu guia por Deus;
Ah! da vida o baixel impellido,
Me encaminha entre os mil escarcéus!

És mysterio, que eu amo do peito,
Invisivel, celeste mentor;
Da virtude me ensina os segredos,
Dá-me esp'rança, constancia e valor!

Se meus pés n'um abysmo tocarem,
Me desvia com próvida mão!
Se me vires escrava da culpa
Vai de Deus alcançar-me o perdão.

Dá-me, oh! dá-me a crença pura,
Que a ventura,
Celestial nos faz sonhar;
Dá-me o animo innocente
Mas prudente,
Que o bem sabe praticar!

Ou de halito sublime,
Que me anime
De divino interno amor,
Enche o peito contristado,
Já cançado,
De gemer, entregue á dor.

Dá-me as preces caridosas,
Fervorosas,
Que ousão ir aos pés de Deus!
Faze sejão recebidas
E attendidas
Minhas supplicas nos céus.

Pedirei com viva crença,
Com intensa,
Com chorosa contricção,
Da bondade omnipotente,
A clemente,
A suave protecção;

P'ra que a triste humanidade,
Da maldade,
Que a envergonha e que a retem,
Quebre o jugo atroz, nefando,
Só buscando
Na virtude o summo bem.

P'raque a esp'rança em cada dia,
Na alegria
D'uma doce placidez,
Venha após as turbulencias,
E inclemencias
D'estes tempos de aridez.

P'ra que o mundo em paz vivendo,
E já tendo
Perennal felicidade,
Vote a Deus amor infindo,
Resumindo,
*Fé, esp'rança e caridade.*

*D. C. Maxima de Figueiredo* (Guiães).

**Filaucia de um avaro.**— Certo sujeito, grande jogador mas muito avaro, exclamou um dia, depois de haver perdido bôa quantia:

—Ao menos perdi sem proferir uma unica palavra.

—É porque as grandes dores são mudas, lhe respondeu uma senhora.

## JULHO — 19

**Metter uma lança em Africa** (do Panorama).—Estando o condestavel, já velho, conversando, ácêrca de cousas de guerra, com alguns cavalheiros, e encostado a uma janella do convento, que dava para o Rocio, houve entre elles quem dissesse, que, se Portugal tivesse algum rompimento com Castella, elle assim quebrado de forças não poderia já alancear tantos castelhanos como d'antes fizera. Ouvindo isto o Condestavel pegando de uma lança despedio-a pelos ares, e a fez ir cair a extraordinaria distancia, accrescentando: *Se a minha patria carecer de mim, ainda metterei essa lança não só em Castella, mas em Africa.* D'ahi, dizem, nasceu o dito popular de—*Metter uma lança em Africa.*

## JULHO — 20

**Castro ou acampamento romano.** — Proximo ao lugar do Barco, povoação de cem visinhos no concelho da Covilhã, se levanta quasi em fórma de pico um monte chamado *Argemella,* que terá aproximadamente dous kilometros de altura acima do nivel do rio Zezere, que corre entre a raiz do monte, e a povoação do Barco. Por qualquer lado que se intente a subida é difficil, porque as rampas que fórma para os lados são bastante ingremes; porém bem compensado fica, das fadigas do trabalhoso caminho o curioso que as vence, por que ao chegar á cumiada do monte, se desenrola debaixo de seus olhos o bellissimo panorama de campos, mattos, serranias e povoações da pittoresca çova da Beira, que d'aquelle ponto se avista em toda a sua extensão.

Logo ao chegar-se a meia subida começa por surprehendernos a vista de tres muros derrocados, que em distancia de cincoenta metros uns dos outros, contorneião o cimo do *Argemella,* parecendo á primeira vista, que algum castello de remotas eras alli se acha em ruinas; porém ao aproximarmo-nos dos muros a illusão do fantasiado castello desapparece, para dar lugar a

observar-se obra não menos notavel, pois se vê alli um *castro*, ou acampamento das legiões romanas, talvez unico em Portugal; alli admira-se a pericia do proconsul romano, que vendo-se a braços com o nosso esforçado e dextro Viriato, na crûa guerra que lhe fez n'estes sitios, soube collocar a sua guarida n'um tão bem escolhido ponto de defeza. Não se encontrão actualmente n'aquelle sitio pedras trabalhadas, que mostrem pertencerem a algum edificio, ou pretorio, que tivesse o acampamento ou fortificação romana; talvez as houvesse em tempos antigos, mas como dos povos visinhos alli vão buscar pedra para as suas obras, presume-se que fossem d'alli levadas.

É tambem notavel a etymologia do nome de *Argemella*, que, segundo me affirma uma velha muito lida em lendas antigas, teve sua origem n'um successo tragico, succedido no recinto d'aquelle Castro. Reza a lenda, que uma joven lusitana cahida em poder dos romanos na vespera do dia do seu noivado, preferira a morte á traição a que a querião obrigar, fazendo-lhe descobrir o sitio onde se abrigava o que estava para ser seu esposo; que sendo por isso queimada, por muitos annos se ouviram gemidos que parecião vir do monte; e de dizerem os que os escutavão — *no ar geme ella*, se ficou d'ahi em diante chamando o monte de Argemella.

*Ayres Paes de Lima Castello Branco* (Dominguiso, Covilhã).

JULHO — 21

## ENIGMA

Um R um H e um T,
Com dois EE um A e um I,
E tambem um N aqui
Tendo a par um V e um Q...
Nome de moça e formosa
Nesta sextilha se vê.

*Ricardo Alexandre Correia de Faria* (Maranhão).

## JULHO — 22

**O gentilhomem inglez.**—Franklin tinha um negro, que quando foi a Londres lhe definio o que era um gentilhomem, e a definição nunca mais esqueceu ao philosopho. «Senhor, disse-lhe um dia o africano, tudo trabalha n'este paiz: trabalha a agua, trabalha o vento, trabalha o fogo, trabalha o fumo, trabalham os cães, trabalha o cavallo, trabalha o homem, tudo trabalha, só o porco não. O porco come, bebe, dorme, ronca, e não faz mais do que isto durante o dia. O porco é o unico gentilhomem d'Inglaterra.»

## JULHO — 23

**Concorrentes de nova especie.**—Não era para esperar que o bello e lucrativo monopolio das gargantas italianas, que até agora têem sido quasi as unicas a deleitar os amadores da musica, chegasse a estar ameaçado de vir a soffrer os effeitos da concorrencia. Pois é uma verdade.

Um professor de mathematica, allemão, inventou um instrumento musico que imita o canto humano: é construido segundo o principio physiologico da larynge, que n'elle é representada por um tubo de caoutchuc. O primeiro exemplar, que ha pouco tempo appareceu em Pariz, tem a fórma de uma mulher assentada, e o som, com uma extensão de duas oitavas, imita perfeitamente a voz feminina, especialmente nas notas elevadas. Provavelmente o instrumento ainda está imperfeito, como o são quasi todas as primeiras invenções; mas a idéa existe, e como é provavel que se aperfeiçôe successivamente, bastaria isto para dever causar sérios cuidados pela sorte futura das glottes musicas naturaes, se estas não tivessem a seu favor o que as outras nunca poderão adquirir: vida e sentimento nas suas notas.

# CHARADA XVIII.

Por mim começa o desejo — 1
Nada, nada, meus senhores —2
Este som não vos compete, — 1
Que ainda sois peccadores.

Não sou cousa mui difficil,
Estudem com attenção,
Meditem e creião firmes
Que depois me encontrarão.

*Juveniano Monteiro* (Brazileiro — Pernambuco).

JULHO — 25

**Breviario.... de um lacaio.** — Fação os leitores idéa pela seguinte anecdota, que extrahi das *chroniques de L'œil de Bœuf,* de como as cousas mais sérias se tratavão na côrte de Luiz XIV, antes do seu casamento secreto com M.me de Maintenon.

Morreu o abbade de.... e não deixando testamento, encarregaram os seus herdeiros um procurador de arranjar os papeis da successão, de pagar as dividas do defunto, e de os fazer entrar na posse do que restasse.

Dias depois entrava em casa do procurador um creado velho do abbade, que tinha sido mandado chamar para ajuste de contas, em consequencia d'algumas soldadas que se lhe ficaram devendo.

— Assigne esta quitação, disse-lhe o procurador, e ahi tem o seu dinheiro; conte-o.

— Sim, senhor, é esta a minha soldada, respondeu o creado depois de ter assignado o papel; mas ainda aqui não está tudo.

— Que diz?! não está tudo? Se fossemos a dar ouvidos a esta gente nunca estariamos quites com ella.

— Não, meu rico senhor, o senhor não conta senão as soldadas, mas ainda me falta receber *o breviario de um anno.*

— O breviario de um anno! que quer dizer isso?

— Quer dizer que o senhor abbade ajustou comigo darme seis francos por mez pelo *breviario*...

— Ora vamos você perdeu a cabeça...

— Não perdi, não senhor, e como a não perdi tambem não estou para perder o meu dinheiro.... eu li durante doze mezes, e por consequencia devem-se-me ainda setenta e dous francos.

— Você leu!? Já vou perdendo a paciencia, o que leu você?

— Ora essa... li o *breviario* do senhor abbade de... na sua antecamara, de manhã e á tarde...

— O que? o breviario do sr. abbade, lido por um lacaio... E elle?

— Elle? elle tinha mais em que pensar! Este ajuste estava feito ha dez annos, e Deus sabe que nunca empalmei a meu amo nem sequer um versiculo.

— É justo, todo o trabalho merece salario, disse o procurador, chorando de riso, ahi tem o seu *breviario* de um anno, e o senhor abbade de.... que ajuste lá no céu essa conta como podér.

*Daicgenta.*

JULHO — 26

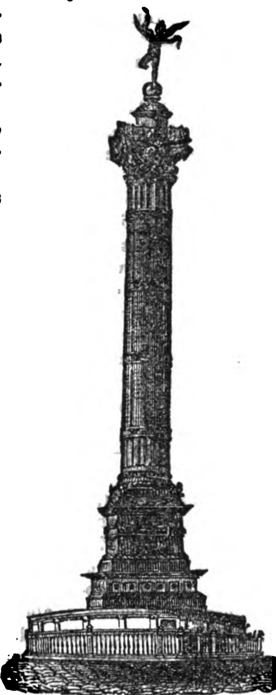
**Queixa amorosa.**— A rainha mãi, Branca de Castella era tão severa, que raras vezes permittia a Luiz IX (S. Luiz) encontrar-se, quer de dia, quer de noute, com a rainha Margarida sua esposa; e S. Luiz, não obstante amar extraordinariamente sua mulher, era tão bom filho, que guardava quanto podia as vontades de sua mãi. Estando a jovem rainha um dia sosinha no jardim, e vendo dous pardaes, que se acariciavão, disse-lhes: «Despachai-vos, innocentes avesinhas, despachai-vos; por que vejo alem vir minha sogra.»

**Dúvida e fé.**— A primeira nasce do espirito, a segunda é filha da alma.

**O mez de julho e a guerra.** — Tem-se observado que o mez de julho é d'entre os do anno o que tem pago maior tributo de sangue ao genio da destruição. Effectivamente, têem-se dado n'elle as maiores revoluções, e as batalhas mais memoraveis.

As maiores revoluções:

Em julho de 1581 rebentou a revolução das Provincias Unidas; em 7 de julho de 1647 foi a revolução de Napoles por Masaniello; a 9 de julho de 1762 Catharina da Russia arranca o throno a seu marido e começa por um crime o seu reinado; a 4 de julho de 1775 sublevão-se os Estados Unidos da America, e desligão-se da Inglaterra; a 14 de julho de 1789 começa a Revolução Franceza, que levou ao cadafalço Luiz XVI; a 27 de julho de 1830 rebenta em Pariz a revolução que pôz Luiz Filippe no throno.



A nossa gravura representa o monumento, que em commemoração do successo se levantou na capital da França. Denomina-se a *Columna de Julho*.

As batalha mais memoraveis: A 18 de julho, aos 669 an-

nos antes de J. C., a batalha d'Alba, que põe Roma a dous passos da sua perda; a 3 de julho a batalha de Tiberiade, que faz caír no poder dos infieis o reino de Jerusalem; a 15 de julho de 1099 a conquista de Jerusalem pelos cruzados; a 17 de julho de 711 a batalha do Guadalete, que acaba com o poder dos visigodos na Hespanha; a 20 de julho a batalha de Pharsalia, que acabou com a liberdade romana, aos 48 annos antes de Jesu Christo; a 25 de julho de 1139 a batalha de Ourique, em que D. Affonso Henriques é acclamado rei de Portugal; em 22 de julho de 1209 a destruição de Besiers, na guerra contra os Albigenses; a 21 de julho a batalha de Boyne, que assegura ao principe d'Orange a possessão da corôa; a 18 de julho a batalha de Pultawa, que faz caír Carlos XII rei da Suecia; a 22 de julho a batalha de Poitiers, que livra a França do jugo dos sarracenos; a 27 de julho a batalha de Bouvines, que restitue a Filippe Augusto o throno e o reino; em julho o ataque de Alexandria por Napoleão, a batalha das Pyramides, a batalha d'Aboukir, a batalha do Wagram, a tomada d'Argel, a batalha dos Pyrinéos em 1813, a de S. Sebastião no mesmo anno; a das linhas do Porto em 1833, e cem outras de não menos importancia, que seria longo enumerar.

### JULHO — 28

**Nobreza recompensada.**—Um valente official do regimento d'Aubusson, chamado Duras, era filho d'um pobre camponez. Foi um dia visital-o o pai, de tamancos, e na humildade do seu trage, e elle, não obstante, apresentou-o ao coronel. Luiz XIV, sabendo do modo porque o official tinha reconhecido, recebido e apresentado o author de seus dias, sendo aliás certo que até a lli fôra tido entre os seus camaradas como descendente da nobillissima casa Duras, mandou-o chamar á côrte.

«Duras, diz-lhe o rei, estendendo-lhe a mão logo que elle se apresentou, folgo de conhecer um dos homens mais hon-

rados do meu reino. Concedo-vos uma pensão de mil escudos; casai-vos, e se tiverdes filhos tomarei conta d'elles. Mereceis tel-os, e que se pareção comvosco.»

Luiz XIV pensava d'este modo, e ha por ahi validos da fortuna, filhos de pais humildes, que córarião de vergonha se alguem lhes recordasse o berço! É que a cegueira lhes não deixa ver o preceito do Evangelho...

«*Memento patris et matris tuæ in medio magnatum.*»

«Não esqueças pai, nem mãi, no meio dos grandes.»

JULHO — 29

**Cidade de S. Paulo.**—Já que falámos da historia e do progressivo augmento por que tem passado a cidade de S. Paulo, descrevendo por essa occasião o caracter dos seus habitantes, [1] é justo que alguma coisa digamos tambem do seu territorio e dos meios que ella actualmente conta para poder ainda um dia considerar-se uma das mais notaveis cidades brasileiras.

O doutor Lacerda, na sua viagem de Villa Bella a S. Paulo, referindo-se á fertilidade da provincia, diz o seguinte:

«Os paulistas vivirião na maior felicidade se chegassem a persuadir-se de que realmente são felizes, pois têem a dita de respirarem um ar doce; os campos sustentão as suas vaccas e animaes de carga, e dão bôa relva para os de estrebaria, que são muito bons, e bem arrendados por ser esta a sua paixão dominante; as terras produzem abundantemente tudo que lhes é necessario, não só para terem suas familias na abundancia, como para o negocio; a laranja, o limão doce e azedo e a lima, são tantos que, por não terem consumo, apodrecem debaixo das arvores, e assim á proporção o mais.»

Com effeito assim é ainda hoje, apesar do espantoso augmento, que tem tido a cidade em sua população, a qual hoje se eleva a trinta mil habitantes.

[1] *Almanach* de 1863—pag. 173.

Está edificada sobre um monte, que domina um campo coberto de relva e feno, e debaixo de um ar temperado, porque o ardor do verão é suavisado pelas chuvas, e o frio do inverno pelo sol, que uma atmosphera limpissima de nuvens deixa apparecer em todo o esplendor. A côr rubicunda dos seus naturaes, a fecundidade das mulheres, o augmento progressivo dos seus habitantes e a sua robustez, provão a bondade do clima, e isto faz com que todos os annos venhão muitos estrangeiros passar o verão na cidade, o que muito concorre para o seu engrandecimento.

A cidade e seus suburbios, que são encantadores, tem tres fréguezias, que são: a da Sé, a do Bom Jesus do Braz, e a de Santa Ephigenia, banhadas pelas aguas do Tamanduatehy, e do Anhangabahia.

A um quarto de légua corre-lhe o magestoso rio Tieté.

Dá gosto passeiar pelos arrabaldes da cidade, cujas ruas são direitas e mui bem calçadas. A Gloria, a Tahatinguera, o Braz, a Luz, a Consolação e o Arouche, são ornadas de pittorescas chacaras, cujas frentes todas as tardes estão abrilhantadas por grupos que passeião, respirando um ar doce e puro. As copadas arvores que cercão suas chacaras, o canto dos passaros, que ahi pousão, os riachos que correm em aprazivel murmurio, o tapete aveludado da relva, tudo isso encanta o espirito, deleita a imaginação, e faz preferir a morada n'esta cidade a outra qualquer.

Em S. Paulo ha uma faculdade de direito, que é frequentada por muitos estudantes. D'esta circumstancia lhe provém o nome, porque é conhecida no imperio, de—Athenas Brazileira.

O seu commercio não é pequeno; todos os dias vai em augmento, e muito maior será quando se concluir a estrada de ferro.

Alguns dos seus templos e edificios publicos merecem sem contradicção o nome de bellos.

Possue uma bibliotheca publica na faculdade de direito; um jardim botanico, diversos estabelecimentos de beneficen-

cia, uma sociedade de baile, que já dura ha quarenta annos, e está construindo um theatro, porque o existente não satisfaz as necessidades da população.

Ultimamente foi approvada pelo governo uma companhia para a navegação do rio Tieté: essa navegação e a estrada de ferro, quando concluida, farão de S. Paulo uma das mais ricas e importantes cidades do imperio.

*João Manuel Gerybativa* (S. Paulo, Brazil).

## JULHO — 30

**Mancenilha.** — O genero mancenilha, da familia das *euphorbeaceas*, tem duas variedades: o *hippomane mancinella*, e o *hippomane spinosa* de Linneu. A primeira variedade, mais vulgar e conhecida, cresce na America intertropical, e os poétas, e novelleiros contão d'ella propriedades tão diabolicas, que só respirar por um pouco o ar que ella embalsama, ou descançar por algum tempo debaixo da sua sombra, é bastante para dar a morte, ou uma doença fatal.

A mancenilha é, na verdade, uma arvore perigosa e maléfica, mas não tanto como a fazem os poétas; o que é certo, é que se deve evitar cuidadosamente o tocar-lhe ou brincar com ella, pois que o succo leitoso que exuda de todas as suas partes, apenas se lhe faz qualquer ferimento ou incisão, é um caustico energico, e que obra sobre a pelle como um corpo candente; e sendo introduzido mais profundamente mediante um ferimento, ou instrumento perfurante é mortal; propriedade que os indios utilisão para envenenar suas fréchas, e que se não perde com a ancianidade. No arsenal de Bruxellas, segundo refere Bramare, experimentou-se uma frécha envenenada pelo succo de mancenilha, havia mais de 130 annos, ferindo com ella um cão, e o effeito não se desmentiu, pois que o animal morreu pouco tempo depois.

Os fructos da mancenilha são esphericos, lisos, de côr es-

verdeada, com rosetas córadas, semelhando uma pequena maçã. A sua apparencia seductora, junta ao agradavel aroma que tem, excita o apetite, principalmente nas creanças; mas ai do imprudente que os comer! O fructo tem uma polpa esponjosa, impregnada do succo caustico, que em breve queima os beiços, lingua, e paladar de quem mastigar, ou comer o damnoso pomo.

A madeira da macenilha é rija como a da noguèira, e de um raiado e côr magnifica, admittindo um bello polido. É porém, necessario cortal-a com cautela, e para isto costumão accender fogueiras em volta da arvore, a fim de lhes seccar os succos, ou seiva; e é só depois de sêcca exteriormente, que a cortão.

Dizem que o mais efficaz antidoto do veneno da mancenilha, é a agua do mar, ou salgada.

*Candido Joaquim Xavier Cordeiro* (Coimbra).

## JULHO — 31

**O movimento da terra.** — Aristarcho de Samos foi o primeiro que sustentou que a terra girava sobre o seu centro, mas esta asserção esteve para ser-lhe tão funesta como depois foi a Galileu. Os sacerdotes pagãos accusaram Aristarcho de irreligioso por haver perturbado com o seu systema o repouso dos deuses lares, como os inquisidores accusaram Galileu de impiedade por ter ido ao encontro de Josué, que fizera parar o sol na sua carreira.

**Nem todas as verdades se dizem.**— O imperador Domiciano entretinha-se muitas vezes no seu gabinete a apanhar moscas, e a matal-as. Querendo falar-lhe uma pessôa e perguntando a Vibio Crispo, se estava alguem com o imperador—«Ninguem, respondeu elle, nem sequer uma mosca.»—

As paredes têem ouvidos, diz-se, alguem foi dizer isto ao tyranno, e Vibio pagou com a vida o seu dito espirituoso.

**Juiz incorruptivel.** — Um homem rico, que tinha certo processo valioso no tribunal presidido por Thomaz Morus, querendo que este se lhe tornasse favoravel, enviou-lhe dous frascos de ouro, de trabalho esmerado.

Catão, o rigido, haveria erguido a sua voz e denunciado o corruptor. Fabricio, o simples, haveria ostentado os seus melindres, e calcado o ouro aos pés. Sully, o vaidoso, teria restituido os dous frascos, e vangloriado-se de semelhante desinteresse nas suas *Memorias*. O juiz inglez procedeu de differente modo. Encheu os dous frascos de vinho generoso e enviou-os ao portador com o seguinte bilhete:

«Meu amigo, dize a teu amo, que se elle achar bôa essa amostra do meu vinho, póde mandar buscar quanto lhe appetecer.»

## CHARADA XIX.

| | |
|---|---|
| Tantas léguas só por vêl-a!...2 | Não é Pedro, nem Coutinho, |
| Guilherminho, vá notando, | Sancho, Paulo, ou Barnabé, |
| Criados, cocheiro e sóta | Mas (isto aqui para nós) |
| Suas virtudes cantando!...—1 | Um homem com certeza é. |

O Abbade *Pedro Augusto Ferreira* (Tavora).

**Sermão interrompido.**— Em muitas igrejas do campo é uso collocarem-se as mulheres de um lado, e os homens do outro, para assistirem á celebração dos officios divinos. Em certa festividade notando o prégador que alguem estava falando em voz baixa, interrompendo o discurso, queixou-se amargamente da desattenção. Uma das mulheres presentes, querendo desaffrontar o seu sexo, ergueu-se, e diz, voltando-se para o prégador:

—Ao menos não é do nosso lado.

—Tanto melhor, volveu-lhe o padre, tanto melhor, por que mais depressa acabará.

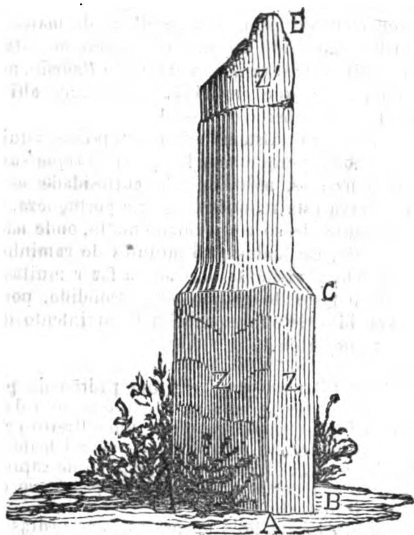
**Galeno.**—Claudio Galeno (Galeno quer dizer dôce, e este sobrenome foi-lhe dado talvez pela doçura do seu caracter) foi, depois de Hypocrates, o primeiro médico da antiguidade. Nasceu em Pergamo, no anno 131 de Jesu Christo, deu-se ao estudo da philosophia, e depois consagrou-se á medicina, viajando muito para se aperfeiçoar, e fazendo da anatomia um estudo profundo. Foi médico do imperador Antonino, Marco-Aurelio, e outros, e deixou-nos algumas obras de merecimento. Outras, infelizmente, pereceram no incendio, que no seu tempo houve em Roma.

Galeno nasceu muito debil, e conservou pouquissimas forças até aos 30 annos; entretanto soube emendar a sua constituição delicada, e chegou a velho, com soffrivel saude (morreu no anno 210 depois de J. Christo), pelo emprego de dous meios: levantava-se sempre da mesa com algum apetite, e empregava n'um regular exercicio corporeo, todo o tempo que lhe sobrava do estudo. Nenhum d'elles é para despresar, e, pelo que respeita ao primeiro, tinha-o o grande médico em tanta conta, que a toda a gente o aconselhava.



**Destruição do genero humano.**—O philosopho, que dizia que era necessario pendurar pela lingua a todos os maledicentes, e pelas orelhas a todos os que os escutassem, queria, no dizer d'um critico, a destruição do genero humano.

**O Padrão do rio Zaire.** — Entre as obras de valor que nos deixou o illustre visconde de Santarem, encontra-se uma excellente memoria em que prova os direitos que a corôa de Portugal tem á parte da costa occidental d'Africa, comprehendida entre os cabos Negro e de Lopo Gonçalves. O ex.mo visconde de Sá da Bandeira tambem publicou os factos que, em auxilio da citada memoria, poude adduzir, vindo esclarecer e tornar, por assim dizer, palpavel a razão que




assiste ao rei de Portugal para se considerar soberano desde 5° 12′ até 8° latitude sul, pois que ultimamente poderosas nações nos têem invejado e questionado essa porção de territorio. É justamente dentro d'esses limites que se encontra

o Zaire, ou Congo, que é dos maiores rios da Africa, com suas dez milhas de largo na foz, e correnteza muito vária, mas sempre forte a ponto de se perceber ainda a grande distancia pelo mar dentro. É este rio navegavel por muitas leguas, ignorando-se ainda onde tem origem, por ser difficil e perigosa a navegação desde os saltos, ou quédas de agua que n'elle se encontram.

A entrada do Zaire é limitada ao sul pela *Ponta da Moita Sêcca*, assim chamada pela côr amarellada da matta que vegeta n'aquelle solo árido e maninho; dobrando esta ponta, e navegando seis milhas, acha-se a *Ponta do Padrão*, nome que lhe vem do *padrão* que em 1484, Diogo Cam alli deixou —em signal de descoberta e posse [1].

D'este monumento existem hoje essas pedras aqui representadas do modo porque nos foi possivel *copial-as* na visita que lhes fizemos, movidos pela curiosidade e respeito que nos inspirava esta reliquia da gloria portugueza. Acha-se ella *escondida* entre denso e agigantado matto, onde não é facil chegar sem guia, gastando-se 15 minutos de caminho desde a ponta, e sendo o visitante obrigado a fazer muitas voltas. Dizemos que o resto do padrão está escondido, porque estamos convencidos de que escondel-o foi o intento de quem para alli o transportou.

[1] Diz João de Barros—que era um padrão de pedra da altura de dous estados de homem, tendo o escudo das armas reaes d'este reino, e nas costas d'elle um lettreiro em latim, e outro em portuguez, os quaes dizião que rei mandára descubrir aquella terra, e em que tempo, e por que capitão, fôra aquelle padrão alli posto, e uma cruz de pedra em cima no topo embutida com chumbo.

D'este padrão existem hoje apenas as duas pedras Z e Z', sem inscripção alguma, como acima mostramos. As suas dimensões são:

Parte cylindrica de C a E, 2 palmos e meio$=0^m,55$
Aresta de B a C, 2 palmos$=0^m,44$
Lado de A a B, 1 palmo$=0^m,22$
Altura de B a E, 4 palmos e meio$=0^m,99$.

Além d'outras razões leva-nos a este convencimento: 1.° o nome de *Ponta do Padrão* que se deu ao sitio, onde hoje se não vê o monumento, e onde parece elle devêra ter sido erguido; 2.° a idéa de que o intrepido navegador Diogo Çam não collocaria o seu padrão de descuberta e posse em lugar em que não fosse immediatamente visto pelos que desembarcassem n'aquella paragem.

Escondido, ou não, os pretos, que venérão aquella reliquia mais do que brancos o farião, conhecem o sitio onde ella hoje se levanta, e são d'ella tão ciosos, que de cada vez que a mostrão parecem nutrir receio de que um dia lh'a roubem. (*A.* de 62 p. 70). *A. F. M. Sory.*

## AGOSTO — 4

**Feijão de risada.** — Nos lugares mais remotos do Cariris e mattas da provincia de Pernambuco, lugares onde incontestavelmente reina muita ignorancia, quando os matutos querem fazer uma viagem, em que podem gastar pouco mais ou menos seis ou outo dias, cozinhão uma certa quantidade de feijão, deitão-no em um sacco de couro, para esse fim preparado, e logo que vai esfriando chegão o sacco á bocca, e applicando-lhe tres grandes risadas, fechão-no em seguida para que ellas lhe não fujão.

O feijão assim preparado constitue o seu unico farnel, e não tomão outro alimento emquanto dura a viagem.

Certo curioso, que foi uma vez espectador de semelhante pratica, fez ácerca d'ella algumas perguntas, e teve em resposta que quando se não davão as competentes *risadas* sobre o feijão, este se estragava dentro em dous dias, ao passo que durava seis, outo e mais, completamente são, quando era *risado.*

Que admira que os pobres habitantes das mattas, tenhão ainda este prejuizo, e outros, que seria longo enumerar, quando os das cidades, que timbrão de civilisados, são ás vezes tanto, ou mais supersticiosos do que elles? Nada.

*G. R. S.* (Ceará, Brazil).

# LOGOGRIPHO VI.

Se da primeira e segunda
Alguem chega a precisar,
Gosa pouco n'este mundo
Se a sorte se não mudar.

E quem ha que não precise
Da segunda co'a primeira?...
Se alguem ha que a não possúa,
Não tem casa, nem figueira.

Se á terceira tu juntares
A segunda tão sómente,
Hasde vêr que na mulher
É qualidade excellente.

A terceira co'a primeira
Que é mui facil já t'o digo,
Se procuras não procures,
Que aqui mesmo está comtigo.

A terceira e mais a quarta
Quedo nunca, nunca está;
Queres mais explicação?...
Eu é que t'a não dou já.

A terceira e mais a quarta,
Antepondo-lhe a primeira,
Foi ao poder sete vezes,
Se a historia é verdadeira.

Se o que disse vos não basta,
Para ser adivinhado,
Direi que é um nome d'homem:
Ainda assim não será achado?

*J. J. Dias* (Santarem).

AGOSTO — 6

**Finura de cortezão.**— Perguntou-se a um embaixador, de pouco tempo chegado á corte, o que pensava da belleza de certas damas, que tocando a idade dos desenganos, parecião tão bem dispostas como se estivessem na força da juventude.

— Dispensai-me de as julgar, respondeu elle; entendo muito pouco de pinturas.

Foi julgando sem querer.

**Rasgo de galanteria.** — Sitiava Affonso VIII de Castella em 1139 o forte de *Oreja* occupado pelos árabes Almoravides: o *wali* de Cordova reunio algumas tropas para soccorrer esta praça; temendo porém atacar o exercito castelhano, mui superior ao seu, julgou mais facil obrigal-o a levantar o cerco por meio de uma diversão. Com esse intuito rodeou destramente o acampamento dos christãos, e foi a marchas forçadas bater ás portas de Toledo, onde a rainha *Berengela* se achava encerrada, e sem meios de resistencia. Na collisão, a que a tinha reduzido a habil manobra do inimigo, lembrou-se esta princeza de mandar um arauto ao general mouro, para lhe representar que, se vinha combater os christãos, os devia ir procurar junto dos muros de *Oreja*, onde o rei seu marido o esperava á frente do seu exercito; pois que fazer guerra a uma mulher era indigno de um cavalleiro bravo, galante, e generoso. O escrupuloso mouro rendido a tão bôas rasões, pedio desculpa do seu engano, e o favor de cumprimentar a rainha antes de se retirar.

*Berengela* mostrou-se com effeito sobre o muro rodeada de suas damas, e os cavalleiros árabes, retirando-se, desfilaram em sua presença como em um torneio. Durante esta ceremonia cavalleirosa Affonso VIII fazia capitular o forte de *Oreja*. Ah! Se fosse hoje, qual seria aquelle, que, pondo de parte as leis da cavallaria, se não soccorreria ao — *salus populi* para aprisionar a rainha, e salvar a praça? *Dicant Paduani!*

O contraste d'esta briosa acção de um mouro vio-se na China, cujo imperador perseguido n'outro tempo pelas armas victoriosas de um subdito, e querendo servir-se do respeito supersticioso, que n'esse paiz um filho tem ás ordens de sua mãi, para obrigar o subdito rebelde a depôr as armas, enviou á d'elle um official, que, com o punhal na mão, lhe deu a escolha: ou de morrer, ou de ordenar ao

filho, que se submettesse; ella porém com um sorriso amargo lhe respondeu: *julga acaso teu amo, que eu ignoro as convenções tacitas, mas sagradas, que unem os povos aos soberanos, e pelas quaes os povos se obrigão a obedecer-lhes e os soberanos a fazel-os felizes? Foi elle quem primeiro violou essas convenções. Cobarde executor das ordens d'um tyranno, aprende de uma mulher o que em iguaes circumstancias se deve á patria.* Dizendo isto, arranca da mão do official o punhal, com que se fere, e continúa: *Escravo, se te resta ainda alguma virtude, leva a meu filho este punhal ensanguentado; dize-lhe que vingue a sua nação; que castigue o tyranno. Nada mais tem a temer por mim; nada de considerações; póde ser virtuoso á sua vontade.* Que heroína! que digna émula de Códro! Que abjecto, e vil, o procedimento do chefe do celeste imperio!

*Antonio Maria do Amaral Ribeiro* (Barcellos).

## AGOSTO — 8

**Consciencia elastica.**—Chegára a Metz o marechal de la Ferté, e d'ahi a pouco correu uma deputação de judeus para o cumprimentar, e pedir-lhe que os protegesse.

Prevenido o marechal de que estavão na ante-camara, respondeu:—Eu não quero vêr esses tratantes que crucificaram a Nosso Senhor Jesu Christo.

Indo-se-lhes dizer que o marechal lhes não podia falar, sentiram-n'o, não só, observaram elles, porque desejavão apresentar-lhes os seus respeitos, como tambem offerecer-lhe um pequeno presente de quatro mil pistolas, (cêrca de 6:400$000 réis).

Apressaram-se a levar estas palavras ao marechal; e este ouvindo-as, deu ordem a que a deputação dos judeus fosse introduzida. «São uns pobres diabos, accrescentou, e não conhecião Jesu Christo quando o crucificaram.

Ha tantos assim!...

**Serra de Santa Comba.** — Esta serra, situada ao poente da antiga Villa de Lamas d'Orelhão, é uma das mais notaveis da provincia de Tras-os-montes. A sua extensão excede a tres léguas sobre duas de largura; é muito fertil em lenhas, com que abastece as povoações, que a circundão, e que n'ella apascentão para cima de outo mil cabeças de gado cabrum. Na parte mais elevada se vêem, a grande distancia, duas capellas dedicadas a Santa Comba e a S. Leonardo.

Refere a tradição, que no tempo dos árabes estes dous santos, naturaes da villa de Lamas d'Orelhão, se refugiaram na serra com seus rebanhos, para assim escaparem ás perseguições do governador árabe, que, seduzido pela formosura de Comba, alli mesmo a foi procurar, promettendo-lhe honras e riquezas, se accedesse a seus malévolos intentos. A santa, que só amava o Esposo Celeste, pede em fervorosa oração a Deus que a livre do cruel aggressor, e para lhe fugir corre para um penedo, que por milagre se abrio e fechou depois de recolher a Virgem. O árabe, que vê isto, precipita-se raivoso sobre a rocha, e ahi crava a sua lança de batalha, abrindo com ella uma fenda, que ainda hoje se divisa para eterna memoria.

Foi Leonardo a victima do barbaro, soffrendo o martyrio no mesmo sitio aonde hoje se vê uma fonte d'agua crystallina, que por isso denominão — *Fonte de S. Leonardo.* Innumeraveis romeiros vem todos os annos em dia 9 de Agosto agradecer a estes dous santos os immensos beneficios, que por sua intercessão têem alcançado do Omnipotente.

*Clemente José Teixeira da Costa* (Paialvo).

**Moralidade.** — Disserão a um philosopho antigo — É um grande bem ter o que se deseja. — Pois ainda é, respondeu o philosopho, um bem muito maior não desejar senão o que se tem.

**Pancadaria.** — Um jornal de provincia demonstrava ha tempos do seguinte modo a necessidade da pancadaria:

A noz, o burro, o sino e o preguiçoso
Sem pancadas nenhum faz seu officio,
Esta é fechada, aquelle é vagaroso,
Um calla, o outro jaz sem exercicio;



Mas tanto que do ferro, ou páu nodoso
Os duros golpes lhe sacode o vicio,
O fructo abre, o animal pés amiuda,
O metal clama, o preguiçoso estuda.

O preguiçoso que lhe agradeça a esmola, que não é para desejar, mas não estudará ainda mesmo que lha dêem.

**A roda da fortuna.** — A roda que se pinta á fortuna, dizia o nosso D. Francisco Manoel, deve de ser de engenho de nora, onde os homens são alcatruzes, uns cheios, outros vasios, uns no fundo, outros no alto.

**Ferrara.**— Esta cidade, situada sobre um braço do Pó, perdeu muito da sua importancia desde que deixou de ser a residencia dos duques d'Este, que ahi tiverão a côrte mais brilhante e mais polida de toda a Italia. Hoje con-



tará apenas 25 mil habitantes, entre os quaes, para cima de dous mil judeus. Nas suas igrejas (não são menos de 100) encontrão-se alguns quadros dos grandes pintores italianos, è a sua bibliotheca é rica de manuscriptos e curiosidades, que recordão os dias da antiga opulencia.

Entre os seus edificios mais notaveis, distingue-se pelas

suas quatro torres, e construcção grandiosa, o antigo palacio ducal, representado pela nossa gravura. É rodeado de fossos cheios de agua, e entra-se para elle por uma ponte levadiça. As estatuas de marmore, e o que ainda resta das pinturas a fresco de Dossi e do Ticiano, que o decorão, são de muito valor.

Ferrara possue tambem um museu de pintura, uma collecção de mineraes e de antiguidades, um amphitheatro de anatomia, e um jardim botanico. Ainda alli se vê na praça Ariostea a casa onde viveu Ariosto, e o hospital de Sant'Anna onde o Tasso penou uns poucos de annos a titulo de doudo, perseguido pelo duque Affonso II.

AGOSTO — 12

## CHARADA XX.

A primeira diz que dá... 1
A segunda, que mastiga... 2
Sou fructo, seda e cidade;
Conheça a minha entidade
Quem estas tres cousas liga.

*Antonio Pereira Cardozo Portugal* (Porto).

AGOSTO — 13

**Periodos e amores da vida do homem.** —A vida do homem, diz um dos mais graves pensadores do século em que vivemos, Proudhon, divide-se em cinco periodos— infancia, adolescencia, juventude, virilidade e velhice.

Durante o primeiro periodo o homem ama a mulher como mãi; no segundo, como irmã; no terceiro, como amante; no quarto, como esposa; no quinto, como filha.

## AGOSTO — 14

**Offerecimento.**—Ácerca de certo facto disputava um diá Montesquieu com um conselheiro do parlamento de Bordeus, homem teimoso e de cabeça um pouco dura. Este, depois de muitos argumentos apresentados com entono, e não menos fogo, volta-se para o seu contendor e diz-lhe: «Se isto não é como vol-o digo, dou-vos a minha cabeça.»

—Acceito, respondeu Montesquieu, os presentes de pequeno valor entretêem a amizade.

## AGOSTO — 15

**Aviz.** — Uma lapide, existente á porta da igreja de S. Roque da villa de Aviz, dá esta villa e o seu convento fundados n'este dia do anno de Cesar de 1252 (o qual corresponde ao de 1214 da era de Christo). As principaes transições chronologicas da *Ordem Militar de S. Bento d'Aviz* são (segundo o respectivo Definitorio de 1630) as seguintes:

Esta ordem foi instituida em 1147, mas sómente em 1162 é que se creou o titulo de *Mestre* na pessôa de Pedro Affonso, irmão de El-Rei D. Affonso Henriques, estando o convento então em Coimbra. Em 1166 mudou-se o convento para a cidade d'Evora, intitulando-se então a Ordem, *Milicia d'Evora da Ordem da Calatrava*. Depois da acclamação de El-Rei D. João I, conhecido antes pelo nome de *Mestre d'Aviz*, separou-se por bulla pontificia esta Ordem da de Calatrava, passando a chamar-se *Ordem Militar de S. Bento d'Aviz*. E porque o titulo de *Mestre* importava vida regular, e se queria conservar esta dignidade proxima á casa real, supprimio-se por igual meio este titulo, substituindo-se pelo de *Governador e Administrador da Ordem*, sendo o primeiro o infante D. Fernando, que morreu captivo em Africa. Foi em 1551 que, por bulla do papa Julio III, se annexou definitivamente á corôa o governo superior d'esta Ordem.

* * *

## AGOSTO — 16

# AS DAMAS VIRTUOSAS

(FRAGMENTO)

.............................................

Sempre havereis nas cordas do alaúde
Louvor que é dado á candida virtude.

Vós sois, emanações da divindade,
Do céu estrellas, e da terra flôres;
Vestaes do fogo santo da amisade
Só vós fruir sabeis castos amores;
Mimosos dons da divinal bondade,
E das obras de um Deus lindos primores,
Só por vosso intermedio ao homem-réu
Na terra é dado ante-gosar o céu.

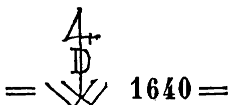
Se repartís os dons da Providencia
Vós sois, damas gentís, da terra as santas;
Se amamentais aos peitos a innocencia,
Ninguem resiste a graças taes e tantas;
Se pagais ousadias com clemencia,
De almo prazer se morre ás vossas plantas;
E quando soccorreis uma alma afflicta,
Referve o amor e o coração palpita.

*Pedro Diniz.*

## AGOSTO — 17

**Capricho** (Etymologia).—A petulancia, a inquietação, e o desejo continuo de mudar de lugar é um dos principaes caracteres da cabra. Assim, os italianos denominaram *capriccio*, os francezes *caprice*; e nós *capricho* do latim *capra* (cabra) as nossas phantasias, e tudo o que fazemos de desarrasoado, ou de pouco reflectido.

**Torre do Tombo de Mossamedes.** — Chamão os habitantes de Mossamedes «Torre do Tombo» a uma rocha de areia condensada, situada em um recanto á beira do mar, na extremidade O. da mesma villa, por ter gravadas na face fronteira ao mar, muitas inscripções, das quaes, as mais antigas, se achão em grande parte obliteradas pela acção do tempo, e tambem pelo pouco sizo (ás vezes ainda mais destruidor) d'aquelles, que as têem eliminado para as substituirem por nomes, ou garatujas, muito mais modernas sem duvida, e por isso, em parte, muito menos curiosas. D'entre os mutilados vestigios das que ainda alli se conservão, são as mais notaveis as seguintes:




*Bernardo Picado a 10 de Dezembro passou por aqvi. Ano de* 1665=............*Franc.º Leitão no anno* 1665=ANDIMMESEN ANNO 1669= *Thomaz Duncomb* 1768=IOZE PEDRO BRIGE I. S. 1770=*Manoel da Guerra, Capitão mor da guerra preta*= *Gregorio José Mendes, sendo commandante, ano de* 1785= *Pikens* 1831=*O G.*or *d'Angola Bressane* 1842=NAUFRAGIO *da Escuna Amelia* 14 *de Dezbr.º* 1842=*Bordalo, G. M.* (sem data) MES CHAGRINS ME CONDUIRENT JUSQU'ICI LE 13 JUIN 1844, PAGE.=*J. C. F. Russel* 1846= *A. Canto, Fevereiro* 1854.=

Além d'estas inscripções existem vestigios de outras, como: «RKIWAN»=e=APRIHEN DIREKSEN=, mais antigas talvez do que aquellas, mas cujas datas se não percebem, e cujo merecimento se não póde portanto avaliar.

*A. F. Nogueira* (Mossamedes).

## AGOSTO — 19

**Queixa.**—Queixava-se amargamente a esposa de um advogado de que seu marido, estudioso por gosto, estivesse quasi sempre enterrado entre a papelada e os livros do seu escriptorio. — Que não possa eu transformar-me em livro! Disse-lhe ella um dia.

—Pois, filha, respondeu-lhe elle:

Transforma-te em Almanach;
Lucras tu, e eu contente
Te bemdirei, porque é livro
De que se muda annualmente.

## AGOSTO — 20

**O que é a mulher!** — Varião ao infinito as opiniões dos sábios ácerca d'este misterio da creação. Enchião uma bibliotheca as maximas applicadas á mulher, e não ha epitheto que se lhe não tenha dirigido. Anjo, demonio, enigma, rosa, creança grande, mal necessario, tudo tem sido dedicado á mulher pelos poétas e romancistas, que são os melhores peritos na materia.

Sobre tão grave assumpto tambem vou pronunciar o meu juizo.

A mulher é um phosphoro que nos accende o coração e a intelligencia. Tem as vantagens e os inconvenientes dos lumes promptos, dá luz com rapidez, mas por um descuido traz muitas vezes um d'esses incendios devastadores, para os quaes não ha ainda inspectores, nem machinas de salvação.

A mulher magra e nervosa, de pouca vida nos olhos, e nenhum mimo nas faces, mas cheia de zêlos e de melancholia, é o phosphoro de pau. Custa a accender, e depois de acceso apaga-se muitas vezes antes de communicar a luz. Não estão em moda estes phosphoros por serem os que mais canção a paciencia.

A *coquette*, galante, espirituosa, de meiguice estudada, e sorriso ensaiado ao espelho, é o phosphoro de cêra. Basta tocar-lhe para o accender; a sua luz chega á farta para seis corações, e ainda sobra para um caso urgente.

A virgem sentimental, com a alma cheia de poesia, e a cabeça desvairada pelos romances, que desdenha este prosaismo da vida, porque aspira a um mundo melhor é o phosphoro de isca, o qual, uma vez acceso, se consome lentamente, sem chamma, e sem que as ventanias da desgraça o apaguem.

A mulher de rara formosura, gentil, esplendida, tentadora, que nos perfuma a alma e nos embriaga os sentidos, é o phosphoro d'almiscar.

Segundo esta theoria o harem do grão sultão não é mais do que uma grande caixa de phosphoros.

*Manoel Roussado.*

AGOSTO — 21

## CHARADA XXI.

Sou sacco, pezo, e medida...2
Sou necessaria aos amores,
Auxilio os criminosos,
Altero todas as cores... 2

Com a minha primeira ando,
Descanço na derradeira,
Altas vozes annuncião
O fim da minha carreira.

*Novo Charadista* (Angra).

AGOSTO — 22

**O leite de burra como cosmetico.**— A impiratriz Popea, mulher de Nero, tinha quatrocentas burras para se banhar no seu leite. Os elegantes de Roma esfregavão a pello com miôlo de pão molhado em leite de burra, não só para a tornar mais branca, como para impedir a barba de crescer. Este luxo de Popea, e estas effiminações dos jovens romanos não escaparam ás satyras de Juvenal.

**Ingenuidade.** — Um cura d'almas interrogava certo dia os parochianos mais novos da sua freguezia rural ácerca da doutrina, servindo-se para as perguntas do cathecismo d'Heidelberg.



— Qual é a tua unica consolação na vida e na morte? (É a primeira das questões do cathecismo) dize tu lá, rapariga. Não sabes?

A interrogada começou a sorrir, e não respondeu.

—Dize, insistio o pastor, qual é a tua unica consolação na vida e na morte?

— Pois bem, já que é forçoso dizel-o, direi que é o filho do sapateiro da Travessa das Cabras.

**Morte a proposito.**—A morte de João Francisco Capilistius, doutor em Pádua, foi marcada com o sêllo da originalidade. Explicava elle a lei—*Hac consultissima, Cod. qui testam. fac. poss;* e quando chegou a estas palavras: «Mas, como é difficil que o homem fraco e perturbado com o pensamento da morte possa recordar-se de muitas coisas ao mesmo tempo (*«At cum humana fragilitas mortis præcipuè cogitatione perturbata, mimus memoria possit res plures consequi...»*) morreu subitamente de uma apoplexia.

**Cabellos.** — A arte de pentear os cabellos, ou o costume de os trazer compridos ou curtos, tem, segundo o capricho e a moda, soffrido grandes alterações desde tempos immemoriaes. Póde com tudo dizer-se que todos os povos chegados a um certo gráu de civilisação têem usado os cabellos curtos, e que o uso dos cabellos compridos tem, com raras excepções, pertencido aos povos barbaros. Os egypcios trazião cabellos compridos, os hebreus do mesmo modo, e só os sacerdotes os costumavão cortar quando estavão occupados no serviço do templo. Entre os gregos os adolescentes costumavão ir a Delphos e ahi consagrar os seus cabellos compridos no templo de Appollo. Em Roma nos primeiros tempos estavão os altares dos deuses cobertos



de tranças de cabello que lhes erão offerecidas, e só mais tarde é que os homens começaram a usar os cabellos curtos. Com a invasão dos povos barbaros reappareceram os longos cabellos. Usavão-nos os godos, e por isso lhes chamavão *capillati*. Sabemos que era uso commum ás nações celticas cortar a cabeça de seus inimigos e suspendel-a pelos cabellos. Estes erão entre os gaulezes um distinctivo de honra e de liberdade, e quando César lh'a tirou fez-lhes cortar os cabellos.

Nas nações modernas da Europa quasi todos os reis dos primeiros tempos usaram cabello comprido. No século XI a igreja prohibio este uso, que mais tarde tornou a apparecer, de modo que Luiz XIII de França, que viveu na 1.ª

metade do século XVII, usou sempre cabellos compridos. Entre nós o primeiro que os mandou cortar, o que na phrase do padre Viterbo pareceu cousa monstruosa e inaudita, foi el-rei D. Fernando, que reinou desde 1367 até 1383. É escusado dizer que todos os portuguezes o imitaram desde logo. Pelo que respeita a tempos mais modernos, todos têem mais ou menos presente as magnificas cabelleiras do tempo do Marquez de Pombal, que, como se sabe, assentavão sobre cabellos curtos, e as differentes modas, que de dia para dia se succedem.

## AGOSTO — 25

**Os ultimos momentos de S. Luiz.**— Chateaubriand, no seu *Itinerario de Pariz a Jerusalem*, depois de expôr a situação de S. Luiz na ultima cruzada, cercado de inimigos e atacado do contagio que já lhe havia morto um filho, e muitos dos seus homens d'armas, emquanto na cidadella de Carthago esperava os soccorros que lhe havia de trazer seu irmão, o rei da Sicilia, descreve do seguinte modo os seus ultimos momentos:

«Fazendo a doença progressos, Luiz pedio a extrema-uncção. Respondeu ás résas dos agonisantes com uma voz tão firme como se désse ordens n'um campo de batalha. Pôz-se de joelhos junto do leito para receber o Santo Viatico, e para isto virão-sé obrigados a amparar este novo S. Jeronymo na sua ultima communhão.

Desde este momento pôz termo aos pensamentos da terra, julgando-se desobrigado para com os seus povos. Que monarcha comprio nunca melhor do que elle os seus deveres? Então a sua caridade estendeu-se a todos os homens: pedio pelos infieis, que fizerão ao mesmo tempo a gloria, e a desgraça da sua vida; invocou os santos padroeiros da França, tão cara á sua alma real; e na segunda feira pela manhã, 25 de agosto (1270) sentindo que a sua hora se aproximava, fez-se deitar sobre um leito de cinzas, e assim

permaneceu estendido, com os braços cruzados sobre o peito, e os olhos erguidos para o céu.

Não se vio senão uma vez, e não se verá jamais, um semelhante espectaculo: a frota do rei da Sicilia mostrava-se no horisonte; o campo e as collinas estavão cobertos com o exercito dos mouros.

No meio das ruinas de Carthago o campo dos christãos offerecia a imagem da mais espantosa dôr: nenhum ruido se ouvia; os soldados moribundos sahião dos hospitaes e arrastavão-se por entre as ruinas para se aproximarem do rei. Luiz estava rodeado da sua familia banhada em lagrimas, de principes consternados, de princezas desfalecidas. Os deputados do imperador de Constantinopla, que se acharam presentes a esta scena, puderam testemunhar á Grécia as maravilhas de uma morte que Socrates teria admirado.

Do leito de cinzas onde S. Luiz exhalava o ultimo suspiro, descobria-se a praia de Utica; qualquer podia comparar a morte do philosopho estoico e a do philosopho christão. Mais feliz do que Catão, S. Luiz não teve necessidade de lêr um tratado de immortalidade da alma para se convencer da existencia d'uma vida futura; a prova invencivel achava-a na sua religião, nas suas virtudes, e nas suas desgraças. Emfim, proximo das 3 horas depois do meio dia, o rei soltando um grande suspiro, pronunciou distinctamente estas palavras: «Senhor, eu entrarei na vossa casa e vos adorarei no vosso Santo Templo»; depois a sua alma desprendeu-se, e voou para o Santo Templo em que era digna de habitar.

## AGOSTO — 26

**A gravidade.**—La Rochefoucauld definio a gravidade um mysterio do corpo inventado para dissimular os defeitos do espirito.

Confucio, o philosopho chinez, disse, ao contrario, que a gravidade era a casca da sabedoria. Qual d'elles terá razão?

## VERSOS A L.

### (Durante a ascensão aereostatica de M.me Bertrand Sanges).

Se eu n'este balão entrasse,
Havia subir... subir...
Até que ás portas chegasse
Que São Pedro te hade abrir.
Então ao santo eu diria;
«Vai lá dentro; e n'um instante
«Traze-me, emquanto é dia,
«Do sol um raio brilhante;

«Pois quero vêr se consigo
«Levar um claro sinal,
«De que já falei comtigo
«No reino celestial.»
Apostemos nós que o santo,
Com sorrisinho gaiato,
Sacava de sob o manto,
Luizinha, o teu retrato?!

*F. Palha.*

AGOSTO — 28

**Sepultura de Mousinho da Silveira.**— Corre impresso um opusculo biographico escripto pelo insigne Almeida Garrett, que menciona sepultados na Ilha do Corvo os restos mortaes do profundo estadista Mousinho da Silveira, no que ha a mais completa inexactidão.

Eu tive a honra de acompanhar á sua ultima morada o cadaver d'este heroico reformador, e por isso ninguem mais competente para indigitar como verdadeiro sitio da sua sepultura, o adro da igreja matriz da fréguezia de N. S. da Graça de Margem, concelho de Gavião, districto administrativo e bispado de Portalegre. Tomem nota os senhores chronistas para que tal erro não propague na historia! Peço venia á nobillissima e honrada classe agricola, a que pertenço, para arvorarme em seu procurador gracioso, e vir n'este lugar (em quanto não se faz mais condignamente) levantar esta singela cruz, como testimunho de nossa constante saudade e respeito á sua sempre veneranda memoria.

*Manoel Lopes Maia* (Gavião).

**Malicia infantil.**—Cherava agitada uma creança de modo que ficava contristado quem a ouvia.

—Que tens? Perguntou-lhe uma alma compadecida ao escutar-lhe as lastimas.

—É porque perdi um pataquinho, que a minha mãi me deu.

—Vamos, cala-te, isso não é perda difficil de reparar. Toma lá outro.

Apenas recebeu o pataco, volveu a chorar ainda com maior força do que da primeira vez.

—Então que é isso, porque choras agora?

—Choro porque teria agora quatro vintens se não tivesse perdido o meu pataco.

**Outra.**—Havia-se prohibido a uma creança de pedir fosse o que fosse quando estivesse á meza. Lembrando-se do preceito, e receando transgredil-o, um dia indo-se-lhe os olhos para um prato de que ainda lhe não havião dado, lembrou-se de tirar um pouco de sal.

—Para que é esse sal? Perguntaram-lhe.

—É para comer com aquella carne, quando m'a derem, respondeu o manhoso.

AGOSTO — 30

# ENIGMA

Qual defunto no caixão,
Em preto caixão nasci;
Mas apenas vou crescendo
Tenho um companheiro aqui:
Do retiro em que me vejo
Me tira ligeira mão,
Venho dar ao povoado
Morto no meu caixão.
Todo aquelle que me vê
O meu funeral approva;
Arma-se de branco a eça,
Mas vou sem caixão á cova.

*Anonymo Batalhense.*

**Hygiene dos abyssinios.** — A Abyssinia, vasto paiz da Africa na região do Nilo, onde os portuguezes na épocha de sua grandeza deixaram vestigios de civilisação, nos templos christãos, costumes, etc., que ainda durão, tem soffrido diversas modificações politicas e religiosas, no decorrer dos ultimos tres séculos; e de um poderoso imperio que era, regido por um só homem, e que poude repellir por muitos annos as invasões tentadas pelo islamismo e idolatria, está hoje dividido em reinos diversos, que reciprocamente se aggridem e debilitão, tendo-se tambem enfraquecido successivamente o christianismo.

Pouco explorado como tem sido este paiz nos ultimos tempos, ignorão-se muitos dos usos e costumes dos abyssinios, e recebe-se sempre com interesse qualquer noticia digna de crédito, fornecida por um ou outro viajante, que tenha visitado aquella região africana. D'este numero foi o cirurgião Courbon, que publicou o seguinte n'um jórnal médico:

Os abyssinios só comem duas vezes ao dia: o almoço depois do sol nascido, e o jantar depois do seu occaso; porém em dias de jejum, dos quaes têem em cada anno 212 (!) só comem uma só vez, pelas tres horas da tarde.

O pão é fabricado simplesmente com a farinha de cevada, ou a de teff *(Poa abyssinia)* diluida em agua, e cosida sobre um disco de ferro, ou no borralho. Este pão é a base da alimentação dos abyssinios; e as especiarias, pimenta, pimentão, tomilho, mangericão, canella, cravinho, gengibre, etc., representão tambem um papel importante. Para bebida só usão da agua pura, excepto os ricos, que tambem usão do hydromel, e do thalla, especie de cerveja fabricada com cevada, teff, etc.

**Miseria e desejo.**—Antes a miseria do que não gosar o que muito se deseja, e é por isso que o desejar pouco é felicidade. Lazaro é menos digno de lástima do que Tantalo.

**Casamentos consanguineos.**—Muito se ha escripto n'estes ultimos tempos, e especialmente em França, ácêrca dos graves inconvenientes, que resultão dos casamentos consanguineos no reino humano, e das vantagens de uniões consanguineas entre animaes domesticos. Parece estar hoje demonstrado que augmenta com o gráu de parentesco a proporção dos surdos mudos, pon... de se poder representar por 70 nos casamentos entre tias e sobrinhos, por 37 entre tios e sobrinhas, e por 18 entre primos co-irmãos, tomando como unidade o perigo de nascer de um casamento ordinario uma creança surda, e augmentar tambem por tanto essa proporcionalidade com a maior facilidade concedida pelas leis religiosas a esses casamentos. Em Berlim, por exemplo, encontrão-se tres surdos mudos em cada 10.000 catholicos; seis em cada 10.000 christãos, pela maior parte protestantes; 27 em cada 10.000 judeus.

Cresce muito essa relação na gente de côr, que não é protegida por lei alguma, civil, moral e religiosa e onde a escravidão facilita, não só a união consanguinea, como ainda a incestuosa.

Parece tambem que não só do casamento entre parentes robustos podem nascer os surdos mudos, como ser raro apparecerem estes em resultado de casamento entre surdos-mudos não parentes; citão-se tambem exemplos amiudados de nascerem creanças com esse defeito, não em resultado directo do casamento de parentes, mas de filhos d'esses e perfeitamente constituidos na apparencia.

Se porem são condemnadas essas uniões na raça humana, devem ellas ser promovidas entre animaes domesticos sempre que se tratar de os melhorar, na accepção de desenvolver mais suas formas e de os tornar mais aptos para certo fim que se tenha em vista; por este meio têem os inglezes creado o boi durham, o carneiro dishley, o porco newleicester, e outros prodigios da industria humana.

Á minha amiga a Ex.ma Sr.a

# D. Marianna Guilhermina de Macedo do O

NO DIA DOS SEUS ANNOS

Se não fosse limitado
O poder da creatura,
Se os desejos que concebe
Pozesse logo em vigor,
Para no — *querer* e *faça-se* —
Imitar o Creador:

Volve atraz! dissera á vida,
Parai! dissera á fortuna,
E á saude, que desmaia,
Reanima-te! vigora!
E tudo conseguiria
Sendo de tudo a senhora:

E hoje, oh! Deus, dita inefavel,
Hoje dia dos teus annos,
Em abraço permanente
As tres venturas ligára;
Saude, vida, e fortuna
N'um só laço te offertára.

*Dona G. C. F. N.* (Faro).

**Bordão de comico.** — Um velho comediante francez, que desde muito se tinha habituado á consonancia da rima, e á cadencia musical dos versos, recitando uma noite no theatro esta passagem de Mittridates:

*Quand le sort ennemi m'aurait jété plus bas*
*Vaincu, persecuté....*

e não se recordando do ultimo hemistichio do segundo verso substituiu-o machinalmente, dizendo: *tati, tatou, tata.*

Era o caso de repetir:

*Força de consoante a quanto obrigas*
*Que fazes sejão brancas as formigas!*

**Choregraphia.**—Escreveram-se as palavras, e os sons por meio de signaes. Porque não havião de escrever-se os movimentos, as attitudes, e os gestos, por meio de outros signaes? Escrevem-se, e é n'isto que consiste a choregraphia, arte absolutamente moderna, e que em nada é devedora ás imitações, e ás memorias, que nos restassem da dança na antiguidade. A côrte de França tem sido em todos os tempos a séde da galanteria; e Catherina de Médicis e Luiz XIV, os soberanos que com mais fausto a cultivaram



durante os seus reinados. Imperando Catherina de Médicis, viram-se em Pariz os primeiros bailados, e foi um ecclesiastico, João Tabourot, o primeiro que, publicando em 1588 um curiosissimo livro, buscou estabelecer regras á escriptura

choregraphica. Reinando Luiz XIV, recebeu a arte novo impulso, graças ao gosto pronunciado que este principe mostrava por todos os exercicios que lhe fizessem valer a elegancia do corpo; e foi o seu mestre de dança, Beauchamp, quem publicou o segundo methodo de choregraphia. Em 1701 appareceu, mais completa que as antecedentes, de que nenhum vestigio nos restão, a *Arte de escrever a dança por caracteres, figuras, e signaes demonstrativos,* e é esta, com algumas modificações imaginadas por Dupré, um dos mais célebres dançarinos do ultimo século, a que ainda hoje está vigorando.

Ha quem diga que a choregraphia, não obstante os successivos melhoramentos que tem recebido, está longe de attingir a maxima perfeição. Talvez que assim seja, mas nunca se dançará a vapor, e é forçoso confessar que estamos n'este ponto muito mais adiantados do que nossos avós.

SETEMBRO — 4

## CHARADA XXII.

Um pé só, sou aleijado... 1
Não vejo, chamão-me cégo... 2
Inda assim me dizem bello,
E bello sou, não o nego.

*Anonymo Batalhense.*

**Triboulet.**—Triboulet era um bôbo da côrte de Francisco I. Havendo sido ameaçado por um fidalgo de lhe irem sériamente ao pello com um par de bastonadas, em castigo das insolencias que lhe dissera, foi queixar-se ao rei.

—Se alguem, diz-lhe o monarcha, fôr tão audaz que te quebre as costellas, fal-o-hei enforcar um quarto de hora depois.

—Ah! Senhor, respondeu Triboulet, se vossa magestade o fizesse enforcar um quarto de hora antes!

SETEMBRO — 5

**Epitaphio.**—Morreu em Pariz um musico, victima de uma indigestão de arraia. Certo amigo, querendo n'um epitaphio dar uma idéa, tanto da sua profissão, como do que deu causa ao seu fallecimento, mandou sobre a sua sepultura gravar as seguintes notas de musica:

*La re la mi la*

Que, como se vê, são a traducção das palavras— *la raie l'a mis là,* (a arraia matou-o) que elle teria posto se não quizesse dar a entender, que o fallecido era um discipulo de Euterpe.

SETEMBRO — 6

**Prejuizos populares no Brazil.** — Quando a creança chega á idade de mudar os dentes, deve-os ir tirando á medida que se abalão; tirados que sejão, suas mãis (formidaveis bruxas!...) mandão que a creança os vá lançar ao telhado, dizendo n'essa occasião: — Mourão, mourão; tomai vosso dente podre, e dai-me cá o meu são.—Isto para ellas é mais infallivel que os preceitos do Evangelho.

Quem tiver um terçol, ou como por cá lhe chamão, mais commummente, um *tres só,* vai ao campo antes do despontar da manhã, e, collocando sobre o olho atacado a mão contraria, repete tres vezes:—Sol, toma lá *trez só* — e em pouco desapparece o mal.

Á creança de berço, não se devem mostrar espelhos, porque sua luz eclipsa, e arrebata-lhe a fala, tornando-a muda por muitos annos.

Pentear o cabello á noute, faz morrer o parente mais chegado.

Beber agua com a luz na mão, mata de gota serena.

Nos sabbados, ao varrer-se a casa, varrão-se os pés das creanças que ainda não andão, e isto fará com que andem mais cedo.

O viuvo não deve consentir em que se lhe varrão os pés, porque é prognostico de que nunca mais casará.

O que se fizer no 1.° de janeiro, se fará todo o anno.

Na primeira segunda feira d'agosto não se deve trabalhar, porque é dia tão aziago que n'elle se morre sem se saber de que.

Se houver um assassinato, sem se conhecer quem foi seu perpetrador, lança-se a victima de bruços no chão, e mette-se-lhe debaixo da lingua uma moeda de cobre de quarenta réis, que logo o assassino se descobrirá. Se porém este fôr experiente, basta que vista a camisa ás avessas, e ninguem lhe porá a mão em cima.

No dia de S. Bartholomeu, anda o diabo solto, vestido de frade, riscando paredes.

A arruda dá flôr no dia de S. João, mas o diabo vem buscal-a na hora em que desabrocha, e por isso é que a não achamos. (*A.* de 1860, pag. 181.)

*Joaquim S. d'Azevedo Pimentel* (Pernambuco).

SETEMBRO — 7

**Chuva rara.** — No Chili central não cahe uma gotta de chuva durante nove mezes do anno; no Chili meridional chove ordinariamente uma unica vez de dous em dous, ou de tres em tres annos. Os Andes peruvianos estão separados do mar Pacifico por um grande deserto d'areia, onde nunca chove.

SETEMBRO — 8

**Ponte de Villa Formosa.** — Na antiga Via Adriana, cruzando a caudalosa ribeira, que banha o pedestal da outr'ora mui florescente e hoje abatidissima Villa de Seda, está edificada uma ponte geralmente conhecida pela denominação de «Ponte de Villa Formosa» que, sem exageração, é um monumento duplamente grandioso pela solidez e primor de sua construcção. Tem resistido aos impulsos das

mais impetuosas enchentes, sem que no decurso de séculos tenha revelado o mais ligeiro abalo. Levadas pelo vento, pelas aves, ou por outro qualquer desconhecido modo, cahiram sobre seus relevos sementes de figueira silvestre, azinheira, e aroeira; alli germinaram, e lenta e impunemente tèem vegetado por tanto tempo, que as raizes, insinuandose pelas juntas das ,ingentes e bem esquadradas moles de granito, as têem deslocado a ponto de já em partes se observarem intervallos de 10 ou 12 centimetros, que fazem antever a ruina de uma obra tão magestosa!!!

Ainda não disse, que a localidade pertence ao concelho de Alter do Chão, aonde a gerencia municipal está a cargo de uma camara, que, em bens proprios, não só é rica, mas até opulenta.

Nobillissimos vereadores da municipalidade de Alter, a quem o suffragio popular confiou tão augusto mandato, dignai-vos prover de tão facil remedio a um mal de tão graves consequencias! correspondei á confiança de vossos commitentes desempenhando-vos de uma divida a diversos respeitos tão sagrada!

Não queiraes, posto que mediata e indirectamente, concorrer para o prolongamento da série de homicidios, de que aquella ribeira é ré; e tanto, que, se fôra entidade racional, teria registado o seu nome em todas as listas de criminosos dos julgados por onde transita.

Sirvão minhas breves e singelas reflexões de incentivo á prompta extincção d'aquellas arvores. N'isto vai interessada a conservação de uma obra, que vale centenares de contos, e, o que ainda vale muito mais, a garantia de muitas vidas.

*Manoel Lopes Maia* (Gavião).

**Qualidades do advogado.**—S. Thomaz exige cinco qualidades no advogado: sciencia, diligencia nos negocios, caridade para as partes, nenhuma inclinação para a avareza, e honra para que não sustente causas claramente injustas.

**Numero de judeus na superficie da terra.** — Os judeus estão espalhados pelo mundo na seguinte proporção:

| | |
|---|---|
| Na Syria e no resto da Turquia Asiatica .. | 500,000 |
| Em Marrocos e no Norte da Africa......... | 600,000 |
| Na Asia Oriental ................. | de 50 a 80,000 |
| Na América ............................ | 100,000 |
| Na Europa ........................... | 2:300,000 |

Existem:

| | |
|---|---|
| Na Suécia e Noruéga.................... | 800 |
| Na Belgica............................ | 1,600 |
| Na Italia ............................ | 4,000 |
| Na Dinamarca .......................... | 6,000 |
| Na Inglaterra ......................... | 13,000 |
| Nos Paizes Baixos...................... | 52,000 |
| Na França............................ | 70,000 |
| Na Prussia ........................... | 214,000 |
| Nos Estados Austriacos................. | 631,000 |
| Nos restantes Estados da Confederação Germanica............................ | 175,000 |
| Na Russia ............................ | 1:120,000 |

Em Portugal e na Hespanha hãode ser bem mais do que na Suécia e Noruéga; mas a fonte d'onde extrahimos estes numeros nada dizia a este respeito.

SETEMBRO — 10

**Os maiores capitães.**— Annibal entretendo-se um dia com Scipião ácerca dos maiores cabos de guerra até ahi conhecidos, nomeou Alexandre, depois Pyrrho, e collocou-se a si em terceiro lugar.

—Onde vos collocarieis se me houvesseis vencido? Perguntou-lhe Scipião, rindo-se.

—Seria então o primeiro de todos, respondeu-lhe Annibal.

## CHARADA XXIII.

Apanagio da nobreza,
E para a gloria nascida,
Encerrada em triste alcova,
Muitas vezes passo a vida... 3

Cruel, tredo, vil, cobarde,
Semibarbaro poltrão,
A si só exalta e louva,
Orgulhoso fanfarrão... 1

Petulante, não me toques,
Mette a primeira n'alcova;
Quando não, em vez de dares,
Recebes tremenda sova.

Teu orgulho não tem base,
É bem como o do segundo,
Que só despreso merece,
E despresa todo o mundo.

*João Maria Mergulhão Neves Cabral* (Armamar).

**Estampilhas.**— Uma estatistica recente publica que sobem já a 1:101 as differentes especies d'estampilhas de correio, que estão em circulação, ou forão já retiradas d'ella. Neste numero entra a Europa com 627.

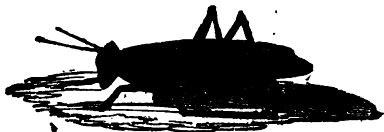
Foi a Inglaterra o primeiro paiz que adoptou estampilhas de correio em 1840. Seguio-se, na Europa, a Belgica em 1847, a França em 1848, Hespanha, Suissa, Piemonte, Prussia, Austria, e os Principaes Estados de Confederação Germanica em 1851, a Hollanda em 1852, Portugal e a Dinamarca em 1853, Suecia em 1855, a Russia em 1858, a Grécia em 1861, e a Moldavia em 1862.

Ha estampilhas rectangulares, redondas, octogonas, ovaes, e até triangulares.

**Juiz previdente.**— Um escriptor antigo fala de um juiz do seu tempo, que não tinha, ou não usava senão de uma unica fórmula em materia criminal. Se o criminoso era velho: «Enforcai-o, dizia elle, que muitas terá elle feito.» Se era novo: «Enforcai-o, enforcai-o, porque muitas viria elle a fazer.»

**Cigarra.**—Insecto de corpo espesso, volante, maior que o bisouro, e com duas membranas em prégas e collocadas uma de cada lado do corpo, sobre as quaes batem os musculos contrahidos com força, originando assim o som desagradavel e rouquenho com que perturbão o agradavel silencio dos campos. A este genero pertence um insecto que vive nos paizes quentes, como a Italia, a Hespanha etc. a que se deve o succo purgativo denominado manná, que escorre do olmeiro depois de picado por elle.

Apenas se conhece uma especie, que viva uns 17 annos; nenhuma das pertencentes ás outras vive para cima de 50 dias ao ar livre, e é muito de suppôr que La Fontaine se referisse a certo gafanhoto esverdeado e grande, muito commum na França, ao dizer que a cigarra cantára durante todo o estio. Por mais de uma vez têem os poétas consagrado á cigarra o tributo dos seus versos. Virgilio, nas Eclogas, refere-se a ella.



Anacreonte faz mais. Dedica-lhe uma ode em que a considera semelhante aos deuses, porque nem o sangue, nem a carne são elementos da sua vida.

Os athenienses, ao que parece, tomavão-n'a como symbolo de antiguidade e nobreza, e d'ahi derivou o uso de cigarras de ouro nos cabellos.

**Contenda de prodigos.**—De dois prodigos que parecião disputar entre si qual d'elles faria mais loucas despezas, dizia um homem de espirito:

—Parece-me que os vejo cumprimentar-se á porta de um hospital, para decidir qual d'elles ahi ha de entrar primeiro.

**Cartas.** — São tão antigas como a arte de escrever; e esta, pela faculdade que dá ao homem de transmittir ás pessoas ausentes a expressão dos seus sentimentos, póde dizer-se que é para elle quasi tão preciosa como o dom da fala. No livro VI da *Illiada* ha uma prova da antiguidade das cartas; Bellérophonte leva uma carta de Præto, rei de Argos, a Iobato, rei da Lycia. Os lacedemonios escrevião em tiras de pergaminho, e enrolavão-nas em



cylindros de madeira, que lacravão depois de os atar com um fio.

Em todos os tempos se conheceu que o estilo das cartas deve distinguir-se de qualquer outro pela sua simplicidade; e algumas dos romanos erão tão curtas, mas tão substanciosas no dizer, que ficaram sendo modêlo no seu genero. Ahi vão exemplos: O imperador Octavio escrevendo a Cayo Druso, seu sobrinho, que se achava na Illyria, diz-lhe:

«Pois que estais na Illyria, lembrai-vos que sois dos Ce-

sares, que vos mandou o Senado, que sois moço, meu sobrinho, e cidadão romano.»

Tiberio dando novas da Italia a seu irmão Germanico, que se achava na Asia, diz-lhe:

«Os templos guardão-se, os deuses servem-se, o senado está pacifico, a républica próspera, Roma sã, a fortuna mansa, o anno fertil; e isto que há aqui em Italia, desejo que do mesmo modo o goseis na Asia.»

Cneo Sylvio escrevendo as novas da Pharsalia, disse:

«Cesar venceu, Pompeo morreu, fugio Rufo, Catão matou-se, acabou a dictadura, e perdeu-se a liberdade.»

As cartas enchem-nos umas vezes o coração d'alegria, outras dilacerão-no de tristeza, mas são quasi sempre esperadas com impaciencia.

## SETEMBRO — 14

**O numero 13.** — Quando Luiz XIII de França casou com a infanta Anna d'Austria, demonstrou-se que entre elles havia uma correspondencia maravilhosa em relação ao numero 13. O nome de Luiz de Bourbon, que era o d'elle, contem 13 letras; este principe, quando o casamento foi resolvido, tinha 13 annos, e éra o 13.º rei de França do nome de Luiz.

Anna de Austria tinha tambem 13 letras no seu nome, a sua idade éra de 13 annos, e 13 infantes do mesmo nome havia na casa de Hespanha. Além d'isto ambos elles havião nascido no mesmo mez e no mesmo anno. Numero aziago é este de 13 para muitos, mesmo dos nossos engravatados, que nem que os dourem jantarão á mesa onde estejão 13 convivas, porque um d'elles morreria necessariamente, segundo a sua crença supersticiosa. Devião ser fataes ao esposo de Anna de Austria tantas analogias do numero 13; pois não obstante, se houvermos de acreditar a historia, não influiram ellas nem para a morte, nem para a infelicidade do rei. Morreu de doença na sua cama, devendo, pelas suas temeridades, morrer no cêrco da Rochella, porque ahi se collocou sempre na bateria principal, e mais de 300 balas lhe passaram por cima da cabeça.

# LOGOGRIPHO VII.

Nem só do Egypto nas plantas,
Nem só lá no Senegal,
Tambem frequente m'encontras
No nosso bom Portugal. 1, 2.

Fui grosseiro, fui selvagem,
Fui cruel conquistador,
Mas de porvir do meu sangue
Muitos fazem seu primor. 1, 3.

Nem espiritos, nem genios,
Têem commercio comigo;
É impostura patente,
Se algumas vezes o digo. 2, 1.

Accrescentada uma letra
Eu só respiro ventura,
Se por Deus assim o fôr
N'esta vida e na futura. 2, 3.

Bem que pequeno de corpo,
É tão grande meu valor,
Que amanso bravia féra
D'armadura bem maior. 3, 1.

Fal-o Deus a todo o mundo,
Fal-o a força grande, ingente,
Fal-o o respeito e a astucia,
Governão d'est'arte a gente. 3, 2.

Assim seja em abundancia,
E vinho em copia haverá;
Quando não, grande escacez
A cêpa prometterá.

*João Maria Mergulhão Neves Cabral* (Armamar).

SETEMBRO — 16

**Insolencia castigada.** — A zombaria e o gracejo dão muitas vezes armas para a si mesmos se ferirem. Gracejava um parvo, tomando para thema das suas chufas as orelhas um pouco grandes de certo individuo.

— «É verdade, respondeu-lhe este, tenho as orelhas um pouco grandes para homem; mas tambem haveis de convir que as vossas para asno são pequenas de mais.» —

291 *

**Muquisces.** — É a outra horda de selvagens nómadas, que, como a dos *muquandos*, habita nas montanhas do Dombe, e em todo o espaço, que pela beira mar vai quasi até Mossamedes, e pelo sertão até perto de Quillengues. [1]

Os *muquisces*, com quanto sejão da mesma familia dos *muquandos*, são escravisados, ou mortos, por estes, quando os encontram, e por isso vivem separados, povoando principalmente a beira mar.

Não possuem escravos, nem gado; vestem como os do interior; mas sendo completamente pobres usão de menos missangas do que elles. Untão-se tambem com oleo de *Ómonméqué*, [2] em que deitão uma planta aromatica, lançando por isso um cheiro menos repugnante que os *muquandos*.

De todas as raças de pretos, que habitão esta costa, são estes os mais inoffensivos. De natural estremamente simples, não só não vendem os seus parentes, mas até é raro entre elles o crime de morte. Se algum commette crime, expulsão-no. Andão armados de arcos e frechas, e, com quanto se sirvão d'ellas para ferirem os animaes que perseguem, têem outro modo de caçar: Deitão nas lagôas e nascentes, onde os animaes costumão ir desalterar-se, certa herva, que os mata instantaneamente, apenas bebem a agua. Procedem do mesmo modo para apanhar os peixes, e comem tanto estes como a carne envenenada, sem que lhes faça mal. De cima das rochas, empregando o anzol, e a linha, que tecem da casca de certas arvores, pescão tambem o peixe grosso, como corvinas, pargos, chernes d'extraordinaria grandeza, peixe azeite, e peixe pungo, um dos maiores d'esta costa. Apanhado o peixe, abrem-lhe o ventre; e se vêem que está magro deitão-n'o fóra, pois só comem os gordos, assados, como a carne, na areia quente.

Os paes para os filhos, os maridos para as mulheres, e estas

[1] *A. de* 1863 *p.* 369.
[2] *A. de* 1861 *p.* 322.

para elles, considerão-se com o direito de não trabalhar de fórma alguma, porque dizem que cada um deve supprir-se a si mesmo, e não aproveitar-se do trabalho dos outros. D'este modo são os filhos alimentados até aos 3 annos, quando muito, e d'ahi em diante só comem raizes, ou do que agenceião fazendo pela vida. Uma creança de 7 annos é já, ás vezes, um habil pescador.

Estes selvagens só vivem nas praias durante o tempo da arribação; findo elle, procurão outro rumo. Quando morre algum, os mais, depois de enterrar o cadaver, mudão de domicilio, indo fundar outro, a distancia de uma ou duas milhas. Esta mudança é facil, porque não possue cada um d'elles mais do que uma esteira de junco, um balaio, ou cesto pequeno, uma panella de barro, e alguns nem isso.

De pedacinhos de pau, troncos e ramos, que as enchentes periodicas do rio atirão para o mar, e este depois lança á praia, tecem as mulheres paredes até á altura de 2 ou 3 pés, e é isto, sem outra cobertura que não seja a abobada celeste, o que constitue as habitações dos *muquisces*. Estas habitações são construidas em semi-circulo, e tão pequenas, que dentro d'ellas apenas cabem 4 ou 6 pessoas deitadas.

Se chove durante a noute, procurão o abrigo das lapas, que povoão a costa; e se no dia seguinte continúa o máu tempo, ou começa a estação chuvosa, retirão-se para o interior, afim de dar caça ás zebras e antilopes, que então procurão as planuras das montanhas, convertidas em lindissimos prados.

Os *muquisces* andão muito; a correr são perfeitos galgos. Vivem satisfeitos com a vida errante, e raros são os que se empregão em alguma feitoria d'urzella, ou fazenda agricola.

Livres e independentes, por caracter, não querem humilhar-se nem á propria terra, dizem elles; e é esta a rasão que dão para a não cultivarem, vagando aliás por margens feracissimas.

*D. Leonor de Sousa e Almeida* (Benguella).

**Os invejosos.** — Os invejosos querem antes ser criticados do que dispender louvores.

**Pergaminho vegetal.**—Por um processo muito simples e economico se consegue reduzir o papel ordinario sem colla, a uma especie de pergaminho, que suppre perfeitamente, e até excede para muitos usos, o verdadeiro pergáminho. Esta transformação opéra-se mergulhando o papel, só por alguns minutos, n'um banho na temperatura de + 15, 5°, composto de acido sulfurico diluido em volume igual d'agua; e purificando depois o papel de todo o acido, ou pela immersão em uma solução d'ammoniaco caustico, ou pelas lavagens repetidas em agua fria.

A opinião dos chymicos é, que o acido nenhuma mudança opéra na constituição do papel, mas sim uma nova disposição molecular dos seus elementos.

Eis resumidamente as principaes vantagens que recommendão o papel-pergaminho, segundo as observações de Mr. Hoffmann: 1.° Gosa de uma força de resistencia muito maior do que o papel ordinario, aproximando-se muito do pergaminho animal; tendo sobre este a vantagem de uniformidade de força, pois que o pergaminho ordinario, pela differença do modo de preparação, offerece muita desigualdade em sua espessura. 2.° Excede muito o pergaminho animal na resistencia que oppõe á maior parte dos agentes chymicos que atacão este; não se altera em contacto com a agua, nem mesmo em ebulição; em quanto que o pergaminho ordinario se altera com a prolongada humidade, ou immergido na agua, e se dissolve em gelatina pela ebulição.

Pelas bellas qualidades que ficão ponderadas, é certo que á grande vantagem de barateza sobre o pergaminho ordinario, que é bastante cáro, accresce que o papel-pergaminho é ainda preferivel para muitos usos industriaes, e officiaes, de impressão, escripta, desenho, etc. Assim, recommenda-se principalmente, para a confecção de muitos actos publicos e particulares, diplomas, planos e desenhos de engenharia, encadernações de livros, etc. Nos usos domesticos é muito apro-

veitavel para a cobertura de vasos e frascos onde se guardão conservas, compotas, etc. e para aquecer as viandas, e outros artigos culinarios, abanho-maria, formando-se saccos ou involtorios grudados com clara d'ovo. Nos laboratorios chymicos, presta-se vantajosamente para cobrir as latas e união de apparelhos, de tubos, etc., porque, como fica dito, o papel-pergaminho resiste á acção de quasi todos os liquidos e agentes chymicos.

*Candido Joaquim Xavier Cordeiro* (Coimbra).

SETEMBRO — 19

## CHARADA XXIV.

Da vida humana exemplar modêlo,...2
Onde o nada existir é que eu existo...1
Com laço perennal unio dois mundos,
Exemplo raro de valor não visto.

*Novo charadista* (Porto).

SETEMBRO — 20

**Modêlo epistolar.** — Possui, e creio que ainda alguem da minha familia conserva, uma carta autographa, que acompanhou um presente de coelhos, concebida nos termos seguintes:

Ex.mo Sr.

«Remetto-lhe esses *volates*, não é por V. Ex.a ser me«recedor, mas porque esta terra é muito fertil em caça; elles «morreram na bocca da minha espingarda, sorte que todos «nós havemos de ter.

«Alleluia! alleluia é o que lhe póde offerecer o meu deploravel desejo.

Sou etc.»

Garanto a veracidade. *A. de M.*

**Moralidade chineza.**—O imperador Tsi n'um impeto de arrebatamento e colera, quiz um dia matar pela sua propria mão um escudeiro, a cuja negligencia havia attribuido a morte do seu cavallo favorito.

Metteu-se de permeio o mandarim Yentese, que aparando o golpe, e pedindo ao imperador que o escutasse, disse-lhe:

—Senhor, este homem ainda não está convencido dos crimes porque deve receber a morte.

—Pois bem, então convence-o.



—Escuta, scelerado, os crimes que commetteste: deixaste morrer um cavallo, que o imperador havia entregue ao teu cuidado; fizeste depois com que um principe se possuisse de tamanha colera, que quizesse matar-te pelas suas mãos; por ultimo foste causa de que elle estivesse a ponto de se deshonrar aos olhos do mundo, querendo matar um homem porque lhe morreu um cavallo! És culpado de tudo isto.

—Que o deixem sair, diz o imperador embainhando a espada. Perdôo-lhe o crime.

**Homem de sizo.** — Porque não mandais gravar o vosso escudo d'armas nas vossas carroagens? Perguntou-se a um homem muito espirituoso, que de simples advogado veio a ser conde e ministro.

— Porquê? Porque as minhas carroagens são mais antigas do que a minha nobreza.

**O cura da aldeia.**—Quasi todo o governo moral das aldeias está concentrado no cura, escreve Timon. Só o cura é o professor de moral; só elle guarda as suas ovelhas na mais santa liberdade, com o mais amplo poder: não as deixa nem um instante, desde o berço até á sepultura, na missa, no pulpito, no confessionario, no casamento e na morte. É senhor e director; possue-lhe os segredos, os prazeres, as penas, as incredulidades, os suspiros, e os terrores. O dogma, a penitencia, a absolvição, a vida e costumes, os bons e máus desejos, affeições, os odios, as vinganças, as fraquezas e os arrependimentos, tudo corre por sua conta; tudo vê, tudo ouve, tudo sabe; atemorisa as consciencias, mas reanima-as; fére, mas consóla. Para elle não ha choupana muito humilde, nem homem muito pobre, nem chagas muito putridas, nem molestias muito contagiosas, nem distancia muito longa, nem frio, nem calor, nem deshoras, nem porta fechada, nem coração reservado, nem sexo, idade, ou estado, com quem a todos os instantes não possa falar, e não fale. Nascido, commummente, na choça do povo, amamentado e educado como elle e com elle, conhece melhor que os grandes do mundo, as necessidades do povo, os seus interesses e propensões, os seus costumes e preconceitos, as suas faltas e boas qualidades, os seus vicios e virtudes. Sabe melhor os remedios de que precisa, as palavras que se lhe devem dizer, as feridas da alma e do corpo que se lhe devem sondar. Têem-se visto pobres morrer de fome á porta dos ricos; mas á porta do cura, nenhum, se têem força para puchar o cordão da campainha.



# DIZE!

Dize se quando a meiga lua adoras,
Nas brandas noutes d'inspirado sonho,
Não sentes n'alma n'essas breves horas,
Que os anjos buscão teu olhar risonho?

Dize se quando a perfumada aragem
Perpassa leve pelo teu cabello,
Não sentes n'alma que uma doce imagem
Em ti se inspira do mais puro anhelo?

Depois em sonhos, palpitante o seio,
Sonhos de rosas, da mais linda flôr,
Dize se ainda n'esse doce enleio
N'um céu não vives d'inspirado amor?

Dize se ainda quando o mar suspira,
E tu vagueias na extensão da praia,
Os sons não sentes d'amorosa lyra,
Na mansa vaga, que a teus pés desmaia?

Se a estrella fitas nos umbraes divinos,
Candida pomba, que aspirais aos céus,
Tua alma presa d'inspirados hymnos
Dize se sentes elevar-se a Deus?

Dize se sentes o que o lyrio fala
Quando te inveja o divinal palôr?
Dize se ao fogo que de ti se exhala
Tudo na vida te não diz — amor?! —

*Guilherme Chaves* (Santarem).

## SETEMBRO — 24

**A lingua do riso.** — Houve já quem pretendesse que o som das cinco vogaes era a lingua do riso, porque o homem ria em A, a mulher em E, a devota em I, o camponez em O, e a velha em U.

Uma idéa um pouco semelhante encontra-se em uma brochura publicada em Orleans em 1662 pelo abbade Damasceno, astrologo italiano. Pelo seu methodo, um médico depois de haver tomado o pulso ao doente, deve fazel-o rir para lhe conhecer o temperamento. Se elle rir em A, o doente é um fleugmatico, e como tal deve ser tratado; se em E, um billioso; se em I um melancholico; e se em O um sanguineo.

O peior é que o doutor nem sempre estará de bom humor para facécias, nem o doente disposto a rir, por salgadas que ellas sejão.

## SETEMBRO — 25

**Recheio de avestruzes.**—Já n'um dos precedentes *Almanachs* citámos a resposta dada por Ferrouck Khan a alguem que lhe falava no estabelecimento de vias ferreas na Persia; talvez se julgasse haver grande exageração n'aquelle dito, e por isso apresentaremos o resultado de duas autopsias feitas em estomagos de avestruzes, mortos accidentalmente.

No ventriculo succinturiado de um d'elles, acharam-se, afóra grande quantidade de cevada e herva, e de uns dous kilogrammas de pedras, o que não admira pois encontrão-se no apparelho digestivo de todas essas aves, os seguintes objectos: tres cachimbos de barro, inteiros, mas esverdeados; uma faca com 2 decimetros de comprido, e cabo de cobre; 25 botões de cobre; uma moéda de meio franco; outenta e duas moedinhas de cobre, mais ou menos gastas; pedaços de cadeias de relogio, e outros objectos metallicos; seis nozes grandes e inteiras; varios bocados de uma bengala de espinheiro, e cousa de um decimetro de arame de ferro.

Em outro se achára obra de 3 kilogrammas e meio de trapos, estopa e areia; 3 cunhas de ferro, que pesavão 280 grammas; 18 moédas inglezas, pesando 108 grammas: uma charneira de cobre com 36 grammas de peso; 2 chaves de ferro; 20 prégos, ou fragmentos de prégo, de ferro; 17 prégos de cobre; 24 objectos reunidos metallicos, taes como botões, pedaços de badalos de campainhas, etc.; 26 bocados de ferro muito ferrugento; uma bala de chumbo; 12 pedras; 26 contas de vidro, e outras cousas semelhantes.

Peso total dos objectos contidos no estomago d'este ultimo, e não digeriveis: 4 kil. e 278 grammas!

## SETEMBRO — 26

**Combustão espontanea.**—É vulgar dizer-se em poesia arder no proprio fogo; e os que deitão esta phrase á conta das liberdades poeticas não sabem de certo que se póde arder em fogo, como que sahido de nós e em nós formado, arder de dentro para fóra, e que este facto, conhecido em medicina pelo nome de combustão espontanea, tem-se realisado mais de uma vez nas pessoas dadas a excessos alcoholicos.

Para que se faça uma idéa do phenomeno, contaremos um caso que publíca o *Jornal de medicina* de Pariz no tomo 59.°—A mulher Boisseau octogenaria, que não bebia, havia muito, senão aguardente, kirchs, e outros licores fortes, estava sentada na sua poltrona, quando a creada que fôra a um recado viu-a ao recolher toda em chammas.

Gritou por soccorro, e acudiram varias pessôas; houve quem pretendesse apagar as labaredas pondo-lhe as mãos; mas estas entraram a deitar chammas como se as tivessem molhado em agoardente. Trouxerão baldes d'agua, deitarão-na em abundancia sobre o corpo incandescente; mas, longe de se apagarem, as chammas cada vez ateavão mais. Finalmente, apesar de todos os esforços dos circunstantes, as chammas apagaram-se sómente depois da carbonisação completa das par-

tes gordas. O esqueleto ennegrecido conservou-se inteiro na poltrona, chamuscada pelo fogo Quando quizerão tocar no cadaver, as mãos e os pés destacaram-se do tronco.

Escusado é notar que estes casos são muito raros; como castigo do céu forão considerados alguns, e como combustão espontanea quer alguem explicar a prodigiosa morte de Coré, Dathan e Abiron.

Seja como quer que fôr, a combustão espontanea é hoje um facto verificado em medicina, e nenhum homem instruido recorre já á intervenção do demonio, para motivar o phenomeno de haver quem deite chammas pela bocca.

*Rodrigo Paganino.*

SETEMBRO — 27

## ENIGMA

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Digas | Sabes, | Diz | Sabe, | Diz | Convem. |
| Faças | Podes, | Faz | Póde, | Faz | Deve. |
| Creias | Ouves, | Crê | Ouve, | Crê | Convem. |
| Julgues | Vês, | Julga | Vê, | Julga | Deve. |
| Gastes | Tens, | Gasta | Tem, | Gasta | Póde. |
| Não | tudo o que | porque o que | tudo o que | muitas vezes | o que não |

*B. A. R.* (Hespanha).

**Originalidade de um jurisconsulto.** — Carlos Dumoulin, jurisconsulto do século XVI, célebre não menos pelas suas obras, que pelas perseguições que soffreu, era um homem tão amigo da verdade, e de tanta franqueza, que muitas vezes, interrompendo a dissertação em que trabalhava, escrevia:

«Aqui minha mulher vem advertir-me de que não tem dinheiro para o governo da casa. Vou ao tribunal responponder a algumas consultas, e trarei o sufficiente para alguns dias... Fui, e continúo a minha dissertação.»

**Padaria e theatro de Pompeia.**—É raro o dia em que nas excavações a que se procede em Pompeia se não encontrem, pelo menos, objectos de grande valor. Entre varios edificios inteiros, que se têem achado ultimamente, cita-se uma padaria com seu forno, ainda fechado por uma portasinha de ferro com duas pégas, e contendo 82 pães, differentes apenas na côr e no peso do que erão quando ha cêrca de 1800 annos forão enfornados. São circulares, achatados, muito duros e leves, deprimidos no meio, de côr escura, e divididos em 8 partes iguaes por linhas irradiando do centro para a circumferencia, e têem uns 20 centimetros de diametro.

Mal imaginava o pobre padeiro que só passados 18 seculos sahiria aquella fornada.

Pelo mesmo tempo se desentulhou um theatrinho em occasião em que chegava áquelles sitios uma d'essas caravanas de actores que vagueião por este mundo de Christo. Aproveitou-se o maestro director das circumstancias, e publicou o seguinte annuncio:

«Depois de haver estado fechado por 1800 annos, reabrir-se-ha no domingo o theatro de Pompeia, com a *Filha do Regimento*. Confiado nas excelsas virtudes e amor ás artes das classes alta e média, ouso esperar que me dispensarão a mesma protecção com que patrocinaram o meu predecessor, o sr. Quinto Marcio, para o que procurarei concorrer, esforçando-me por imitar o apuradissimo gosto d'aquelle emprezario.»

**Quem come engole.** — O cardeal Carpegna, que passava por grande comilão, queixou-se um dia a Innocencio IX das satyras que contra elle se estavam publicando diariamente. S. Santidade respondeu-lhe:

— Não tendes de que queixar-vos. Quem come, é forçoso que tambem engula.

**Coragem civica.** — Em Lublin, fusilaram sem formação de processo Casimiro Bagdanswich, um dos chefes mais intrepidos do ultimo movimento nacional polaco.

Quando este martyr da liberdade chegava á praça onde devia ser fusilado, aproximou-se d'elle o general commandante de Lublin e disse-lhe:

— Sois ainda muito moço, implorai o perdão.

— Sim, general, respondeu o mancebo, sou moço, mas é já velha a causa que defendo.

— Vossa mãe vive ainda?

— Minha mãi envergonhar-se-hia se eu pedisse aos russos que me perdoassem. Peço-vos que não zombeis comigo n'estas circumstancias. O vosso dever era fusilar-me ás seis horas, e são já seis e dez minutos.

Momentos depois, o valoroso mancebo era um cadaver.

Era assin que João Pinto Ribeiro responderia aos seus inimigos, se, vendo malograda a sua tentativa pela liberdade da patria em 1640, o houvessem colhido ás mãos, e condemnado á morte.

## CHARADA XXV.

É a mim que a vida deves,
A mim que deves o *ser*.
Sendo-me tão obrigado,
Andando sempre a teu lado,
Nem siquer me pódes ver?!.. 1

Quem é que por mim passeia,
Inda mesmo uma só vez,
E não diz maravilhado!
Este solo abençoado
É o jardim portuguez!... 2

Foi no reino principal,
Da natureza chamado,
Que nasci; e hoje morto,
Pelas damas sou amado.

*F. E. M. Sampaio e Matos*

● **Lynce.** — Os antigos dizião maravilhas d'este animal, attribuindo-lhe não só a faculdade de ver a través dos muros, mas ainda a virtude de produzir pedras preciosas. Plinio, por exemplo, diz-nos com a maio seriedade do mundo que a ourina do lynce se transforma em ambar, em rubins, e em carbunculos; e ajunta que por um sentimento de ciume tem este avaro animal o cuidado de nos esconder estas riquezas, cobrindo de terra as suas evacuações. Se elle assim não fosse, que baratas que havião de ser as pedras preciosas!



Os modernos naturalistas têem destruido todo este castello de cartas; mas os rhetoricos ainda nas suas comparações dão aos olhos do lynce uma penetração quasi fabulosa. Nem isto se he póde rasoavelmente conceder. O lynce dos naturalistas, que não é o lynce dos antigos, nem o dos rhetoricos, é simplesmente um animal d'olhos brilhantes e de aspecto agradavel, pertencente á raça felina, do tamanho d'uma raposa, que passa a sua vida a dar caça ás aves, ás martas, aos esquilos, e com a agilidade de os perseguir até ao cimo das arvores.

O mais que sobre este animal, que a nossa estampa representa, se podia ainda dizer, póde ver-se no Almanach de 1860 pag. 229.

OUTUBRO — 1

**As féras em Roma.**— O regente D. Pedro, depois D. Pedro II, enviou de presente a Luiz XIV um ele-

phante de 4 annos, que morreu em Versailles em 1681. Este animal consumia por dia 80 arrateis de pão, 6 canadas de vinho, e 2 grandes baldes de sôpa, ora de pão, ora de arroz, sem contar o que lhe davão os visitantes. O rhinoceronte, que em 1739 foi mandado de Bengalla para Londres, e que não tinha mais de 2 annos, comia por dia 7 arrateis de arroz misturado com 3 arrateis de assucar, afóra grande quantidade de feno e lavagens. A despeza que



com elle se fez de Bengalla para Londres, subio a perto de 1.000 libras sterling.

Agora calcule-se o que não custaria á antiga Roma a paixão dos animaes ferozes! Para uso dos seus espectaculos, diz um sábio, tirou ella da Lybia cincoenta vezes mais leões, do que aquelles que para o mesmo fim podião hoje ser encontrados. Para taes espectaculos enviou-lhe o edil Scauro 150 panthéras, e Pompeo mais de quatrocentas, no que ainda foi inferior a Augusto, que teve de mais a mais a gloria de ser o primeiro que aos romanos agglomerados no circo, mostrou as sanhas de um tigre. No reinado dos imperadores que se seguiram a Augusto, a profusão das féras subio

ainda de ponto, de modo que bem póde dizer-se que não só devoravão ellas o sangue do povo, senão que tambem a subsistencia das provincias.

### OUTUBRO — 2

## MOTE

*O passado já lá vai.*

### GLOSA

Entreguei ao meu creado
Dadiva de dous amigos:
Dous bellos, famosos figos,
Sendo um verde, outro passado.
Estava mui descançado
Contando com elles; ai!
Que com esta o mono sai,
Quando depois lh'os pedi!
— O figo verde, eil-o aqui;
*O passado já lá vai.*

*Gastão da Fonseca.*

### OUTUBRO — 3

**D. Sebastião.**— Segundo refere Lourenço Pires de Tavora, D. Sebastião aos dezaseis annos de idade, quiz provar-se nas armas, e entrou em torneios; porém não tendo com quem aprendesse, por si mesmo se apurou, mostrando grande vigor e arte, e alentos infatigaveis, a ponto de supportar o peso da armadura tres e quatro horas, correndo muitas lanças.

D'estes dotes, e da robustez adquirida, procedeu a ufania do mancebo; e como as montarias e caçadas lhe davão uma idéa, ainda que remota, do conflicto dos combates, por isso buscava com mais gosto as coutadas de Almeirim e de Salvaterra, do que as salas e os recreios da côrte, aonde o aguardava o despacho dos negocios, e a presença dos ministros.

A inclinação que o desassocegava, nem diante das cinzas dos mortos sabia conter-se.

Chegando a Alcobaça de caminho para Coimbra, porque a inquietação do espirito não o deixava permanecer no mesmo lugar por muito tempo, mandou abrir as sepulturas, aonde descançavão os ossos de Affonso II e de Affonso III. A sua admiração voltou-se toda para os restos do conde de Bolonha, que, bem conservados, apesar dos séculos, representavão ainda a elevada estatura do guerreiro, que fôra, juntando por conquista o Algarve á corôa de Portugal.

Como lhe dissessem que o sepulchro de Pedro I se não podia abrir sem quebra dos ricos lavores, que o ornavão, retratou a alma e as idéas na resposta.—«Deixem-no, acudiu, «não lhe toquem, porque nem n'elle, nem no outro (e apon-«tou para Affonso II) ha que vêr, ou de que tirar o exem-«plo; pois, além de nenhum accrescentar por armas ao rei-«no um palmo de terra, um com amar mulheres, e outro «com as perseguir, derão assaz de trabalho, e deixaram pou-«co que imitar a seus successores.»—

Alludia aos tragicos amores de D. Pedro e de D. Ignez de Castro, e ás perseguições de Affonso II a suas irmãs D. Thereza e D. Sancha. Um religioso, que assistia a esta scena theatral, e que naturalmente estava magoado de ver profanar por actos e palavras os restos d'aquelles que já tinhão respondido perante a justiça de Deus e o juizo da historia, não foi senhor da sua indignação; e, virando-se para o rei com a nobre liberdade, de quem acima de todos os favores préza a verdade, exclamou com severa tristeza:—«Se «estes principes, disse elle, vos não deixaram exemplo de «conquistar o alheio, ensinaram-vos como havieis de con-«servar o reino proprio; e se tomasseis a doutrina do seu «governo não andaria tudo tão alterado, nem vós os virieis «inquietar e affrontar á sepultura, aonde repousão ha tantos «annos. Deus vos dê muitos de vida, e vos conceda nome «e sepultura tão honrada como qualquer d'estas, que não «librareis mal!»—

Offendeu-se D. Sebastião com a censura publica, e mais talvez por conhecer que a merecêra. O cardeal por lhe agra-

dar, e fiel ao seu papel de cortezão, não se esqueceu de reprehender e castigar o frade, cujo êrro fôra declarar alto, o que elle e todos dizião nas costas do monarcha.

No mosteiro da batalha repetio-se o mesmo espectaculo com o tumulo de D. João II. Achando-se o corpo inteiro, e ainda veneravel pelas feições e pela figura, levou o principe a curiosidade indiscreta e juvenil ao extremo de o mandar levantar em pé, de lhe metter na mão a propria espada, e de dizer ao duque do Aveiro, D. Jorge de Lencastre, que beijasse a mão a seu bisavô.

É de crer que as cinzas do filho de Affonso V devessem este singular testimunho de respeito, mais ás cavallarias de Africa e ás proezas de Tóro, do que á vontade firme e imperiosa, com que emmudeceu diante do seu poder o orgulho, e as prepotencias da nobreza conjurada. Para o neto de D. João III as victorias, que transformão as instituições, não tinhão sentido; o que o deslumbrava era o estrépito dos combates, e as acclamações de triumpho sobre um campo de batalha.

*L. A. Rebello da Silva.*

## OUTUBRO — 4

**A embriaguez entre os antigos.**—A embriaguez é nas nações modernas um vicio muito mais facil e mais prejudicial do que na antiguidade; e a razão é porque os povos antigos não conheceram a arte da distillação. (*A.* de 1863, p. 122) Um hectolitro de vinho, que entre os romanos, no principio do imperio, valia de 12 a 36 mil réis, podia apenas embriagar 30 pessoas, em quanto que hoje um hectolitro de aguardente, que custa de 9 a 12$000 rs. basta para embriagar quatrocentas.

Um lavrador romano não podia embriagar-se sem consumir o producto de tres dias de trabalho; hoje um dos nossos camponezes póde conseguil-o, sacrificando apenas o ganho de 2 horas.

## OUTUBRO — 5

**As formigas em Guiné.** — Entre as differentes especies de formigas, que se contão n'esta parte da Africa, distinguem-se as 2 seguintes: A formiga a que os naturaes chamão *correcção*, e a *baga-baga.*

As formigas da primeira especie são pequeninas; mas reunem-se umas ás outras de tal modo, que formam um todo cylindrico, da grossura d'um braço regular, e de não menos de 30 centimetros de comprido. N'esta disposição, introduzem-se nas casas, e causão um incommodo extraordinario; pois assim que chegão a alguma, espalhão-se por toda ella, de modo que é forçoso abandonal-a, sahindo as pessoas que a habitão.

A *baga-baga* é uma formiga maior que as ordinarias; faz suas casas de terra, e em figura de cones, que ás vezes excedem a altura de um metro. Estas habitações, aonde vivem em républica, semelhantes ás nossas abelhas, são tão solidas, que custão a destruir com picareta; e de tal modo construidas, que cada uma tem sua entrada, e estas todas conduzem a um centro commum onde habita o *rei da baga-baga.*

Não fazem mal algum; pelo contrario são perseguidas pela *correcção*, que chega aos cones e dispõe o ataque, como se tivesse d'assaltar alguma fortaleza. Custa-lhes, mas a final arrasão o castello, e matão até ao ultimo de seus moradores.

*Joaquim Maria Soeiro de Brito* (Santarem).

## OUTUBRO — 6

**Oração funebre.** — Perguntou-se um dia a Voltaire como elle havia achado certa oração funebre a que tinha assistido: — Como a espada de Carlos Magno, respondeu o satyrico. Como ninguem entendeu a allusão, accrescentou — *comprida e chata.*

## OUTUBRO — 7

# O MEU ANNEL

Dizes tu, prestante amiga,
Que é costume, e moda antiga,
Que ninguem ha que não siga,
Todo o annel na esquerda andar.
Mas não sou eu d'esse aviso,
E direi que é prejuizo,
Se não é de pouco sizo
Costume tão singular.

Este annel, que vês tão bello,
Do teu flexivel cabello
Tecido, é só p'ra vel'o
Que foi feito? oh! isso não.
Trago-o aqui na dextra, e vejo,
Que em frenetico desejo
Melhor posso dar-lhe um beijo,
E apertal-o ao coração.

*Manoel Ferreira da Portella* (Aguim).

## OUTUBRO — 8

**Leite de burra.**—O leite de burra só é applicado na Europa desde o século XVI. Achava-se Frederico I, rei de França, muito fraco, e muito doente, sem que os médicos podessem atinar-lhe com o padecimento. Falou-se ao rei de um judeu de Constantinopla que tinha a reputação de ser um médico habil, e Francisco I escreveu ao seu embaixador na Turquia para que fizesse vir o doutor israelita a Pariz, custasse o que custasse. O judeu veio, e a unica cousa que receitou foi o leite de burra. O remedio restituio a saude ao monarcha, os cortezãos dos dois sexos usaram-no em circumstancias identicas, e dentro em poucos annos generalisou-se nas differentes nações da Europa.

## OUTUBRO — 9

**Habitantes da Lua e dos planetas.** — As observações feitas modernamente com telescopios de grande amplificação têem mostrado evidentemente que a Lua não é habitavel por seres semelhantes aos que povoão a terra.

Effectivamente, não se percebem alli vestigios do ar e da

agua, elementos essenciaes á vida no nosso globo. Não existem mares, rios e lagos; não se formam nuvens; não se produzem phenomenos meteorologicos. As organisações animal e vegetal não podem pois desenvolver-se na Lua; e de facto em nenhum dos seus pontos visiveis se têem observado: nem as manchas que accusarião a existencia dos rebanhos de animaes, nem a côr propria da vegetação, que o terreno deveria apresentar, pelo menos em certas epochas do anno. Em toda a parte e sempre, uma côr terrosa, aridez, e aspecto sombrio.

Não acontece porém o mesmo nos planetas Marte e Jupiter. Os indicios d'agua, de evaporação, de athmosphera, e de ventos regulares analogos aos *alisados* das zonas tropicaes, são ahi bem manifestos; tem-se mesmo observado a formação de tempestades á superficie d'aquelles globos. Em Marte, mais nosso visinho, vêem-se formar os gêlos polares, os paizes para que começa o inverno cobrirem-se de geada, e ao mesmo tempo no outro polo observa-se a fusão das neves, e a diminuição successiva da cupula de gêlo que o cobria. O nosso globo, visto de Marte, offereceria exactamente o mesmo aspecto, e phenomenos analogos.

Marte e Jupiter são, pois, planetas habitaveis, e provavelmente habitados, porque nada justificaria o privilegio concedido á Terra.

*Candido Celestino Xavier Cordeiro.*

OUTUBRO — 10

# CHARADA XXVI.

Se n'esta primeira és destro... 2
Podes est'outra matar... 2
E se as pilhas, têem por sorte
Irem ao todo parar.

Não digo que seja facil;
Tambem não é complicada;
Veremos se ella será
Por todos adivinhada.

*Manoel Augusto da Conceição* (Figueira da Foz).

**Temperança.** — Conta-se que o imperador Rodolpho na guerra que teve com Ottocaro, rei da Bohemia, recusou, estando a arder em sêde, um vaso de cerveja que lhe foi apresentado, por isso que não chegava para mitigar a de todo o exercito. Catão, o moço, fez mais: atravessando com as suas tropas o deserto da Lybia, derramou no chão uma pouca d'agua que um soldado lhe offereceu n'um capacete, visto que os mais não tinhão com que matar a sêde, que a todos abrazava. São exemplos de temperança, virtude irmã-da frugalidade, a que muitos dos eremitas e christãos dos primeiros seculos da igreja devem as dilatadas vidas, que viveram no mundo [1].



A temperança é recommendada pelos quakers; e os registos da sociedade mostrão que nas familias d'estes religionarios, onde á risca se cumprem as maximas da sua crença, a metade das crianças nascidas chegão a 40 annos de idade, quando em Londres de um numero igual só a me-

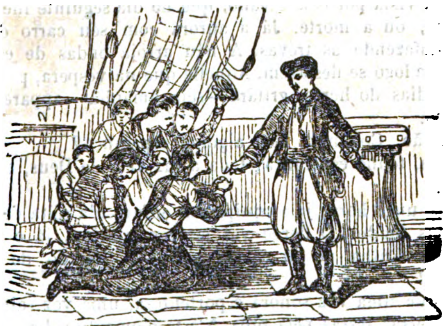
[1] S. Paulo, 1.° eremita, viveu 115 annos; S. Maclon, ou Malo, bispo de Alteth, 130; S. Alferio, abbade de Cova, no reino de Napoles, 120.

tade vive no fim de um anno. São os resultados d'uma vida regular, sóbria, e virtuosa.

Os antigos figuravão a temperança na imagem de uma matrona, honestamente vestida, com um freio na mão direita, e junto de si um elephante, o mais sobrio d'entre os animaes.

## OUTUBRO — 12

**Colombo no oceano.**—Já são passados dous mezes, e a náu de Colombo, prêsa das vagas, corta as aguas do oceano. O herôe tem fé na sua estrella; tem confiança em Deus... Sobre o tombadilho do seu navio passeia seguro, e descuidoso, embalado pelo mugir das ondas, e crente que no livro das idades o futuro lhe estampará o nome! Até então repudiado dos homens, despresado pelos reis, vai por fim dar a Castella e a Aragão um outro mundo: vai dar ás artes um novo lustre, á civilisação uma nova veia, á sciencia novos mananciaes... Oh! como é grande o herôe n'este momento... Mas ronca o trovão, os relampagos fuzilão, o raio serpêa, as vagas encapellão-se, dividem-se, e a náu vai com seu bojo devassar os profundos antros neptuninos. O terror apossa-se da equipagem, e logo cede para dar lugar a vinganças mesquinhas. Ouvem-se gritos, rumor de vozes; a furia guia os



passos de uma multidão desesperada, que, não crendo no homem, descrê agora de Deus. O rumor recresce, está Colombo cercado, e já as espadas lhe brilhão em torno.

É em vão que elle brada: — Companheiros...

— Não, não são teus companheiros aquelles que arrastaste a uma morte certa, miseravel!

— Porém um dia ao menos! esperai um dia!

— Não, tu não te compadeceste de nós, não temeste sacrificar-nos todos para procurar uma terra imaginaria, não! para ti não haverá compaixão.

— Porém se ámanhã ao romper d'aurora vos mostrar uma praia salvadora, objecto dos nossos trabalhos, e dos nossos soffrimentos?...

— Seja, bradou uma voz; seja ámanhã.

O sol, fugindo para além do occidente, deixa a Colombo a sós comsigo; as sombras da noite não lhe permittem estender a vista por esse oceano, que no dia seguinte lhe daria a gloria, ou a morte. Já a aurora com seu carro de luz vem desfazendo as trevas. A náu arroja ondas de escuma que para logo se desfazem. Aquelle que na vespera, para salvar os dias do herói, gritára — seja ámanhã — apparece-lhe de novo.

— Então, Colombo, tem alguma esperança?

— Sim, tenho esperança; toda a luz vem de Deus, e n'elle espero.

Passa uma hora; já a equipagem enfurecida sólta de novo horriveis brados. O heroe vai morrer, ajoelha, já o gladio assassino brilha no ar, para privar o mundo de outro mundo!!

Eis que uma voz sonora e portentosa, uma voz salvadora grita — terra! terra! pela prôa. N'este momento solemne, dir-se-hia a voz de Deus. A equipagem cahe aos pés de Colombo, ergue as mãos para os céus, e levanta reconhecida um hymno de graças.

N'este dia, 12 de outubro de 1492, ficava a America descoberta. *Francisco Ignacio Pereira* (Fayalense, Brazil).

OUTUBRO — 13

**Effeitos do café.**— Com quanto prophetisasse madame de Sévigné que não duraria por largo tempo a *moda* de se beber café, não só se não realisou o vaticinio, mas até se acha provado, por muitos exemplos, que é excellente medicamento para varias doenças, e que prolonga, por diversos meios, a duração da existencia.

É principalmente de sôpas de café que se alimentão os mineiros de Charleroi, que, apesar de terem um trabalho insano, e de passarem bôa metade da vida nas entranhas da terra, se apresentão cheios de vida e robustissimos. Outro tanto acontece com os tecelões de Riesen Berg, na Bohemia, que, por falta de alimentos sufficientes forão enfraquecendo e degenerando até certo tempo, e que se regeneraram completamente depois que, por ordem dos médicos, principiaram a usar de café. Deu origem esse acto á suppressão dos pesados direitos que antigamente oneravão a importação do café n'aquelle districto. Analogos resultados colheu o governo francez, da introducção do café nas rações dos soldados e marinheiros francezes, mórmente nas d'aquelles que andaram pelos desertos d'Africa, e nas campanhas da Criméa, Italia, e China.

Eis um dos poucos casos em que a medicina se harmonisa com o paladar. É aproveitar.

OUTUBRO — 14

**Bom artista e soffrivel poéta.**— O que se lê no *Almanach de Lembranças* de 1861 a folhas 250, sob a epigraphe «Mau alfaiate e bom poéta» suscitou-me o desejo de vos enviar a seguinte noticia.

Conheci na freguezia de S. Romão, concelho da Maia, um tamanqueiro sexagenario que mal sabia ler e escrever. A Providencia porém fadára-o com o condão de poéta improvisador. Ouvi-lhe diversas vezes improvisar décimas em que

notei sempre muita certeza no rythmo, e certa cadencia ou melopéa, que satisfazia o ouvido, ainda o mais exigente e severo. Entre muitas décimas lembra-me a que fez ao seguinte mote, mote que eu mesmo lhe dei:

*O negro manto da morte.*

Tive um sonho bem fatal,
Triste scena era a do quadro!
Vi, que se abria no adro
Uma lousa sepulchral.
Os sinos davão signal;
Tornou-se-me a dôr mais forte
Ao ver a minha consorte
Prostrada na terra fria,
E sobre a face a cobria
*O negro manto da morte.*

A consorte vive ainda, mas o pobre poéta é que já não pertence ao mundo dos vivos. Eu, e os mais que o conheceram, lamentámos sempre que lhe faltasse a instrucção, que, junta á inclinação e ao genio, facearia a pedra preciosa, occulta, como o brilhante no seio da terra.

São vulgares na Maia muitas décimas do mesmo poéta, algumas de bastante merecimento.

O nosso tamanqueiro tinha uma particularidade que o tornava mais recommendavel do que o alfaiate da Praia da Victoria: — era um perfeito e excellente artista no seu genero.

*Augusto Cesar da Cunha Menezes.*

## OUTUBRO — 15

**Não é fabula é historia.**— José da Silva Robaca, viuvo, de cêrca de 60 annos, é um homem simples, sympathico, esperto, que vive, ou vivia ainda ha poucos annos, em Condeixa, no districto de Coimbra, e que exerceu

em tempo a profissão de ferreiro. Digo em tempo, porque o Robaca (por bem fazer mal haver!) é cégo de um olho, defeito que lhe resultou de uma desordem, a que foi accudir. Isto fêl-o soffrer muito, esteve á morte, e o trabalhar pelo officio é-lhe hoje prejudicial.

Dada esta explicação, que me pareceu necessaria para que uns não julgassem o bom homem valetudinario, e outros indolente, attendendo á idade, que ainda não é demasiada, e outros talvez assoberbado, dedignando-se da humildade de um mister, que elle honrou em quanto o exerceu, vamos ao que mais importa.

O Robaca, se tivesse sido creado entre o faiscar dos sabres, ou a sina o houvesse empurrado para a carreira das armas, seria um soldado ás direitas. A luta da feira, aonde perdeu um olho, dá testemunho da sua audacia, senão da sua temeridade. Se tivesse nascido nas alcatifas de um palacio, seria um cortezão, como pelos seus instinctos, e pelas suas paixões seria um poéta, ou um philosopho, como Rousseau, se a fortuna, que lhe negou os meios de instruir-se, o houvera bafejado.

Vamos á prova.

Ha muita gente que escarnece das calças de canudo, do chapéu desgracioso da moda, do collete curto, da casaca esguia de pano preto, dos botões pequenos, das botas, em summa de tudo o que hoje constitue o vestuario do tempo; mas que não tem coragem para arrostar com o uso.

O Robaca tem; e nos dias solemnes, quando deixa a sua jaqueta, nunca o vereis senão de calção e meia, casaca do século XVIII, collete de portinholas, e chapéu armado.

Em quinta feira santa, o calção é côr de mel, o collete branco, branco o lenço do pescoço, as meias côr de carne, os sapatos de fivellas ornadas de pedras.

Em sexta feira de paixão, a casaca, o collete, o lenço, os calções, as meias, é tudo preto; e em vez de fivellas de pedras, tanto no calção como nos sapatos, usa laços de fita.

Nos domingos, e n'outros dias santificados, o traje varía

para calça de meia, bota de canhão por cima da calça, jaqueta de veludilho, e chapéu de palha, apertado com uma fita.

Ha aqui a polpa de um cortezão, ou de um pobre ferreiro da provincia? De cortezão, me parece.

Vejamol-o no seu *oásis*, no retiro encantado, onde elle passa horas e horas esquecido do mundo, e curtindo saudades de um filho que a morte lhe arrebatou no vigor dos annos. Na baixa de Condeixa, d'essa terra onde o susurro das aguas se confunde com o aroma de flôr de larangeira, ha um sitio que parece fadado para os que buscão na solidão as doçuras que a sociedade lhes nega. É Condeixinha. Ahi, n'uma pequena eminencia, que as aves festejão com os seus cantos, as arvores sombreiam com os seus ramos, e as cascatas alegrão com a sua quéda, tem o nosso homem um pequeno jardim, pequeno, mas lindo. O jardim do Robaca não é um parallelogrammo cortado de taboleiros, alinhados em ordem de batalha, ou vestidos de pyramides de buxo, segundo a moda do século XVIII. Isso demanda dinheiro, que o nosso homem não tem; isso é monotono; isso seria uma copia, e a originalidade é a feição que mais se lhe imprimio. O jardim do Robaca é mais singelo do que rico, mais modesto do que cheio de ornatos, mais despretencioso do que elegante, mais rustico do que de cidade; é d'elle só, é como não podeis imaginar, é como nenhum outro, e por isso lhe chamo lindo.

Ide vel-o, se poderdes, que o dono não vos recusa a entrada; ide vel-o, e convencer-vos-heis do que póde o gosto instinctivo e a força de vontade n'um homem que desconhece os segredos da arte. Ide vel-o, e perguntareis a vós mesmo, como ha annos, visitando Condeixa, me aconteceu:

—O Robaca é um philosopho? É um poéta?

É uma e outra cousa, vos responderá a consciencia.

*C. . .*

**Sentença.**—Querer dominar os outros com tom grosseiro, é crêr que nos podemos elevar calçando tamancos.

## TRISTURA SEM MOTIVO.

Hontem de tarde, ao sol posto,
Contemplavas silenciosa
A torrente caudalosa
Que refervia a teus pés.
Depois, vi teus olhos ávidos
Medirem o fundo abysmo
A que um fatal magnetismo
Ia arrojar-te, talvez.

Affasta do teu espirito
Esses crueis pensamentos,
Delirios d'alguns momentos
Mas, ah! delirios fataes.
Resurge, segue na vida
A tua viçosa estrada,
És feliz, que estás cercada
D'amigos, d'irmãos, de paes.

Ergue a fronte; a primavera
Com seus clarões te illumina.
Acaso a rosa se inclina,
Quando vem o sol a rir?
Immerge das negras sombras
Em que a tua alma se abysma,
E atravez d'alegre prisma
Encara o céu do porvir.

Que fôra de ti, se um dia,
Voltando ao teu lar paterno,
Achasses o frio inverno
Dentro dos sacros umbraes?
Se ao clamor das tuas súpplicas,
Á voz da tua amargura
Os échos da sepultura
Respondessem — Nunca mais!

Vive, em quanto luz propícia
Brilha em teu vasto horisonte.
A flôr, que sorri no monte,
Ao ver que a aurora nasceu,
Pensa acaso na tormenta,
Que póde vir ao sol posto?
Ama, espera, e volve o rosto
Ao sol, que rompe do céu.

*Bulhão Pato.*

**Novas moxas.**—Não ha muitos annos que a medicina empregava ainda as moxas no tratamento de varias doenças; e poucos ha que forão prescriptas, provavelmente por muito dolórosas e talvez mesmo que por barbaras. Existe,

porém, hoje quem as recommende, mas applicadas por vespas ou abelhas; isto é, quem aconselhe para tratamento de certas doenças as ferroadas d'esses animaes, fundando-se em que além do effeito de moxas, inoculão o veneno com suas propriedades medicamentosas. Ha tambem quem assevere sentirem-se unicamente as dôres produzidas pelas primeiras ferroadas, naturalmente por ter acção sedativa o virus infiltrado na economia animal. O certo é que se citão já exemplos de curas devidas ás taes picadinhas.

## OUTUBRO — 17

**Longevidade.** — Existe no hospital dos incuraveis em Madrid, uma mulher que tem 111 annos.

É natural d'aquella côrte; casou aos 17 annos; teve 16 filhos, que creou; enviuvou aos 37 annos; casou pela segunda vez aos 41, e teve mais dous filhos; tornou a enviuvar aos 45, casando-se novamente aos 49; enviuvou aos 83, conservando-se em bom estado de saude até aos 104 annos, em cuja idade começou a sentir dôres nos joelhos, e fraqueza nas pernas.



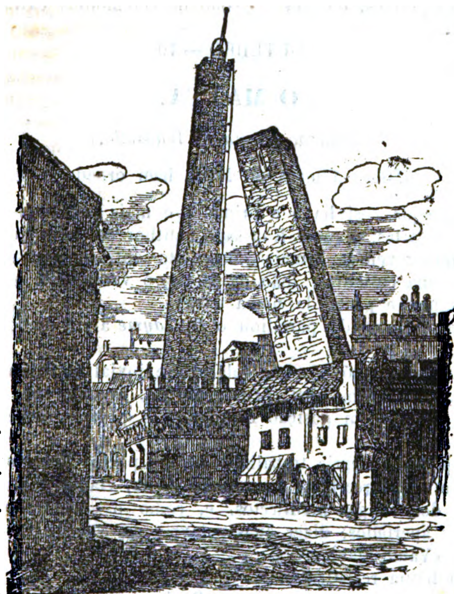
É porém certo que, pondo de parte a difficuldade dos movimentos, o seu bom estado de saude deixa crer aos facultativos assistentes, que ainda póde viver mais tempo.

Tambem em Indiana (America) existe actualmente um homem, que já fez 135 annos. Goza de todas as faculdades, come com appetite, e passeia todos os dias. Quando se lhe pergunta a data e o lugar em que nasceu, responde:

«Nasci em 1725, n'uma pequena cidade de 500 a 600 visinhos, situada na embocadura do Hudson, e chamada Nova-York. Esta pequena cidade de 500 a 600 visinhos em 1725, conta hoje 900,000 habitantes.

*Lino de Macedo* (Alandroal).

**As torres de Bolonha.**— Attrahem a attenção de todo o viajante que visita a cidade italiana. A que se vê á direita, a menos alta, chamão-lhe a *Garizenda*, do nome de um nobre bolonhez que a fez erigir. Tem 130 pés romanos, e uma inclinação exterior de 9 pés, em quanto que a interior é apenas de um. Tudo leva a crer que a torre se acha assim inclinada por que



o chão abateu de um lado sob os seus alicerces, e não por que o construil'a d'este modo entrasse no plano do architecto. Chamão-lhe tambem *torre truncada* (torre mozza) desde que foi reduzida a um terço da sua primitiva altura. Assim está já ha perto de 700 annos, e não ameaça ruina.

Ao lado da *Garizenda* está edificada a torre *Azinelli*, que é a que se vê á esquerda da nossa gravura. Tem 376 pés de alto. No cimo da torre, a que se sobe por uma escada de 440 degráus, existe um sino, que se não toca senão nos grandes perigos, ou por occasião de ceremonias extraordinarias.

OUTUBRO — 19

## O MATTA.

(*Nota ao poema de Roussado.*)

«Sobre a meza do Matta bem ornada»

A arte da cosinha é a primeira e mais philosophica de todas as artes; Manoel Roussado, author do verso que acima transcrevemos, o mais competente contraste para avaliar a filagrana culinaria; João da Matta, o verdadeiro, o unico philosopho e poeta da nossa terra!

Manoel Roussado parodiou o *D. Jayme* a rir, como ri de tudo.

N'um ponto só o nosso folgasão e jovial escriptor concentra o espirito, pára, pensa, medita, assume um ar solemne, e cáe em posição magistral; é quando se senta á meza.

Respirando alegria trabalhava no seu poema *Roberto;* acabada a obra, recebido o producto d'ella, viamol'o tocar no braço dos amigos predilectos, e, como o conspirador em tempos apertados, dizer duas palavras em voz baixa e rapida: «Vamos jantar.»

Não havia resistir-lhe.

O nosso homem atravessava o Rocio, e, perdôe-se-nos a figura venatoria, com o faro de finissimo perdigueiro levantava a cabeça, *tomando ventos* na embocadura da Rua do Ouro, e *pegando depois no rasto de piogada*, ficava *parado como uma rocha* diante de um casal de galinholas que estavão *ferradas* no mostrador do Matta.

*Entrava* emfim. Acertando ser em dia em que entrassem em fogo todas as baterias da cosinha, era um prazer régio para o famoso Matta a vista do seu hospede. Napoleão não podia ufanar-se mais de que o proprio Cesar lhe apparecesse nas primeiras horas em que o notavel heróe via, cheio de jubilo, vingar o maravilhoso plano da batalha de Waterloo.

Ó Matta, ó sublime artista, que prodigiosos reviramentos não tens tu operado em muitas cabeças e corações! Quantos ministerios tens feito, quantos tens deitado abaixo!

Historicos e regeneradores, reaccionarios e liberaes estremes, em que diversas circumstancias os tens visto assimilados n'uma *mayonnaise*, tão perfeita como as tuas, saudarem-se com estrepitosos vivas, beijando-se com a innocencia do apostolo traidor!

Quantas vezes, nos banquetes que o ministerio manda subrepticiamente dar á gemma dos lapuzes da maioria, tu, repleto já de gloria, mirando a festa por entre portas, não terás paraphraseado estes versos do immortal Garrett, dizendo:

Pois a taes cerdos vorazes
Estas pérolas de preço
Fui deitar!... oh! são capazes
De as vomitar, na torpeza
Da sua bruta natureza!

Ah! philosopho e poeta do estomago! com que indignação terás voltado o rosto ao ver um pai da patria boroeiro cahir sobre uma *charlotte russe*, e cuidando empolgar meia duzia de biscoutos *de la reina*, *escaldar-se* na neve, retirar a mão felpuda, com o médio fincado no polegar e o indicador convertido em chicote, fustigar os dous dedos cumplices no attentado!

Por isso os teus dilectos são os devotos da arte, porque só elles podem apreciar o teu engenho.

Virgilio, antes de morrer, pedio que lhe queimassem a *Eneida*; é certo que alguns defeitos lhe achava o assom-

broso poeta. Dante, é provavel que no decurso da sua *Divina Comedia* embicasse por mais de uma vez n'algum terceto, etc. Mas qual foi d'elles o que se matou por lhe sahir uma estrophe côxa, ou um canto ennesgado? Nenhum! Pois matou-se o teu patriarcha Vatel, por lhe faltar um peixe para remate do seu poema; e tu, ó Matta, tens alma para fazer o mesmo, se o aurifero Téjo se recusar a abrir-te os seus thesouros no dia em que planeares obra de desengano.

*Bulhão Pato.*

OUTUBRO — 20

## CHARADA XXVII.

Quem de póda bem no centro,
Me pozer, com promptidão,
Fórma logo sem demora
Cheirosa composição... 1

Na casa do fim da rua,
Podes a segunda achar;
Nas armas de certo reino,
Tambem a hasde encontrar... 2

Tens relogio, meu amigo?
Pois não precisas mais nada;
Procura; d'elle faz parte
O todo d'esta charada.

*Duarte Augusto Alvares Ribeiro.*
(Figueira de Castello Rodrigo).

**Problema.** — Sabe-se pela historia que o anno da acclamação de um dos reis de Portugal, é expresso por um numero inteiro e positivo, composto de quatro algarismos significativos. Dividindo este numero por 2, resta 1; por 3, ficão 2; e por 7, restão 6. Tirando-lhe os noves, restão 8; extrahindo-lhe os onzes, ficão 10; e além d'isto é exactamente divizivel por 5. Pergunta-se: qual foi o anno da era vulgar, que satisfaz ás condições expostas, e qual o rei acclamado?

*Marçal Antonio.*

## OUTUBRO — 21

**A ignorancia.** — Quasi sempre o desconcerto nas acções provém da falta de conhecimentos; ou, o que peor é, da falsidade das idéas. A este proposito dizia com summa elegancia um antigo fidalgo portuguez: «que em se pondo o sol do intendimento, logo na vontade se fazia noite, e noite agoureira, medonha, e tempestosa.»

Que grande responsabilidade se não contém n'este Evangelho humano para os directores e superintendentes da instrucção popular! Tanta noute, e tão pouco tremer!

*A. F. de Castilho.*

## OUTUBRO — 22

# SAUDADES.

É no fim do dia, quando o sol vai escondendo os seus raios luminosos e penetrantes, e deixando-nos sómente sobre a terra um suave e tepido calor;

É quando os passarinhos soltão os seus ternos e melodiosos gorgeios, e vão alegremente saltando de ramo em ramo, levar o doce alimento á prole estremecida;

É quando as flores melancolicas e emmurchecidas redobrão aquelle perfume embriagante com que embalsamão o ar, e fazem reviver o sentimento nos corações apaixonados;

É quando a noute silenciosa e triste vai descendo no horisonte, e cobrindo os espaços do infinito com seu manto de sombras, que eu sinto as lagrimas cahirem-me no coração.

Oh! eu quizera ser como essas nuvens bellas e rosadas, que magestosamente atravessão a amplidão dos ares, ou como o pensamento, que póde atravessar o espaço, e penetrar no lugar mais occulto e encantado do mundo, porque n'essa hora, desprendendo-me da terra, iria em busca da ventura á região onde se libra o anjo dos meus sonhos.

*D. Maria Emygdia* (R. Formoso — Pernambuco).

# NAO CHORES.

**Á Ex.ma Sr.a D. Maria Benedicta de Freitas.**

Era o sol posto; n'essa hora magica
Surgia a lua com serena luz;
E d'olhos negros, seductora, pallida,
Eu vi a virgem abraçada á cruz.

A linda virgem! de seus olhos languidos
Corria o pranto; que formosa estava!
Erguia as vistas, de seus labios trémulos
Ardente prece para os céus mandava!

E n'aquella hora de impressões magneticas,
Vendo-a tão bella, mal pisando o chão,
No adro antigo, junto á cruz marmorea,
Oh! não disséreis ser do mundo, não.

Vendo-a sósinha, pensativa e timida,
Co'as mãos erguidas evocar Jesus,
Soltar dos labios fervorosa supplica,
Banhar chorando o pedestal da cruz;

Quem não diria: — oh! divinal mysterio,
Anjo formoso, que deixaste os céus,
Ensina aos homens a rogarem férvidos,
Pede por elles compaixão a Deus! —

Mas era a virgem, que em sentidas magoas,
Quando a existencia lhe sorria em flor,
Já n'este mundo em seus caminhos arduos
A par das flores encontrava a dôr.

Ditosa virgem, quando, orando ingénua,
Co'os lindos braços, enlaçaste a cruz,
Não viste um anjo, que desceu do empyreo,
Cercado d'alva, resplendente luz?!

Baixou, olhou-te, com aspecto angelico,
Cravou momentos seu olhar no teu;
Depois, não viste, com sorriso candido,
Dizer — não chores! — e volver ao céu?

O anjo, ó virgem, era o doce nuncio,
De mil encantos, de venturas mil.
Resurge, espera, que um porvir suavissimo,
Vai dar-te as rosas de festivo abril.

E eu n'este dia de inefaveis jubilos,
Tambem te imploro, que não chores, não.
Recorda o anjo da mansão etherea,
Lembre-te a meiga, divinal visão!

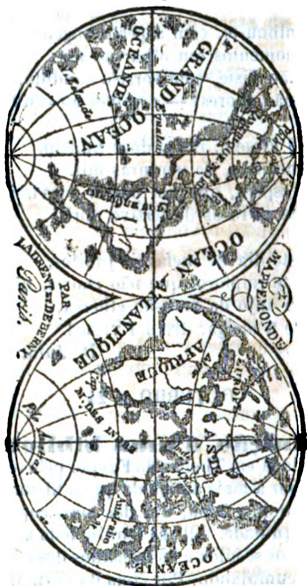
18 d'Agosto. *D. Julia de Gusmão.*

## OUTUBRO — 24

**Boa definição d'uma bibliothéca.** — A bibliothéca fundada em Thebas do Egypto pelo rei Osymandias, e que passa por ser a mais antiga de que a historia faz menção, foi tambem, segundo a fama, um dos mais copiosos depositos de livros da antiguidade. Alli se reuniu toda a sciencia humana e divina, que os séculos e os trabalhos dos differentes povos tinhão vindo accumulando. Por cima da porta lia-se — *Botica da Alma.*

Podia pôr-se igual lettreiro por cima de todas as bibliothécas modernas? É ponto muito questionado. Ha boticas d'estas em que são mais os venenos que os remedios. Sob a fórma de livros ha narcoticos violentos, causticos mestres, opios de primeira qualidade, e outras drogas de que não é bom falar.

**Geographia.**— Os tres homens, que pelas suas descobertas, e arriscadissimas navegações, mais concorreram para o aperfeiçoamento da geographia forão: o genovez Christovão Colombo, ao serviço de Hespanha, descobrindo a America em 1492; o portuguez Vasco da Gama, ao serviço da patria, que nunca se empregou n'outro, descobrindo o caminho da India em 1498; o portuguez Fernando de Magalhães, ao serviço de Hespanha, fazendo a primeira viagem á roda do mundo, e mostrando physicamente pela primeira vez a esphericidade da terra, e a extensão da sua circumferencia, em 1521. Pois bem: a Christovão Colombo já levantaram uma estatua em Genova, e tratão agora os hespanhoes de levantar-lhe outra, saldando a divida em aberto ha mais de tres séculos; Vasco da Gama ainda a não tem; e Fernando de Magalhães, esse tem os seus ossos entre barbaros, n'uma das ilhas Filippinas.




**Verdade que não tem contra.**— Os vivos prazeres abrevião a vida; as dores ligeiras prolongão-na.

**Lobo.** — É um animal muito conhecido no nosso paiz, e talvez, pelos seus appetites carniceiros, o mais prejudicial de quantos temos. Como o seu nome de sciencia (*canis lupus*) está dizendo, tem grandes analogias com o cão, e tomar-se-hia por um cão selvagem, se não fossem as suas proporções geralmente mais fortes, a configuração da sua cauda, e o seu pello, que varía segundo a temperatura das regiões que habita.

Ainda differe mais, considerado em relação aos seus cos-



tumes. O leão é um animal extremamente sociavel; o lobo vive quasi sempre solitario no centro das florestas, e não se reune aos animaes da sua especie se não quando a fome o persegue, e tem necessidade de associar os seus esforços para conquistar uma prêza. A coragem do lobo não está em proporção com o seu vigor; e como não tem a astucia da raposa, vê-se reduzido pela maior parte das vezes a alimentar-se de carnes em putrefacção. Têem-se visto seguir os exercitos e devorar nos campos de batalha os corpos já sepultados. Podem estar muitos dias sem comer, e só muito apertados pela fome é que ousão atacar o homem.

A loba tem de cinco a sete filhos de cada ventre; nascem como os cães, de olhos fechados, e estão durante um anno sob a tutela da mãi, que lhes prodigalisa os mais assiduos cuidados.

Este animal, em consequencia da perseguição que se lhe tem feito, tem quasi desapparecido de certos paizes, e particularmente da Inglaterra, aonde era antigamente bastante commum.

As outras especies descriptas pelos naturalistas são: o *lobo negro;* com uma nodoa branca na extremidade do focinho, e no meio do peito. É talvez uma variedade do nosso lobo, mas passa por ser mais feroz do que elle. O *lobo vermelho,* da America, que vive no sul d'este continente; é de um ruivo acanellado, e tem uma juba negra ao longo da espinha. O *lobo do Mexico;* que differe pouco do da Europa, mas que tem brancos os pés, e a parte inferior do corpo.

## OUTUBRO — 27

**Francisco de Sá de Miranda.**— Este insigne poéta nasceu em Coimbra a 27 de outubro de 1495.

Seu pai, Gonçalo Mendes de Sá, deu-lhe uma optima educação. Depois do estudo das Humanidades, em que foi insigne, estudou as Leis, tomou o gráu de doutor na universidade de Coimbra, e leu varias cadeiras d'aquella faculdade.

Viajou por differentes cidades de Hespanha e Italia, aonde adquiriu vastos conhecimentos; e, voltando a Portugal, foi muito bem recebido na côrte. El-rei D. João III agraciou-o com a commenda do mestrado de Christo. Fez-se estimado da nobreza, e conseguiu a aura popular, com o que podia ter subido a grandes fortunas, se attendesse mais aos seus interesses particulares, que aos do bem publico.

Casou com D. Briolanja de Azevedo, senhora illustre, e de illustres prendas, da qual teve dois filhos: Gonçalo Mendes de Sá, que morreu em Africa pelejando valorosamente contra os mouros; e Jeronymo de Sá de Azevedo, o qual ca-

sou, depois da morte de seu pai, com D. Maria de Menezes. D'este consorcio procede o famoso poéta Francisco de Sá de Menezes, author do poema—*Malaca conquistada.*

Francisco de Sá de Miranda conhecia os classicos latinos, e sabia tambem o grego; foi o primeiro pai da nossa poesia, sendo tambem o primeiro que, em Portugal, escreveu versos maiores. Nas suas obras poeticas são quasi tantas as sentenças, como as palavras; pelo que foi dignamente chamado o *Platão portuguez.*

As suas principaes obras são as duas famosissimas comedias, os *Vilhalpandos*, e os *Estrangeiros*, que excedem em graça e eloquencia as melhores dos antigos mais celebrados, e que forão tambem as primeiras regulares, que se escreveram em Portugal. Ha d'elle algumas outras obras poéticas, taes como, *eglogas, epistolas, sonêtos, satyras*, e muitas outras poesias em diversos estylos e metros, que correm impressas em um pequeno volume.

Recolheu-se á sua quinta denominada da Tapada, junto a Ponte de Lima, aonde escreveu a maior parte das suas poesias. Falleceu n'este retiro a 15 de março de 1558, com 63 annos de idade. Jaz, com sua mulher, na capella de Santa Margarida, da igreja de S. Martinho de Carrazedo, no districto de Braga.

*J. F. S. Firmo.*

OUTUBRO — 28

# ENIGMA.

Vestes trajo em profusão,
Com que o homem utilisa;
E fico até em camisa
Na peor occasião!
Açoutão-me os ventos bravos,
Como se açoutão escravos,
Na minha prisão. Emfim,
Ouvem todos meus lamentos,
Que lá lh'os levão os ventos,
E ninguem tem dó de mim.

*F. M. de C.* (Leiria).

**Tribuna.** — É hoje o lugar onde se discursa nas assembléas politicas; e assim se chamava tambem na antiguidade ao lugar elevado d'onde os oradores gregos e romanos fallivão ao povo.

Em Athenas a tribuna estava collocada no meio da grande praça denominada — *Agora*, a maior da cidade. N'outra praça mais pequena — *Pnyx*, onde algumas vezes se reuniam as assembléas, havia outra tribuna.

Em Roma a tribuna era no *Forum Romanum*, junto do palacio hostilio. Chamavão-lhe — *Rostra*, porque era ornada de prôas de navios, tomadas ao inimigo nas guerras contra os habitantes d'Antrum.

OUTUBRO — 30

**Estadistas feitos á pressa.** — Sendo isto de governar homens e reger estados, a mais difficil cousa d'este mundo, é para rir como qualquer ignorante, sem a minima noticia theorica nem pratica dos negocios, assoalha a sua opinião, e em tom oracular, sobre todos quantos assumptos politicos se ventilão.

De D. João IV se conta que prégando na capella real um frade, e soltando-se em reprehensões descabidas sobre pontos de administração do reino, o monarcha o ouviu sem se alterar; mas acabado o discurso o mandou ir á sua presença.

— Dizei-me cá, padre prégador; já tendes servido muitos cargos na vossa ordem?

— Saberá vossa magestade que nenhum até hoje.

— Ora essa! tornou logo o principe, pois então se os da vossa ordem, que vos devem conhecer, vos não acharam com prestimo para serviço algum do convento, quem vos deu a confiança para vos arvorardes em juiz dos mais graves e intrincados negocios da républica? —

Aquelle frade parece-nos que deixou geração numerosa.

## OUTUBRO — 31

### AO FAUSTISSIMO CONSORCIO

DE

## S. M. EL-REI O SENHOR D. LUIZ I

COM

## A SENHORA D. MARIA DE SABOYA.

(Triplice Acrostico).

Radiante luz d'Esp'rança nacional,
Egregio rei, dos povos caro bem
Illustrado monarcha liberal,
Da mais livre Nação que o mundo tem!
Os destinos fagueiros vezes mil
Mostrão-te uma linda estrella além,
Lustrosa como a lua em céu d'anil,
Um astro que realçar teu sceptro vem.
Igual em sentimento, em crença igual,
Zelando o rei amado, Italia, assim
Predestinada como Portugal,
Reune á d'este a régia estirpe afim.
Introu teus paços tua esposa real,
Mimosa filha d'esse rei que obtem
Excelso gabo e fama universal:
Introu um anjo que altos dons contem.
Regio par, tão sympathico á grei leal,
O eterno amor da patria os céus te dem.

*João de Sousa Pereira* (Angra do Heroismo).

**Duas cousas oppostas n'uma só.**— Parecerá paradoxal á primeira vista o titulo que prepozemos; mas em se reflexionando, logo se reconhecerá que naia ha mais verdadeiro, nem mais frequente.

De que provém, com effeito, a maior parte das quetões? Provém de que uns olhão para o objecto de um lado, outros de outro; e com ser elle unico, e essencialmente immutavel, se fica representando diversissimo.

Vem para aqui a proposito o caso do pintor antigo a quem um rico havia encommendado um painel, representando um cavallo a espojar-se. Chega a obra feita, descobre-a o fréguez; fica furioso.

— Isto é um cavallo a galopar, e não a espojar-se, exclama chammejando.

— Vire o painel, que está de pernas para o ar, lhe responde o artista rindo.

NOVEMBRO — 2

**Datas dos mais importantes inventos e descobrimentos.** — Antes da era christã: conhecia-se a bussola, na China, desde 2602; fabricaram os tyrios o vidro em 1640; e serviião-se os lydios de moédas de ouro, desde 1500; data o gnomon, entre os chinezes, de 1109; a pintura d'uma côr só, em Coryntho, de 840; o esquadro e o nivel, inventados pelo architecto Theodoro de Samos, de 718; as tapeçarias, em Pergâmo, de 321; as clepsydras, no Egypto, de 250; os orgãos hydraulicos, inventados por Cteribius, de 234; o parafuso sem fim, e os espelhos ardentes (Archimedes), de 220; o papel de seda na China, de 201; o mosaico, de 200.

Depois de Jesu Christo:

O systema astronomico de Ptolomeu, em 140; os sinos (Paulino de Campania), em 400; os moinhos de vento (Ara-

lia), em 650; o fogo greguez (Callinica), em 670; o papel d'algodão (Constantinopla), em 750; o alcool, em 824; a imprensa, na China, em 939; as notas de musica (Guy d'Arezzo), em 1024; os óculos (Alexandre Spina, de Pisa), em 1296; as peças d'artilheria, em 1338; os espelhos de vidro, em 1346; os cimentos, em 1346; a gravura, em 1410; a pintura a oleo (Van Eyck), em 1415; a impressão typographica, em 1450; a bomba d'ar, em 1456; a America, em 1492; o systema de Copernico, em 1500; a medida do arco do meridiano, em 1528; a projecção das cartas maritimas (Mercator), em 1594; o assucar de beterraba, em 1605; os logarithmos (Justo de Byrge), em 1605; a circulação do sangue (Harvey), em 1608; o telescopio, em 1609; as leis de Kepler, em 1610; o microscopio e o thermometro, em 1621; as leis da refracção, em 1620; o barometro, em 1626; a prensa hydraulica, em 1637; a machina pneumatica, em 1654; a theoria da attracção universal (Newton), em 1666; a velocidade da luz, em 1675; o calculo differencial, em 1684; o azul de Prussia, em 1724; a moldagem em gêsso, em 1740; o pára-raios, em 1757; o balão, em 1783; o magnetismo animal, em 1783; os panoramas, em 1790; o telegrapho aéreo, em 1792; o galvanismo, em 1798; a vaccina, em 1800.

NOVEMBRO — 3

**Onze palavras n'uma.** — A pag. 301 do *Almanach de Lembranças* de 1863, sob a epigraphe — Dez palavras n'uma — vem a palavra — Elvas, — que, decomposta, fórma mais nove palavras da nossa lingua. Ahi vai outra com igual numero de lettras, que, decomposta, fórma 11 palavras.

Sogra — rasgo — grosa — sargo — Argos — gosar — rogas — sagro — agros — góras — gráos.

Estas 11 palavras valem por 15; pois temos n'ellas 7 substantivos, 6 verbos e 2 adjéctivos.

*Antonio Luiz Telles da Silva Menezes* (Portalegre).

**Cavalleiro.** — Era na idade média o nobre quevestia armas, obrigando-se por juramento a consagrar a sua espada á defeza do principe, da fé, e da honra das dama. Os que erão destinados a esta gloriosa milicia, depois de haverem sido pagens e escudeiros, recebião a ordem da cavallaria ao completarem 21 annos; e isto, no tempo de paz fazia-se sempre precedendo grandes ceremonias.

D'estas a mais notavel consistia em passarem uma noitedespertos, dentro ou junto de algum templo, vigiando as armas, com que se havião armar. Chamava-se a isto *vellar as armas*. Em tempo de guerra estas ceremonias reduzião-se a muito pouco, e muitas vezes centenares de mancebos erão armados cavalleiros diante dos muros de uma fortaleza, ou no fim de uma batalha. Os filhos de D. João I forão-no pela mão do seu pai no domingo immediato á tomada de Ceuta. Os cavalleiros podião ser exauthorados se vendião, jogavão, ou perdião as armas em tempo de guerra; se commerciavão, trabalhavão em mistéres vis, ou fugião da batalha; ou se, em summa, praticavão acções que indicassem animo vil, covardia, ou máus costumes.



Pará esta exauthoração éra levado a um lugar publico sem armas. Um escudeiro calçava-lhe as esporas e cingia-lhe a espada; depois com um cutello cortava-lhe pelo lado de traz a cinta e a correia das esporas. Feito isto ficava degradado da ordem, e coberto de infamia. Os cavalleiros forão de grande utilidade no tempo em que a força era a lei, e a degradação dos costumes tinha chegado ao seu auge.

**Pagens e escudeiros.** — Os pagens erão tirados da classe da nobreza, e sahião do seio da familia logo que chegavão á idade de 7 annos, para se lhes dar uma educação religiosa e guerreira. Esta educação recebião-na nos paços dos principes e dos grandes senhores; e aos 14 annos passavão a escudeiros, ou donzeis. A ceremonia em que este gráu se lhes conferia era muito simples, por que se limitava a um sacerdote lhes cingir a espada depois dos pais os conduzirem ao altar. Os escudeiros dividião-se em differentes classes, que podem reduzir-se a duas: a dos que continuavão a servir nos paços, e a dos que se davão logo á vida aventurosa da cavalleria, pondo-se ao serviço de algum cavalleiro de mais nomeada. Na occasião do combate formavão em segunda linha atraz dos seus senhores para os defender em caso de necessidade, fornecer-lhes novas armas e cavallo, guardar-lhes os prisioneiros, e prestar-lhes, em summa, todos os officios de bons e fieis amigos.



Como já n'outra parte dissemos, os donzeis ao completarem 21 annos de idade podião ser armados cavalleiros.

**Nome de arder.** — Um chamado Lourenço Coelho Leitão procurou em Odivellas por uma religiosa sua conhecida, com quem lhe importava falar. Desceu esta, e perguntando á porteira como se chamava o individuo:

— Vá, vá para a grade depressa antes que arrefeça, lhe respondeu ella; tem lá tres assados: *Lourenço, Coelho,* e *Leitão.*

**Um ministro inimigo da musica.** — D. Miguel Antonio de Mello, condecorado mais tarde com o titulo de conde de Murça, era tido no conceito geral por homem instruido, de espirito recto, e de uma integridade a toda a prova. Balanceava porém estas boas qualidades por sua nimia propensão para o absolutismo, não menos que por seu genio rispido e fogoso em demasia, o qual se manifestava sobre tudo nas maneiras bruscas e desabridas com que tratava a todos que lhe devião subjeição no exercicio dos elevados cargos que por vezes servio, tanto no reino como no Ultramar. Pouco inclinado ás artes, como que sentia para a da musica certa especie de aversão particular, tendo-a por uma frivolidade, indigna da attenção da gente séria. Os que a exercitassem, quer como profissão, quer por mero divertimento, estavão *ipso facto* excluidos da sua boa graça, e não esperassem haver d'elle favor nem mercê. Entre varias anecdotas caracteristicas que d'elle nos ficaram, duas nos parecem de sobejo para comprovar a verdade do que dizemos. Entrando em 1795 no reino de Angola, despachado governador e capitão general d'aquelle estado, achou estabelecida em Loanda uma orchestra de curiosos, e um theatro particular, instituições que seus antecessores havião animado e protegido, acolhendo-as como elementos de civilisação mui vantajosa para o paiz. Bem longe de entendel-o assim o novo governador decretou para logo a suppressão do theatro, e fez dispersar promptamente a sociedade musical. A alguns dos que a compunhão mandou assentar praça nas tropas da terra, a titulo de vadios; a outros deportou para diversos presidios como individuos suspeitos e perigosos para o socego da colonia.—Muitos annos depois, sendo em Portugal ministro da fazenda nos ultimos tempos do reinado de D. João VI, foi-lhe apresentado um requerimento, em que os musicos da patriarchal, lastimando-se do atrazo de pagamento em que andavão seus ordenados, bem como os de todas as outras

classes de servidores e pensionistas do estado, pedião humildemente que se lhes mandasse dar alguma cousa por conta. O ministro lançou logo por sua mão no requerimento o seguinte despacho, que achâmos em verdade chistoso: «*Não se póde dar dinheiro a quem canta, quando o não ha para quem chora!*»

*Innocencio Francisco da Silva.*

NOVEMBRO — 7

**Civilisação ingleza.** — Em 1648 determinou-se em Inglaterra uma cousa que hoje faria apedrejar os governos que inconsideradamente a tentassem. Mandaram-se fechar todos os theatros e destruir todas as casas de espectaculo, dando-se para isso, entre outras rasões, a seguinte: — «Porque esses papagaios dos comediantes, palavras do bill, são rufiões orgulhosos, que, á semelhança do asno coberto com a pelle do leão, se pavoneião enfeitados com vestidos magnificos, julgando-se tão grandes como Cesar.» —

Se o governo d'uma nação fez isto, que muito é que um governador nosso fizesse o mesmo em Loanda? Se o ateiró que D. Miguel Antonio de Mello tinha com musicos, cantores, comediantes, e farcistas, poder ser attribuido ao seu genio, que tinha tanto de excentrico como de merencorio, parece-nos que o acto do fidalgo portuguez é mais desculpavel que o dos republicanos inglezes em 1648.

NOVEMBRO — 8

## CHARADA XXVIII.

| | |
|---|---|
| De duas sou a primeira... 1 | Inferno em que tem luctado |
| Tudo a conserva e destróe... 2 | Muito sabio e muito heróe. |

*Juveniano Monteiro* (Rio Formoso, Pernambuco).

**Setubal.**—A muito antiga e notavel villa, hoje cidade de Setubal, é uma das mais formosas terras de nosso Portugal. Tem vistas tão lindas como as da poética e seductora Cintra; a praia é bella, e não menos bello é o campo chamado do Bomfim; a capella do cemiterio é obra primorosa e tida como uma das principaes d'este genero. A patria de Bocage, Santos e Silva, e Quevedo, tem sido igualmente berço de outros talentos, mas que não têem, como aquelles, dado honra á sua terra: são talentos que, nascendo grandes, vivem pequenos, e morrem ignorados. Raras vezes apparece um setubalense que sinta a não só perdoavel, mas até santa ambição da gloria. É que o progresso, que por tantas partes caminha a passos largos, só aqui chega tardia e vagarosamente!

Deixemos, porém, os homens como elles querem ser, e comecemos uma pequena analyse. É admiravel o quanto o numero 7 anda ligado a Setubal. Para se escrever o seu nome são necessarias 7 lettras; ha n'esta terra, capellas e igrejas, tres vezes 7, ao todo 21; ha 7 fontes; 7 boticas; 7 medicos e cirurgiões; e, finalmente, as mais bonitas senhoras de Setubal (ja se vê, para meu gosto) são 7 tambem. Apesar do *Almanach de Lembranças* ir ás mãos de algumas, eu não as nomeio, para não escandalisar as que não fazem parte da minha lista, e desejassem ser contempladas no limitadissimo numero 7 da minha analyse.

*Amiga do Progresso* (Setubal).

NOVEMBRO — 10

**Cortezias encontradas.** — Recebeu o governo veneziano conjunctamente a participação official de haver sido aprisionado Francisco, rei de França, e a de haver Carlos vencido. A uns e outros embaixadores respondeu o Doge: «Ora pois, farei como o Apostolo recommenda: — Chorarei com quem chora, e folgarei com quem se alegra.»

# OS SONHOS D'UM ESCRAVO BRANCO.

**Depois da leitura do drama do meu particular amigo Julio Cesar de Faria Coutinho e Castro**

## ANTONIO O ENGAJADO.

Nas soidões do novo mundo,
Além das virgens florestas,
Onde o paiz não tem sombras,
Nem o trabalho tem séstas,

Junto aos sulcos fecundantes
Das plantações d'uma roça,
Dormia um branco algemado
No centro d'immunda choça.

Fugiu por matar saudades,
Cortou-lhe os membros o açoute;
Em prantos gastára o dia,
Em visões passava a noute.

Por entre os fundos gemidos
Escutai-lhe as amarguras;
(Inda o pincel da ironia
A desenhar-lhe venturas!)
......................

......................
—«A patria, os irmãos, a esposa,
«Todos chamando por mim!...
«Se vissem como é formosa
«Esta terra, este jardim!...

«Lá vejo o triste colmado
«A reclamar-me d'além....
«E o lenço branco ensopado
«Co'os prantos de minha mãi!..

«Como heide ás praias amadas
«Chegar, da patria gentil,
«Se *tenho as mãos carregadas*
«*Co'as riquezas do Brazil!*...

«Oh! se elles d'além das aguas
«Vissem meus *aureos grilhões*,
«Não mais curtirião magoas
«Dentro de seus corações!...

«Mataram-me estes algozes,
«Mas que o não saibão meus pais!...»—
.........................................
Perdeu-se o resto das vozes
Entre gemidos e ais.

Vigore-se o trabalho ao sol da liberdade!
Pereça a escravatura, opprobrio das nações!
Morra-se de fadiga! é lei da humanidade;
Mas nunca acceite um livre açoutes nem grilhões!

Brazil! terra de irmãos, aqui no *mundo velho*
Fugiu de nossas leis a condição servil!
Tu, que és do *novo mundo*, o sol, o guia, o espelho,
És muito grande já... pois sê maior, Brazil.

*Thomaz Ribeiro.*

## NOVEMBRO — 12

**Palimpsestos.** — Depois das invasões dos barbaros, tendo escasseado sobre modo o pergaminho, viu-se o publico, e nomeadamente os frades, obrigado a lançar mão dos velhos pergaminhos, que era o papel onde corrião escriptas as obras litterarias dos romanos, para n'essas folhas escreverem, uns as novas obras, os outros as suas orações e canto-chão.

Destruião de varios modos a primeira escripta para a substituirem. D'esta maneira se aniquilaram n'aquellas eras de obscurantismo, dezenas de livros preciosos das melhores pennas da litteratura latina; mas se a barbarie dos conventos sepultou esses thesouros, veio depois o zelo de religiosos mais illustrados, principalmente no tempo da *Renascença*, depois da queda do imperio de Constantinopla, tornar a apresentar á luz do dia grande parte d'aquelles livros. Os frades, os poetas, os grammaticos, por meio de curiosos processos chymicos avivando a tinta primitiva, *respansando* as escriptas posteriores, doaram ás sciencias e ás litteraturas de todo o mundo os seus melhores e mais indisputados brasões, os brasões eternos das lettras classicas. A esses pergaminhos respansados se chamou *palimpsestos*; e foi n'elles que muitos seculos depois se encontraram, entre outros livros preciosos, as *Institutas de Gaio*, o Tratado de Cicero, sobre a Republica, e muitos fragmentos de Tito-Livio.

## NOVEMBRO — 13

**O principe e o astrologo.** — Querendo um monarcha italiano experimentar a sciencia astrologica, mandou chamar um dos seus cultores, o mais célebre, e disse-lhe que no seu palacio estava para nascer uma creancinha, cujo prognostico desejava conhecer.

Prepara o astrologo os seus instrumentos, começa a fazer as suas observações, e, feitas ellas, annunciou ao rei que o neophyto havia de ser um homem de grande engenho, e de suprema dignidade ecclesiastica. Riu-se o monarcha, e, mandando conduzir á presença do astrologo um orelhudo jumentinho, disse-lhe:

— Eis aqui o recemnascido, a que vaticinaste um grande engenho, e grande dignidade no futuro.

*Manoel Rodrigues Corrêa* (S. Pedro do Sul).

## NOVEMBRO — 14

**As barbas perdidas.** — Dois celebres philologos, Philelpho e Timotheo, disputavão entre si acaloradamente ácerca do valor d'uma syllaba grega, a ponto de que o primeiro se sujeitou a perder cem escudos, se a sua opinião não fosse tida como melhor pelos sabios em que ambos convierão. Timotheo não tinha dinheiro para apostar; mas deu em penhor uma cousa bem mais preciosa que o dinheiro: — empenhou as barbas. Foi levada a questão a uma assembléa de sabios, reunida na bibliothéca do rei Affonso de Napoles, e votou contra Timotheo.

Um grego sem barbas não é homem que se veja; para conservar as suas, sujeitava-se o bom Timotheo a confessar-se vencido diante do auditorio; mas o seu adversario foi inexoravel. Cortou as barbas, não teve outro remedio, e Philelpho pendurou-as como em tropheu, na cadeira em que dava licções.

Aquellas barbas valião para elle mais do que um throno.

**Cabeça mal mobilada.** — O chanceller Bacon não tinha idéa muito vantajosa dos homens que se não distinguião dos outros senão pela grandeza da sua estatura.



Tendo um embaixador de França, junto ao rei de Inglaterra, Jacques I, mostrado na sua primeira audiencia mais vivacidade e ligeireza do que espirito verdadeiro, perguntou o rei, depois da audiencia, a Bacon o que julgava do representante de S. Magestade Christianissima. Respondeu-lhe o chanceller que era um homem alto, e bem feito.

— Mas, replicou o rei, que opinião formais do seu juizo? Tende-lo como homem capaz de preencher dignamente o cargo para que o nomearam?

— Senhor, respondeu-lhe Bacon, os homens de grande estatura assimelhão-se ás vezes, não digo sempre, ás casas de quatro e cinco andares, em que o aposento mais alto é ordinariamente o menos bem mobilado.

**Vergonha e suspeita.** — São duas irmãs, das quaes uma, d'onde uma vez sai, nunca mais entra; e outra, onde uma vez entra, nunca mais sai; dizia um antigo fidalgo nosso.

**Redouça.**—Já n'outro lugar do *Almanach* (*A. de* 1856 p. 125) se mostrou a origem d'este exercicio, que consiste em alguem se embalançar n'uma corda suspensa das duas pontas a dous postes, ou arvores. Baccho, o infiel Baccho, esquecendo-se de que era casado (ainda hoje ha d'isto muito, infelizmente!) dirigia olhos ternos a Erigone, filha de Icario. Convinha-lhe por isso demorar-se na côrte, de Lacedemonia, e o pretexto foi ensinar ao pai de Erigone, a arte de cultivar a vinha e aproveitar-lhe o fructo. Veio um dia de fésta, e o rei mimoseou alguns dos seus vassallos com o saboroso licor. Antes o não fizera, porque cahiu na indignação dos que se julgaram envenenados;



isto custou a vida a Icario; e a pobre Erigone, vendo morto seu pai, matou-se tambem. Desordens do summo de Baccho, que trouxeram os jogos icarios, e com elles o balouço, que tanto deleitava os que n'elles tomavão parte.

Nas festas das vindimas, que se celebravão em honra do filho de Semele, tambem os romanos estavão no uso de se balancearem n'uma corda, como nos *jogos icarios*. Ainda hoje as creanças de todos os paizes amão este exercicio, e muitos que já não são creanças estão longe de desdenhar, porque o praticão igualmente. Nos jardins da Ame-

rica, no meio d'aquellas flores, que recendem perfumes; á sombra d'aquellas arvores, em que os zephyros suspirão; e sob aquelle céu, que convida a amar; tambem as damas se deleitão na redouça, mas ahi, em vez de uma corda, o que as atrahe é uma rede magnifica, e n'ella se esquecem muitas vezes horas inteiras.

## NOVEMBRO — 17

**Mil escudos por quatro versos.** — Prometteram-se mil escudos de ouro a quem fizesse em elogio das victorias do Principe de Condé, versos dignos de gravar-se no seu castello de Chantilly. Um Gascão fez este quarteto.

Por cantar tantas virtudes,
Tantos feitos, tanta gloria,
Mil escudos! mil escudos!
Nem um soldo por victoria?!

O principe, tocado d'uma linguagem tão original como engenhosa, e que mais que nenhuma outra o desvaneceu, fez logo entregar os mil escudos ao author.

*Anonymo Villanovense.*

## NOVEMBRO — 18

**Mulher digna d'um sceptro.** — Estando já tudo disposto para se levantar o brado d'independencia, contra o jugo dos Philippes, foi Pedro de Mendonça em nome dos conspirados pedir uma resposta definitiva ao Duque de Bragança, que hesitava em se fazer acclamar, e consultando este a Duqueza, sua esposa, ella lhe respondeu: «A morte vos espera em Madrid, e talvez que a encontreis em Lisboa, mas em Madrid morrereis como um miseravel prisioneiro, e em Lisboa coberto de gloria, e como rei.»

O Abbade *Pedro Augusto Ferreira.*

**O prégador e o advogado.** —Bayle, no seu Diccionario, diz que conhecêra um homem d'espirito, que empregava a seguinte rasão para dissuadir seu filho do estudo da jurisprudencia, e leval-o ao da theologia.

«Que ha de mais commodo, dizia elle, do que é falar diante de pessoas que nos não contradizem, digamos o que dissermos? Pois é a vantagem dos prégadores. E que ha de mais incommodo e seccante do que ver-se um homem obrigado, depois que falou, a ouvir outro que lhe contesta as palavras, e que o torna responsavel por tudo quanto disse? Pois é a condição do advogado.»

O homem não deixava de ter alguma razão

## UM DESEJO.

Se eu fosse a suave brisa,
Que ciciante revôa
Sobre a lympha que se escôa
Em leito de pedra lisa,
Iria lá para o céu
Sempre subindo, correndo,
E do asul ethéreo véu
Uma das pontas erguendo,
Leria o que está escripto
Pelo dedo do Infinito
Com astros, no firmamento.
Fôra ver em quêdas noites
Acordar no salso argento
A pallida irmã do sol;
E aos longes reinos d'aurora
Ver despontar o arrebol,
Que de mil matizes córa
Jardins, florestas e montes,
Mares e céus, e horisontes.
E da candida donzella
Fôra pousar um instante
Sobre o seio palpitante
Que os feitiços não revella...
Beijára do seu semblante
Aveludadas maçãs,
Tingidas da côr mais bella
Que em abril as rosas tem.
Mais fresca iria ás manhãs
Descerrar-lhe os olhos bellos,
Aonde o amor brincar vem
Entre as ramas. E os cabellos
Dourados, finos, compridos,
Pelo alvo collo descidos,
Beijára alegre tambem.
.....................

Se eu fosse a suave brisa
Que pelo valle salteia,

Correndo os jardins iria
Por noites de lua cheia.
As flores despertaria
Do languido somno brando
Para nellas ir pousando,
E com ellas conversar.
Diria á carminea rosa:
«Tu que és gentil e formosa,
Que és a rainha das flores,
Mais do que ellas odorante,
E predilecta aos amores,
Dize, por que avassallar
Te deixas da mariposa?
Ai! só para a mão do amante
Te serves de teus espinhos!...»
Ao lyrio perguntaria:
«Tu que és mimoso, innocente,
Para que estás noite e dia
Namorando essa corrente?
Ella não te dá carinhos...»
Diria á meiga açucena:
«Tu, symbolo da candura,
E d'amor imagem pura,
Para que levas tua vida
Sempre n'esta solidão?
Se as tempestades do mundo
Abalão o coração,
As flores são arrancadas
Pelas furias do aquilão!»

E depois falando assim
Iria co'as outras flores,
Que inveja são dos amores,
Essas flores de jardim.
.........................

*Augusto Loureiro* (S. Miguel).

NOVEMBRO — 20

**Sabio regulamento para os haveres.** — Bella maxima foi esta de um antigo, de que muitos modernos se poderião aproveitar, pois, bem sondada, encerra no fundo minas de ouro: — Quem faz grandes gastos onde se podem dispensar, virá tempo em que, necessitando de os fazer pequenos, nem já isso possa.

**A primeira necessidade da vida.** — Respirar é a primeira necessidade da vida. O homem respira de 15 a 20 vezes por minuto; isto é, respira pouco mais ou menos, a cada quatro pulsações do coração e das artérias.

Havia por consequencia muito mais perigo em estar dous minutos sem respirar, do que dous dias sem alimento, nem somno.

**Remedio contra a gota.** — Lemos, não sabemos aonde, que as simples fumigações de tabaco de fumo, applicadas á parte atacada pela gota, erão bastantes para diminuir as dores, e que isto era já remedio experimentado por muita gente.

Se assim fôr, e houver gotoso inimigo do fumo de tabaco, bom será conciliar-se com elle.

## CHARADA XXIX.

Sou uma, terceira e nona,
Conforme fôr encarada... 1
Porém cem ficarei sendo,
Se a segunda fôr tirada... 1

Se cincoenta me pospões,
Lista sou, apontamento;
Se a primeira ainda ajuntas,
Ave terna me apresento... 1

De que me valeu fugir
Se nas ondas fui cair?

*J. A. Gomes de Sousa Junior* (Pitangui, Brazil).

## NOVEMBRO — 22

**O Penim.** — Vejo da carta de V., meus caros redactores, que o nosso Bulhão Pato historiou o Matta; agora aqui lhes envio eu apontamentos para uma futura historia do Penim. O Penim é uma baiuca, na rua do Regedor, conhecida dos estudantes, dos actores, e do povo. É um estudo, aquella casa, meus amigos; estudo que reclama um futuro Hogart para immortalisar na téla as feições, os typos, os grupos; ou um Eugenio Sue de bom humor, que dispa o frac para vestir a *blouse*, e vá ao centro d'aquella sociedade de excepção buscar um romance de costumes sem Rodolfo.

Rodolfo é o unico personagem que o Penim não acolheu até hoje no seu rasgado desdem pelos principes; tudo o mais ferve alli: Rollantes que é uma praga, Flores de Maria a rodo, e Corujas por dá cá aquella palha. Alli jantão do meio dia á uma hora os timidos commensaes, que principião o convivio por uma posta de peixe, e terminão-no logo por uma azeitona com pão; da uma hora ás tres seguem os convivas normaes, que escolhem coelho guizado para primeiro prato, e pedem um caldo ao moço; — o caldo no Penim gosa dos foros d'offerta, e cada freguez recebe a titulo de presente n'uma tigella de louça da terra duas cabeças de nabo a boiarem n'um caldo substancioso; das tres ás cinco apparecem os vagabundos, gente sem eira nem beira, que come a credito até o locandeiro lhe dar baixa de talher, pobres diabos que recommendão ao creado que lhes traga meio pão grande, em vez de um pão pequeno, por custar o mesmo e render mais, Saltabadis sem futuro, que usão de uma ponta de cigarro por sobremeza, e considerão que um freguez que paga o que come é uma variedade na especie humana! Das cinco horas em diante, rompem os estudantes, os actores que não têem espectaculo essa noite, a bohemia litteraria, por que tambem a ha por cá, composta de alguns bons rapazes, que amão, riem, bebem, traduzem comédias para os theatros, collaborão nos jornaes de terceira ordem, são revisores de algum periodico politico, dançào nos bailes de mascaras do Café Concerto, têem um chaile manta que justifica o nome, servindo de chaile á amante e de manta a elles, e que passão alegremente a vida, fumando, sem vintem na algibeira, o seu cigarro ao sol! O capricho de um pintor de genero não produziria mais excentrico amalgama de typos caracteristicos. Aquelle chão da casa Penim é tão escorregadio, tão gasto, tão unctuoso, que ainda mal se põe um pé, e já um homem se acha sentado á meza entre um prato de sallada e um linguado frito. Atravez da nuvem de fumo que os charutos e os cigarros espalhão na sala, victimando as guellas e os olhos, dese-

nha-se toda a especie de singulares figuras. Uns, debruçados sobre as mezas, comem e bebem sem tomar folego; outros contemplão sisudos a amendoa torrada, que o creado lhes faculta no rol dos desenjoativos; outros ainda quebrão melancolicamente o palito em mil bocados, e scismão de cabeça encostada á mão.

Em redor das mezas, em certas noutes privilegiadas, á hora do petisco depois dos arlequins, ou da tourada, vae doudejando uma polka vibrada na harpa e assoprada na flauta por dois concertistas ambulantes, que produz na imaginação dos penimsenses o mesmo effeito que o hatschitt e o opio nos orientaes. Algumas suaves raparigotas, que entrão de braço dado com os seus apaixonados, convidadas á ultima hora para umas lulas de caldeirada, abanão com as engomadas saias as nuvens de fumo do tabaco e os rostos dos bebedores. Entre o Matta e o Penim ha um abysmo. As reputações contemporaneas são uma deploravel ratoeira. Sobre cem mil pessoas que applaudem um sucio, ha cem que sabem o porquê, e o resto é por ouvir dizer. O unico homem, a cujo distrahido ouvido o Penim se lisonjearia de que chegasse a fama do seu nome, — o Matta! — o Matta ignora-o. É assim a vida humana. Napoleão morreu sem que um só ecco lhe falasse de Child-Harold; e Byron, injuriando-o, conquistador ciumento, vingou-se de haver feito menos ruido com os seus versos, do que o outro com as suas batalhas. Atordoai embora o publico com a reputação de um nome; a eirós grelhada com molho de salsa não chegará talvez a ser conhecida do Cesar das geleias, e, em quanto na rua do Regedor se saboreia a lingua de porco guisada, Matta, o tirano da baixa, o Nero da *mayonnaise*, espalhará a fama dos seus titulos pela tuba dos jornaes, e a fortuna deparar-lhe-ha um poeta encantador da Academia Real das Sciencias, para o tornar immortal. E todavia, ó Bulhão Pato, deixa que eu te diga uma verdade eterna: — a arte póde fazer o cosinheiro, mas o taberneiro dá-o a natureza!

*Julio Cesar Machado.*

**O editor castigado.** — Um editor, livreiro inglez, affligio-se sobremaneira de haver comprado e imprimido uma obra, de que não tinha vendido senão meia duzia d'exemplares, passado muito tempo. Um dia, encontrando-se com o author, desabafou as suas queixas, e entre as que mais o podião mortificar, disse-lhe que os seus livros não erão capazes de lhe dar nem mesmo com que comprar um pão. Um vigoroso murro, que lhe quebrou os dentes da frente, foi a unica resposta que em paga recebeu do orgulhoso escriptor. Foi este intimado para se



apresentar no tribunal, e ahi adduzir a sua defeza, e é força confessar que o fez de tal sorte, que o juiz, as testemunhas, os espectadores, e o mesmo offendido, não poderam deixar de rir: «Senhores, disse, confesso que tomei a cousa um pouco ao serio, e que quebrei os dentes áquelle homem; mas no fim de tudo, que mal lhe fiz com isso? Os meus livros, disse elle, nunca lhe darão com que comprar pão, e os dentes são inuteis, quando não ha pão para comer.»

**Inscripção antiquissima.** — Os mais antigos monumentos escriptos que hoje se possuem, são escriptos em madeira. Uma inscripção gravada em uma taboa de Sycomoro encontrada em 1837, n'uma das pyramides de Memphis, remonta, segundo o author que a explorou, a 5,900 annos. Esta preciosidade archeologica foi trazida para Inglaterra.

**Siva.** — Siva, ou Rudra, como lhe chama o nosso chronista Diogo de Couto, fórma a terceira pessoa da trindade indiana (*A. de* 1857, *p.* 281) e conta mais adoradores que Brama, que, comquanto pareça ter a preeminencia sobre os outros deoses, não possue senão um templo na India. Os de Siva são numerosissimos, e o seu culto tem no Indostão milhões de fieis. É um deos terrivel. Descrevem-no no meio de uma legião de demonios e de espiritos, rodeado de ossos e craneos humanos, de cinzas e fogueiras funebres. É o senhor da morte; mas a morte não é para os indios senão um symbolo de regeneração, e d'ahi vem a loucura com que o adorão e se lhe sacrificão.



Em differentes mezes do anno celebrão-se em sua honra festas especiaes, em que os indios, seguidores de Siva, se entregão ás mais duras austeridades, e aos mais crueis tormentos expiatorios. Em Kalighat, perto de Calcutta, ha um

dos seus templos mais famosos, em cujos altares se immolão todos os annos milhares de victimas. Para lhe agradarem, uns furão a lingua e abrem as veias, outros levantão os braços acima da cabeça, e assim se conservão semanas inteiras, até que os musculos se lhes paralysem por falta de movimento; outros põem-se quasi nus, deitados contra a terra, na mais completa immobilidade, expostos dias e dias aos ardores de um sol abrazador, ou á humidade das chuvas. D'estas, e d'outras torturas, ainda mais incriveis, só o Indostão nos póde dar exemplos; e os devotos fazem-n'as rindo, cantando, e muitas vezes espalhando flores sobre os assistentes.

O céu de Siva, cuja imagem se representa em a nossa gravura, é no meio das neves e dos gelos eternos do Keila, um dos cumes mais elevados do Himalaya. (*A. de* 55, *p.* 212)

NOVEMBRO — 25

# NO ALBUM

## Da minha amiga D. Luiza Filomena Antunes de Mesquita.

Que te posso eu dizer, singela virgem?
Louvores á virtude?... ella te enleva!...
O que dizer-te dos seus dons e origem,
Que esse teu coração sentir não deva?

Se ella emana do céu, e se na terra,
O infortunio destróe, perdoa e ama;
Com seu lume efficaz, que o mal desterra,
Tambem o seio teu suave inflamma!

Vi em teu rosto de innocencia cheio,
A par co'as graças, que a belleza tem,

Brilhar o fogo, que te anima o seio,
De affectos puros que de Deus provém.

Ah! não consintas que essa luz se abrande!
Olhando attenta da virtude ao alvo,
Cumprindo tudo o que o dever nos mande...
O mar da vida se transpõe a salvo!...

É bello o exemplo d'uma vida pura;
Ás irmãs tuas puro exemplo dás;
Nunca prazeres nos darão ventura,
Quando não ha na consciencia a paz.

Co'o tempo fogem, mocidade e encantos,
E ás vezes traz o infortunio a dor;
Mas se o desgosto nos obriga a prantos,
Presta á virtude singular valor.

Conserva, pois, as propensões que hauriste
De Deus, de ti, da educação, da fé;
E se algum dia te encontrares triste,
Lembre-te que outra nossa patria é!...

Hoje, entretida no scismar d'esp'ranças,
Acalentada pelo amor dos teus,
Alegres vistas ao futuro lanças,
O mal nem sonhas, e sorris aos céus.

Ai! nunca o riso se te mude em pranto!...
Nunca em tristezas; e permitta Deus,
Fazer-te sempre venturosa, tanto,
Quanto eu desejo co'os desejos teus!

E este meu voto bem te prova, amiga,
Se maravilhas te não sei dizer,
Que o sentimento minha mão obriga,
A mão tão fragil não ajuda o q'rer.

*D. Catharina Maxima de Figueiredo* (Guiens).



*

**A mais extraordinaria raridade.**— Um francez provinciano chegou a Pariz, e um dos primeiros monumentos que desejou conhecer, foi o Palacio dos Invalidos (*Hotel des Invalides*). Ao sahir d'aquelle pantheon de glorias veteranas, tanto mais inteiras, quanto mais mutiladas, encontrou-se com um parisiense que lhe perguntou se tinha gostado.

— Assim, assim; não vi cousa que me espantasse: uns homens com uma perna de pau, outros com braço de pau, que demonio de graça tem aquillo?

— Pois não viu mais nada?

— Eu nada mais.

— Ora essa? Então não lhe mostraram o sargento F., que tem a cabeça de pau?

— Nem em tal me fallaram! torno já lá para dentro, e vou-me perguntar por elle.



# CHARADA XXX.

Seja mais alta, ou mais baixa,
Sou um covil d'animaes;
E na opinião dos sabios
Posso conter mineraes... 2

Das mortes que tenho feito,
Ha de certo grande lista;
Da justiça não me temo,
Pois de ninguem serei vista.. 1

Collocado em meu emprego,
'Stou em alta posição;
O abaixo de mim obrigo
A prestar-me adoração.

*José Gomes da Silva.*

**Templo de N. Sr.ª da Boa Nova.** — É esta a invocação de um templo, que fica a distancia de mil e quinhentos metros da Villa de Therena, na provincia do Alemtejo, districto de Evora, e a doze kilometros d'esta Villa de Redondo.

O padre Carvalho, na Corographia da Villa de Therena, diz que este célebre monumento fôra fundado por D. Maria, mulher de D. Affonso II, de Castella, filha do nosso rei D. Affonso IV; mas, sem querermos invalidar o testemunho do corographo, diremos que a fundação do templo de Nossa Senhora da Boa Nova nos parece de origem mais remota; e a razão é porque, tendo sido a primeira parochia da Villa de Therena que primeiramente foi povoada por D. Gil Martins, que lhe deu o foral de Villa em 1262, não podia ser edificado tanto tempo depois. A isto accresce que D. Maria, por sua morte, nem um legado, ou disposição, deixou a favor d'este notavel lugar sagrado, o que n'aquelles tempos era costume geralmente seguido. Pelo que é crivel que a sua origem seja mais antiga. Em quanto á sua construcção tambem é notavel: assimelha-se a um castello, e é todo de cantaria, e guarnecido d'ameias, provavelmente para facilitar aos defensores, no caso de ataque, o acudir aos sitios mais ameaçados, e atirar do alto sobre o inimigo materias incendiarias, pedras, e outras armas usadas na guerra antes da invenção da polvora.

A figura da igreja é uma cruz perfeita: tem tres portas, uma na frente, e duas lateraes. As paredes estão forradas de ricas pinturas. Nos dous lados do altar mór estão dous grandes cyrios, que, apesar da sua antiguidade, e ruinas causadas pelo tempo, dão todavia uma idéa da sua grandeza primitiva. *Anonymo Redondense.*

**Livrarias.** — Ás livrarias chamava El-rei D. Sebastião com chistoso espirito — *tabernas dos homens de bem.*

## MOTE.[1]

*Para amar não tenho tempo.*

### GLOSA.

Eu pelas moças do campo
Nem um par de solas rompo;
Bem basta quanto as estrompo
Á caça co'o meu melampo.
O vinho nos tonéis tampo,
Das vinhas que podo e empo;
Ás vezes, por passatempo,
As ruas do jardim limpo;
Depois a dormir me chimpo,
Para amar não tenho tempo.

[1] Não sabemos quem é o author d'esta décima, nem mesmo nos consta que esteja publicada. Devemol'a á boa memoria do nosso amigo Bulhão Pato, e reproduzimol-a porque pela naturalidade da metrificação, e mais ainda pelas difficuldades da rima, é um modêlo no seu genero.

NOVEMBRO — 30

## CHARADA XXXI.

Tanto, ou mais, do que o seu boi,
Em S. Marcos encontrado... 1
Das maldades d'um tyranno
Da Sicilia me hei vingado... 1

Nome maritimo usado
Para barlaventear... 1
Derão-me muito á nascença,
E eu não faço senão dar.

*F. M. de C.* (Leiria).

## DEZEMBRO — 1

**O que faz uma lettra de mais ou de menos.** — Não tem menos graça que a transformação de *Borgia* em *Orgia,* est'outra mais antiga, com que na côrte de França foi satyrisado certo aulico d'obscuro nascimento e grande prôa.

Era filho de um merceeiro — *épicier;* chamava-se Mr. de Arfine.

Tendo herdado de seu pai avultados haveres, edificou palacio grandioso, e por cima da porta da capella lhe mandou embutir este lettreiro: *Respice finem.* (Olha para o fim.)

Um bello dia amanheceu a inscripção sem a primeira e a ultima lettra. Lia-se unicamente: *espice fine.* (Especiaria fina.)

## DEZEMBRO — 2

**Antiguidades na Portella.** — Tambem ahi na Portella de Penella apparecem vestigios da dominação agarena. Estando em 1860 dous homens a desarraigar um sovereiro secular, bateu o alvião em um vaso de barro cuidadosamente tapado. Quando verificaram que era dinheiro o contheúdo do vaso, travaram-se em renhida luta, porque ambos se julgavão com direito ao famoso thesouro. Foi porém ephemero o alegrão dos homens, que já phantasiavão uma vida menos trabalhosa! Do exame, a que mandaram proceder, se conheceu ser cobre. Estava este dinheiro (que era do tamanho das moédas de 40 réis) coberto de uma grossa crusta, que impedia ver a inscripção, distinguindo-se apenas o nome — *Marrocos* — e a effigie de um guerreiro de lança e morrião. Ahi proximo ha um lugar a que a tradição dá o nome de *Covas dos mouros,* e um pequeno Castello mourisco edificado sobre um enorme rochedo. O *Thesouro* achado, a que um archeologo daria summo apreço, foi vendido a um ricaço da fréguezia por 240 réis!

*José Thomaz Pereira Soares* (Porto Alegre — Brazil)

**Vaso etrusco.** — No seculo 16.°, a duas milhas de Roma, encontrou-se em um sarcophago um vaso etrusco de vidro azul muito escuro, em cujo fundo se destacavão baixos relevos de *biscuit* branco. Este curiosissimo achado recebeu o nome de *vaso Portland*, porque o duque d'este titulo o comprou por dous mil guinéos, e fez presente d'elle ao *Museu Britannico*. Em 1845, um d'estes desgraçados, que ambicionão perder a liberdade, para á sombra d'um carcere serem alimentados pelo governo, ou pela caridade publica, repugnando-lhe fazer um roubo, munio-se de uma pedra, entrou no Museu de Londres, e fitando cuidadosamente o célebre *vaso Portland*, fel-o pedaços. Era isto um crime horroroso, segundo se affigurava ao pobre malfeitor, pelo apreço em que geralmente via ter aquella reliquia; contava por isso com a prisão no resto dos seus dias, e quando foi interrogado pelo juiz confessou o maleficio. Que importa? O jury, por uma d'aquellas excentricidades que caracterisa o povo inglez, não considerou o valor estimativo da raridade; não viu no *vaso Portland* senão o valor intrinseco da sua materia e mão d'obra, e, avaliando-o em tres libras, condemnou o réo a dous mezes de prisão!



É que ha gente tão desgraçada, que nem o mal, o mesmo mal que deseja, que diligenceia, e para que emprega todos os seus esforços, obtem muitas vezes. O pobre homem era d'este numero.

**O Flamingo.** — É uma das mais lindas aves paludaes representada pela nossa estampa. Tem as pernas muito compridas, o pescoço delgado, e tão comprido como as pernas. Os novos, antes da muda, são alvadios; quando chegão a um anno vão as azas tingindo-se-lhes d'um leve côr de rosa; de tres para os quatro annos são d'um formoso encarnado, tendo pretas as extremidades das azas. Vivem de mariscos, de insectos, e de ovas de peixe. Andão sempre em bandos, e são tão presentidos, que, quer pesquem, quer descancem na praia, está sempre um de mira e cabeça levantada, como de sentinella a todos os outros. Se qualquer cousa o assusta, ou descobre alguem, solta um grito, que se ouve muito longe, e o bando foge immediatamente, observando no vôo uma certa ordem. Fazem ninhos nas lagôas e charcos d'agua salgada, onde juntão pequenos montes de lodo que sobresaiem ás aguas. No cimo d'estes monticulos fazem uma cova onde depõem os ovos, e durante a incubação estão de pé descançando sobre o ninho, que encobrem com parte do corpo, porque o com-



primento excessivo das pernas os não deixa acocorar como as outras aves.

No Maranhão, e outros pontos do Brazil, dão aos flamingos o nome de *guarás*. O padre Manuel Ayres do Casal, referindo-se a elles, e lastimando a sua devastação na *Corographia Brazilica*, exprime-se do seguinte modo: «Havendo tantos sitios desde o Cabo de S. Maria até o rio Parnahyba, cujos nomes mostrão terem alli havido n'outros tempos estes passaros, hoje não se encontram em parte alguma d'esta vastissima extensão, depois de exceptuarmos o rio Guaratuba, e o de S. Francisco do sul. As espingardas têem feito maior destruição n'estes viventes em tres séculos, do que as *tacoáras* dos indigenas em toda a antiguidade.»

Os flamingos encontrão-se tambem nas nossas ilhas de Cabo Verde. Os romanos fazião grande estimação das linguas d'estas aves nos seus banquetes. No Egypto os pescadores utilisão-se das linguas, mas só para extrahir d'ellas uma substancia gordurenta, que empregão como manteiga. A carne tem um cheiro pronunciado de marzia, e por isso não é considerada um grande manjar.

DEZEMBRO — 5

## CHARADA XXXII.

Na lyra confôrto buscando á tristeza,
O poéta d'est'arte se vê meditar... 1
Ai triste do homem que assim n'esta vida,
Não póde as bellezas do mundo gosar... 2

Ditoso mil vezes o que me disfructa,
Pois sou n'esta vida bem raro prazer;
E ai triste, bem triste, d'ess'alma que deixo,
Que vive, que morre, sem nunca me ter.

*Dona G. D. N. T.*

# LAGRIMAS.

Ja brava tormenta no ar se condensa;
Na abobada immensa não luz uma estrella.
Um manto sombrio, qual crepe de morte,
Descendo do norte, cobrio a mais bella.

Bem como a esperança, que eu n'alma nutria,
Que a dor veio um dia, p'ra sempre apagar,
Sumio-se na esphera essa estrella brilhante,
Miragem constante do meu triste olhar!

Se em ancias a busco, só trevas escuras,
Espessas negruras diviso, mais nada;
Da crença perdida tambem a minh'alma
Cingio triste palma, sorrio contristada.

Que amarga, que triste, não é esta vida,
Se a alma descrida já busca conforto
Nas penas e dores em que acha doçura,
Porque da ventura lá tem o seu horto!

É que ha assim dores; se sangrão só pranto,
São balsamo santo d'immenso valor,
Que infunde na alma o orvalho divino,
Qual nota d'um hymno de paz e d'amor!!

*D. Henriqueta Elysa* (Lodeiro).

**Espinafres.** — Um sujeito da Lourinhã (seja dito sem offensa aos da terra; póde-se ser da Lourinhã, como de Palermo, ou de Toledo) recemchegado a Lisboa, foi jantar ao Matta em companhia de um amigo. Pedio este, além

de outros pratos, espinafres para dous. — Basta para um — emendou o adventicio; eu não posso soffrer os espinafres.

— Mas é um prato muito bom.

— Sim, senhor, toda a gente diz isso; mas eu é que tenho com elles uma embirração particular; nem cheiral-os posso; e tenho pena d'isto, porque toda a gente os gaba. Desejava gostar d'elles... isto é, desejar, não desejava tal, porque se eu gostasse d'elles havia de comel-os, e eu não os posso supportar.

DEZEMBRO — 7

**Baneanes em Moçambique.** — De 1687 data a entrada dos baneanes em Moçambique. Esta raça de gentios crê-se privilegiada, por ser de commerciantes desde a sua origem, sem mistura de outra classe. O vice-rei da India, conde de Alvor, concedeu em 1686 a uma companhia de baneanes de Dio o exclusivo do trafico mercantil entre aquella praça e a de Moçambique; e estes judeus da Asia, como lhes chama um author contemporaneo, assenhorearam-se desde logo de todo o commercio da colonia, cujo monopolio na ilha de Moçambique durou até os nossos dias, apesar de haverem perdido successivamente os privilegios injustificaveis que possuião, entre os quaes figurava com escandalo, no alvará de 1686, o julgamento das suas causas por juizes privativos e conservadores, que erão os reitores da companhia de Jesus, tanto em Dio, como em Moçambique!

Quasi todos os governadores da colonia se queixão, em seus officios para a côrte, e applicão os mais affrontosos epithetos a esta raça de monopolistas: um só d'elles, o tenente coronel Vicente Caetano da Maia e Vasconcellos, homem turbulento e caprichoso, encontrou optimas qualidades nos baneanes. A seu respeito diz, já em nossos dias, o capitão general Sebastião Xavier Botelho, que são ardilosos, falsarios, interesseiros, usurarios, mentirosos; que não conhecem boa fé nos contractos; que apostão a qual hade enganar e

roubar mais os christãos, o que entre elles é moral religiosa!.. A pintura é pouco lisonjeira! Verdade é que accrescenta em seguida: «Ao mesmo tempo são humildes, pacificos, e bons pagadores.»

A companhia de baneanes desfez-se em 1777, mas ficaram os que a compunhão, negociando separadamente. Em 1783 forão mandados recolher á Ilha de Moçambique os que traficavão em Rios de Sena e mais pontos da costa e sertão, prohibindo-se-lhes a sahida da capital sem passaporte da authoridade superior: tal era a desordem que espalhavão por toda aquella conquista, que foi preciso vigial-os de perto!

Ainda hoje conservão em Moçambique o seu bazar, ou bairro commercial, que data da apparição dos primeiros baneanes na ilha, e monopolisão a maior parte do commercio a retalho. *Francisco Maria Bordalo.*

DEZEMBRO — 8

## BENÇÃO A MINHA FILHA SOFIA.

Folga, folga, meu anginho,
Sorrindo a teu pobre pai,
Que em quanto a viver começas,
A minha vida se esvae.

Que Deos faça o teu destino
Mais propicio do que o meu;
Sejas tão feliz na terra,
Quão desgraçado fui eu.

Brilhe sempre n'essa fronte
Da innocencia o resplendor,
E como ora te abençôo
Sê bemdita do Senhor.

Um dia quando cresceres,
E me não vejas na terra,
Lê de joelhos a benção
Que n'estes versos se encerra.

Uma porção da minh'alma,
Hasde, oh filha, achar aqui;
Pede por mim quando os leres,
Que eu peço agora por ti.

31 de Dezembro, 1862. *F. G. de Amorim.*

Estes versos forão publicados pelo *Diario do Gran-Pará*, e a folha brazileira precedeu-os das seguintes considerações:

«*Felix presagio.* — O eximio poéta portuguez F. G. de Amorim, que havia deixado de pulsar a lyra, em consequencia de um cruel soffrimento de cabeça, principia de novo a brindar-nos com as suas mimosas endeixas. A seguinte poesia, repassada do sentimento de amor paternal, singela como deveria ser a dedicatoria a uma filha innocente, não mostra, ainda que elle o dê a entender, o canto do cisne com a approximação da morte, mas a convalescença de um vulto litterario que rejuvenesce ao sopro da inspiração.

As musas portuguezas perderião em F. G. de Amorim um dos seus mais dedicados filhos, e Deus não havia de permittir que o author dos *Cantos matutinos*, no vigor da vida e da intelligencia, se sumisse no occaso de tão curta carreira litteraria.

Esta poesia, feita n'um intervallo de allivio, foi logo copiada nos albuns de algumas damas portuguezas, que derramaram com a sua leitura lagrimas de consternação. É hoje a primeira vez que vê a luz publica, porque nos foi offerecida por um nosso amigo.»

Quizera Deus que fosse um *feliz presagio* esta *Benção*, como nos seus bons desejos se affigurou á folha paraense; mas estes versos, repassados de melancholia, e em que já o desalento se revelava, forão escriptos em julho de 1862; é passado um anno, e ainda o poéta, a quem a minima applicação está sendo impossivel, não volveu á tarefa das lettras, que lhe era tão cara.

Que a esperança o não abandone, e que volte, tão assiduo cultor como era, a enriquecer a litteratura patria, são os votos de quantos o conhecem.

## DEZEMBRO — 9

**A imprensa deve ser honrada.**— A missão mais nobre da imprensa é a de defender o opprimido. Este é o primeiro dos seus deveres. Não pensem que ella se inventou para fins que não sejão generosos e nobres; nem que a devem

toi ao serviço de mesquinhos interesses individuaes, ou de ignobeis paixões. Quando não cumprirem este dever, saibão que transformão a imprensa em arma fatal.

Impresso d'onde não se irradie luz e verdade, livro que não moralise e instrua, jornal que não esclareça e doutrine — para que servem? Rasguem-nos e queimem-nos.

A luz da imprensa não póde nem deve esclarecer más acções, nem maus feitos. Honrem sempre a imprensa! A ampla liberdade não será nunca torpe licença para um escriptor consciencioso.

*Brito Aranha.*

## DEZEMBRO — 10

**O que é a ambição.** — Um rapaz, guardador de porcos do sr. morgado J. P. da S., no Alemtejo, estava um serão d'inverno ao lume com outros companheiros, matando o tempo a armar castellos no ar.

«Se eu fosse rei, dizia um, não havia de comer senão pão molle com manteiga, e manteiga a dar com um pau.

«Eu, acudia outro, havia de passar o dia todo a dormir.»

«Pois eu cá, disse o nosso rapazinho, se fosse rei, havia de guardar os porcos do senhor morgado a cavallo.»

## DEZEMBRO — 11

**Signaes de mouros e judeus.** — Nas Ordenações, publicadas em 1603, foi determinado que os mouros, e judeus, que n'este reino andassem com licença, assim livres, como captivos, trarião signal por que fossem conhecidos. Este signal consistia em os judeus usarem carapuça, ou chapeo amarello, e os mouros trazerem uma lua de panno vermelho de quatro dedos, cozida no hombro direito, na capa, e no pelote. O que o não trouxesse, ou o trouxesse coberto, era prezo, e pagava pela primeira vez mil réis de cadeia, pela segunda dous mil réis, para o meirinho que o prendesse, e pela terceira eram-lhe os bens confiscados, ou fosse captivo, ou livre. *Lourenço Ramos* (Guarda).

**Peixe voador em S. Thomé e Principe.** —A pesca do peixe voador nas ilhas de S. Thomé e Principe é um grande recurso para as classes menos abastadas, e não deixa de offerecer alguma curiosidade.

Aqui, na ilha do Principe, em Abril e outros mezes do anno, pelo escuro da noute, sahem os pescadores ao mar, munidos de fachos de ramos sêcos de palmeira, que depois de acezos lhes facilita, pelo seu clarão, apanhar em pequenas redes armadas em arcos de pau o peixe voador. Este, encontra-se sempre em grandes cardumes, e facilmente se deixa apanhar com aquelle artificio.



Na ilha de S. Thomé ha duas qualidades d'este peixe: o grande, que é o mesmo que se apanha aqui, e a que elles lá chamão *voador de anzol*, porque só com elle o pescão, — e o miudo, que denominão *pampá*. Este, engodão-no com pequeninas jangadas de certa herva, e apanhão-no ás canôas, cheias em tanta quantidade, que vendido a 20 e a 30 por um vintem, ainda os compradores o achão muito caro. Defumão-no depois, e secão-no a fogo lento e sem sal; e mais tarde, no tempo da carestia, vendem-no a dous e a tres por um vintem. Aqui, na ilha do Principe, costumão salgal-o; e muitas vezes, como a falta de peixe é consideravel, vale-nos o que vem da ilha de S. Thomé, e que ainda assim não fica fóra de conta.

Em Angola tambem ha o peixe voador, mas ninguem faz caso d'elle, e por isso o não pescão. (*A. de* 52, *p.* 364.)

*José Vaz Contreiras* (Ilha do Principe).

## DEZEMBRO — 13

**Jesu-Christo acolhendo as crianças** (*S. Matheus, Cap.* 18 *e* 19). — Partio um dia Jesus de Gallilèa, e foi para os confins da Judéa, além do Jordão; seguia-o uma grande multidão de povo.

E depois de haver curado muitos enfermos trouxerão-lhe varios meninos para lhes impôr as mãos, e fazer oração por elles; mas os discipulos repelliram-nos com palavras asperas.



Então Jesus lhes disse: *Deixai os meninos, e não embaraceis que elles se cheguem a mim; porque d'estes taes é o reino dos Céus.* E abraçou-os, e estendeu-lhes as mãos sobre a cabeça.

N'outra occasião, chegando os discipulos ao Divino Mestre, e perguntando-lhe qual seria maior no reino dos céus, chamou Jesus a um menino, e o poz no meio d'elles, e disse-lhes: *Todo aquelle que se fizer pequeno como este menino, esse será o maior no reino dos céus.*

Por estas palavras conheceram os apostolos que era mais agradavel a Deus a innocencia e a humildade, do que o orgulho e a soberba.

**Combinações do alphabeto.**— Um mathematico chegou a calcular que as lettras do alphabeto davão o seguinte numero de combinações:

620, 448, 401, 733, 239, 439, 360,000.

Isto é: 620 sextilliões, 448 quintilliões, 401 quatrilliões, 733 trilliões, 239 billiões, 439 milliões, 360 combinações. Estamos certos, mais do que certos, certissimos, de que os nossos leitores se não darão ao trabalho de as verificar.



**Rimas forçadas.** — As seguintes, todas esdruxulas, derão-se a 3 poétas, que em cavaco chistoso se propunhão a passar juntos as horas d'um serão de inverno, em quanto a chuva lhes fustigava as vidraças da casa, em que se achavão: *Ironico, giria, Syria, sardonico, teutonico, Illyria, Tyria, eufonico, válido, álamo, esquálido, cálamo, pállido, thálamo.*

Ja se vê, pelo numero, e pela disposição, que se tratava d'um soneto, cujo assumpto, que tambem foi dado, era a despedida d'Enéas a Dido, e cujos versos havião d'alternadamente ser improvisados pelos tres poétas. Sahio o seguinte disparate:

**A despedida d'Enéas.**

— «Ai, Dido, eu vou partir; — com riso ironico
Dizia o pio heroe cheio de giria; —
Acenão-me d'além montes da Syria.
Mulher! não me olhes com sorrir sardonico.

Vou as vezes fazer do rei teutonico,
Vou o mundo correr, domar a Illyria;

Tu entretanto na cidade Tyria
Me ouvirás suspirar teu nome eufonico.

— «Tu partes? E o consorcio não foi válido?
Não juraste ser meu á sombra do álamo?
Traidor, ingrato, vil, infame, esquálido?» —

Assim brada a infeliz; empunha o cálamo,
Crava-o no peito, inclina o rosto pállido,
E expira exangue na viuvez do thálamo.

No *Almanach* de 1861, a pag. 130, ha dous bons exemplos de rimas forçadas; e no de 1857, pag. 191, uma noticia ácerca d'esta arlequinada, ou palhaçada d'espirito, como alli se lhe chama.

DEZEMBRO — 16

**Vizeu.**—Esta nobre e antiquissima cidade está situada entre os dous rios, Mondego e Dão, proxima á extremidade da serra do Caramulo, para o levante.

Foi seu primeiro duque D. Henrique, filho de el-rei D. João I; e ahi nasceu tambem na casa da Torre, na rua da Cadêa, a 31 de Outubro, de 1391, el-rei D. Duarte.

Um dos seus mais antigos monumentos é a—Cava de Viriato,—ao norte da cidade, assim chamada, por este célebre pastor do Herminio haver n'ella derrotado a Nigidio, capitão romano, com todo o seu exercito, e por este a ter circundado com as aguas do Pavia, por meio de um fosso, de que ainda se vê parte, para o lado do septentrião.

A Cava não é mais do que uma vasta planicie, circundada por uma muralha de terra, que, apezar de n'algumas partes ainda se conservar com quasi oito metros de altura, n'outras está inteiramente demolida pelo volver de mais de vinte seculos, e tambem pelo genio vandalico, que tanto se tem arreigado no coração dos portuguezes!

É tambem digna de menção a sua antiga cathedral, man-

dada começar pelo conde D. Henrique e D. Thereza, pais de D. Affonso Henriques. Ainda no seu tempo se concluiram os claustros, ao SO. do templo, sustentados por dezeseis columnas de pedra, da ordem dorica. N'estes claustros está um tumulo, que encerra as cinzas de algumas victimas das nossas sempre calamitosas guerras civis.

O tecto do templo é todo de pedra, sustentado por seis columnas. Na sachristia vêem-se alguns quadros de Grão-Vasco, e um, ou mais de um, ainda por completar, crê-se que de proposito. O que é certo é que ainda ninguem, cujo pincel rivalisasse com o do grande pintor, se atreveu a concluil-o.

Alem da sé cathedral, tem Vizeu mais alguns templos e edificios, dignos de attenção, como a misericordia fronteira á sé; o convento das freiras, que ainda tem algumas religiosas; o Carmo; os Terceiros; S. Miguel, onde, segundo a tradição, hoje contestada, está sepultado D. Rodrigo, ultimo rei dos godos; o seminario episcopal, fundado pelo bispo D. Nuno de Noronha, ha perto de tres séculos; finalmente o hospital novo, edificio começado no principio d'este século, e cujas obras têem durado até aos nossos dias.

No seminario ha uma escadaria de pedra, que pela sua architectura e construcção arrojada, attrahe as attenções de todo o visitante.

Tem varios passeios, entre os quaes notaremos, como principal, o de D. Fernando, muito frequentado, e dividido em tres compridas ruas de faias, acacias, álamos, e outras differentes arvores, que na primavera produzem uma virente balseira, cujo refresco, ao decair da tarde, vão gosar os visienses, os estudantes e as muitas e formosas mulheres, que esta cidade se ufana de possuir.

Tem produzido Vizeu alguns homens, que ennobrecem as paginas da litteratura portugueza, tendo o primeiro lugar: João de Barros, o Tito-Livio portuguez, nascido em 1486 e morto em 1570. Tambem foi patria de Grão-Vasco, que viveu pelos annos de 1480.

Os habitantes de Vizeu são em geral, sóbrios, alegres, socegados, amantes do aceio, da musica, do jogo e divertimentos; de altura regular, mas de compleição robusta e de animo varonil. A provincia da Beira, de que Vizeu é capital, tem dado ao paiz grande parte dos nossos homens de estado. O que n'esta provincia abunda em intelligencias e aptidões escaceia nos meios de haver illustração.

Praza a Deus que tantos nomes dos nossos conterraneos, que illustraram o passado, nos sejão penhor seguro do porvir, como já nos são esperança.

*Antonio Candido Pereira de Figueiredo* (Vizeu).

DEZEMBRO — 17

## CHARADA XXXIII.

Sou fatal a muitos entes;
Sou o terror dos viventes... 1

Quando é assim a doença,
Vai medico sem detença... 2

Sou principe soberano,
Procura, que não te engano.

*M. S. L. Flores* (Pernambuco).

DEZEMBRO — 18

**Singularidade de certas plantas.** — Ha certas plantas que, tiradas da sua posição natural, têem a propriedade de adquirir a sua posição primitiva. Entre muitas, vamos fazer menção d'algumas.

O lúpulo — enleando-se em um pau, dirige seu curso de sul a oeste, isto é, do mesmo modo que o sol. Desenleai a planta, collocai-a em direcção inversa, e ella recuperará a sua direcção natural em uma só noute!

A brionía — cresce e agarra-se ao que acha na sua di-

recção; porém, se depois de completar uma espiral de tres voltas não tiver encontrado alguma cousa que a sustente, altera o seu curso.

A raiz de uma arvore, encontrando um fosso no seu progresso, fica exposta ao ar; e o que acontece? —altera o seu curso, como um ente racional, profunda na terra, rodeia o fosso, eleva-se no lado opposto á sua costumada distancia da superficie, e em seguida prosegue na sua direcção primitiva.

Mettei um pau na terra a alguma distancia d'uma planta trepadeira; a planta dirige-se ao pau, agarra-se a elle, e eleva-se á sua altura natural.

Uma madre-silva — prosegue em seu curso, até que sendo muito longa para supportar o seu peso, desce em espiral; porém se por coincidencia encontra outra planta da mesma especie, unem-se para soccorro mutuo; uma torcendo para a direita, e outra para a esquerda!

*Manoel Maria Lucio* (Villa Nova de Gaya).

DEZEMBRO — 19

**Prática singular.** — Observando o que se lê no *Almanach* de 61, pag. 375, sob o titulo *prejuizo engraçado* accrescentaremos, com verdade, que não é só na aldeia de Escalhão de Cima-Côa, que se usa de badaladas no sino da matriz para facilitar o parto que se considera difficil. Tambem nas Galveias (*A.* 61, *p.* 354), população de trezentos e setenta e tantos fogos, ha ainda esta fé innocente, ou este prejuizo; mas aqui, para correr ao sino e dar as badaladas, basta qualquer pessoa do sexo feminino, sem distincção de nome.

Não só esta, mas muitas outras praticas, que não posso deixar de considerar abusivas, se observão ainda n'esta villa, e de tal sorte arreigadas, que difficil me parece extirpal-as. Aqui ainda se crê nas benções de feiticeria; e ha mulhersinha que benze de quebrantos, de carbunculos, de cobras, de sol, de lua, de erysipela, de vermes, de pragas, de quei-

maduras, de maleficios diabolicos, de tudo que se pretenda; e é tanta a credulidade, tanta a confiança n'estas abusões, que muitos dos crentes tarde, ou nunca, reconhecerão o erro. *Luiz Antonio da Silva Prudencio* (Galveias).

DEZEMBRO — 20

## TOMADA DE EVORA.

Surgira glorioso
Em terras lusitanas,
Fundando novo imperio,
Affonso valeroso,
Das hostes mauritanas
Affronta e vituperio.

O archanjo do exterminio
Marcou para o crescente
A hora derradeira;
E a cruz ergueu fulmineo
Clarão resplandecente
De Affonso na bandeira!

Em torre alemtejana
Accendem-se almenaras,
Rebenta grão fragor...
Quem é que a mó profana
Rendeu de Christo ás aras?...
Geraldo Sem-Pavor!

*D. Maria José da Silva Canuto.*

DEZEMBRO — 21

**Francisco Dandolo.**—Desde 8 de Janeiro de 1328, até 31 de Outubro de 1339, foi doge de Veneza Francisco Dandolo. Antes de ser elevado a esta dignidade, tinha sido enviado, em 1313, como embaixador, perante o Papa Clemente v, para obter que este retirasse a excommunhão, que tinha lançado á républica veneziana. Tendo-se lançado aos pés do Pontifice, com uma cadeia de ferro ao pescoço, declarou que se não levantaria, em quanto não tivesse obtido a absolvição da sua patria. Clemente v compadoceu-se, e reconciliou Veneza com a Igreja.

Esta aventura fez com que dessem a Dandolo o cognome de *cão*, que elle conservou toda a vida. Durante o seu governo, os venezianos, encerrados até então nas suas lagôas, estenderam sua dominação sobre a terra firme, conquistaram Trevue, Cénéda, e Conegliano, terras pertencentes á familia Scala, e tomaram sob sua protecção os Carraras, senhores de Padua, dos quaes asseguraram a independencia.

*Alfredo Elysio Pinto de Almeida* (Lodeiro).

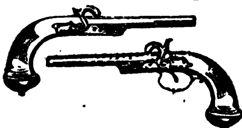
## DEZEMBRO — 22

**Uma colhér para tantos!** — O duque de Pembroke criava um numero consideravel de porcos na sua terra de Wiltshire. Atravessando um dia o páteo, ficou surprehendido de vêr uma porção d'estes animaes, reunidos em roda de um maceiro, e grunhindo espantosamente. Levou-o a curiosidade a examinar o que podia dar causa a semelhante motim, e, aproximando-se, vio no maceiro uma colhér de prata.



—Sois parva, diz elle, voltando-se para a cosinheira — que admirada de tanta bulha chegava n'aquelle momento, trazendo com que os calar — os pobres animaes têem sobeja rasão para grunhir; pozestes-lhes a mesa, e vêde bem que para elles todos não déstes mais do que uma colhér!

**Pistolas.** — Com quanto não estejão acordes os investigadores de cousas militares sobre a origem e invenção da arma a que damos o nome de pistola, o que parece mais certo é que ella foi inventada no seculo XVI em Pistoia, cidade da Toscana, por Camillo Vetelli, e que d'ahi se lhe deriva o nome.



Em França foi a pistola adoptada para a cavallaria ao mesmo tempo do que a carabina, de invenção hespanhola. Os soldados assim armados chamavão-se carabineiros, e a historia já faz menção d'elles em 1599 na guerra da Picardia.

DEZEMBRO — 24

**A noute do Natal na Idanha a Nova.** —D'onde vem o uso de se queimar um madeiro na noute de Natal, não sei bem dizel-o, porém é certo que na villa de Idanha a Nova não só se queima publicamente um, como ás vezes tres e quatro. Tres semanas antes, ou um mez, da noute de 24 de Dezembro, vão ao campo buscar o madeiro, que para este fim se acha já cortado, sendo quasi sempre escolhido para elle uma das arvores mais corpolentas. Se o carro quebra, ou os bois cançam, vão outros buscal-o, e por ultimo conseguem trazel-o com acompanhamento de chulas e descantes até ao sitio em que deve ser queimado, e onde o descarregão, saudando-o n'essa occasião com um prolongado *vito!* D'este modo deitão mais dous ou tres nos adros de differentes igrejas. Chegada a véspera do Natal, logo ao cerrar da noute lhes largão o fogo, e depois começão a malhar n'elles para ver quem tira maior lasca, e cada uma que se despede é de novo festejada com um *vito!* por todos quantos se achão presentes. Dura isto até á missa do gallo; e quando esta chega, não só têem lucrado os

que, cantando e tocando, a esperão em roda do madeiro, como tambem os que morão nas casas mais proximas, e vão ou mandão buscar as brasas para se aquecerem, quando vêem que as martelladas as têem espalhado.

*D. Luiza Maria.*

## DEZEMBRO — 25

# O NATAL.

Que noute sombria,
Tão fria,
De tanta alegria;
Quem viu outra assim?
Que noute! que manto!
Que encanto!
Tão sancto
Se eleva sem fim!
Da choça o mais pobre,
Que cobre
O céu alto e nobre,
Lá sai a tremer...
Não tendo fogueira,
Braseira
Fagueira,
Procura-a a correr!...

Que noute sublime! Que imagens sonhadas
De eternas balladas, cantadas nos céus!
Que genio portento, na terra baixado
Cantára Deus nado, humanado entre os seus!

Que quadro sublime! Que lingua profana
Mundana, este hossana, dissera Senhor!
Um Deus, sobraçando dos homens o manto!
Um Deus sacrosanto! que encanto! que amor!

Quem póde n'alma traduzir a prece
Que robustece junto ao solio Teu!
Ai! quem soubera n'este instante vago
O encanto mago, que transluz no céu!

O mouro eleva na cabana ausente,
Ao som fremente do sirocco audaz,
A prece cheia de finaes epódos...
Ouves a todos, porque a todos dás!

Embora o kady na mesquita agreste
Hymno Te preste, sob o seu Allah!
Embora o grego louve a Jove irado!
Louvando errado—louva a Jehovah.

E louva sim; porque a fonte
No lindo prado a carpir,
Porque a flôr no erguido monte,
Porque do mar o bramir,
Do espaço a vaga ambulante,
Do pégo a nuvem fumante,
Das aves, queixas d'amor,
Da féra, a voz horrorosa,
Do mundo, a voz portentosa,
É tudo um hymno ao Senhor!

Tudo canta: na selva e no bosque,
Canta ledo o zagal ao seu lar;
Canta o rico no flórido kiosque;
Canta o nauta nas ondas do mar.

Cantão astros em hymno profundo;
Canta a lua, os planetas e o sol;
Canta o vate esquecido no mundo;
Canta alegre o fiel rouxinol.

Tudo louva; da terra emmudece
A trombeta de infando clangôr;
Todo o mundo em seu hymno engrandece
O sublime Natal do Senhor!

Infeliz quem não tem n'esta noute
Verde cedro no lar a fremir!
Infeliz quem não tem onde acoute
D'estas crenças o eterno sorrir!

*D. Henriqueta Julia.*

DEZEMBRO — 26

# CHARADA XXXIV.

Eu fui pelo rio abaixo,
E passei do meio além... 1
« De escutar-me, dignos são
Só os gregos» — disse alguem.. 2

Eu relatei-vos um caso,
E que tal achais o fim?... 1
É pesado este contracto,
Não o quero para mim.

*Francisco Luiz d'Abreu Medeiros* (S. Paulo, Brazil).

DEZEMBRO — 27

**Um ministro.** — Antigamente estavão os ministros ás portas das cidades; agora estão as cidades ás portas dos ministros. Tanto coche, tanta liteira, tanto cavallo (que os de pé não fazem conto, nem d'elles se faz conta)! As portas, os pateos, as ruas rebentando de gente, e o ministro encantado, sem se saber se está em casa, ou se o ha no mundo, sendo necessaria muita valia só para alcançar de um criado a revelação d'este mysterio. Uns batem, outros não se atrevem a bater, todos a esperar, e todos a desesperar. Sahe finalmente o ministro quatro horas depois do sol; apparece, e desapparece de corrida. Olham os requerentes para o céu, e uns para os outros; aparta-se desconsolada a cidade, que esperava junta.

*Padre Antonio Vieira.*

## ARTE DE SER FELIZ.

*Filho.* Meu pai, haverá receita
Para um homem ser feliz?
*Pai.* A philosophia diz
Que é ir estrada direita,

Dar á patria e á humanidade
Tudo quanto houver em nós.
*Filho.* Foi moda de bisavós;
Já não se usa em nossa idade.

*Pai.* Então recorrer á ronha...
*Filho.* Não me posso a tal domar;
Quero a fortuna apanhar
Sem lidas, mas sem vergonha.

*Pai.* Para isso ha facil meio,
Filho do meu coração;
Faze-te parvo: os que o são,
São sempre os que a dão em cheio.

*A. F. de Castilho.*

DEZEMBRO — 29

**Epaminondas.**—Epaminondas foi um dos maiores homens da antiguidade. A philosophia, que fazia as suas delicias no retiro, não o impedio de entregar-se aos negocios publicos, desde que a sua patria lhe reclamou os serviços. A sua alma, educada no estudo da sabedoria, fel-o grande para general e para cidadão. As honras nunca o tentaram; pois unicamente trabalhava pela gloria de Thebas.

Penetrado dos sentimentos da piedade filial, disse depois da batalha de Leuctras: «A minha alegria é aquella que experi-

mentarão meu pai, e minha mãi, quando souberem da nossa victoria.» Modesto na sciencia, merecia o elogio que d'elle se fez, que «ninguem sabia mais, e falava menos.» Pobre, com tantos meios de se enriquecer, póde-se julgar pelo seguinte passo do uso que faria das riquezas: Epaminondas, mandou certo dia um dos seus amigos pedir da sua parte um talento a outro cidadão; e tendo este vindo para saber o motivo, respondeu-lhe: «É porque aquelle honrado homem se acha necessitado, e vós sois rico.»

Em uma palavra, Cicero colloca Epaminondas á testa dos homens illustres da Grécia. Não se lhe póde em verdade fazer maior elogio.

*R. C.* (Loanda).

DEZEMBRO — 30

## PROBLEMA.

—Diga-me, Pedro, quantos annos tem?—Eu tenho já uma boa carga d'elles!... o algarismo das dezenas tem mais um que o das unidades; quem multiplicar por 8 o quadrado de certo numero, achará no producto o numero exacto dos meus annos.—Famosa coincidencia! disse Antonio; tambem o algarismo das dezenas d'annos que tenho, tem mais um que o das unidades; o producto de 16, multiplicado pelo cubo de certo numero, dá exactamente o numero de annos que tenho.—Têem ambos 152 annos. Quantos tem Pedro, quantos Antonio?

*José Lopes Viegas.*

DEZEMBRO — 31

**Defeitos.**— Dizia Esopo que qualquer de nós trás comsigo uns alfôrges ás costas. Na perna que fica para diante lançâmos os defeitos alheios, que sempre trazemos á vista; na outra lançâmos os proprios que não vemos.

**Usos populares.** — É costume muito antigo na cidade do Porto, juntarem-se os rapazes na noute de 31 de Dezembro, e, formando ranchos, correrem as casas das pessoas do seu conhecimento, ou dos individuos mais abastados. N'estas correrias, tangendo chocalhos, gaitinhas e tambores, cantão elles umas trovas aonde a grammatica e a metrificação gemem mortificadissimas, e a que chamão *janeiras*.

O fim d'este verdadeiro *charivari* é apanharem alguma esportula; e quando não são servidos a contento, os louvores e felicitações que até ahi entoavão, são immediatamente trocados por epigrammas e remoques taes como os seguintes:

Esta casa
Cheira a unto,
Aqui mora
Algum defunto!

Esta casa
Cheira a breu,
Aqui mora
Algum judeu!

*F. P. B. Nogueira.*

Que os leitores fiquem contentes do *Almanach* de 1864, para que nos não digão o mesmo que os rapazes do Porto, quando os não retribuem como desejão.

